

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

DAVID ROMÃO TEIXEIRA

**A NECESSIDADE HISTÓRICA DA CULTURA CORPORAL: possibilidades  
emancipatórias em áreas de reforma agrária - MST/Bahia**

FLORIANÓPOLIS  
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

DAVID ROMÃO TEIXEIRA

**A NECESSIDADE HISTÓRICA DA CULTURA CORPORAL: possibilidades  
emancipatórias em áreas de reforma agrária - MST/Bahia**

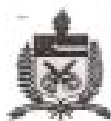
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Linha Trabalho e Educação, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito final para a obtenção do título de mestre em educação.

Orientador: Dr<sup>o</sup> Ari Paulo Jantsch

Co-orientadora: Dr<sup>a</sup> Célia Regina Vendramini

FLORIANÓPOLIS

2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**"A NECESSIDADE HISTÓRICA DA CULTURA CORPORAL: POSSIBILIDADES  
EMANCIPATÓRIAS EM ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA-MST/BAHIA"**

Dissertação submetida ao Colegiado do  
Curso de Mestrado em Educação do  
Centro de Ciências da Educação em  
cumprimento parcial para a obtenção  
do título de Mestre em Educação.

**APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM 31/7/2009**

Dr. Ari Paulo Jantsch (CED/UFSC-Orientador)

Dra. Célia Regina Vendramini (CED/UFSC-Co-orientadora)

Dr. Cláudio Lira Santos Junior (UFBA/BA-Examinador)

Dra. Edna Maciel Garcia Fiod (CED/UFSC-Examinadora)

Dra. Valeska Nahas Guimarães (CED/UFSC-Suplente)

Prof. João Josué da Silva Filho  
Coordenador do Programa de  
Pós-Graduação em Educação-UFSC

**DAVID ROMÃO TEIXEIRA**

**FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/JULHO/2009**

Aos meus pais, Rita de Cássia e Antonio Jorge, que representam o esforço cotidiano dos trabalhadores para a formação de seus filhos diante das adversidades da condição proletária.

À Celi Nelza Zulke Taffarel, por toda dedicação e bravura pela causa revolucionária.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família, em especial aos meus pais, pelo carinho e confiança;

A minha companheira Fernanda, por todo apoio e disposição para enfrentar essa retirada ao Sul do país;

A Dona Hércules pelo grande apoio prestado;

A Amália amiga de todas as horas, que comigo enfrentou o desafio de vir às terras do Sul para realização do mestrado;

A Tina Paraíso, Saldanha, Chris, Tina Franchi, Carol, Fátima, Ademir, Rosângela, Sandra, amigos importantes no convívio em Florianópolis;

Ao Fernando, pela camaradagem cotidiana;

Ao Bené, Tita, Érica, João Paulo, Tiago, Caio, Fabrício, Adson, amigos que ficaram na Bahia;

Aos camaradas da APG/UFSC e do núcleo do MNCR de Florianópolis;

Aos amigos e professores do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC, em especial aos da linha Trabalho e Educação;

Aos amigos do Grupo LEPEL e TMT;

Ao Mauro, Adri, Rose, Michele, Cláudio, Raquel, em especial a Celi Taffarel, fundamentais na minha formação;

A minha co-orientadora Célia Regina Vendramini, por toda atenção e contribuição;

Ao meu orientador Ari Paulo Jantsch pela confiança;

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, pelo financiamento da bolsa de estudo.

## PARADA DO VELHO NOVO

Bertold Brecht<sup>1</sup>

*Eu estava sobre uma colina e vi o Velho se aproximando,  
mas ele vinha como se fosse o Novo.*

*Ele se arrastava em novas muletas, que ninguém antes  
havia visto, e exalava novos odores de putrefação, que ninguém  
antes havia cheirado.*

*A pedra passou rolando como a mais nova invenção, e os  
gritos dos gorilas batendo no peito deveriam ser as novas  
composições.*

*Em toda parte viam-se túmulos abertos vazios, enquanto o  
Novo movia-se em direção à capital.*

*E em torno estavam aqueles que instilavam horror e gritavam: *Aí  
vem o Novo, tudo é novo, saúdem o Novo, sejam  
novos como nós!* E quem escutava, ouvia apenas os seus  
gritos, mas quem olhava, via tais que não gritavam.*

*Assim marchou o Velho, travestido de Novo, mas em cortejo  
triumfal levava consigo o Novo e o exibia como Velho.*

*O novo ia preso em ferros e coberto de trapos; estes permitiam  
ver o vigor de seus membros.*

*E o cortejo movia-se na noite, mas o que viram como a luz  
da aurora era a luz de fogos no céu. E o grito: *Aí vem o  
Novo, tudo é novo, saúdem o Novo, sejam novos como  
nós!* Seria ainda audível, não tivesse o trovão das armas sobrepujado  
tudo.*

---

<sup>1</sup> BRECHT, Bertold. *Visões*. 1938-1941.

## RESUMO

Esse estudo tem como problemática central o desenvolvimento da cultura corporal em áreas de reforma agrária e seus nexos com o projeto de formação revolucionário da classe trabalhadora, no caso do MST/ Regional Recôncavo, no estado da Bahia. Para atingir o objetivo da pesquisa, realiza estudo sobre a produção e a reprodução do ser social, a interdependência dos complexos sociais e a questão do complexo da cultura, buscando demonstrar as bases e os princípios da cultura corporal, sua necessidade histórica e sua forma predominante na sociedade do capital. Com base no Materialismo Histórico e Dialético, realiza a investigação sobre a participação da cultura corporal na política cultural do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, a partir de documentos e textos do MST, entrevistas e pesquisa de campo no assentamento Menino Jesus, localizado na Regional Recôncavo – MST/Bahia. Entre os resultados alcançados na pesquisa, destacam-se: a) a presença da cultura corporal na produção teórica do MST é ínfima, apesar de existir uma vasta produção sobre cultura de forma geral; b) independente da sistematização teórica, as práticas da cultura corporal existem de forma significativa nos assentamentos; c) as atividades da cultura corporal realizadas em áreas de reforma agrária assemelham-se à perspectiva hegemônica, no que se refere ao trato dos conteúdos; d) a formação dos Sem Terra impõe um olhar crítico próprio da sua luta diária sob os elementos da cultura corporal, promovendo indícios de uma perspectiva contra-hegemônica; e) as crianças e jovens Sem Terra são os responsáveis pelo impulsionar das práticas corporais; f) a precária produção da existência nos assentamentos e acampamentos limita o desenvolvimento da cultura corporal. A partir das discussões desenvolvidas, é possível concluir que a cultura corporal desenvolvida em áreas de reforma agrária expressa as contradições próprias da luta de classe enfrentada pelo MST, apresentando os germes de uma perspectiva emancipatória, apontando os indícios de uma cultura corporal que supere a forma hegemônica da sociedade capitalista. No entanto, essas experiências estão ameaçadas pelas precárias condições da produção da existência nas áreas de reforma agrária e seu avanço limitado pelas vitórias da classe trabalhadora. É perceptível nessas atividades a presença do novo sendo gestado no seio do ‘velho/atual’ em degeneração.

**Palavras-chave:** Cultura; Cultura corporal; MST; Emancipação humana; Revolução.

## ABSTRACT

This study takes as a central problematic the development of the physical culture in areas of land reform and his connections with the revolutionary project of formation of the hard-working class, in case of the MST / Regional Recôncavo, in the state of the Bahia. To reach the objective of the inquiry, it carries out study on the production and the reproduction of the social being, the interdependence of the social complexes and the question of the complex of the culture, looking to demonstrate the bases and the beginnings of the physical culture, his historical necessity and his predominant form in the society of the capital. On basis of the Historical and Dialectic Materialism, it carries out the investigation on the participation of the physical culture in the cultural politics of the Movement of the Rural Workers Without Land - MST, from documents and texts of the MST, interviews and field work in the registration Menino Jesus, when was located in Regional Recôncavo – MST/Bahia. Between the results reached in the inquiry, they stand out: a) the presence of the physical culture in the theoretical production of the MST is lowest, in spite of is a vast production on culture of general form; b) independent of the theoretical systematization, the practices of the physical culture exist in the significant form in the registrations; c) the activities of the physical culture carried out in areas of land reform are likened to the hegemonic perspective, in what it refers to the treatment of the contents; d) the formation of Without Land imposes a critical own glance of his daily struggle under the elements of the physical culture, promoting signs of a perspective against - hegemonic; e) children and young persons Sem Terra are the persons in charge for driving the physical practices; f) the precarious production of the existence in the registrations and camps limits the development of the physical culture. From the developed discussions, it is possible to end that the physical culture developed in areas of definite land reform the own contradictions of the struggle of class faced by the MST, presenting the germs of a emancipaty perspective, pointing to the signs of a physical culture that surpasses the hegemonic form of the capitalist society. However, these experiences are threatened by the precarious conditions of the production of the existence in the areas of land reform and his advancement limited by the victories of the hard-working class. It is perceptible in these activities the presence the again being built in the heart of the 'old / current one' in degeneration.

**Key words:** Culture; Physical culture; MST; Human emancipation; Social revolution.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1- Bahia: Fluxo de espacialização do MST 2003 .....	128
Mapa 2- Bahia: Regionalização do MST 2003.....	130
Quadro 1 - Dados do Assentamento Menino Jesus .....	131
Foto 1- Aula na Escola Municipal Fábio Henrique Cerqueira – Assentamento Menino Jesus.....	134
Foto 2- Aula na Escola Municipal Fábio Henrique Cerqueira – Assentamento Menino Jesus.....	135
Foto 3- Crianças jogando na sombra .....	137
Foto 4- Jogo 7 Pedrinhas (Direita); Jogo de futebol (Esquerda).....	141
Foto 5- Brincadeira com arcos no intervalo das aulas.....	141
Foto 6- Jovens jogando dama na porta da escola .....	142
Foto 7- Sem Terrinhas... correndo para o amanhã!.....	151

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CPT – Comissão Pastoral da Terra

FAPESB - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LEPEL – Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física & Esporte e Lazer

ME – Ministério do Esporte

Minc – Ministério da Cultura

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PSF – Programa Saúde da Família

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>7</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1 A PRODUÇÃO DA EXISTÊNCIA E A PRODUÇÃO DA CULTURA – UMA INTERDEPENDÊNCIA DIALÉTICA</b> .....	<b>25</b>
1.1 DA HOMINIZAÇÃO À PRODUÇÃO DA CULTURA .....	26
1.2 O TRABALHO, O SER SOCIAL E A CULTURA SOB OS DITAMES DO CAPITAL .....	31
1.2.1 A produção da existência humana, produção e reprodução da cultura .....	38
1.3 MARXISMO E CULTURA: UMA BREVE INTRODUÇÃO.....	41
1.3.1 A análise marxista sobre a cultura.....	44
1.3.2 Revolução e Cultura – contribuição de Leon Trotski.....	47
<b>2 MAS AFINAL, O QUE É CULTURA CORPORAL?</b> .....	<b>54</b>
2.1 DEFINIÇÃO DE CULTURA CORPORAL .....	54
2.2 O DESENVOLVIMENTO DA CULTURA CORPORAL.....	64
2.2.1 A necessidade histórica da cultura corporal .....	64
2.2.2 Força de trabalho: a mercadoria determinante .....	69
2.2.3 A contribuição da educação e da cultura corporal para além da recomposição e disciplinação da força de trabalho na ordem social do capital .....	75
2.2.4 Relações contemporâneas entre capital, trabalho e cultura corporal.....	80
2.3 A CULTURA CORPORAL PARA ALÉM DO CAPITAL .....	84
<b>3 A CULTURA CORPORAL NA POLÍTICA CULTURAL DO MST</b> .....	<b>88</b>
3.1 A POLÍTICA CULTURAL E A DISCUSSÃO SOBRE CULTURA NO MST .....	97
3.2 BALANÇO INICIAL SOBRE A CULTURA E A CULTURA CORPORAL NA PRODUÇÃO DO MST .....	101
3.2.1 Pedagogia do Movimento Sem Terra .....	102
3.2.2 O MST e a Cultura – caderno de formação nº 34.....	105
3.2.3 Dossiê – MST Escola: Documentos e Estudos 1990-2001 .....	109
3.2.4 O MST e a Cultura -2003 .....	114
3.2.5 Cultura Corporal na produção do MST .....	118
3.3 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES DA POLÍTICA CULTURAL DO MST..	121
<b>4 A CULTURA CORPORAL NO ASSENTAMENTO MENINO JESUS</b> .....	<b>125</b>
4.1 A LUTA PELA TERRA E A HISTÓRIA DO MST NA BAHIA .....	126
4.2 CARACTERIZAÇÃO E HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO MENINO JESUS	129
4.3 O DESENVOLVIMENTO DA CULTURA CORPORAL NO ASSENTAMENTO .....	136
4.4 PRINCIPAIS PROBLEMÁTICAS DA CULTURA CORPORAL .....	139
4.4.1 Os jogos abertos .....	139
4.4.2 A escola .....	140
4.4.3 A formação na área da cultura corporal.....	145
4.4.4 A juventude .....	146
4.4.5 A auto-organização.....	149
4.5 O QUE HÁ DE NOVO NO VELHO E DE VELHO NO NOVO: SÍNTESE PROVISÓRIA .....	151
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>154</b>

<b>FONTES PRIMÁRIAS .....</b>	<b>166</b>
IMPRESSAS .....	166
DIGITAIS .....	166
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>170</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>180</b>
<b>APÊNDICE A: Questionário aplicado à Ademar Bogo (Direção Nacional do MST) - 08/05/09.....</b>	<b>180</b>
<b>APÊNDICE B: Entrevista com o Diretor de Educação da Regional Recôncavo – Professor concursado da Escola Municipal Fábio Henrique Cerqueira, no assentamento Menino Jesus, município de Água Fria. Está no assentamento desde a ocupação em 1999. - 06/03/09. ....</b>	<b>186</b>
<b>APÊNDICE C: Entrevista com Professora voluntária da Escola Municipal Fábio Henrique Cerqueira – Estudante de Pedagogia da Terra / UNEB, está no assentamento desde a ocupação em 1999.- 06/03/09.....</b>	<b>190</b>
<b>APÊNDICE D: Entrevista com o Presidente Esportivo do Assentamento Menino Jesus, o mesmo está no assentamento desde a ocupação em 1999, já foi responsável vários anos do setor da juventude. 06/03/09.....</b>	<b>192</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>195</b>
ANEXO A – NOTÍCIAS SOBRE CULTURA NO SITE DO MST.....	195

## INTRODUÇÃO

Ao tratarmos da cultura em áreas de Reforma Agrária e, especialmente da cultura corporal, fazemos no intuito de possibilitar a articulação destas atividades à construção do novo homem no processo de luta pela terra. As áreas de reforma agrária, assentamentos e acampamentos do MST caracterizam-se por apresentarem peculiaridades que os diferenciam da zona urbana, como também da zona rural convencional, principalmente por defender a luta pela terra atrelada a um projeto anticapitalista, que almeja outro modelo societário, para além do capital.

No que se refere à questão do território, fizemos a opção por analisar as intervenções dos movimentos de lutas sociais do campo por identificarmos que neste momento histórico são estes movimentos que tem demonstrado concretamente a possibilidade de construção de uma contra-hegemonia, inclusive no campo da cultura e do lazer. Por isso, daremos ênfase ao campo, sobretudo por serem os movimentos de trabalhadores rurais, especialmente o MST, quem tem obtido êxito na territorialização da luta social que empreendem (FERNANDES, 2001) e, com isso, indicando a possibilidade de ampliação ao acesso dos bens culturais como formas de construção de um projeto histórico superador da ordem do capital.

Essa investigação surge do contato com as lutas, os problemas e as atividades do MST a partir de 2003, que perpassaram minha graduação, especialização através de diferentes atividades<sup>2</sup> e está articulado com a pesquisa matricial do Grupo LEPEL<sup>3</sup>, resultando em trabalhos que subsidiam os estudos atuais<sup>4</sup>. O presente estudo delinea-se a partir das demandas do próprio MST e da análise por nós empreendida<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> Entre elas, as atividades do MST, e em destaque o projeto de pesquisa financiado pela FAPESB na modalidade de Apoio Técnico II 2006-2007 - Cultura Corporal e Território: proposta curricular para a educação do campo.

<sup>3</sup> A pesquisa matricial desenvolvida pelo grupo LEPEL articula problemáticas significativas no trabalho pedagógico, na formação de professores, na produção do conhecimento e nas políticas públicas, problemáticas estas que constituem, por dentro do grupo, as suas linhas específicas de investigação.

<sup>4</sup> Destaco alguns: a) TEIXEIRA, David R.. Cultura Corporal e Território: Complexo temático para formação de professores de Educação Física. 2006. Monografia de Especialização; b) TEIXEIRA, David Romão; TAFFAREL, C. N. Z.; TITTON, Mauro; TRANZILO, P. J. R.; DAGOSTINI, A.. Formação de Militantes Culturais e alternativas de desenvolvimento da Cultura Corporal, Esporte e Lazer em áreas de reforma agrária.. Licere (Belo Horizonte), v. 9, p. 9-23, 2006.; c) TEIXEIRA, David Romão ; TAFFAREL, C. N. Z. ; DAGOSTINI, A.. Cultura Corporal e Território: uma contribuição ao debate sobre reconceptualização curricular. Motrivivência, v. 25, p. 17-35, 2005.

<sup>5</sup> Essa análise é fruto dos estudos e trabalhos desenvolvidos pelo grupo LEPEL/FACED/UFBA, com os movimentos sociais, especificamente em áreas de reforma agrária desde 2000 no Estado da Bahia.

através de algumas atividades em conjunto com o MST no Estado da Bahia, principalmente com a Regional Recôncavo, relação estabelecida por meio de Atividades Curriculares em Comunidade (disciplina curricular - ACC/EDC 456)<sup>6</sup>, e extra-curriculares (PRONERA/UFBA<sup>7</sup> e participação em eventos do MST), fortalecendo a relação da universidade com os movimentos sociais e a defesa da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão.

A necessidade desse estudo pode ser percebida nos documentos do MST:

A educação do campo deve propiciar as condições de desenvolvimento integral dos povos do campo, valorizando as manifestações culturais locais, em todos os níveis, bem como garantir as condições e formação para as práticas de esporte, à formação artística e o lazer como dimensões humanizadoras (MST, 2005, p.15.).

Sendo reforçado por Ademar Bogo,

Cada vez mais a cultura se tornará consciência, porque tudo o que fazemos e sentimos constituirá a existência de nossa organização. Assim a educação, a religião, o trabalho, a mecanização, a preservação da natureza, a agrovila, a agroindústria, a beleza nos assentamentos, as músicas, a mística, enfim, tudo o que existe ou acontece no assentamento é a cultura dos trabalhadores Sem Terra, que se manifesta e transforma-se em consciência social na medida em que as pessoas passam a repetir tais manifestações de forma consciente e se preocupam em desenvolver aspectos para aperfeiçoar a construção da existência social nas áreas de reforma agrária (BOGO, 2001, p.6-7).

Diante do exposto até então, ressaltamos a importância dessa investigação por três motivos centrais. Primeiro, dada a importância indispensável da cultura e da cultura corporal para o projeto histórico da classe trabalhadora, visamos responder a necessidade de estabelecer uma base de conhecimento, em um recorte teórico-metodológico de caráter histórico-dialético. Segundo, reconhecida esta importância, é necessário, dentro do marco teórico adotado para esta pesquisa, refutar e superar as formulações relativistas sobre a cultura e a cultura corporal, para assim colaborar com a teoria mais avançada aos trabalhadores para a sua auto-emancipação. Terceiro, considerando a relação do particular com o universal, pressuposto de nossa base investigativa, ao propormos a análise da experiência concreta com a cultura corporal no

---

<sup>6</sup> Ação interdisciplinar em áreas de reforma agrária, disciplina de caráter extensão da qual fui colaborador no ano de 2005 e 2006.

<sup>7</sup> Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, no qual fui colaborador, principalmente nas atividades sobre a Educação Física e a cultura corporal.

assentamento Menino Jesus<sup>8</sup>, partimos da experiência mais avançada nessa área, o que nos permitirá explicar as realidades menos avançadas. Com isso, entendemos poder contribuir, dentro de nossas limitações, para a organização dos trabalhadores que possibilite destravar o movimento histórico, aprisionado pelas relações sociais atuais, visando atingir o estágio superior da humanidade<sup>9</sup> em sua plenitude.

Sendo assim, é que procuramos responder a pergunta central desta pesquisa: como se dá o desenvolvimento da cultura corporal em áreas de reforma agrária e quais seus nexos com o projeto de formação emancipador e revolucionário da classe trabalhadora, no caso da Regional Recôncavo, Estado da Bahia? Assim como, algumas questões decorrentes: Qual é a direção da política cultural do MST? Qual a participação da cultura corporal na formação dos Sem Terra? Qual o potencial emancipatório da cultura corporal organizada pelo MST?

Dessa forma, investigar qual a contribuição da cultura corporal existente nas áreas de reforma agrária da Regional Recôncavo – MST/Bahia para o projeto revolucionário da classe trabalhadora constituiu-se como o objetivo principal dessa pesquisa. Considerando as questões acima expostas e partindo das contradições presentes nas manifestações da cultura corporal realizadas/organizadas nos assentamentos do Regional Recôncavo, estabelecemos os objetivos específicos: 1) discutir a cultura e a cultura corporal e sua interdependência com os outros complexos sociais a partir da determinação, em última instância, da economia; 2) investigar a cultura corporal enquanto necessidade histórica e seus nexos na sociedade atual, tendo em vista conhecer sua potencialidade para a emancipação humana; 3) explicitar a participação da cultura corporal dentro da política cultural do MST, assim como indicar seus limites e possibilidades relacionados a um projeto emancipador; 4) Analisar uma experiência concreta com a cultura corporal em área de reforma agrária no Regional Recôncavo – MST/Bahia, podendo conhecer sua situação em relação aos confrontos entre os germes revolucionários que apresenta e aos aspectos de reprodução da sociabilidade do capital ainda não superados.

Essa discussão que pretendemos realizar vem sendo abordada geralmente de forma fragmentada, quando os estudos tratam da revolução a questão da cultura muitas

---

<sup>8</sup> Foi o assentamento indicado pela direção do movimento para investigação e localizado na Regional Recôncavo do MST-BA. No capítulo IV, faremos a apresentação do assentamento de forma detalhada.

<sup>9</sup> Entendemos esse estágio como a sociedade comunista, organizada pelos trabalhadores livremente associados. Nesse estágio os homens (sem a existência e, portanto, a distinção de classes) poderão atingir em sua plenitude a forma superior da espécie humana, a cultura, conforme nos indica Vieira Pinto (2005).

vezes é considerada supérflua, ou quando o objeto de estudo é a cultura as questões revolucionárias estão distantes. Esse estudo vem no intuito de relacionar essas esferas que têm sido desenvolvidas pela academia na maioria das vezes de forma isolada, posição que a primeira vista parece corresponder à ideologia atual e à forma hegemônica da manifestação da cultura.

Pensar a cultura desatrelada de um projeto histórico emancipador tem sido a regra, sob hegemonia ideológica do capital, preocupando-se cada vez mais com as diferenças existentes entre os seres humanos do que com as suas semelhanças. Desenvolve-se, assim, uma perspectiva teórica que privilegia o micro em detrimento dos nexos e relações entre o singular e o universal e, em grande medida, por meio de um sistema de retroalimentação, os estudos sobre cultura tanto utilizam de tal perspectiva teórica para suas análises, como também servem para justificar a fundamentação da mesma. Nesse sentido, formula-se um ideário que tende para “o informe e o atípico, para o desgarrado e o eventual, para o mutante e o volátil” que nega sua condição de ideário “moderno e, daí, à falta de melhor termo ou de imaginação conceitual, [autodenomina-se] pós-moderno” (BOSI, 1992, p. 353). Ainda, segundo Alfredo Bosi:

A recusa ideológica de olhar para o todo natural-humano [...], pode dar-se ares de modéstia epistemológica (oxalá fosse); mas, a longo prazo, quem a sustenta como programa de pensamento e ação irá perdendo todo critério de valor, e se verá cúmplice das forças de desintegração e da morte. Diz o povo que *o peixe fora d'água começa apodrecer pela cabeça* (BOSI, 1992, p. 357, grifos nossos).

Preocupando-nos com a presença desta perspectiva teórica no seio das lutas sociais, é que avançamos na identificação de como se desenvolve a cultura corporal e a política cultural do MST, buscando compreender sua implicação na luta diária desta organização dos trabalhadores brasileiros que vêm sofrendo ataques constantes dos representantes do capital, que no Brasil pode ser desde latifundiários agroexportadores, ‘os heróis nacionais’<sup>10</sup>, aos governantes que consideram os trabalhadores Sem Terra como os inimigos do desenvolvimento do país<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> “Lula diz que os usineiros estão virando heróis” (GOIS, 2007). O Globo on line, <http://oglobo.globo.com/economia/mat/2007/03/20/295000849.asp>, dia 20/03/2007.

<sup>11</sup> “Durante los primeros seis años de la presidencia de Lula Da Silva, las empresas y líderes de la banca y asesores de derecha han dominado todas las posiciones económicas estratégicas del gobierno. Los principales movimientos del campo han sido dominados totalmente por las élites de la soja, madera, azúcar-etanol, que han desposeído a los pequeños agricultores, a los indios y campesinos de la agricultura de subsistencia al expandir su producción de cultivos de biocombustibles y otras exportaciones agrarias. El Movimiento de



No final do século XX e início do século XXI, as organizações dos trabalhadores que não separam a tarefa imediata da histórica, que colocam em visibilidade a face desumana da sociabilidade metabólica do capital, para usar expressão de Mészáros, estão sendo atacadas com muito esforço pelo aparato ideológico, militar e paramilitar do capital, considerando-os como criminosos que ferem os princípios da democracia e da propriedade privada<sup>12</sup>. Mas, por que nesse momento se intensifica essa força contra-revolucionária no Brasil em específico, e no mundo de forma geral?

Avaliamos que na atualidade está acontecendo uma forte ação reacionária, sem necessariamente existir uma proporcional ação por parte dos trabalhadores. Para procurar justificar essa avaliação, recorreremos à compreensão da fase atual do sócio-metabolismo do capital, partindo da hipótese que a ideologia não está conseguindo cumprir sua função de inverter, velar e naturalizar as relações de exploração e dominação (IASI, 2007), num tempo onde as contradições desse sistema estão acirradas e cada vez mais expostas. Assim, numa situação como a de agora, onde os extremos do desenvolvimento da humanidade se confrontam explicitamente, onde o centro da economia mundial está em crise constante, onde a iniciativa militar é a principal ferramenta de adesão ao capital, se

---

trabajadores rurales Sin Tierra (MST) ha visto cómo se criminalizaban sus acciones sociales, se han expulsado a decenas de miles de ocupantes organizados de tierras y el ejército, la policía municipal y nacional y los ejércitos privados de los agro exportadores han quemado sus chabolas y han arrancado sus cultivos. Una de las fuerzas impulsoras del boom de la agroexportación ha sido la inversión extranjera, a gran escala y a largo plazo, en millones de hectáreas de tierras fértiles, fábricas de procesamiento de alimentos, refinerías de etanol e instalaciones de almacenamiento y transporte. Bajo Lula Da Silva, se han talado millones de hectáreas de selva de la región amazónica y se ha expulsado a miles de indígenas y colonos pobres. Como mucho, el MST ha realizado luchas defensivas, resistiendo a las ocupaciones de tierras y protestas simbólicas contra la agricultura biotecnológica y la destrucción ecológica. En contraste con la expansión dinámica del movimiento de apropiación de tierras liderada por los capitalistas, que recibe un importante apoyo financiero y policial del régimen de Lula, los movimientos populares retroceden, están bajo vigilancia y sometidos a una severa represión, encarcelamientos y asesinatos siempre que emprenden acciones directas. El régimen de Lula, que asumió el cargo con el poderoso respaldo de los sindicatos, el MST, las federaciones del sector público y los movimientos sociales populares, se ha convertido en el líder del movimiento de la agroexportación liderado por la élite resurgente. Lula ha eliminado las opciones políticas del MST y los sindicatos y ha abierto el camino a la reafirmación de la hegemonía de la clase dominante” (PETRAS, 2008-a).

<sup>12</sup> Em seu relatório sobre os conflitos no campo brasileiro de 2007, a Comissão Pastoral da Terra - CPT apresenta dados que confirmam a dramaticidade do campo brasileiro. Entre os dados destacamos o aumento de expulsão de famílias da terra: “[...] o número de famílias expulsas da terra, pela ação do poder privado, teve um aumento mais que significativo de 140% sobre o ano anterior. 1.809 famílias expulsas em 2006, 4.340, em 2007 [...]” (CPT, 2008). E ainda, utilizando infelizmente os argumentos de figuras históricas representativas da esquerda como Hugo Chaves, Lula e Fidel Castro, baseadas em preceitos morais e a-históricos, em conjunto declararam no caso das FARC, que a mesma abandonasse a luta armada, condenaram a prática de seqüestros, e que a guerra de guerrilhas passou à história. Essas declarações ecoaram muito bem aos ouvidos reacionários, que sabiamente acrescentaram esses ao coro da criminalização e da deturpação da história e dos princípios desta organização revolucionária. Ver mais (PETRAS, 2008-b, 2008-c).

faz necessário calar até os mudos, tudo e todos que criticam o atual modo de produção da existência precisam ser reprimidos ainda que não estejam em grandes ofensivas ao capital.

Para ilustrar a atual crise capitalista podemos apontar elementos que a caracterizam. Na esfera econômica, observa-se o colapso do sistema financeiro que, de acordo com especialistas, atinge níveis superiores aos da Crise de 1929; que, segundo a previsão da OIT para 2009, aumentará o número de desempregados chegando a quase 230 milhões - 50 milhões a mais do que os 179,5 milhões registrados em 2007, indicando ainda, no seu pior cenário, que 200 milhões de trabalhadores serão levados para abaixo da linha da pobreza, principalmente nos países da periferia do capital, elevando assim, o número de trabalhadores em famílias com renda inferior a US\$ 2 per capita/dia, podendo subir para 1,4 bilhão, o que equivale a 45% do total de trabalhadores do mundo (BBC/BRASIL, 2009).

No que se refere à política mundial, a democracia apresenta de forma clara seus limites, num sistema onde a “economia das armas” é seu principal instrumento, tendo os ideais democráticos apenas para situações de calma, sendo abandonados ao sinal da primeira tempestade. Há quase quarenta anos atrás Mézáros já nos apresentava o quadro geral da crise do capital que hoje se acentua:

A crise ideológica de hoje é apenas uma expressão específica da crise estrutural geral das instituições capitalistas [...]. A questão mais importante é que as instituições do capitalismo são inerentemente violentas e agressivas; são construídas sobre a seguinte premissa: “guerra, se os métodos “normais” falharem”. A cega “lei natural” do mecanismo de mercado, a realização do princípio do *bellum omnium contra omnes*, significa que os problemas sociais não são nunca solucionados, mas apenas adiados; ou, na verdade – como o adiamento não pode prosseguir indefinidamente – transferidos ao plano militar [...] crescimento e expansão são necessidades internas do sistema capitalista de produção; e, quando os limites locais são atingidos, não há outra saída a não ser o rearranjo violento da relação de força existente (MÉSZÁROS, 2006, p.281).

As indicações de Mézáros se confirmam facilmente ao observar o número de confrontos bélicos existentes no mundo, na sua maioria disfarçados por questões morais, religiosas e culturais, mas que na sua essência são um esforço para a garantia da manutenção do imperialismo capitaneado até então pelos EUA. A quantidade de bases militares norte-americanas no mundo, combinada com o tamanho do seu exército e a dos

seus aliados - inclusive o Brasil<sup>13</sup> – explicitam a luta para a manutenção da supremacia imperialista em escala mundial. Como exemplo recente dessa intervenção imperialista destacamos a situação do Iraque e do Afeganistão que se arrasta ao longo dos anos por disputas pelo petróleo, justificadas pela política antiterror. Isso para não falarmos das intervenções não oficiais, de milícias e mercenários na África e na América Latina.

Para ilustrar a situação em que se encontra a humanidade e a insuficiência da democracia, apresentaremos dois fatos históricos que confirmam a asseveração de Marx de que a “história se repete: primeiro como tragédia; depois como farsa”. São fatos que comprovam a inexistência de considerações humanas oriundas do sistema de produção de capital, e que confirmam a impossibilidade de sua humanização. O primeiro corresponde ao período da acumulação primitiva, século XVI.

Na Inglaterra, por exemplo, somente sob o reinado de Henrique VIII, 72 mil seres humanos considerados “vadios” e “vagabundos” foram exterminados – como “excedentes às demandas” – após terem sido despojados de seu meio de vida anterior nas terras comunais expropriadas com o propósito da lucrativa criação de ovelhas (MÉSZÁROS, 2007, p.319).

O segundo fato histórico é recente, motivado pela disputa pela acumulação de capital, nesse caso o controle do petróleo no Oriente Médio, o filósofo israelense Benny Morris, em 18 de julho de 2008, publicou um artigo no *The New York Times* advogando explicitamente a favor do genocídio de 70 milhões de iranianos (mil vezes mais violento do que na Idade Média), apresentando como ultimato para a suspensão do programa nuclear do Irã, senão, “o melhor que poderiam esperar é que o assalto aéreo convencional de Israel destruiria as suas instalações nucleares” (MORRIS apud PETRAS, 2008-d). Essa é a opção que a democracia oferece aos que de alguma forma se contrapõem aos interesses do imperialismo vigente.

Situação que se materializa na Palestina, com o genocídio do povo palestino por Israel na virada do ano de 2008-2009, apresentando em quase duas semanas um balanço da ação de extermínio que contabilizou quase 800 palestinos mortos - pela “defensiva israelense” - contra 13 israelenses mortos – pelo “ataque bárbaro palestino”.

---

<sup>13</sup> Citamos como exemplo a intervenção brasileira no Haiti, ferindo a autonomia do povo haitiano. “As tropas da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah) estão no Haiti desde 2004, quando foi deposto o presidente Jean-Bertrand Aristide. O Brasil lidera essa força internacional, que conta com um contingente internacional de cerca de sete mil militares. São 1.200 homens do Exército brasileiro - um batalhão de infantaria e uma companhia de engenharia” (MATTEI, 2007).

Justificando sua defesa, Israel com a conivência da ONU, em três dias atingiu 500 alvos palestinos. Para termos a dimensão da destruição devemos multiplicar o raio de estrago de cada alvo<sup>14</sup> atingido (BBC/Brasil, 2009 b).

Diante de acontecimentos como esses Mészáros (2007) afirma que não temos tempo a perder, precisamos aprender com as experiências revolucionárias do passado para não repetirmos os seus equívocos, já que a sobrevivência da humanidade está cada vez mais em risco. Este pensador, já na década de 1970, apontava que a crise da educação é correspondente à crise capitalista:

Pela primeira vez na história o capitalismo é confrontado globalmente por seus próprios problemas, que não podem ser “adiados” por mais tempo, nem transferidos para o plano militar, a fim de serem “exportados” na forma de guerras totais. Tanto as instituições quanto a ideologia do capitalismo monopolista são estruturalmente incapazes de resolver esse problema radicalmente novo. A intensidade e a gravidade da crise educacional-ideológica do capitalismo de hoje é inseparável desse grande desafio histórico (MÉSZÁROS, 2006, p.282<sup>15</sup>).

Dessa forma, reconhecemos a importância de compreender como se desenvolve atualmente a produção da cultura, pois assim poderemos atribuir valores e responsabilidades as atividades culturais realizadas pelas organizações dos trabalhadores envolvidas nas lutas sociais e na luta incessante pela emancipação humana. Partimos da compreensão de emancipação humana que está atrelada ao processo de revolução proletária na direção da liberdade plena, “uma forma de sociabilidade na qual os homens sejam efetivamente livres, supõe a erradicação do capital e de todas as suas categorias. Sem essa erradicação, é impossível uma autêntica comunidade humana. E essa erradicação não significa, de modo algum, o aperfeiçoamento da cidadania, mas sim sua completa superação” (TONET, s/d, p. 4).

Apontamos que o desenvolvimento da consciência revolucionária ocorre simultaneamente com o processo de emancipação humana, que é diferente da emancipação

---

<sup>14</sup> Para exemplificar a que nos referimos quando citamos os alvos do ataque israelense, entre outros, estão escolas, hospitais e universidades.

<sup>15</sup> A primeira edição de A teoria da alienação em Marx, no Brasil, data de 1981, sob o título de Marx: a teoria da alienação. No entanto, encontramos o prefácio da primeira edição datado de 1969, tendo vindo a público em 1970, na Inglaterra.

política<sup>16</sup>, numa relação de dependência entre ambas, sem necessariamente existir uma linearidade histórica, aparecendo ambos no campo da possibilidade, dependentes das determinações materiais nas quais estão envolvidas (IASI, 2007).

Em tempos onde a imprecisão conceitual torna-se lugar comum, inclusive em trabalhos acadêmicos, principalmente nas ciências humanas, limita-se a compreensão da realidade na sua concretude. Contemporaneamente a prática da ressignificação de conceitos adquire *status* de avanço na ciência (MORAES, 2003, p.158). Entre os conceitos que frequentemente são submetidos a ressignificações e alterações encontra-se o conceito de cultura, o que cria dificuldades para realização dos objetivos deste estudo, nos forçando a adentrar na investigação no campo controverso em que esse conceito se desenvolve. Muniz Sodré no desafio de apontar o significado do conceito de cultura apresenta o emaranhado teórico por trás dessa discussão.

Os antropólogos Kroeber e Kluckhohn puderam catalogar pouco mais de 150 definições, que só fazem atestar a natureza, ao mesmo tempo, movediça e tática, do conceito. Cultura é uma dessas palavras metafóricas (como por exemplo, liberdade) que deslizam de um contexto para outro, com significações diversas. É justamente esse “passe livre” conceitual que universaliza discursivamente o termo, fazendo de sua significação social a classe de todos os significados. A partir dessa operação, cultura passa a demarcar fronteiras, estabelecer categorias do pensamento, justificar as mais diversas ações e atitudes, a instaurar doutrinariamente o racismo e a se substancializar, ocultando a arbitrariedade histórica de sua invenção. É preciso não esquecer, assim, que os instáveis significados de cultura atuam concretamente como instrumentos das modernas relações de poder imbricadas na ordem tecno-econômica e nos regimes políticos, e de tal maneira que o domínio dito “cultural” pode ser hoje sociologicamente avaliado como o mais dinâmico da civilização ocidental (SODRÉ, 1983, p.8).

Eis o nível da dificuldade que o conceito de cultura nos impõe, por isso é que resolvemos discutir a participação da cultura na política e experiência do MST,

---

<sup>16</sup> “O sonho utópico da Alemanha não é a revolução radical, a emancipação humana universal, mas a revolução parcial, meramente política, que deixa de pé os pilares do edifício. Qual a base de uma revolução parcial, meramente política? Apenas esta: uma seção da sociedade civil emancipa-se e alcança o domínio universal: uma determinada classe empreende, a partir da sua situação particular, uma emancipação geral da situação. Tal classe emancipa a sociedade como um todo, mas só no caso de a totalidade da sociedade se encontrar na mesma situação que esta classe; por exemplo, se possuir ou facilmente puder adquirir dinheiro ou cultura”, com disse Marx (2005, p. 154). É nestes limites estreitos da emancipação política que entendemos situar-se a cidadania e seus valores, pois a luta em torno de direitos políticos no interior de uma sociedade de classes pressupõe, naturalmente, a desigualdade real e a exploração do homem pelo homem como base desses direitos.

recorrendo à Ontologia Marxiana, para nos ajudar a “desvendar a essência dinâmica, histórica do homem”, e a compreensão da atividade vital consciente do homem, o trabalho, “como o núcleo essencial do complexo determinativo que caracteriza o gênero e as individualidades humanas, a partir do qual todas as suas manifestações se desdobram” (TEIXEIRA, 1999, p.182).

Neste estudo, consideramos a cultura como produto da relação do homem com a natureza, com seus semelhantes e consigo mesmo, portanto, construção sócio-histórica ao longo da existência da humanidade, tomando o trabalho enquanto *protoforma* da ação humana e o mediador da construção da cultura. E para o entendimento de como se dá a produção e reprodução da cultura no capitalismo, tomamos a divisão do trabalho e as classes sociais como categorias da nossa análise, confirmando que:

As relações que cada indivíduo estabelece, assim como os meios para sua efetivação, e o espectro de atividades que lhe é possibilitado dependem da evolução material da sociedade e da posição que tal ocupa na estrutura social erigida a partir da organização da produção (TEIXEIRA, 1999, p.187).

Assim, reconhecemos os nexos e determinações entre a cultura e a luta de classes, o que nos possibilita compreender o processo de construção do conhecimento em sua perspectiva histórica, determinado pelas relações que os homens constroem no processo de produção de sua existência, e que é a partir destas relações que se torna possível compreender o desenvolvimento cultural e da consciência em sua materialidade. Sendo assim, identificamos que a cultura e a cultura corporal organizada pelo MST, apresentam um caráter contestador da ordem estabelecida, assim como uma perspectiva emancipatória, próprios de sua luta diária.

Indicamos que geralmente as propostas mais avançadas para educação/formação prescindem de uma concepção avançada no âmbito das práticas corporais, isso quando essa discussão se faz presente. Nesse sentido, seja por questão de prioridade ou por carência de conhecimento na área, o MST não foge a regra, o seu trato com o conhecimento da cultura corporal, quando a mesma é abordada, em grande medida não se distingue da proposição hegemônica. Este caráter contraditório, de trazer o germe de uma perspectiva emancipatória e, ao mesmo tempo, não se diferenciar muitas vezes da perspectiva hegemônica de cultura e cultura corporal, é possível de ser explicado na lógica dialética. Encontramos, no decorrer da pesquisa, um relativo descompasso entre aquilo que

é projetado nos documentos do MST e o que acontece na prática social no assentamento Menino Jesus. Daí podermos afirmar que essas experiências trazem em si o germe da emancipação enquanto carregam os vícios da “velha cultura”. Temos aqui uma unidade dialética de contrários.

Nesta investigação, utilizamos como diretriz metodológica os princípios centrais do pensamento marxiano, destacando que:

[...]Marx separa nitidamente dois complexos: o ser social, que existe independentemente do fato de que seja ou não conhecido corretamente; e o método para captá-lo no pensamento, da maneira adequada possível. A prioridade do ontológico com relação ao mero conhecimento, portanto, não se refere apenas ao ser em geral; toda a objetividade é, em sua estrutura e dinâmica concreta, em seu ser-precisamente-assim, da maior importância do ponto de vista ontológico. E essa é a posição filosófica de Marx desde os tempos dos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos* (LUKÁCS, 1979, p.35).

Outro fator decisivo na escolha do referencial teórico é a posição política e de classe que o materialismo histórico dialético assume no seu empreendimento de ser uma ferramenta para a classe trabalhadora na tarefa de revolucionar as relações sociais existentes, promovendo seu principal objetivo histórico, a transformação da realidade e a consolidação do comunismo. O que pode ser confirmado por alguns dos principais revolucionários da história da humanidade:

Hertzen disse que a doutrina de Hegel é a álgebra da revolução. Essa definição aplica-se ainda mais corretamente ao marxismo. A dialética materialista da luta de classes constitui a verdadeira álgebra da revolução. Reinam o caos, o cataclismo, o informe e o ilimitado na arena visível a nossos olhos. Mas é um caos calculado e medido. Suas etapas estão previstas. Fórmulas inexoráveis encerram e antecipam a regularidade de sua sucessão (TROTSKI, 2007-a, p.94).

Esse entendimento é reforçado por Lênin:

O marxismo conquistou sua significação histórica universal como ideologia do proletariado revolucionário porque não rechaçou de modo algum as mais valiosas conquistas da época burguesa, mas pelo contrário, assimilou e reelaborou tudo o que existiu de valioso em mais de dois mil anos de desenvolvimento do pensamento e da cultura humana. Só pode ser considerado desenvolvimento da cultura verdadeiramente proletária o trabalho ulterior sobre essa base e nessa mesma direção, inspirado pela

experiência prática da ditadura do proletariado como luta final deste contra toda exploração (LÊNIN, 1968, p.113).

No percurso da pesquisa a opção pelo método dialético se destaca pela sua capacidade de assinalar as causas e as conseqüências dos problemas, suas contradições, relações, qualidades, dimensões quantitativas, e realizar através da ação um processo de transformação da realidade que interessa (TRIVIÑOS, 1987). Lukács ressalta que:

O método dialético de Marx – no qual a história, a sociedade e a economia são representadas como um processo unitário indissociável (mantendo-se firmemente a prioridade da base econômica) – é uma intensa polêmica, portanto, contra esta unilateralização abstrata de setores parciais artificialmente divididos, contra a dissolução artificial e sofisticada das contradições, etc. [...] (LUKÁCS, 1968, p. 94).

Durante a investigação utilizamos os procedimentos metodológicos próprios da pesquisa bibliográfica, documental e de campo, como: a) observações in lócus da organização no Assentamento Menino Jesus, e das atividades da cultura corporal nele desenvolvidas; b) entrevistas com os três responsáveis na organização das atividades da cultura corporal no assentamento (uma professora, o presidente esportivo, e o diretor de educação da Regional Recôncavo) e com um dirigente nacional do MST (Ademar Bogo); c) registros fotográficos e em caderno de campo; d) análise de documentos do MST (cartas, notícias, boletins, e outros); e) revisão bibliográfica sobre a temática; f) pesquisa no Banco de dissertações e teses da CAPES<sup>17</sup>.

Para atingirmos os objetivos deste estudo, tratamos o problema da alienação e da ontologia do ser social a partir da obra marxiana e marxista para, no primeiro capítulo, apresentar a interdependência dialética entre a produção da existência e a produção da cultura, assim como, expor uma breve análise sobre a discussão da cultura e de algumas contribuições do campo marxista a este debate, especificamente a contribuição de Leon Trotski no que se refere à relação entre cultura e revolução.

---

<sup>17</sup> Realizamos consulta no banco de Dissertação e Teses da CAPES, partindo das palavras-chave: cultura corporal, movimentos sociais, educação física, lazer e MST; de forma combinada e isolada. Como resultado, encontramos apenas uma produção que se aproxima da nossa discussão, a dissertação de mestrado de Nair Casagrande, *O processo de trabalho pedagógico no MST: contradições e superações no campo da cultura corporal*, defendida no Mestrado em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. Numa leitura preliminar identificamos que o foco da discussão se distancia do nosso objeto, ficando apenas como mais uma referência para nosso estudo.



No segundo capítulo, apresentamos o conceito e a significação teórico-política da cultura corporal, demonstramos também a sua constituição como uma necessidade histórica, até chegarmos à sua forma na sociedade do capital, realizando uma crítica à sua principal função neste período histórico, que é participar da reprodução da força de trabalho e do sistema de interiorização do capital. Nesse ínterim, indicamos como os elementos da cultura corporal vinculados a organismos da classe trabalhadora podem contribuir no seu processo de auto-emancipação, justificando, nesse sentido, a necessidade histórica de uma cultura corporal atrelada a uma política cultural que atenda aos anseios da emancipação humana, o que requer uma preparação sob um patamar revolucionário, compreendendo que a possibilidade da construção do novo modo de produzir a vida se dará no seio da atual/velha sociedade em degeneração.

O terceiro capítulo traz a análise das produções sobre cultura oriundas do MST, de estudos sobre o movimento, das notícias sobre cultura vinculadas nos site do movimento, e da entrevista<sup>18</sup> com Ademar Bogo, um dos principais responsáveis pela formulação da política cultural do MST, discutindo a conjuntura política e a avaliação da política cultural do MST. Neste capítulo foi priorizada a exposição da política cultural, a participação da cultura corporal e a compreensão sobre cultura presentes nos documentos do MST. Estas análises são complementadas com as informações presentes no quarto capítulo, o qual apresenta uma reflexão baseada em observações empíricas e nas entrevistas realizadas no assentamento Menino Jesus, com maior ênfase nas atividades culturais que compõem o que denominamos de cultura corporal, no intuito de trazer a tona elementos da realidade concreta para contribuir na crítica do desenvolvimento da cultura nas áreas de reforma agrária.

Acompanhados das contribuições da produção histórica da classe trabalhadora, começamos o nosso longo caminhar.

---

<sup>18</sup> Essa entrevista foi realizada via e-mail.

## 1 - A PRODUÇÃO DA EXISTÊNCIA E A PRODUÇÃO DA CULTURA – UMA INTERDEPENDÊNCIA DIALÉTICA

“Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas ‘originais’; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, ‘socializá-las’ por assim dizer; e, portanto, transformá-las em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato ‘filosófico’ vem mais importante e ‘original’ do que a descoberta, por parte de um ‘gênio’ filosófico, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais” (GRAMSCI, 2004, p. 95-6).

No desafio de compreender como a cultura pode participar no processo de emancipação humana, recorreremos a História com o intuito de identificar como se dá a produção e reprodução da vida, e de apresentar como paralelamente se desenvolve o processo histórico da cultura. Para isso, partimos das orientações presentes nos estudos referentes à ontologia do ser social, realizando o percurso investigativo que vai do concreto- abstrato- concreto, o que nos ofereceu algumas explicações sobre o longo percurso da história da humanidade, apresentando-nos regularidades, especificidades, leis e regras gerais.

Para atingirmos tais objetivos iremos apresentar, ainda que de forma inicial, a base ontológica marxiana e uma introdução acerca da sua importância no debate sobre cultura, na tentativa de desenvolver as conexões necessárias para a construção de uma discussão que extrapole o debate acadêmico e sirva de ferramenta para as lutas empreendidas contra o modo de produção capitalista. Explicitaremos também, argumentos e formulações que reforçam a validade e atualidade do pensamento marxista, identificando como o mesmo oferece elementos necessários para uma compreensão da cultura que estabeleça estreita relação com a base material, e com a causa revolucionária.

Nosso debate sobre cultura não se restringirá à compreensão da polissemia do termo<sup>19</sup>, se preocupará mais com a produção e reprodução da cultura no atual contexto da luta de classes, sua interdependência com as outras esferas da

---

<sup>19</sup> Ainda que consideremos essa uma discussão importante, diante do desafio que está posto, a transformação da realidade, ela é insuficiente. É preciso centralizar os esforços na compreensão de como é produzida e reproduzida a cultura, até por que “[...] não é lutando contra a fraseologia de um mundo, que se luta com o mundo que realmente existe[...].” (MARX; ENGELS, 1980, p.17).

produção da vida, sua forma de apropriação e seus limites emancipatórios sob a égide da sociedade do capital, destacando a participação da cultura como elemento constitutivo da ideologia, como também formador da consciência revolucionária.

## 1.1 DA HOMINIZAÇÃO À PRODUÇÃO DA CULTURA

Para entender a contribuição marxista no que se refere à cultura, iniciaremos nossa trajetória pela compreensão de como o “homem se faz homem” cotidiana e historicamente, elemento imprescindível na apreensão do desenvolvimento da humanidade, e por sua vez, da compreensão sobre a cultura.

Na discussão sobre ontologia do ser social destacam-se as contribuições do filósofo húngaro György Lukács (1885–1971) que corroborou em muito no reconhecimento da atualização do legado de Marx, afirmando que “a virada materialista na ontologia do ser social, provocada pela descoberta da prioridade ontológica da economia em seu âmbito, pressupõe uma ontologia materialista da natureza” (LUKÁCS, 1979, p. 20).

Nesse sentido, Marx demarca uma ruptura com a filosofia até então, inclusive se contrapondo à duas de suas referências, Hegel<sup>20</sup> e Feuerbach<sup>21</sup> sem, contudo, desconsiderar suas contribuições. Ambos ofereceram subsídios para sua crítica às perspectivas idealistas e a-históricas de compreensão do ser social, apresentada pela primeira vez nos Manuscritos Econômico-Filosóficos e,

[...] cuja originalidade inovadora reside, não em último lugar, no fato de que, pela primeira vez na história da filosofia, as categorias econômicas aparecem como as categorias da produção e da reprodução da vida humana, tornando assim possível uma descrição ontológica do ser social sobre bases materialistas (LUKÁCS, 1979, p. 14-15).

---

<sup>20</sup> Falando de Hegel, já observamos que Marx – em nome do concreto caráter de ser que têm as entidades sociais - exige a sua investigação concreto-ontica (ontológica), ao mesmo tempo em que rechaça o método hegeliano de expor essas conexões sobre a base de esquemas lógicos (LUKÁCS, 1979, p. 14).

<sup>21</sup> No que se refere à filosofia da natureza ele rechaçou, de modo cada vez mais decidido, a tradicional separação entre natureza e sociedade, que se mantivera insuperada também em Feuerbach, e considerou sempre os problemas da natureza predominantemente do ponto de vista de sua inter-relação com a sociedade (LUKÁCS, 1979, p. 15).

Para Marx, é prioritária a ação consciente dos homens sobre a natureza, sua objetividade se desenvolve à medida que surge e se explicita a práxis social, e essa “forma da posição teleológica enquanto transformação da realidade é, em termos ontológicos, algo radicalmente novo”. Princípio que, aliado à compreensão da história enquanto única ciência, constitui os pilares da ontologia do ser social sob a perspectiva marxista, possibilitando auxiliar na análise de todos os aspectos da vida humana (LUKÁCS, 1979).

A formação do ser social pressupõe como princípio ontológico básico a necessidade de estar em condição de poder viver, e assim, fazer história<sup>22</sup>. E com esta assertiva, três aspectos devem ser ressaltados enquanto atividade social: manter-se vivo; produzir meios para perpetuar a vida; e garantir a reprodução humana.

[...] A forma como os indivíduos manifestam a sua vida reflecte muito exactamente aquilo que *são*. O que *são* coincide portanto com a sua produção, isto é, tanto com aquilo que produzem como com a forma como produzem. Aquilo que os indivíduos *são* depende portanto das condições materiais da sua produção (MARX; ENGELS, 1980, p. 19, grifos nossos).

Na concepção ontológica marxiana, a produção e a reprodução da vida humana se colocam como problema central, destacando a inseparável dupla determinação da base natural e a ininterrupta transformação social dessa base, tendo o trabalho como categoria central (LUKÁCS, 1979). Segundo Marx o trabalho é considerado categoria central enquanto

[...] uma atividade especial produtiva, adequada a seu fim, que assimila elementos específicos da natureza a necessidades humanas específicas. Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre o homem e natureza e, portanto, da vida humana (MARX, 1988, p. 50).

Concordando com Marx, compreendemos o trabalho como categoria central no desenvolvimento do ser humano. O trabalho é determinante nas relações do

---

<sup>22</sup> “[...] devemos lembrar a existência de um pressuposto de toda existência humana e, portanto, de toda a história, a saber, que os homens devem estar em condições de poder viver a fim de fazer história. Mas, para viver, é necessário antes de mais nada beber, comer, ter um teto onde se abrigar, vestir-se, etc. O primeiro facto histórico é pois a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material; trata-se de um facto histórico, de uma condição fundamental de toda a história [...]” (MARX; ENGELS, 1980, p.33).

homem com a natureza e com outros homens, condição básica e fundamental de toda a vida humana; o que pode ser constatado através das alterações e relações existentes entre o desenvolvimento humano e o desenvolvimento das técnicas para a produção da vida (ENGELS, 1990).

Toda riqueza provém do trabalho, asseguram os economistas. E assim o é na realidade: a natureza proporciona os materiais que o trabalho transforma em riqueza. Mas o trabalho é muito mais do que isso: é o fundamento da vida humana. Podemos até afirmar que sob determinado aspecto, o trabalho criou o próprio homem (ENGELS, 1990, p.19).

Através da categoria trabalho é possível entender a formação do ser social numa perspectiva histórica, pois a forma pela qual o homem produz a sua existência num dado período determina as contínuas alterações de ordem fisiológica, social e cultural do ser humano, confirmando a prioridade ontológica do trabalho na formação do ser social. De acordo com a reflexão de Engels (1990, p. 18): “Em face de cada novo progresso o domínio sobre a natureza, que tivera início com o desenvolvimento da mão, com o trabalho, ia ampliando os horizontes do homem, levando-o a descobrir constantemente nos objetos novas propriedades até então desconhecidas”.

É justamente pela mediação do trabalho na relação do homem com a natureza, momento em que começa a produzir cultura diferenciando-se dos outros animais<sup>23</sup>, que ocorre o processo de humanização, da formação do homem enquanto ser social. O homem dá um salto ontológico. “Com o ato da posição teleológica do trabalho, temos em-si o ser social” (LUKÁCS, 1979, p. 17). A ontologia do ser social oferece os elementos necessários para podermos analisar como se deu o desenvolvimento do homem ao longo da história da humanidade, suas determinações e modificações, possibilitando a percepção das alterações durante o processo de hominização<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> O primeiro ato histórico desses indivíduos, através do qual se distinguem dos animais, não é o fato de pensarem, mas sim o de produzirem os seus meio de existência (MARX; ENGELS, 1980, p.18).

<sup>24</sup> Período da formação do ser social de predomínio das leis biológicas, que se difere do processo de humanização – período da formação do ser social de predomínio das leis sócio-históricas. O que não quer dizer que hoje deixou de existir a ação da determinação biológica, porém ela não é única, nem prioritária na formação do ser social, estando subordinada ao desenvolvimento histórico social.

Durante o processo de hominização, o homem começa a lidar com os primeiros utensílios, com as formas embrionárias de trabalho na sociedade, porém a transmissão e a fixação das modificações anatômicas eram garantidas predominantemente pela ação da hereditariedade. O advento do homem contemporâneo acontece quando o mesmo já possui as propriedades biológicas necessárias para o seu desenvolvimento sócio-histórico ilimitado, surge então a cultura, um modo diferente de transmissão e fixação das modificações e evolução da espécie, que como fruto do trabalho, diferencia o homem dos outros animais (LEONTIEV, 1977). Leontiev explica que esse modo de fixação

[...] produziu-se de uma forma absolutamente nova, que apareceu pela primeira vez com a sociedade humana: sob a forma dos fenômenos externos da *cultura material e espiritual*. Esta forma especial de fixação e de transmissão às gerações ulteriores das aquisições da evolução deve o seu aparecimento ao facto de a actividade do homem, ao contrário da do animal, ser criadora e produtiva. Isto é verdadeiro, principalmente, e sobretudo, em relação à sua actividade principal: *o trabalho* (LEONTIEV, 1977, p. 51).

Em seu contato inventivo com a natureza, e agora com a natureza trabalhada, o ser social assimila as operações motrizes dos utensílios que utiliza, e assim, desenvolve através da assimilação (ou apropriação da cultura) a formação de novas aptidões e novas funções intelectuais. Leontiev adverte que o contato com os objetos e fenômenos criados pelo homem é importante, mas não suficiente para o atual estágio de desenvolvimento do ser social, pois seu contato com o mundo é mediatizado pelo seu contato com os outros homens, através da comunicação, “condição necessária e específica da vida do homem em sociedade” (LEONTIEV, 1977).

O impulso para o desenvolvimento do homem é, e sempre foi, a luta pela existência, obrigando-o a criar constantemente alternativas para garantir sua subsistência e do seu grupo. Vale ressaltar que na história da humanidade por um longo período o homem teve que se defrontar com a situação de carência dos meios de subsistência, o que prejudicou o seu desenvolvimento pleno<sup>25</sup>. Enfrentando as adversidades naturais, o ser social desenvolve em paralelo com o progresso da produção

---

<sup>25</sup> É válido lembrar que mesmo a humanidade tendo atingido um período de abundância extrema, os problemas se agravaram. Discutiremos essa situação quando tratarmos do ser social na sociedade capitalista.

de bens materiais, uma cultura espiritual, seus conhecimentos sobre o mundo que os rodeia e sobre eles mesmos (LEONTIEV, 1977).

Mészáros destaca nos *Manuscritos de 1844* o ponto de partida ontológico de Marx, onde fica explícito esse processo de desenvolvimento das necessidades físicas e *não-físicas* do ser social.

Nesta obra (*Manuscritos de 1844*) o ponto de partida ontológico de Marx é o fato auto-evidente de que o homem, parte específica da *natureza* (isto é, um ser com necessidades físicas historicamente anteriores a todas as outras), precisa produzir a fim de se manter, a fim de satisfazer essas necessidades. Contudo, ele só pode satisfazer essas necessidades primitivas criando *necessariamente*, no curso de sua satisfação por meio da sua atividade produtiva, uma complexa hierarquia de necessidades *não-físicas*, que se tornam assim condições igualmente necessárias à satisfação de suas necessidades físicas originais. As atividades e necessidades humanas de tipo “espiritual” têm, assim, sua base ontológica última na esfera da produção material como expressões específicas de intercâmbio entre o homem e a natureza, mediado de formas e maneiras complexas (MÉSZÁROS, 2006, p. 79).

No desenvolvimento do ser social, o homem produz sua existência e simultaneamente a cultura, transmitindo assim, as experiências e aquisições humanas às próximas gerações. A apropriação dos elementos da *cultura material e espiritual* se dá pela sua relação com os outros homens, é por este percurso que o homem *faz a aprendizagem* de uma atividade adequada, sendo portanto, um processo de educação (LEONTIEV, 1977).

Segundo Leontiev, o processo educacional é fundamental para a continuidade da evolução humana,

O essencial, porém, é que este processo é obrigatório, porque, de outra forma, a transmissão das aquisições do desenvolvimento social e histórico da humanidade às gerações seguintes seria impossível, e tornaria impossível a continuidade da história [...] O progresso da história é, portanto, impossível sem a transmissão activa das aquisições da cultura humana às gerações novas, quer dizer, sem a educação – no seu sentido lato - (LEONTIEV, 1977, p. 60).

Diante do apresentado, reconhecemos a importância da ontologia do ser social como o ponto de partida para a compreensão da cultura na perspectiva marxista. Até então, realizamos a discussão apenas de forma genérica, não observando as

peculiaridades de cada período histórico. A partir de agora, iniciaremos a compreensão do ser social sob a ordem do capital, demonstrando como se encontra o trabalho e a cultura nessa forma social determinada, regida pelas relações da propriedade privada, cindida em classes sociais e sob os ditames da valorização do valor.

## 1.2 O TRABALHO, O SER SOCIAL E A CULTURA SOB OS DITAMES DO CAPITAL

As inter-relações existentes entre o desenvolvimento do ser social, o trabalho e a produção da cultura já foram apresentadas no tópico anterior, cabe agora explicitar como acontecem essas relações sob a égide da forma social capitalista. A categoria trabalho é imprescindível na compreensão de todos os fenômenos sociais, entre eles: o ser social e a cultura. Mészáros, na discussão sobre a teoria da alienação em Marx, reforça a centralidade do trabalho exemplificando que:

O ponto de convergência dos aspectos heterogêneos da alienação é a noção de “trabalho” (*Arbeit*). Nos *Manuscritos de 1844*, o trabalho é considerado tanto em sua acepção geral – como “atividade produtiva”: a determinação ontológica fundamental da “humanidade” (“*menschliches Dasein*”, isto é, o modo realmente *humano* de existência) – como em sua acepção particular, na forma da “divisão do trabalho” capitalista. É nesta última forma – a atividade estruturada em moldes capitalistas – que o “trabalho” é a base de toda a alienação (MÉSZARÓS, 2006, p.78).

Daí a impossibilidade de realizar a discussão sobre cultura sem um prévio entendimento de como se desenvolveu o trabalho durante a história da humanidade, e como este se encontra hoje na sociedade capitalista. No processo de auto-construção humana o trabalho vem sofrendo transformações constantes, influenciadas pelos interesses hegemônicos da sociedade. De atividade que atende as necessidades humanas, configurada enquanto trabalho útil - forma concreta - o trabalho passa a ser dispêndio de força produtiva, física ou intelectual, socialmente determinada pela produção do valor, desenvolvendo caráter estranhado - forma abstrata (ANTUNES, 2000).

De acordo com as alterações no modo de produzir a vida, o conteúdo, a forma de propagação e os objetivos dessa produção, são também alterados,



hegemonicamente condicionadas no intuito de garantir as condições para a reprodução da forma histórica contemporânea de produção da existência.

A sociedade moderna, com o advento da revolução industrial, consolida uma nova fase na história. O desenvolvimento das forças produtivas permite que o homem produza além do que é preciso para suprir as necessidades básicas de toda humanidade<sup>26</sup>. Mas isso não significa avanço para maioria, ao contrário, paralelo ao aumento da produção é reforçada a cisão entre as classes, a acentuação da acumulação da riqueza na mão de poucos e a naturalização das relações de propriedade privada.

Segundo Marx e Engels esse momento “reduziu a dignidade pessoal a simples valor de troca e, em lugar das inumeráveis liberdades estatuídas e arduamente conquistadas, erigiu a liberdade *única* e implacável do comércio. Em resumo, substituiu a exploração disfarçada sob ilusões religiosas e políticas pela exploração aberta, cínica, direta e brutal” (MARX; ENGELS, 2001, p. 27-28).

Desenvolveu-se uma nova forma de alienação, dessa vez mediada pelo trabalho assalariado, forma predominante do trabalho na sociedade capitalista. “Transformou o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem de ciência, em assalariados por ela remunerados [...] Tudo o que era estável e sólido desmancha no ar; tudo o que era sagrado é profanado[...]” (MARX; ENGELS, 2001, 28-29). Nesta sociedade onde impera a parcialidade da classe dominante, o aparato ideológico transforma-a em universalidade, ou seja, subordina o interesse geral ao interesse parcial de uma classe social, estimulando e garantindo o desenvolvimento da alienação do trabalho (MÉSZÁROS, 2006).

Partiremos da compreensão da alienação nos referenciando na formulação de Mézáros, apresentada como:

[...] um conceito eminentemente histórico. Se o homem é alienado, ele deve ser alienado *com relação* a alguma coisa, como resultado de certas *causas* – o jogo mútuo dos acontecimentos e circunstâncias em relação ao homem como sujeito dessa alienação - que se manifestam num contexto histórico, que vislumbra a culminação bem-sucedida de

---

<sup>26</sup> A agricultura mundial tem, pela primeira vez na história, a capacidade de satisfazer as necessidades alimentares de todo planeta; no entanto, a própria natureza do sistema global impede que isso aconteça. A capacidade de produzir alimentos é enorme, mas os níveis de consumo de alimentos mantêm-se extraordinariamente baixos porque uma enorme porção da população mundial vive em condições de pobreza e de privação extremas. Além disso, o processo de “modernização” da agricultura levou à espoliação dos agricultores, aumentou a falta de terras disponíveis e a degradação ambiental. Por outras palavras, as próprias forças que encorajam a expansão da produção global de alimentos estão também a provocar contraditoriamente uma contradição nos padrões de vida e o declínio na procura de alimentos (CHOSSUDOVSKY, 2008, p.8).

um processo em direção a um estado de coisas qualitativamente diferente (MÉSZÁROS, 2006, p. 40).

No desafio de superar as mazelas do e o próprio capital, Marx irá desenvolver um conjunto de elaborações sobre a questão da alienação, principalmente sob a forma do capital, construindo uma teoria da alienação, que tem como chave o conceito de “transcendência (*Aufhebung*) da auto-alienação do trabalho” e não o inverso. O aspecto central dessa teoria é afirmação da superação historicamente necessária do capitalismo pelo socialismo, sem os princípios morais abstratos presentes nas formulações de seus predecessores (MÉSZÁROS, 2006, p.11).

Mészáros comenta, ainda, o segredo da teoria marxista da alienação:

O “segredo” dessa elaboração [...] foi revelado pelo próprio Marx, quando ele escreveu em seus *Grundrisse*: “esse processo de *objetivação* surge do fato como um processo de *alienação do ponto de vista do trabalho*, e como *apropriação* do trabalho alheio, do *ponto de vista do capital*”. Os determinantes fundamentais da alienação capitalista tinham, portanto, de permanecer ocultos para todos aqueles que se associavam – conscientemente ou não, de uma forma ou de outra – com “o ponto de vista do capital” (MÉSZÁROS, 2006, p.64).

A contribuição da teoria da alienação marxista é, na sociedade capitalista, fundamental para compreender o ser social e seu processo de emancipação possibilitado pela “transcendência positiva da auto-alienação do trabalho”<sup>27</sup>. Mas para que esse empreendimento tenha sucesso é necessário ter claro:

[...] que a *forma dada* do trabalho (trabalho assalariado) está relacionada com a *atividade humana* em geral como o *particular* está para o *universal*. Se isso não é levado em conta, se a “atividade produtiva” não é diferenciada em seus aspectos radicalmente diferentes, se o fator ontologicamente absoluto não é distinguido da forma historicamente específica, isto é, se a atividade é concebida – devido à absolutização de uma forma de atividade particular – como uma entidade homogênea, então a questão de uma transcendência real (prática) da alienação é impossível de ser colocada (MÉSZÁROS, 2006, p.78-79).

---

<sup>27</sup> O ideal de uma “transcendência positiva” da alienação é formulado como uma superação sócio-histórica necessária das “mediações”: propriedade privada – intercâmbio- divisão do trabalho que se interpõem entre o homem e sua atividade e o impedem de se realizar em seu trabalho, no exercício de suas capacidades produtivas (criativas), e na apropriação humana dos produtos de sua atividade (MÉSZÁROS, 2006, p.78).

Por isso, a importância de entender como se configura o ser social hoje, suas principais características e necessidades, para que seja possível identificar como se organiza a produção e a apropriação dos bens culturais nesse mesmo período. Sob o jugo do capital o ser social vê seu desenvolvimento limitado. O homem, em troca de um salário, é reduzido a mero vendedor da força de trabalho e produtor de mais-valia, processo que acentua a sua alienação em relação à natureza, consigo mesmo, e com os outros homens.

A atividade produtiva na forma dominada pelo isolamento capitalista – em que “os homens produzem como átomos dispersos sem consciência de sua espécie” – não pode realizar adequadamente a função de *mediação* entre o homem e a natureza, porque “reifica” o homem e suas relações e o reduz ao estado da natureza animal. Em lugar da “consciência da espécie” do homem, encontramos o culto da privacidade e uma idealização do indivíduo abstrato. Assim, identificando a essência humana com a mera individualidade, a natureza biológica do homem é confundida com a sua própria natureza, especificamente humana. Pois a mera individualidade exige apenas *meios* para sua *subsistência*, mas não formas específicas humanas – humanamente naturais e naturalmente humanas, isto é *sociais* – de auto-realização, as quais são ao mesmo tempo manifestações adequadas da atividade vital de um *Gattungswesen*, um “ser genérico” (MÉSZÁROS, 2006, p.80).

Numa sociedade onde as relações de produção estão sob o ditame da propriedade privada, da exploração do homem pelo homem, não é de se estranhar que a maioria da população seja privada do fruto do trabalho, a riqueza da humanidade. A produção de bens materiais e espirituais segue a orientação de atender aos anseios da classe dominante, a produção de lucro. Essa situação é caracterizada assim por Marx:

O trabalhador se torna tão mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz só mercadorias, produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na proporção em que produz mercadorias em geral [...] A apropriação do objeto tanto aparece como alienação que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais cai sob o domínio do seu produto, do capital (MARX, 1989, p. 148 - 150).

O nível de alienação atual do ser social atinge graus elevadíssimos, ao ponto de parte da população mundial não conseguir se desenvolver minimamente como animal, privados dos meios de subsistência básicos para sua existência. Diante dos altos níveis da fome global, que está mais agravada diante do recente aumento do preço dos alimentos e da atual crise, milhares de pessoas no mundo estão submetidas à pobreza e a subnutrição crônica. Nesse sentido, Chossudovsky apresenta dados lançados em abril de 2008 pela *Global Reseach*, que comprovam essa situação:

A qualidade mais popular do arroz da Tailândia vendia-se a 198 dólares por toneladas há cinco anos e a 323 dólares por tonelada o ano passado. Em abril de 2008, o preço chegou aos 1000 dólares. Os aumentos ainda são maiores nos mercados locais – no Haiti, o preço de mercado dum saco de arroz de 50 quilos duplicou numa só semana em finais de Março de 2008. Estes aumentos são catastróficos para os 2,6 mil milhões de pessoas em todo o mundo que vivem com menos de 2 dólares por dia e gastam 60 a 80% dos seus rendimentos na alimentação. Há centenas de milhões que não têm posses para comer (CHOSSUDOVSKY, 2008, p.3).

Essa situação oferece as condições para Mészáros afirmar que “o “verdadeiro homem” – a “verdadeira pessoa humana”- não existe realmente na sociedade capitalista salvo em sua forma alienada e reificada na qual encontramos ele como “trabalho” e “capital” (propriedade privada) opondo-se antagonicamente. Em consequência a “afirmação” do “homem” deve proceder mediante a *negação* às relações sociais de produção alienadas (MÉSZÁROS, 2006, p.106).

Partindo da base material concreta, a teoria da alienação marxista, compreende a realidade como uma determinação histórica, que permite a possibilidade de superação do modo atual da produção da existência. Para Marx, a alienação só pode ser entendida na relação direta com a sua possibilidade de transcendência, rompendo assim, com as mistificações e naturalizações feitas pelas teorias até então.

Dessa forma, para aqueles que colocam o desafio de transformar a realidade, alterando radicalmente suas bases, a teoria da alienação marxista é ferramenta indispensável para análise dos fenômenos sociais, e para elaboração de proposição de superação da “auto-alienação do trabalho” na sociedade capitalista.

Sob o controle do capital o ser social encontra-se impossibilitado de se desenvolver de forma plena e ilimitada. Ainda que saibamos que “nunca se pode alcançar um ponto na história no qual seja possível dizer: agora a substância humana foi

plenamente realizada”, pois tal delimitação privaria o ser humano de seu atributo essencial: seu poder de ‘aut mediação’ e ‘autodesenvolvimento’ ” (MÉSZÁROS, 2006, p. 111).

Um dos principais obstáculos para superação da auto-alienação é a utilização da ideologia, uma forma de inverter, escamotear as condições reais dos homens e de suas relações, assim se caracterizando muito mais que apenas um conjunto de idéias de uma dada época, como apresentada por Destrutt de Tracy o criador do termo. As implicações geradas pelo aparato ideológico são fundamentais para a consolidação de uma sociedade sustentada pelo trabalho alienado, pois leva à incompreensão da realidade concreta e transfere para outras esferas a solução dos problemas, colocando a auto-emancipação humana como tarefa impossível.

Essa discussão é fundamental para nossa análise, já que a cultura vem sendo utilizada historicamente como instrumento de opressão, impondo aos trabalhadores o conformismo, o respeito à naturalização da exploração, a aceitação do misticismo e das ilusões metafísicas como responsáveis pelo estado atual das coisas. Tão graves são essas implicações que Marx e Engels, se debruçam em criticar ferozmente a ideologia de sua época, um dos resultados disso pode ser visto na obra *A ideologia alemã*.

Nesta obra Marx e Engels realizam um “acerto de contas” com a crítica alemã da sua época, criticando a limitação na análise da realidade empreendida pelos principais filósofos germânicos de então, Bruno Bauer, Max Stirner, inclusive Hegel e Feurbach. Ao analisar o estado da filosofia alemã, apontaram que a mesma estava restrita aos domínios do pensamento puro, ou limitava-se a criticar as representações religiosas sem romper com as mesmas. Portanto, esta obra escrita entre 1845-1846, confronta a perspectiva idealista e o materialismo vulgar (defendidos pelos neo-hegelianos) com o materialismo histórico (defendido por Marx e Engels).

Para Marx e Engels essa tarefa de crítica é mais do que necessária para uma intervenção na prática e para uma compreensão verdadeira da história, “[...] é-nos necessário analisar em pormenor a história dos homens, pois, com efeito, quase toda a ideologia se reduz a uma falsa concepção dessa história ou a puro e simples abstrair dela [...]” (MARX; ENGELS, 1980, p.18).

Em outro trecho de *A ideologia alemã*, os autores apresentam detalhadamente a determinação na formação da consciência e a tarefa da ideologia,

[...] A consciência nunca pode ser mais do que o Ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo da vida real. E se em toda a ideologia os homens e as suas relações nos surge invertidos, tal como acontece numa câmara escura, isto é apenas o resultado do seu processo de vida histórico... *Assim, a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, tal como as formas de consciência que lhe correspondem, perdem imediatamente toda a aparência de autonomia.* Não tem história, não tem desenvolvimento, serão antes os homens que, desenvolvendo sua produção material e suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhe é própria, o seu pensamento e os produtos desse pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência (MARX; ENGELS, 1980, p.25-26, grifo nosso).

Então, seguir rumo à transcendência positiva da autoalienação do trabalho requer estabelecer o nexa entre as idéias e a sua correspondente base material, garantindo o entendimento que a real inversão ocorrida na materialidade, o fetichismo da mercadoria e a sua reificação, se dá na própria materialidade, ficando a ideologia encarregada de justificar e naturalizar essas relações sociais (IASI, 2007).

Para Iasi, Marx desenvolve uma crítica anti-ideológica, não considerando conjunto de idéias e ideologia como sinônimos, e apresenta como um contraponto o termo consciência. O autor ainda sintetiza, grosso modo, que o termo ideologia aparece nos escritos marxianos: pressupondo uma relação de dominação; uma inversão, velamentos da realidade, naturalização das relações de dominação, e daí sua justificação; e finalmente, a apresentação de idéias e concepções de mundo particulares como sendo universais. Nesse sentido, a ideologia não interessa a objetivos emancipatórios (IASI, 2007).

Demonstrando a ação ideológica do imperialismo na América Latina, Octávio Ianni em seu texto *Imperialismo e Cultura*, colabora com as organizações anti-imperialistas ao realizar uma crítica sucinta da ideologia na sua época, expõe os confrontos imperialistas, destacando a contribuição e a necessidade da luta contra-ideológica:

A luta contra o imperialismo não se limita aos aspectos econômicos políticos e militares. Põe em causa também a sua ideologia. Uma parte fundamental da batalha antiimperialista, que se trava em toda revolução latino-americana, diz respeito às idéias, princípios e doutrinas que acompanham as relações econômicas, políticas, militares e culturais dos Estados Unidos com os países da América Latina (IANNI, 1985, p.120).

Ianni ainda mostra os efeitos nefastos da ideologia imperialista nas ações de caráter revolucionário e emancipatório na América Latina, reforçando que “a ideologia da contra-revolução recobre, ou apaga, a marcha da revolução. Deixa-se de compreender a marcha da revolução burguesa; e da popular, esta geralmente operário-camponesa. Perde-se de vista o movimento da sociedade civil, da sociedade como verdadeiro cenário da história” (IANNI, 1985, p.126).

Não é por acaso que a ideologia é um dos principais recursos utilizados pela sociedade baseada na extração de mais-valia, em detrimento das necessidades humanas. O fim da ideologia só será possível numa sociedade onde o processo de alienação deixe de ser central na produção da vida. Por isso, a tarefa de compreender a produção e reprodução da existência é fundamental para a transformação social, já que somente por meio dessa transformação (revolução social) é possível o desenvolvimento de outra consciência, revolucionária, que contribuirá na derrocada da sociedade do capital.

Diante do exposto até aqui, nosso próximo passo será identificar como se desenvolve a produção e reprodução da cultura, já que a mesma faz parte da produção da existência, mas não pode ser confundida com a própria produção da vida. O porquê dessa observação será explicitado a seguir.

### **1.2.1 A produção da existência humana, produção e reprodução da cultura**

No esforço de unir os elos entre a produção material e espiritual fugindo da dicotomização, às vezes acabamos por tratar ambas como se fossem a mesma coisa, dessa forma desconsiderando as determinações históricas e muitas vezes atribuindo autonomia absoluta a cada esfera. Dentro do conjunto de complexos que compõe a concreticidade, se faz presente a interdependência entre as esferas da produção que têm como última instância a produção econômica.

Para realizar essa análise precisamos recorrer constantemente à lógica dialética, que possibilita compreender as relações entre as diferentes esferas da produção sem perder de vista as especificidades de cada uma, garantindo-nos uma apreensão do real em seu movimento. A dialética marxista é muito mais que uma

técnica a ser empregada, ela é o próprio movimento da realidade, por isso, “não pode ser imposta aos fatos, deve ser deduzidas dos fatos, da sua natureza, do seu desenvolvimento” (TROTSKI, 1981, p. 57).

Quando afirmamos que há uma interdependência dialética entre as esferas da produção da vida, não fazemos apenas porque precisamos defender uma perspectiva teórica, mas sim pelo compromisso de apreender a realidade concreta na máxima profundidade possível. Por isso, “a crítica marxista na ciência deve ser não apenas vigilante, mas também prudente: do outro modo pode degenerar [...]” (TROTSKI, 1981, p. 57).

Sobre essa relação de reciprocidade e de determinação histórica, Engels em sua carta a B. Borgius de 1894, enfatizará que o desenvolvimento histórico em última instância é determinado pelas condições econômicas, ressaltando que dois pontos devem ser precisados, entre eles:

[...] o desenvolvimento político, jurídico, filosófico, religioso, literário, artístico, etc., repousam sobre o desenvolvimento econômico. Mas todos eles atuam, igualmente, uns sobre os outros, bem como sobre a base econômica. E isto porque a situação econômica não é a *causa, o único motor*, e todo o resto simples ação passiva. Ao contrário, sempre existe ação recíproca sobre a base da necessidade econômica, que sempre predomina em *última instância* [...] (ENGELS, 1981, p. 231).

Compreender a base econômica como última instância não significa afirmar uma determinação unidirecional, como é empregado pelo estruturalismo, mas sim **identificar onde se expressa o centro de toda existência social, o pólo que precisa ser transformado para assegurar os avanços conquistados nas outras esferas da vida**, por isso seria um equívoco pensarmos de outra forma, pois estaríamos negando a capacidade humana de intervenção na produção de sua sobrevivência.

Paulo Teixeira em seus estudos<sup>28</sup> apresenta de forma minuciosa como para Marx era inconcebível compreender a realidade de forma estática e unidirecional, destacando sempre a determinação histórica da base material sem perder de vista a interatividade entre as esferas da vida. O autor afirma que Marx,

[...] está ciente da complexidade da dinâmica social e da interação dos complexos fundamentais em que ela se constitui e desenvolve – forças

---

<sup>28</sup> A individualidade humana na obra Marxiana de 1843 a 1848.



produtivas, relações de produção, formas de consciência etc. – conformando uma totalidade orgânica, onde os diversos aspectos interagem e se determinam reciprocamente [...] Marx esclarece a interação e reciprocidade de determinação entre os complexos sociais vinculados à atividade produtiva material [...] (TEIXEIRA, P., 1999, p.217).

Criticando os leitores apressados de Marx, Teixeira chama a atenção que a compreensão da determinação material marxiana está vinculada à interatividade social, “a determinação das forças produtivas sobre a forma social não é unidirecional, imediata, nem imutável [...]. Pelo contrário, a relação entre os principais complexos da existência social se faz de forma interativa, conformando reciprocidade de determinações, e é objeto de constante transformação no decurso do tempo” (TEIXEIRA, P., 1999, p.218).

Após essa breve exposição a respeito dos pressupostos dialéticos dos quais partimos, podemos caminhar na compreensão de como “se desenvolve a consciência”. Nesse processo é impossível desconsiderar “a produção da cultura, no movimento real de determinação e reciprocidade”, Marx e Engels irão destacar que é necessário,

[...] em cada caso particular, a observação empírica (que se atem aos dados reais) mostre nos factos, e sem qualquer especulação ou mistificação, o elo existente entre a estrutura social e política e a produção [...] A produção de idéias, de representações e da consciência está em primeiro lugar directa e intimamente ligada a actividade material e ao comércio material dos homens [...] (MARX; ENGELS, 1980, p.25-26).

Nos *Manuscritos de 1844*, Marx reforça a tese da determinação e interação entre as esferas da produção da vida, apresentando-a no processo de superação da alienação.

[...] Religião, família, Estado, direito, moral, ciência, arte, etc., são apenas modos particulares da produção e caem sob a sua lei geral. A superação positiva da propriedade privada, enquanto apropriação da vida humana, é por conseguinte a superação positiva de toda a alienação, portanto o retorno do homem desde religião, família, Estado, etc., à sua existência humana, isto é social. A alienação religiosa como tal só se desenrola no terreno da consciência //, // do interior do homem, mas a alienação econômica é a da vida efetivamente real – a sua superação abrange por conseguinte ambos os lados. (MARX, 1989, p.170).

Realizamos essa necessária digressão para apresentar como a produção marxiana e marxista nos auxilia na compreensão da realidade, e nesse caso especificamente na discussão sobre a cultura. Feito isso, passamos a analisar a produção sobre cultura sob um patamar materialista que preserva a historicidade do fenômeno social e apreende o movimento dialético na realidade concreta.

### 1.3 MARXISMO E CULTURA: UMA BREVE INTRODUÇÃO

O conceito de cultura, na modernidade, é objeto de grandes discussões, principalmente na área das ciências humanas e, mais especificamente, na Antropologia. Devido à predominância teórica que não se encontra no campo marxista, vem se promovendo um longo e exaustivo debate sobre a questão cultural desatrelada, na maioria das vezes, da base material e com forte apelo as perspectivas idealistas e a-históricas.

Na história recente da humanidade o termo cultura tem sido empregado de diversas maneiras, como sinônimo e/ou antônimo do conceito de civilização; como noção limitada precisando de acréscimo para sua compreensão (ex.: “cultura das artes”, “cultura pedagógica”, “cultura das ciências” e etc.); como distintivo de classe (ex.: cultura erudita X cultura popular); como algo que pode ser interpretado, porém, não pode ser explicado<sup>29</sup>.

Após a Segunda Guerra Mundial, surgiu a noção de “áreas culturais” de Franz Boas, visão teórica que estabelece um abismo entre os ocidentais e as “raças inferiores”, destinada, entre outras finalidades, a enfrentar o materialismo histórico. Nesse mesmo período, a antropologia passa por crises nos próprios fundamentos e, em resposta, o estruturalismo e, em seguida, o pós-modernismo com sua ênfase “multiculturalista” elogiando a descolonização, parecem ilusoriamente inverter a postura política num sentido progressista (LLOBERA apud CARDOSO, 2007).

Podemos apontar, a exemplo, o pós-modernismo “perspectivista” que com frequência oculta as lutas sociais e a ação imperialista tanto quanto faziam as correntes do pensamento dominantes em fases precedentes. A vitória nesse período do

---

<sup>29</sup> [...] Gertz, como os pós-estruturalistas, deixou de considerar o método antropológico como científico: a cultura podia ser interpretada mas, não explicada (CARDOSO, 2007, p. 07).

pós-modernismo, da concepção amputada de cultura, foi decisiva na transformação dessa noção num anti-conceito (CARDOSO, 2007).

Diante dessa breve apresentação, percebe-se o emaranhado teórico que circunda a discussão sobre o conceito de cultura. Na produção marxista podemos encontrar o entendimento de cultura basicamente em duas perspectivas: uma ampla e outra mais restrita.

Na perspectiva ampla, a cultura pode ser compreendida como uma criação do homem, resultante da complexidade crescente das operações de que esse animal se mostra capaz no trato com a natureza, e da luta a que se vê obrigado para manter-se em vida, independente de qualquer forma social. É, pois, a cultura o processo pelo qual o homem acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar, discerne entre elas, fixa as de efeito favorável (VIEIRA PINTO, 1979)<sup>30</sup>.

Seguindo a definição de Lukács, a cultura aparece numa perspectiva mais restrita,

O conceito de cultura (em oposição à civilização) compreende o conjunto das atividades e dos produtos dotados de valor que são supérfluos em relação ao sustento imediato. Por exemplo, a beleza interna de uma casa pertence ao conceito de cultura; não sua solidez, nem sua calefação, etc. Se então nos perguntarmos: em que consiste a possibilidade social da cultura? Devemos responder que ela é oferecida pela sociedade na qual as necessidades primárias foram satisfeitas de tal maneira que não se requer um trabalho tão pesado que esgote por completo as forças vitais, isto é, onde existem energias disponíveis para a cultura (LUKÁCS, 2007).

Compreendendo as relações entre a produção material e espiritual, bem como suas contradições, Trotski irá apresentar uma formulação que no nosso entendimento unifica as definições anteriores, demonstrando como elas devem se complementar, no sentido não de restringir, mas sim como um conjunto de elementos que compõe um todo abrangente. Nesse sentido, o autor afirma que:

Cultura é tudo aquilo que foi criado, construído, apreendido, conquistado pelo homem no curso de toda a sua História, em

---

<sup>30</sup> É importante notar que Vieira pinto vem de uma formação filosófica fortemente ligada ao existencialismo. O livro em questão, *Ciência e Existência*, faz parte do “terceiro quadrante” de sua produção teórica, conforme Freitas (2005). É no quarto quadrante que o autor faz a ruptura completa com essa tendência e se aproxima mais profundamente do marxismo. Mas, suas produções anteriores servem sobremaneira para nossas análises sobre a cultura uma vez que a preocupação com o trabalho é presente em todas as suas obras (FREITAS, 2005, p.16).

contraposição ao que a natureza lhe deu, compreendida aí a história natural do homem como espécie animal [...] Mas o momento em que o homem se separou do reino animal – e isto aconteceu quando o homem segurou pela primeira vez os instrumentos primitivos de pedra e de madeira – naquele momento começou a criação e acumulação de cultura, isto é, do conhecimento e da capacidade de todos os tipos para enfrentar e subjugar a natureza (TROTSKI, 1981, p.51).

Trotsky contribui ainda mais com nosso estudo quando destaca entre o conjunto de elementos constitutivos da cultura, os que se impregnam na formação da consciência social. Segundo ele, essa é:

[...] a parte mais preciosa da cultura é aquela que se deposita na consciência do próprio homem: o método, os costumes, a capacidade, a habilidade que adquirimos e que se desenvolve partindo de toda a cultura material pré-existente e que, embora se prendendo a ela, faz com que progrida de acordo com a época (TROTSKI, 1981, p.52).

Por esse motivo o autor trata esses elementos culturais relacionados à formação da consciência social como fundamentais no desenvolvimento da base material da existência.

[...] Deste modo, em sua própria origem a cultura é uma síntese da dupla capacidade de agir fisicamente e de representar mentalmente, que o homem adquire ao se ir constituindo fisiológica e psiquicamente em animal diferenciado. Sendo uma síntese, é uma reunião de modos opostos de ser, de produzir. Desvenda-se, assim, um aspecto capital do conceito de cultura: seu caráter de mediação de toda realização humana [...] (VIEIRA PINTO, 1979, p.135).

Entendido dessa forma, a cultura no campo marxista aparece desde as elaborações de Marx e Engels, por mais que ambos não usassem esse termo ou tenham escrito tratados específicos sobre o tema. Em seus trabalhos, essa discussão é recorrente, principalmente, aliada às discussões sobre a constituição do ser social, dentre os quais, destacamos *Os Manuscritos de Paris* e *A Ideologia Alemã* como principais referências.

Em *A Ideologia Alemã* Marx e Engels nos apresentam os principais conceitos, leis e categorias consideradas como fundamentais para construção de sua teoria, assumidos como imprescindíveis no presente estudo. Estes autores explicam a produção da vida e a construção histórica da cultura a partir das relações sociais baseadas na propriedade privada dos meios de produção e na exploração do homem

pelo homem. Estas relações e suas condições levam à construção de uma dada ideologia, que é determinada por essas condições de existência. Conhecer todo esse sistema é visto como necessário para que entendamos o desenvolvimento da cultura corporal nas áreas de reforma agrária, de forma particular, e a cultura humana e suas implicações, de forma geral.

Ainda nessa obra, são lançados os princípios básicos que orientam as elaborações no campo marxista, tais como: a indissociabilidade entre a teoria e a realidade, a determinação em última instância da base material sobre a consciência, o confronto necessário entre aparência e essência, uma ontologia do homem e por sua vez, da sociedade.

Partimos, então, dessas premissas orientadoras para compreensão da cultura no campo do materialismo histórico dialético, analisado-a como produto e ao mesmo tempo formadora do gênero humano e de maneira alguma desatrelada da base material da existência.

### **1.3.1 A análise marxista sobre a cultura**

Na geração de intelectuais marxistas posteriores a Marx, é possível observar uma continuação dos estudos marxianos, assim como, tratados específicos sobre cultura<sup>31</sup>. Apresentaremos a seguir algumas dessas discussões, já que não é possível nesse trabalho dar conta de forma rigorosa e satisfatória de todo esse universo teórico. Em geral, e sempre relacionado ao momento histórico da produção, os autores irão - alguns mais outros menos - aprofundar as discussões específicas sobre cultura.

Perry Anderson (2004), em sua análise sobre o marxismo ocidental, apresenta um balanço da produção marxista e indica o rumo que tal produção seguiu. Devido às condições político-econômicas enfrentadas por essa geração, a produção marxista, em linhas gerais, tendeu a um afastamento do marxismo clássico, da produção de Marx e Engels, principalmente pela dissociação da produção teórica em relação à

---

<sup>31</sup> Podemos apontar alguns autores que de alguma forma se aproximam dessa discussão, de acordo com nossos estudos, com maior destaque, em ordem cronológica aproximada apresentamos: Plekanov, Lênin, Lukács, Gramsci, Trotsky; mais recentemente o grupo de historiadores ingleses, entre eles: Eric Hobsbawm, E.P. Thompson. Ressaltamos que não foi possível, nos limites deste trabalho, realizar uma revisão pormenorizada de toda a produção neste campo, tendo sido feita a escolha pelos marxistas mais próximos de nossa concepção neste momento.

luta revolucionária. Na sua avaliação, Anderson aponta que em contrapartida a análise do capital, tema enfrentado pelo marxismo clássico, foi promovido à ascensão da discussão de novas temáticas no campo do marxismo tendo como destaque a cultura<sup>32</sup>. É nesse contexto que trataremos a produção a seguir, nesse primeiro momento apenas apresentado-as, no intuito de aproximá-las das bases do marxismo clássico desenvolvida nos tópicos anteriores.

As elaborações contemporâneas se debruçaram sobre a questão cultural procurando estabelecer uma discussão própria do seu momento histórico, contextualizando-a com o desenvolvimento do capitalismo, a divisão da sociedade em classes, a produção e apropriação cultural de forma geral. A necessidade dessa discussão se dá por motivos diferentes, tanto por questões político-partidárias, como por questões meramente acadêmicas<sup>33</sup>.

Em seu texto “Velha e Nova cultura”, Lukács irá enfatizar que a sociedade se desenvolve num processo único, onde todos seus aspectos estão agregados. Por isso, não se pode determinar certa fase do desenvolvimento num aspecto da vida social sem que seus efeitos repercutam sobre todos os outros. Dessa forma, pode-se falar da cultura (Kultur) em seu aparente isolamento em relação às outras manifestações sociais. Efetivamente, se nós compreendermos corretamente a cultura<sup>34</sup>, podemos compreender em suas raízes o desenvolvimento das relações econômicas de sua época (LUKÁCS, 2007).

Reconhecemos que os nexos e determinações entre a cultura e a luta de classes são decisivos como possibilidades de compreender o processo de construção do conhecimento em sua perspectiva histórica, determinada pelas relações que os homens constroem no processo atual da produção de sua existência, e que é a partir destas relações que se torna possível compreender o desenvolvimento cultural em sua materialidade.

Para tanto, a cultura precisa ser entendida como produto do processo produtivo, e por isso, é decisiva a noção de sua dupla natureza, como *bem de consumo e*

---

<sup>32</sup> Foi sobretudo a Arte que, no domínio da cultura, mobilizou os maiores talentos e energias intelectuais do marxismo ocidental (ANDERSON, 2004, p.96).

<sup>33</sup> Não será possível tratar dessas questões fundamentais para análise da discussão no campo marxista nesse trabalho, indicamos para próximos estudos.

<sup>34</sup> Para Lukács compreender corretamente a cultura só é possível sem desatrelá-la das relações de produção e reprodução da existência.

*bem de produção*<sup>35</sup>, esses dois aspectos coexistem sempre em toda sociedade, pois são inerentes ao fato da existência humana (VIEIRA PINTO, 1979). Por conta da ordem social do capital, a possibilidade da cultura fica limitada e sua autonomia impossível, pois as condições humanas e sociais de desenvolvimento pleno estão comprometidas no momento em que a cultura assume o caráter de mercadoria, perdendo o pressuposto do homem como fim em si (LUKÁCS, 2007).

Na sociedade capitalista a cultura se converte num território das lutas sociais, uma realidade e uma concepção que precisa ser produzida e apropriada em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração, a opressão e a desigualdade entre classes, atualmente da burguesia sobre os trabalhadores. A cultura seria então, a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado, todas as maneiras que esse conhecimento é expresso. Uma dimensão dinâmica, criadora, processual, fundamental das sociedades contemporâneas (SANTOS, 1996).

No campo das lutas sociais fica perceptível o quanto a cultura adquire lugar estratégico a serviço da ideologia do imperialismo, e como ao mesmo tempo, toda produção que se desenvolva em contraposição à ordem hegemônica é severamente perseguida com o objetivo de ser extirpada, conforme explicitação de Fidel Castro:

O imperialismo empenha-se em destruir símbolos, do exemplo, das idéias. Quis destruí-los em Granada, quer destruí-los em El Salvador, na Nicarágua, em Cuba. Mas os símbolos, os exemplos, as idéias não podem ser destruídos; e quando seus inimigos crêem havê-los destruído, o que fazem na realidade é multiplicá-los (CASTRO apud IANNI, 1985, p.124).

A intervenção imperialista nos países explorados necessita extrapolar a esfera da economia para garantir êxito, ainda que ela seja determinante, muitas dessas incursões surgem disfarçadas com o rótulo da sofisticação, do mais avançado, porém outras não requerem nenhum tipo de véu, deixando claro o objetivo da política cultural

---

<sup>35</sup> [...] é a sua dupla natureza de bem de consumo enquanto resultado, simultaneamente materializado em coisas e artefatos e subjetivado em idéias gerais, da ação produtiva eficaz do homem na natureza; e de bem de produção, no sentido em que a capacidade, crescentemente adquirida, de subjugação da realidade pelas idéias que representam, constitui a origem de nova capacidade humana, a de idealizar em prospecção os possíveis efeitos de atos a realizar, conceber novos instrumentos e novas técnicas de exploração do mundo, e de criar idéias que significam finalidades para as ações a empreender (VIEIRA PINTO, 1979, p.124).

imperialista, como pode ser observado a seguir neste trecho retirado de uma publicação patrocinada pela The American Assembly.

Quem controlar a educação define seu passado e [...] também seu futuro. O amanhã está nas mãos e no cérebro dos que estão sendo educados hoje [...] Devemos, sem restrições, exportar idéias e imagens que fomentem a liberdade individual, a responsabilidade política e o respeito à propriedade privada. Deve ser iniciada uma campanha para capturar a elite intelectual ibero-americana através do rádio, da televisão, de livros, de artigos e folhetos, de mais doações, bolsas de estudo e premiações. Consideração e reconhecimento são os que mais agradam aos intelectuais e um programa com essas características poderá atraí-los (TABS apud IANNI, 1985, p.126).

No intuito de afirmar a atualidade das formulações de Marx, Osvaldo Coggiola aponta que “a mundialização da cultura, como processo objetivo e decorrente da natureza tendencialmente mundial do capitalismo desde o seu nascedouro, tinha sido, como é óbvio, previsto por Marx”. E que hoje, diante da “industrialização da cultura” a contestação cultural tem que atingir também características “industriais”, ou seja, ganhar grandes proporções ao contrário das vanguardas do século passado e do nosso (COGGIOLA, 2001, p.10 -12).

Como contraponto a “crescente tendência à alienação produtiva e cultural, e na exacerbação de todas as desigualdades sociais” (COGGIOLA, 2001, p. 11), é que analisaremos a cultura a partir da contribuição de um dos líderes da maior revolução socialista da história da humanidade, identificando a importância e a tarefa estratégica da cultura para o processo revolucionário.

### **1.3.2 Revolução e Cultura – contribuição de Leon Trotski**

Esse tópico acrescenta ao nosso estudo a contribuição de um autor pouco utilizado como referência na produção acadêmica, mas com grande penetração nas organizações anticapitalistas e nas lutas sociais. Tal desconsideração é compreensível, uma vez que a objetividade revolucionária de seus escritos aparece em contraposição à produção hegemônica da academia. O autor do qual falamos é Lev Davidovitch Bronstein, mais conhecido como Leon Trotski (1879-1940).



A produção teórica de Trotski está intimamente ligada à sua trajetória de vida, marcada pela participação na maior experiência revolucionária socialista<sup>36</sup>, a revolução social é o eixo central de seus escritos, dedicando boa parte de sua vida a analisar o contexto da Revolução Russa, o período pré- revolucionário, a transição socialista e o movimento internacional comunista. Entre guerras mundiais, guerra civil, perseguição política, exílio, a produção de Trotski destaca-se no sentido de apresentar o contexto de sua época, como de apontar alternativas para as conquistas revolucionárias. Sempre ligada a uma intervenção prática, seus estudos irão servir de instrumento para a classe proletária em ascensão em sua época, o que segundo Perry Anderson (2004), o coloca entre a geração de marxistas que não desatrelaram a produção teórica da atuação política<sup>37</sup>, estreitando sua ligação com o marxismo clássico de Marx e Engels.

Para efeito de nosso estudo sobre a cultura e emancipação humana, recorreremos à análise de textos de Trotski referentes a esse tema específico: *Questões do modo de vida* (1923); *Literatura e Revolução* (1924); *Cultura e Socialismo* (1924) e *Por uma arte revolucionária independente* (1938)<sup>38</sup>. Nesses textos procuramos identificar os nexos da cultura com o projeto revolucionário socialista; sua relação com a herança cultural da humanidade, inclusive burguesa; sua dependência ao novo modo de produzir a existência a emergir; e a possibilidade de uma cultura para além das classes sociais, uma cultura verdadeiramente humana.

Na sua origem a cultura se contrapunha ao que era dado ao homem pela natureza, o que era conquistado pela força do homem, como: campo arado e cultivado, diferente das matas virgens. Esta antítese conserva ainda seu valor substancial, pois nesse processo de adaptação da natureza às suas necessidades, o homem produz a sua existência ao mesmo tempo em que se constitui enquanto ser social. É nesse processo que a cultura ganha importância, ainda que as conquistas humanas sejam hoje mediadas

---

<sup>36</sup> Com participação ativa no levante revolucionário, Trotski ocupará funções estratégicas para a consolidação da revolução, entre elas: presidente do soviete de Petrogrado em 1905, em 1917 torna-se presidente do novo soviete de Petrogrado, e como chefe do Comitê Militar Revolucionário do soviete, planeja e executa a insurreição que daria origem à revolução de Outubro; posteriormente em 1918 é nomeado comissário do povo para o Exército e a Marinha e organiza o Exército Vermelho.

<sup>37</sup> Seus escritos, salvo algumas exceções, estão marcados pela militância e almejam fins políticos imediatos, com o que muitas vezes se inserem em polêmicas obscuras, dão por suposto o contexto que origina as reflexões, e não chegam a fornecer uma sistematização como o próprio autor gostaria, em outras condições, de oferecer. No prefácio à edição francesa de um de seus textos teóricos considerados mais importantes, Trotski declara: “A composição deste livro, complexo e imperfeito em sua arquitetura é a própria imagem das circunstâncias em que nasceu [...] Não foi, porém, o autor quem escolheu e adotou essa forma de discussão. Ela lhe foi imposta por seus adversários e pelo curso da evolução política [...]” (MIRANDA, 1981, p.9).

<sup>38</sup> Pensando em valorizar o caráter histórico colocamos as datas da primeira publicação de cada texto, o ano das edições que utilizamos é possível ver nas referências finais.

pela sociedade de classes, fruto também dessa mesma produção histórica, fazendo com que cada classe dominante crie sua cultura (TROTSKI, 2007- a).

Consideramos pois, como fundamento, que a cultura se desenvolveu graças à luta do homem contra a natureza<sup>39</sup>, pela sua existência, pela melhoria de suas condições de vida. Mas partindo desse mesmo princípio também se desenvolvem as classes. No processo de adaptação à natureza, em conflito com as forças hostis, a sociedade humana vem-se delineando como uma complexa organização de classes. A estrutura classista da sociedade determinou, na medida decisiva, o conteúdo e a forma da história humana, isto é, as relações materiais e seus reflexos ideológicos. Isto significa que a cultura histórica assumiu um caráter de classe [...] Aqui existe efetivamente uma profunda contradição. Tudo aquilo que foi conquistado, criado, construído pelo esforço do homem e que serve para aumentar seu poder, é cultura. Mas como não se trata do homem considerado individualmente, mas o homem considerado socialmente, como a cultura é um fenômeno sócio-histórico pela sua natureza, e como a sociedade histórica tem sido e continua a ser uma sociedade de classes, a cultura acabou se tornando o instrumento fundamental da opressão de classe<sup>40</sup>. Marx dizia: “As idéias dominantes numa época são essencialmente as idéias da classe dominante daquela época”. Isto também vale para a cultura no seu conjunto (TROTSKI, 1981, p.52).

Partindo da compreensão da realidade com suas contradições e mediações, percebe-se que todas as esferas da vida serão influenciadas e regidas pelas mesmas, o que não é diferente com a produção cultural que, atrelada à produção econômica, apresentará a contradição como elemento central do seu desenvolvimento. “A cultura espiritual é contraditória como a cultura material [...] A cultura é um fenômeno social” (TROTSKI, 1981, p.55 e 60). A cultura é, ainda segundo o autor, um momento da maior importância na “opressão de classe”, não obstante, contraditoriamente, também possui um papel importante na luta para a “emancipação socialista”<sup>41</sup>.

Destacaremos para uma análise mais rigorosa, a obra *Literatura e Revolução*, escrita entre 1923 e 1924, por ser o maior e mais denso texto sobre a questão da cultura em sua íntima relação com a causa revolucionária. Trotski nesta obra realiza um balanço das produções literárias do período pré-revolucionário e pós-revolução,

<sup>39</sup> A afirmação “luta do homem contra a natureza”, é melhor compreendida no decorrer do texto como luta contra as barreiras naturais.

<sup>40</sup> Mesmo na sociedade de classes, a cultura nunca será o instrumento fundamental da opressão, já que a mesma não se configura como uma condição da existência de primeira ordem.

<sup>41</sup> Nas palavras do próprio autor, encontramos o seguinte: “Sim, a cultura é o instrumento principal da opressão de classe. Mas também a cultura, e apenas ela, pode tornar-se um instrumento da emancipação socialista”. Fizemos a opção por parafrasear essa passagem, tomando a positividade da visão contraditória sobre a cultura, que nos permite analisa-la de forma dialética, ao tempo que retiramos a idéia da cultura como um “instrumento”, o que nos traria alguns problemas para a análise desse fenômeno.

analisando a possível aproximação dos objetivos revolucionários, e sua contribuição para o desenvolvimento de uma cultura verdadeiramente humana.

Buscando analisar criticamente as obras de sua época, Trotski utiliza como principal critério as relações destas com o modo da existência<sup>42</sup>, estabelecendo os nexos necessários, o que garante uma prioridade ontológica para sua compreensão, “a cultura alimenta-se na seiva da economia. É preciso, porém, mais que o estritamente necessário à vida para que a cultura se desenvolva e aprimore”. O autor ressalta que não se deve utilizar dos métodos da economia para analisar a arte, pois a mesma possui seus próprios métodos.

É indiscutível que a necessidade da arte não é criada pelas condições econômicas. Mas tampouco a necessidade de alimentação é criada pela economia. A necessidade de alimentação e calor, é que cria a economia. Nem sempre se podem seguir somente os princípios marxistas para julgar, rejeitar ou aceitar uma obra de arte. Esta deve ser julgada, em primeiro lugar, segundo suas próprias leis, isto é, segundo as leis da arte. Mas só o marxismo pode explicar por que e como, num determinado período histórico, aparece tal tendência artística; em outras palavras, quem expressou a necessidade de certa forma artística, e não de outras, e porquê (TROTSKI, 2007-a, p.139-140).

Reforçando o princípio de que a partir do velho é que poderá surgir o novo, Trotski emprega grande esforço na defesa da apropriação dos bens culturais produzidos pela humanidade até então, inclusive da arte burguesa. A exemplo apresenta o desenvolvimento da cultura burguesa, que “começou vários séculos antes que a burguesia, por meio de uma série de revoluções, tomasse o poder do Estado. Quando apenas representava o Terceiro Estado, quase sem direitos, a burguesia já desempenhava um grande papel, que crescia sem cessar em todos os domínios do desenvolvimento cultural” (TROTSKI, 2007-a, p.151). Assim, confirma o pressuposto da continuidade histórica alterada pelas ações do homem, expressa também na esfera da cultura,

[...] Uma nova classe não recomeça a criar toda a cultura desde o início, mas se apossa do passado, escolhe-o, retoca-o, o recompõe e continua a construir daí. Sem o uso do guarda-roupa de “segunda mão” do passado não haveria progresso no processo histórico (Ibidem,

---

<sup>42</sup> [...] Ela (a arte) não representa um elemento desencarnado, alimentando-se de si mesmo, mas uma função do homem social, indissolúvelmente ligado a seu meio e a seu modo de vida (TROTSKI, 2007-a, p. 144).

p. 143) [...] “Os dias que vivemos ainda não representam a época de uma nova cultura, mas no máximo seu limiar. Devemos em primeiro lugar nos apossar oficialmente dos elementos mais importantes da velha cultura, a fim de podermos ao menos abrir caminho à construção de uma cultura nova (TROTSKI, 2007-a, p.154).

A compreensão do atual contexto da luta de classe é essencial para perceber como é necessária a revolução, e como a arte é utilizada pela classe dominante de uma época<sup>43</sup>, daí o porquê dessa necessidade histórica de alteração radical do modo de produção da existência. Trotski irá apresentar como exemplo que “ele [o proletariado russo] precisou derrubar a sociedade burguesa pela violência revolucionária precisamente porque essa sociedade lhe barrava o acesso à cultura” (TROTSKI, 2007-a, p.156).

Essa utilização da violência foi necessária porque, historicamente, o acesso aos bens culturais foi negado aos trabalhadores constituindo-se numa afronta sem precedentes. Numa sociedade organizada sob as normas da propriedade privada e da cisão em classes sociais a produção e o acesso dos bens culturais seguem a mesma orientação.

Não é preciso demonstrar que a separação da arte dos outros aspectos da vida social resulta da estrutura de classe da sociedade. Sua auto-suficiência, como se ela se bastasse a si mesma, constitui o reverso da medalha: a transformação da arte em propriedade das classes privilegiadas. A evolução da arte, no fundo, seguirá o caminho de uma crescente fusão com a vida, isto é, com a produção, as festividades populares e a vida coletiva (TROTSKI, 2007-a, p.114).

No seu texto “Questões do modo de vida”, Trotski descreve minuciosamente as dificuldades do período pós-revolução, e a importância da formação para além da política, destacando os problemas oriundos de um baixo nível do padrão cultural do povo russo que impedia a realização de muitas conquistas da revolução de outubro.

---

<sup>43</sup> Onde está escrito que é impossível servir à burguesia por meio da arte? Da mesma forma como os deslizamentos geológicos revelam as camadas terrestres, as perturbações sociais revelam o caráter de classe da arte. Uma importância mortal atingiu a arte que se colocou fora da Revolução de Outubro simplesmente porque as classes às quais se vinculava por todo o seu passado sucumbiram. Sem o sistema burguês da propriedade da terra e seus costumes, sem as sugestões sutis das castas e dos salões, essa arte não vê sentido algum na vida, definha, torna-se moribunda e reduz-se a nada (TROTSKI, 2007-a, p.67).

Lênin se preocupava muito também com a questão do padrão cultural do povo russo, fazia a mesma análise que Trotski no que se refere aos prejuízos da revolução para um povo com uma carência de elementos básicos de formação cultural. Lunatcharski comenta no seu texto *Lênin e a Arte* que:

Lênin insistia com toda força em que nos seria muito mais fácil lutar e construir se tivéssemos herdado depois da derrubada da monarquia e das classes dominantes uma cultura burguesa mais desenvolvida. Repetia reiteradas vezes que essa cultura burguesa facilitaria ao proletariado dos países do Ocidente a possibilidade de acelerar depois de sua vitória a realização real e plena do socialismo (LUNATCHARSKI, 1968, p. 192).

Trotski ressalta, ainda, a diferença entre classe operária e classe burguesa enquanto classe revolucionária, pois, ao contrário da burguesia que no processo revolucionário apenas assumiu a posição de classe dominante sem alterar a ordem social, os proletários, para além disso, têm como objetivo final a supressão das classes sociais.

É fundamentalmente falso opor a cultura e a arte burguesa à cultura e à arte proletárias. Estas últimas jamais existirão, porque o regime proletário é temporâneo e transitório. A significação histórica e a grandeza moral da revolução proletária residem no fato de que ela planta os alicerces de uma cultura que não será de classe, mas pela primeira vez verdadeiramente humana (TROTSKI, 2007-a, p.37).

Trotski, especificamente nessa obra, oferece elementos de uma das maiores experiências da história da humanidade, a revolução russa, que nos serve de lição para os empreendimentos de uma revolução socialista, de uma preparação em outro patamar, sem incorrer nos erros anteriores. Oferece subsídios teóricos fundamentais para pensarmos as estratégias para a formação dos militantes de hoje, e como os elementos da cultura podem contribuir nessa tarefa.

Por isso, é necessário compreender a cultura como um infinito complexo de conhecimentos científicos, de criações artísticas, de operações técnicas, de fabricação de objetos, máquinas, artefatos e tantos outros produtos da inteligência humana. E, não insistir na posição hegemônica, que não unifica todo esse mundo de entidades, tratando como subjetivas umas e objetivas outras, de modo a dar uma explicação coerente com um ponto de vista esclarecedor de toda essa extrema e diversificada multiplicidade da

realidade concreta (VIEIRA PINTO, 1979). Ao mesmo tempo, tomaremos sempre cuidado quando analisarmos a compreensão da cultura num sentido ampliado, para não cometermos o equívoco de tratar como idênticos os diferentes complexos do ser social, no nosso caso *trabalho e cultura*.

[...] Os complexos ideológicos se distinguem do trabalho, não apenas pelo seu caráter fundado, mas também porque não cumprem a função social de produzir os meios de produção e de subsistência a partir da transformação da natureza, função específica do trabalho [...] (LESSA, 2007, p.110).

Entender como o trato com a cultura possibilita a manutenção ou a superação do modo de produção capitalista, qual a sua contribuição para a manutenção do *status quo* vigente, e como a mesma pode ser utilizada como arma para a classe trabalhadora na sua luta contra o capital, é um desafio. O desenvolvimento cultural precisa auxiliar no processo de emancipação humana, para isso é urgente combater as teorias que irão dissociar a cultura das relações de produção, pois essas, ao contrário do que dizem, possuem um posicionamento político definido, qual seja, manter a ordem social do capital com a classe trabalhadora sob o julgo dessa relação social.

É preciso que a classe trabalhadora, por dentro dos seus organismos, repense a importância de outra possibilidade de trato com o conhecimento da cultura, que não pode ser qualquer uma muito menos a predominante na sociedade capitalista, essa tem de apresentar outros princípios que auxiliem no processo de emancipação humana.

Essa análise da cultura no campo do marxismo já nos possibilita elencar diretrizes, orientações que demarcam a compreensão da cultura no campo da revolução social, como: a indissociabilidade da sua base material, a produção econômica; o caráter de classe que ela assume nesta sociedade; a ontologia do ser social como chave para a compreensão da cultura; a utilização da cultura como ferramenta para o processo revolucionário, e sua importância na constituição do homem enquanto ser genérico.

No próximo capítulo passaremos ao estudo de um elemento específico da cultura, foco desse estudo, a cultura corporal. Trataremos com maior profundidade este elemento da cultura que se configura entre aqueles que têm por objetivo o desenvolvimento e propagação das práticas corporais ao longo da história.

## 2 - MAS AFINAL, O QUE É CULTURA CORPORAL?

Apresentaremos a seguir as bases da perspectiva pedagógica da Educação Física que defendemos, a qual é responsável pela consolidação da compreensão sobre a cultura corporal, que para além de ser apenas mais uma expressão, carrega consigo uma intencionalidade política e teórica que se dispõe a contribuir com a transformação radical da sociedade. Diante disso ressaltamos a importância de um entendimento mais aprofundado do que seja esta proposta de formação, pois não basta a utilização do conceito, é necessário que o mesmo esteja ligado à teoria que lhe dá significado, de outra forma perde o seu sentido de ser.

Para respondermos a este questionamento, tomaremos como referência a obra *Metodologia do Ensino da Educação Física*<sup>44</sup>, lançada em 1992, e elaborada por um coletivo de pesquisadores da área<sup>45</sup>, marco da consolidação do conceito e da reflexão sobre a cultura corporal no Brasil. Utilizaremos também três textos recentes de Taffarel e Escobar, que atualizam o debate e apresentam as formulações mais avançadas nesse campo: *Educação Física e movimentos de lutas sociais (2008)*; *Mas, afinal, o que é educação física? Reafirmando o marxismo contra o simplismo intelectual (2008)*; e *Cultura Corporal e os dualismos necessários a ordem do capital (2006)*.

### 2.1 DEFINIÇÃO DE CULTURA CORPORAL

Como fruto das discussões no âmbito da educação física brasileira, nas décadas de 1980 e 90, apareceram formulações em torno da identidade, dos objetivos e do significado da educação física. Muitos debates se travaram e novas proposições metodológicas do ensino da Educação Física<sup>46</sup> sugeriram questionando o modelo hegemônico - influenciado diretamente pelas ciências naturais e pelo positivismo, tendo como objeto de estudo a aptidão física, e com forte apelo higienista - formando um movimento heterogêneo, em relação ao referencial

---

<sup>44</sup> Este livro expõe e discute questões teórico-metodológicas da Educação Física, tomando-a como matéria escolar que trata, pedagogicamente temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros. Este é o conhecimento que constitui o conteúdo da Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 18).

<sup>45</sup> Carmen Lúcia Soares, Celi Nelza Zulke Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht.

<sup>46</sup> Quando utilizarmos Educação Física em maiúsculo, estaremos nos referindo a disciplina escolar responsável pelo trato do conhecimento da cultura corporal.

teórico, que ficou conhecido como Educação Física Crítica e/ou Progressista, inspirado pelas ciências humanas e apresentando as mais variadas perspectivas teóricas: Humanismo, Fenomenologia, Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, e o Materialismo Histórico Dialético<sup>47</sup>.

Nesse estudo destacaremos a perspectiva pedagógica denominada Crítico-Superadora, por se basear no materialismo histórico e por apresentar de forma clara sua concepção de homem, de sociedade e de projeto histórico. Posicionando-se explicitamente a favor dos interesses da classe trabalhadora, essa perspectiva apresenta de forma sistematizada uma metodologia do ensino da Educação Física destinada à formação dos trabalhadores no contexto escolar.

Dentre as contribuições da perspectiva Crítico-Superadora, a que mais nos interessa nesse estudo é a Cultura Corporal enquanto objeto de estudo da educação física<sup>48</sup>. Depois de apresentada, em 1992<sup>49</sup>, a Cultura Corporal foi foco de muitas discussões e ganhou grande dimensão na educação física brasileira, ainda que nem sempre seja empregada de maneira correta, tornou-se expressão comum na literatura da área.

O conceito de cultura corporal está alicerçado numa compreensão histórica do termo cultura, entendida como um “produto da vida e da atividade do homem, um fenômeno social que representa o nível alcançado pela sociedade em determinada etapa histórica: progresso, técnica, experiência de produção e de trabalho, instrução, educação, filosofia, ciência, literatura, arte e instituições que lhes correspondem” (SIQUEIRA apud TAFFAREL; ESCOBAR, 200[8]-a, p.7). E do entendimento da Educação Física como “uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 50).

Nesta concepção de educação física já encontramos imbricado o que seriam alguns de seus conteúdos<sup>50</sup>, e como eles são construídos, nesse sentido que os autores defendem “que o objeto de estudo da educação física é o conjunto de práticas corporais (jogos, brincadeiras, ginástica, lutas, esporte e outros) construídas historicamente pelo homem, em tempos e espaços determinados historicamente, sistematizadas ou não, que são passadas de geração a geração. *No momento*, denominamos essa área de conhecimento *que se*

---

<sup>47</sup> Ver mais sobre, em *Consenso e Conflito: educação física brasileira* (OLIVEIRA, 2005).

<sup>48</sup> Quando utilizarmos educação física em minúsculo, estaremos nos referindo a área de conhecimento responsável pelo trato com os elementos da cultura corporal.

<sup>49</sup> Ver mais detalhes (ALMEIDA, 2005, p.24).

<sup>50</sup> Podemos acrescentar as lutas, mímicas e pantomimas.



*constrói* a partir das atividades corporais de “Cultura Corporal” (TAFFAREL; ESCOBAR, 200[6], p.3, grifos nossos).

Novos conceitos sempre criam dúvidas, e nem sempre deixam claro o que significam. No caso da Cultura Corporal, segundo os próprios criadores este conceito ainda é algo em processo de construção e que pode ser alterado, isso se dá por ser uma discussão recente, não por dúvida do que seja em si, daí a sua provisoriidade.

No momento damos, a essa área de conhecimento que se constrói a partir dessas atividades, a denominação de "Cultura Corporal", não obstante seja alvo de críticas por "sugerir a existência de tipos de cultura". Pensamos não haver, no momento, necessidade de polemizar a tal respeito, apenas queremos destacar que, para toda interpretação, ***deve prevalecer a conceituação materialista histórico-dialética de cultura***. Assim entendido, a manutenção do nome, é secundária. Aliás, parece-nos sugestivo de um certo vínculo de familiaridade com o ideário que as pessoas têm da Educação Física e isso pode ser útil para as primeiras aproximações a esta abordagem. ***Mais adiante poderá ser discutida a conveniência de se adotar uma outra denominação, da mesma forma em relação ao próprio nome: Educação Física***. (TAFFAREL; ESCOBAR, 200[6], p.3, grifo nosso).

Percebe-se que as autoras expõem explicitamente a situação conceitual, mas em nenhum momento abrem mão da sua compreensão, nem da base teórica que orienta o conceito. As autoras já dão pistas sobre novas nomenclaturas, em texto de 2008, Escobar e Taffarel reafirmam seus posicionamentos e apresentam outra possível nomenclatura.

Reafirmamos a Educação Física como uma disciplina escolar destinada ao ensino de conteúdos selecionados do universo da cultura corporal ***e ou, esportiva*** da humanidade, orientada pela teoria pedagógica que procura as regularidades ou o que há de comum no ensino das diversas disciplinas escolares (200[8]-a, p.5, grifo nosso).

Constantemente utilizam-se equivocadamente como sinônimos de cultura corporal, as expressões: cultura corporal de movimento (BRACHT, 1996; 2003), e cultura do movimento (KUNZ, 2004). Ainda que possam apresentar semelhanças, para além da questão semântica, cada uma delas parte de referenciais teóricos distintos. É preciso cuidado na utilização dos conceitos para não deformarmos o seu real significado, até porque a base conceitual da cultura corporal é apresentada de forma clara:

É fundamental para essa perspectiva da prática pedagógica da Educação Física o desenvolvimento da noção de historicidade da cultura corporal. É preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando,

arremessando, balançando, jogando etc.. *Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humana* (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 39, grifos nossos).

É imprescindível ainda destacar que a perspectiva teórica da cultura corporal possui um posicionamento explícito no contexto da luta de classe, o que não pode ser desconsiderado quando de sua utilização:

A expectativa da Educação Física escolar, que tem como objeto a reflexão sobre a cultura corporal, contribui para a *afirmação dos interesses de classe das camadas populares*, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo individualismo. Cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos – a emancipação -, *negando a dominação e submissão do homem pelo homem* (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 40, grifos nossos).

No debate específico da educação física, a compreensão da cultura corporal se posiciona contrária às perspectivas idealistas que discutem o “corpo” e a dicotomia entre corpo e mente, mal que persegue a humanidade oriundo da divisão social do trabalho, nesse sentido a reflexão sobre cultura corporal faz questão de expor que essa é uma falsa dualidade, que tem determinações históricas que demarcam principalmente o período de exploração do homem pelo próprio homem, que necessita ser superada.

As décadas de 80 e 90 foram profícuas em produções teóricas na área também de caráter interpretativo fenomenológico e muito se produziu sobre "o corpo" dando a este a conotação de algo abstrato, abstraído do real, pairando sobre as relações concretas da vida historicamente situadas, como se o "ser humano" tivesse um corpo [...] Desenvolvem-se teorias idealistas de corporeidade, presentes na escola pública e, em especial, na área de Educação Física e Esportes. O velho dualismo, determinado historicamente e que passou séculos alienando as consciências, mantêm-se enraizado nas bases teóricas dos cursos de Graduação em Educação Física, em forma especial [...] O pensamento platônico do corpo como instrumento da alma não saiu da sala de aula e, renovado, caminha de mãos dadas com a quase totalidade das propostas pedagógicas, mesmo daquelas que se autodenominam "progressistas" ou "críticas", embora expliquem a complexa atividade humana substituindo Homem por "corpo" [...] (TAFFAREL; ESCOBAR, 200[6], p.1).

Mesmo diante de todas essas argumentações ainda que de forma simplista, e sem uma consideração de sua formulação completa, mas sim de sua nomenclatura apenas, a

perspectiva da reflexão da cultura corporal vai ser criticada por reforçar a dualidade entre corpo e mente. Elenor Kunz, em sua obra “*Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*”, irá chamar a atenção dizendo,

Notem que os autores [Coletivo de autores] utilizam-se do conceito de “Cultura Corporal” para definir uma “área de conhecimentos” específicos da Educação Física. O interessante é que isso pode significar que esses autores estejam reforçando o velho dualismo de corpo e mente, muito discutido no contexto da Educação Física. Porém, com toda certeza esses autores sabem que, pela concepção dualista do homem, se existe uma cultura humana que é apenas corporal, devem existir outras que não são, que devem ser então mentais ou espirituais e, certamente, não incluiriam a cultura corporal do jogo, do esporte, da ginástica e da dança como cultura “corporal” na concepção dualista. Embora esse conceito de “cultura corporal” esteja sendo utilizado por muitos teóricos da Educação Física e Esportes, parece-me destinado apenas a reforçar uma cultura desenvolvida pela via do movimento humano. É de qualquer forma, um conceito tautológico, uma vez que não pode existir nenhuma atividade culturalmente produzida pelo homem que não seja corporal. (KUNZ, 2004, p. 19-20).

É importante destacar que essa crítica não procede, as argumentações anteriores dão conta de responder essa formulação, ficando sua imprecisão exposta já numa primeira leitura de qualquer um dos textos sobre a cultura corporal. Os motivos que levam ao autor realizar essa crítica imprecisa seja talvez a perspectiva teórica do mesmo, de origem idealista, que coloca a linguagem como central para a análise das questões sociais, desconsiderando muitas vezes as determinações históricas e materiais como premissa fundamental para suas análises<sup>51</sup>.

A reflexão sobre a cultura corporal surge acirrando as contradições da perspectiva da aptidão física enquanto objeto de estudo, que preconizam pura e simplesmente a performance corporal, o rendimento físico, a neutralidade política das atividades corporais, o desenvolvimento fragmentado do indivíduo, enfim, a manutenção do *status quo* vigente. É necessário ressaltar que não há uma negação da mesma por parte da perspectiva crítico-superadora, mas sim um avanço por incorporação e não por exclusão.

[...] a dinâmica curricular, no âmbito da Educação Física, tem características bem diferenciadas das tendências anteriores [tendência da aptidão física]. Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e

---

<sup>51</sup> As críticas realizadas às compreensões idealistas e a-históricas da cultura, presentes no capítulo I, também serve para esse caso.

outros, que podem ser identificados como formas de representações simbólicas de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 38).

No que se refere à importância do desenvolvimento da aptidão física, a perspectiva da cultura corporal é enfática na sua defesa, porém considera-a como mais um componente a ser trabalhado.

Faz-se imprescindível a realização de análises mais rigorosas e radicais da realidade social atual, especialmente, no interior da escola, e a elaboração de uma teoria pedagógica mais avançada que reconheça a Cultura Corporal como objeto de estudo da disciplina Educação Física, sem perder de vista os objetivos relacionados com a formação corporal, física, dos alunos, mas situando-os no âmbito da vida real de uma sociedade de classes que necessita ser revolucionada (TAFFAREL; ESCOBAR, 200[8,]-a p.9).

Ainda no que trata do aspecto técnico e tático, destacam os autores que “esta forma de organizar o conhecimento não desconsidera a necessidade do domínio dos elementos técnicos e táticos, todavia não os coloca como exclusivos e únicos conteúdos da aprendizagem” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 41).

A formação do sujeito histórico ganha grande importância com a reflexão da cultura corporal, há uma preocupação com esse ser social em formação, principalmente no intuito de oferecer subsídios para o seu desenvolvimento pleno. A reflexão da cultura corporal está intimamente ligada a um projeto emancipação humana, que possibilite a transformação social.

O pensamento teórico-científico na matriz lógico dialética permite que se compreenda a condição fundamental para uma prática pedagógica na qual os educandos se reconheçam como sujeitos históricos, inseridos numa realidade dinâmica em que suas atividades práticas e seus movimentos sejam vistos não apenas nos limites das dimensões fisiológica e mecânica, mas profundamente inter-relacionada à dimensão sociocultural (TAFFAREL; ESCOBAR, 200[8]-b, p.12).

Reforçando ainda que,

O conteúdo do ensino, obviamente, é configurado pelas atividades corporais institucionalizadas. No entanto, essa visão de historicidade tem um objetivo: a compreensão de que a produção humana é histórica, inesgotável e provisória. Essa compreensão deve instigar o aluno a assumir a postura de produtor de outras atividades corporais que, no decorrer da história, poderão ser institucionalizadas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.40).

As práticas corporais nessa perspectiva rompem com a neutralidade política presente na formação hegemônica, sua intenção é desenvolver mecanismos para o desvelamento do real, compreendendo as determinações societárias e identificando caminhos para sua derrocada, no intuito de propiciar a todos o acesso a toda produção cultural da humanidade especificamente no âmbito da cultura corporal.

[...] podemos dizer que os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade [...] Na organização do conhecimento, deve-se levar em consideração que as formas de expressão corporal dos alunos refletem os condicionantes impostos pelas relações de poder com as classes dominantes no âmbito de sua vida particular, de seu trabalho e de seu lazer (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.62- 63).

A cultura corporal não é constituída de qualquer prática corporal, seguindo as indicações de Saviani sobre a educação, as autoras Taffarel e Escobar irão diferenciar os constituintes da cultura corporal pela sua forma peculiar de produção e consumo, um produto que é consumido no ato de sua produção.

A prática do futebol, handebol, ginástica, dança, atletismo, natação, xadrez etc., se diferencia de outras atividades, que não as da cultura corporal, **por que não concretiza um produto material**, assim como uma peça mecânica produzida pela atividade de um metalúrgico. A característica essencial desta prática é que, **o seu produto não é separável do ato da sua produção**, pois o homem que joga, dança ou faz ginástica **está produzindo algo que ele próprio consome de forma simultânea ao transcurso da materialização da sua atividade** [...] Quer dizer, no jogo, esporte ou atividade corporal, o homem produz a satisfação das suas necessidades, anseios e interesses lúdicos, estéticos, artísticos, combativos ou competitivos que o impulsionaram a agir. Ele atribui um valor de uso particular a esse produto consumido no ato da sua produção. Sua atividade tem um valor em si mesma porque atende à sua subjetividade, à sua realidade e às suas necessidades e motivações. Essas são as características essenciais que identificam e classificam, sem confundi-las com outras, as atividades físicas corporais, jogos ou esportes que, por serem resultado da vida e da ação humana, fazem parte da cultura e configuram uma área de conhecimento que pode ser chamada de “cultura corporal” ou, até, de “cultura esportiva” (TAFFAREL; ESCOBAR, 200[8]-a, p.10-11, grifos nossos).

Na tarefa de reafirmar a cultura corporal como objeto de estudo da educação física, e a sua diferenciação de outras práticas corporais, as autoras enfatizam muito a questão da produção não-material<sup>52</sup>, o que pode ser observado nos três textos mais recentes.

Nesse acúmulo de conhecimentos gerais alcançados através da atividade prática do homem, também se tornam visíveis hoje, resultantes da construção histórica da nossa corporeidade, um acervo de atividades expressivo-comunicativas com significados e sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, místicos, agonistas – ou de outra ordem subjetiva – **que apresentam como traço comum serem fins em si mesmas, serem consumidas no ato da sua produção**. Entre elas podemos citar os jogos, a ginástica, a dança, a mímica, o malabarismo, o equilibrismo, o trapezismo e muitas outras [...] Essas atividades foram construídas como respostas a determinadas necessidades humanas [...] O termo “cultura corporal”, expresso pela proposta Crítico-Superadora, na área da Educação Física, é utilizado para designar o amplo e riquíssimo campo da cultura entendida sob o conceito materialista histórico dialético” (TAFFAREL; ESCOBAR, 200[8]-b, p.13, grifo nosso).

Pelas esferas do consumo e produção podemos compreender a cultura corporal enquanto mercadoria, já no seu sentido ontológico parece ser insuficiente. As autoras nesta citação estão tratando a cultura corporal no seu sentido ontológico, e recorrem à produção de mercadoria para explicá-lo. As leis da economia, necessariamente, não servem para explicar os demais complexos sociais, podem no máximo auxiliar na compreensão de sua função social dentro de determinada sociabilidade, esse é seu limite. O que existe entre os complexos do ser social é uma relação de interdependência e não de identidade - questão já tratada no capítulo anterior.

Assim, indicamos como um problema a ser verificado a partir da contribuição das autoras: a categoria consumo explica a substância daquilo que ora tentamos definir como cultura corporal? Por se tratar do âmbito da cultura, a categoria apropriação<sup>53</sup> ou fruição<sup>54</sup> não seria qualitativamente diferente e mais adequada do que consumo?

<sup>52</sup> Essa discussão sobre a produção não-material da educação vem oferecendo um profícuo debate entre estudiosos marxistas brasileiros, apresentando-se estudos que questionam a validade dessa argumentação (LESSA, 2007). Diante da sua penetração na educação física, também já existe estudos que se colocam criticamente frente à compreensão de que o produzido pela cultura corporal possa ser um ente não-material (MELO, 2009).

<sup>53</sup> Apropriar - v. tr. 1. Tornar próprio, 2. Acomodar, 3. Aplicar, 4. Atribuir. v. pron. 5. Apossar-se, 6. Tornar seu (o alheio). In: <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=apropriar>. A categoria apropriação é de uso recorrente entre marxistas para designar o ato de usufruir da produção humana historicamente construída, compreendendo a apropriação humana da cultura com um processo educativo, é importante deixar claro que essa apropriação não deve se dar de forma privada (TROTSKI, 2007-a; LEONTIEV, 1977; MÉSZAROS, 2006; DUARTE, 2003).

<sup>54</sup> Fruir - v. tr. e intr. 1. Estar no gozo ou na posse de, 2. Desfrutar; gozar. In: <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=frui%C3%A7%C3%A3o>.

Os homens tomam posse da cultura corporal em contato com outros homens, no intuito de incorporá-la promovendo novas características próprias de cada tempo histórico. Entendendo-a dessa forma parece-nos mais adequado recorrer à categoria apropriação ou fruição para pensar a cultura corporal, em detrimento da categoria consumo<sup>55</sup>. Vieira Pinto (2005) afirma textualmente que a cultura é o estágio superior do desenvolvimento biológico do homem. Daí que, comer, beber, consumir recursos naturais é feito - já - nos estágios inferiores do desenvolvimento biológico, mas apropriar-se ou fruir da riqueza cultural produzida a partir de categorias puramente sociais, como a estética, a educação, a filosofia, a linguagem (que é diferente e mais ampla do que a língua), é um atributo do ser social nesse estágio superior, ou início da história da humanidade, como diz Marx (CÂNDIDO; TEIXEIRA, 2009).

Nesse sentido, a cultura corporal compreendida como um processo constitutivo das relações de produção de existência é um conhecimento imprescindível para a formação humana, e para o desenvolvimento do ser social.

[...] a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retraçados e transmitidos para os alunos na escola (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 39).

As atividades e práticas corporais “não são uma simples consequência da capacidade do homem se mover, determinada e organizada por uma estrutura sensório-motora”, mas sim, resultado da constante relação do homem com a natureza e com o próprio homem, para satisfazer suas diversas necessidades (TAFFAREL; ESCOBAR, 200[8]-a, p.10) que atendam “o estômago ou a fantasia”. Assim explicado pelas autoras:

---

<sup>55</sup> Uma luta constitui-se somente do momento de sua exercitação física (a aptidão física) cessaria uma vez terminada a sessão de treinamento? e o domínio das técnicas, ou do conhecimento que o lutador acumula, das formas de agir que ele assume (caso fosse um soldado imperial, ou um segurança particular – guarda-costas – nos tempos modernos)? Os ensaios e toda a preparação constituem o espetáculo de dança, ou somente o momento da execução da coreografia? Do ponto de vista de quem consumiu o espetáculo de dança, a sensação que a apreciação artística lhe proporcionou acaba no momento em que acaba a última cena da apresentação? Considerando o dançarino ou o jogador que realiza tais atividades de forma autônoma, sem a determinação mais imediata da mercadoria força de trabalho (por exemplo, o bailarino contratado, o coreógrafo responsável pelo espetáculo, o professor de educação física, o recreador), o sentido que a dança ou o jogo tem para eles, as necessidades satisfeitas por tais atividades (expressar um sentimento, descarregar emoções, buscar através de situações imaginárias a satisfação de desejos que não podem ser satisfeitos imediatamente na realidade objetiva, adquirir habilidades necessárias para a vida social) cessam, se esgotam (como algo que foi consumido) com o final da dança ou da partida jogada? (CÂNDIDO; TEIXEIRA, 2009).

A corporalidade do ser humano, construída nas relações com o meio ambiente e os demais seres, foi determinando as possibilidades de organização espaço-temporal, social, cultural e política. É assim até hoje. Todos os seres humanos necessitam comer, beber, se abrigar, ter um espaço, acessar a cultura para viver. Cada ser humano que nasce traz em si a necessidade própria de toda a humanidade e, enquanto ser genérico, cada um produz e reproduz em si todas as necessidades da humanidade (TAFFAREL; ESCOBAR, 200[8]-b, p.1).

Apesar das formulações sobre a cultura corporal se concentrarem na sua maioria na questão escolar, é nas atividades articuladas pelas organizações dos trabalhadores e dos movimentos sociais, que seus objetivos são potencializados, atingindo resultados expressivos na questão da sua compreensão como instrumento para emancipação humana, e se coloca hoje como um grande desafio a ser conquistado.

As experiências com a educação no campo e, em especial, com a educação física, na formação de professores, de militantes culturais, de elevação da escolarização, estão se configurando como um grande desafio, frente às dificuldades e limites postos pela realidade brasileira no momento histórico que vivemos, e como uma importante possibilidade de materialização de experiências no campo da Educação Física na perspectiva Crítico-Superadora (TAFFAREL; ESCOBAR, 200[8]-b, p.17).

No caso específico dos movimentos de luta pela terra, as autoras irão indicar que:

Concomitantemente, para se reconciliar consigo, com seus semelhantes e com a terra, a humanidade terá que passar também por um violento e árduo processo revolucionário, no modo de desenvolver as forças produtivas, no modo de estabelecer as relações de produção e atribuição de valores e de trocas. ***A educação e a educação física, pelo seu objeto - a cultura corporal - devem estar sintonizadas com tal desafio histórico*** (TAFFAREL; ESCOBAR, 200[8]-b, p.2, grifos nossos).

Diante da discussão sobre cultura realizada no capítulo anterior, é que conseguimos agora avançar na compreensão da cultura corporal, entendendo-a como uns dos elementos que constitui o que Vieira Pinto chama de técnicas lúdicas, composta por atividades e/ou práticas corporais que em sua origem atendem os interesses livres da necessidade imediata da subsistência do ser social. Nesse sentido, a perspectiva da cultura corporal se torna o objeto de estudo da educação física, se diferenciando de outras concepções presentes na área que não partem de uma fundamentação materialista histórica e dialética da realidade, ou seja, evidenciam outro projeto histórico, com posição política contrária, como: a



cultura corporal de movimento, a cultura do movimento, a aptidão física e outras. Por conta da reflexão da cultura corporal ser alinhada aos interesses dos trabalhadores e da transformação social, é que a defendemos como objeto de estudo da educação física e como perspectiva a ser adotada pelas lutas sociais no seu processo formativo.

Antes de passarmos para uma breve apresentação de como esse conhecimento que chamamos de cultura corporal se constitui historicamente, deixaremos as palavras das próprias autoras para sintetizar a resposta da nossa pergunta inicial, mas afinal, o que é a cultura corporal?

[...] é o fenômeno das práticas [corporais] cuja conexão geral ou primigênia – essência do objeto e o nexos interno das suas propriedades – determinante do seu conteúdo e estrutura de totalidade, é dada pela materialização em forma de atividades – sejam criativas ou imitativas - das relações múltiplas de experiências ideológicas, políticas, filosóficas e outras, subordinadas à leis histórico-sociais. O geral dessas atividades é que são valorizadas em si mesmas; seu produto não material é inseparável do ato da produção<sup>56</sup> e recebe do homem um valor de uso particular por atender aos seus sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, agonísticos, competitivos e outros relacionados à sua realidade e às suas motivações. Elas se realizam com modelos socialmente elaborados que são portadores de significados ideais do mundo objetual, das suas propriedades, nexos e relações descobertos pela prática social conjunta (TAFFAREL; ESCOBAR, 200[6], p.3).

## 2.2 O DESENVOLVIMENTO DA CULTURA CORPORAL

Neste tópico iremos realizar uma breve apresentação da origem da necessidade histórica da cultura corporal. Destacaremos a forma hegemônica de manifestação da cultura corporal, e sua função principal no projeto ideológico do capital. A partir dessa análise, poderemos explicitar como a cultura corporal nos limites da sociabilidade do capital pode, ao mesmo tempo, contribuir para um projeto emancipador, participando da política cultural das organizações anticapitalistas.

### 2.2.1 A necessidade histórica da cultura corporal

---

<sup>56</sup> Considerando, nesse particular, as questões acima indicadas, na nota 52.

Os elementos da cultura corporal, em conjunto com as atividades artísticas e lúdicas compõem o que Vieira Pinto (2005) chama de técnicas lúdicas:

[...] trata-se da resolução de uma contradição, apenas não de contradição direta, irrecusável e imposta, e sim de contradição que, tendo fundamento na constituição necessária do conjunto de atos vitais reclamados para a sobrevivência, adquiriu outra modalidade e se trava entre o homem e as finalidades, agora porém gratuitas, que impõe a si próprio<sup>57</sup> (VIEIRA PINTO, 2005, p.210).

Essas atividades, ainda que não atendam a necessidades irrecusáveis e impostas pelo meio, são fundadas pelas mesmas. Enquanto elaborações livres se condicionam “a finalidades gratuitas surgidas pela vontade de imitação, não necessária, de atos efetivamente imperiosos como a caça, a contenda afinal, de que nascem os esportes e a luta contra os elementos” (VIEIRA PINTO, 2005, p.211). Nesse sentido, é que esses atos se originam de um ato vital coletivo imprescindível, constituindo-se como atividades indispensáveis enquanto uma imposição cultural – forma de vida mais elevada que ingressou o gênero humano, que com o passar do tempo, “torna-se interesse da atuação de alguns indivíduos, especializados por suas tendências, e termina, por força do uso cultural, por adquirir valor estético positivo, definitivamente fixado enquanto atividade criadora distinta” (VIEIRA PINTO, 2005, p.213).

As atividades corporais<sup>58</sup> ao longo da história da humanidade vêm atendendo diversas necessidades humanas<sup>59</sup>, desde as que se relacionam à existência imediata, como as que potencializam as capacidades do ser social. Na sua constituição com ser humano, os primatas tiveram que recorrer à sua corporalidade para garantir a sua existência, seja na sua defesa, na arte da caça, na construção dos abrigos, nos deslocamentos para fugir das

---

<sup>57</sup> Ainda que existam elementos da cultura corporal que atendem à necessidade de desenvolvimento da aptidão física do homem para exercitação, que julgamos ineliminável desse ser em estado social. O exemplo mais clássico de um desses elementos é a ginástica, uma forma sistematizada de exercitação corporal. Compreendemos que os elementos do condicionamento físico, a força, a flexibilidade, a agilidade e etc. foram e serão necessários ao homem em todas as formas sociais, seja para o trabalho ou para diversão. Cf. conclusão, p. 156.

<sup>58</sup> É bom lembrar, que nem toda atividade corporal faz parte da cultura corporal, ainda que a primeira seja responsável pela constituição da segunda, as atividades que se relacionam com o intercâmbio orgânico do homem com a natureza (o trabalho), não constituem o que chamamos de cultura corporal. Os elementos da cultura corporal não são responsáveis pela garantia direta da subsistência humana, ainda que se articule com a mesma. Isso é importante para não estabelecermos uma identidade entre o trabalho e as demais esferas da produção e reprodução da existência. Tratamos mais detalhadamente sobre a relação entre os complexos sociais no capítulo anterior.

<sup>59</sup> Para facilitar a compreensão da síntese histórica a seguir ver: Ponce (2005), Soares (1997) e Lyra Filho (1974).

intempéries da natureza. Nesse período a exigência de uma estrutura corporal forte e resistente era condição essencial, com o decorrer do seu desenvolvimento, com o processo de construção de ferramentas, armas mais sofisticadas, com o abandono gradativo do nomadismo, e com o início da domesticação dos animais, se diminui a centralidade da exigência física (força e resistência)<sup>60</sup>. Nesta fase as atividades corporais atendiam prioritariamente a necessidade imediata da subsistência, era comum que os que apresentavam deficiência física fossem sacrificados, ou mesmo servissem de alimento para seu grupo em tempos de grande fome.

Com o aprimoramento das técnicas, não mais os grupos com maior vigor físico dominavam os territórios, mas sim os que possuíam uma organização corporal orientada pelas novas criações humanas. Nem por isso a condição física deixou de ser uma preocupação constante da espécie, principalmente pelos confrontos entre os grupos humanos já organizados em núcleos. Nessa fase, principalmente guiados pelas lutas com outros povos, começou a ser ensinadas técnicas corporais de combate, ao contrário do período anterior, onde a atividade corporal se dava pura e simplesmente pela sua relação com a natureza, sem organização sistematizada, os objetivos ainda eram indicados pelo instinto de sobrevivência, assim como os outros animais.

Quanto mais elaboradas as criações humanas, expressão do desenvolvimento das forças produtivas, mais os homens atribuíam novos objetivos às práticas corporais, principalmente pela instituição de relações assimétricas de poder entre as camadas da sociedade, onde a produção dos meios de subsistência ficou destinada a uma parcela da população, alguns trabalhadores e escravos. A forma de organização social onde os homens exploram os próprios homens criou uma classe abastada que usufrui da riqueza produzida sem trabalhar - riqueza criada pelo trabalho alheio -, ficando livre para destinar seu tempo para as atividades que não requerem grande desgaste físico. Diante dessa nova circunstância, a classe dominante cria atividades corporais que tem por objetivo atender ao belo, a estética e a guerra, não mais a subsistência imediata, sendo essas atividades cultuadas e repassadas sistematicamente às suas gerações com o objetivo do enobrecimento. Com o “ócio digno” dessa classe, cria-se uma nova necessidade, a da nobreza através da beleza corporal atlética, e

---

<sup>60</sup> Isso pode ser observado nos estudos sobre a origem dos seres humanos, onde se percebe as diferenças físicas e de desenvolvimento tecnológico entre os Neandertal e os Cromanhos (grupo mais próximo da forma humana atual) que em curto tempo deu um grande salto qualitativo com o incremento de novas criações, possibilitando melhores condições de existência, já não mais totalmente dependente da condição física, agora podiam abater animais sem precisar necessariamente se aproximar deles, através da utilização de lanças pontiagudas e outros artefatos que economizavam os desgastes corporais e preservavam suas vidas - conforme aprendemos nos estudos publicizados pelos paleontólogos, hoje amplamente acessíveis em documentários como, por exemplo, aqueles produzidos pelo DISCOVERY CHANNEL.

do prazer, que em conjunto com as atividades espirituais (a política, as artes, a filosofia) irá constituir o verdadeiro cidadão, o modelo perfeito de homem. Enquanto isso, a classe dos trabalhadores e escravos continuava a depender predominantemente do seu esforço físico, para garantir a sua existência e a dos cidadãos (não-trabalhadores). Nesse período, surgem as atividades atléticas responsáveis pela preparação militar, as corridas, os lançamentos de pesos, as primeiras lutas, assim como as competições<sup>61</sup> que até nossos dias são apresentadas pelo lema *Citius, Altius, Fortius* (mais rápido, mais alto, mais forte).

Nesse breve retrospecto, chegamos ao feudalismo, onde o poder se concentrava nas mãos dos possuidores de terras (a Igreja, a Monarquia e a Aristocracia), que submetiam os trabalhadores à servidão para a produção de riqueza. Nesse período, por forte influência da igreja, as práticas corporais ganharam uma conotação depreciativa, principalmente as oriundas dos servos. Os festejos populares, principalmente relacionados com a colheita agrícola, eram marcados pelos jogos e danças comemorando os resultados da produção, ainda que a maior parte fosse destinada aos senhores. A presença dos circos nas feiras também era característica desta época, homens e mulheres que realizavam peripécias com seus corpos e acrobacias eram destaque entre as atividades apresentadas. Observamos aqui as práticas corporais atendendo novas necessidades humanas, o divertimento e o entretenimento<sup>62</sup>, não dos que praticavam, mas sim dos que assistiam entre eles os reis, os senhores e os servos<sup>63</sup>.

Essas atividades, ensinadas de geração em geração, ocasionam a formação de companhias e grupos mambembes. Esses trabalhadores circenses, mesmo sendo artistas, ainda assim se encontram entre aqueles que dependem prioritariamente do seu esforço físico para garantir a sua existência. Agora não mais produzindo diretamente os seus meios de subsistência, mas sim o produto diversão.

Até então os elementos da cultura corporal não tinham sido sistematizados com o intuito de ampliar os níveis de produção, só a partir da ascensão da burguesia ao poder e da revolução industrial, esse conhecimento será cada vez mais sistematizado com o intuito

---

<sup>61</sup> Nesse contexto é que surgem as Olimpíadas, em cerca de 2500 a.C., os gregos realizavam festivais esportivos em honra a Zeus no santuário de Olímpia - o que originou o termo olimpíada. Participavam apenas os cidadãos livres, disputando provas de atletismo, luta, boxe, corrida de cavalo e pentatlo (que incluía luta, corrida, salto em distância, arremesso de dardo e de disco. Ver mais em Lyra Filho (1973).

<sup>62</sup>“[...] as práticas corporais realizadas nas feiras, nos circos, onde palhaços, acrobatas, gigantes e anões despertavam sentimentos ambíguos de maravilhamento e medo [...] O circo é uma atividade que exerce grande fascínio na sociedade européia do século XIX. Ali o corpo é o centro do espetáculo, de todas as “variedades” apresentadas pela multifacetada atuação dos seus artistas” (SOARES, 1997, p. 13).

<sup>63</sup>“[...] no divertimento dos pobres, especialmente na 1ª metade do século XIX, vamos encontrar basicamente... “revistas de contos sentimentalóides, circos, pequenas exibições com uma atração principal, teatros mambembes e coisas semelhantes” (HOBBSAWM apud SOARES, 1997, p. 14).

de contribuir com o processo produtivo, no sentido de potencializá-lo, evitando esforços desnecessários e desenvolvendo métodos científicos de execução, no intuito de garantir a integridade física e a saúde para a produção<sup>64</sup>. Há aqui um esforço para que todas as esferas da vida atendam exclusivamente a explosão produtiva desta época. Ainda que com o incremento das máquinas a vapor, a utilização do esforço físico humano continuava mais do que necessária, considerando as longas jornadas de trabalho dos operários, classe essa agora responsável pela produção da riqueza da sociedade, sob o controle da burguesia. Neste período surgem os métodos ginásticos, as primeiras modalidades esportivas, as danças sistematizadas, essas restritas à classe dominante, a qual ainda possuía tempo e condições físicas para a sua realização. Aos produtores de riqueza, os trabalhadores, explorados ao máximo desde crianças, restam poucas possibilidades de prática corporal, inclusive com uma forte repressão as atividades que ofereciam risco à produção, por exemplo, as atividades circenses e acrobáticas, ou seja, continuam sem poder suprir as necessidades humanas até então já constituídas<sup>65</sup>.

Podemos observar, ao longo desse breve relato, o desenvolvimento do que chamamos hoje de cultura corporal. Percebemos como no confronto com as adversidades da natureza e na sua relação com os outros homens, o ser social vai transformando-a e ao mesmo tempo se auto-transformando, desenvolvendo técnicas e produzindo conhecimento de acordo com o avanço das forças produtivas e de suas velhas e novas necessidades produzidas historicamente. As práticas corporais foram adquirindo, com o passar dos anos, novas atribuições: garantia imediata da existência, preparação militar, satisfação do prazer, a estética, o divertimento, a saúde. Porém, devido ao modo de produção da existência vigente, essas necessidades não puderam ser supridas pela grande maioria da população, ou seja, ainda hoje muitos não podem usufruir das possibilidades plenas dos elementos da cultura corporal.

Nesse sentido é que discutiremos como se desenvolve a cultura corporal sob a égide do capital, que tem como objetivo predominante a produção de mais-valia, e o elevado grau de desumanização, potencializando assim, a incapacidade de desenvolvimento pleno do

---

<sup>64</sup> Nesse sentido, surgiu ao longo do século XIX, a Ginástica científica, que baseando-se nos estudos científicos se apresentou “como contraponto aos usos do corpo como entretenimento, como simples espetáculo, pois, trazia como princípio a utilidade de gestos e a economia de energia”, destacando que “a atividade física fora do mundo do trabalho, devia ser útil ao trabalho” (SOARES, 1997, p. 13).

<sup>65</sup> Mesmo sob forte pressão da ideologia dominante da Revolução Industrial (ou seja, burguesa), representada pelo Metodismo e pelo Utilitarismo, no início desse período “[...] o ano de um trabalhador ainda se compunha de ciclos de grande fadiga e provisões escassas, intercaladas por dias de festa, em que a bebida e a carne eram mais abundantes, as crianças ganhavam laranjas e fitas, e *as danças*, o namoro, as visitas sociais e *os esportes* envolviam o povo” (THOMPSON, 1987, p.287, grifo nosso). De acordo com o período datado pelo autor, o que ele chama de esportes, eram na verdade jogos, pois nesse período ainda não existiam modalidades institucionalizadas e sistematizadas que configuram o que chamamos hoje de esporte.

ser social. Acreditamos que será através da luta de classes que o ser social poderá avançar no seu processo de humanização, que sob a ordem do capital possui limites estreitos, e é nesse limite que consideramos importante o acesso ao mais avançado da produção humana, inclusive da cultura corporal. Todo esse esforço é no intuito de garantir ao ser social a possibilidade de ruptura com essa forma destruidora da humanidade, o capital, para que enfim numa sociedade sem classe o ser social possa se auto-construir de forma plena e omnilateral.

A seguir, situaremos o projeto de formação de homem no marco do capital a partir da análise da produção e da reprodução da força de trabalho. Compreendendo as alternativas de derrocada do capitalismo, apresentaremos uma reflexão sobre a participação da cultura corporal num projeto de formação para além do capital. Nessa empreitada utilizaremos como referência principal os escritos de Marx no livro I de *O Capital*. No primeiro momento realizaremos uma síntese sobre a força de trabalho presente na obra citada; no segundo, analisaremos a participação da cultura corporal no sistema de interiorização do capital<sup>66</sup>; no terceiro, apresentaremos uma síntese sobre as relações contemporâneas existentes entre capital, trabalho, e cultura corporal; e por fim, discutiremos a possibilidade de para além da recomposição necessária para o trabalho, como a cultura corporal organizada pelos trabalhadores sob a égide do capital, pode auxiliar no seu processo de emancipação.

### **2.2.2 Força de trabalho: a mercadoria determinante**

Na tarefa de apreender o capital na sua forma concreta, Marx inicia sua explicação partindo do que considera como forma elementar de riqueza, a mercadoria. Para ele a mercadoria, é “um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se ela se origina do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa” (MARX, 1988, p.45).

Nos primeiros capítulos de *O Capital*, o autor irá apresentar a estrutura da sua teoria do valor, demonstrando as especificidades e diferenciações históricas que se sucederam no modo de produção da existência, representado na esfera da produção pela passagem do processo de trabalho simples até a hegemonia do processo de valorização – específico da sociedade capitalista.

---

<sup>66</sup> Ver Mészáros, 2006.

Nesse estudo iremos tratar especificamente de uma mercadoria diferenciada das outras, uma mercadoria que durante o seu consumo é capaz de produzir o que o capital mais deseja, *mais valor*. Uma mercadoria maravilhosa aos olhos do capital, *a força de trabalho*, que se apresenta no processo de valorização como um crédito dado pelo trabalhador<sup>67</sup>, proprietário da capacidade de trabalho, ao capitalista, que usufruirá suas benesses – os produtos do trabalho e o mais valor. Marx descreve assim tal situação:

Para extrair valor do consumo de uma mercadoria, nosso possuidor de dinheiro precisaria ter a sorte de descobrir dentro da esfera da circulação, no mercado, uma mercadoria cujo próprio valor de uso tivesse a característica peculiar de ser fonte de valor, portanto, cujo verdadeiro consumo fosse em si objetivação de trabalho, por conseguinte, criação de valor. E o possuidor de dinheiro encontra no mercado tal mercadoria específica – a capacidade de trabalho ou a força de trabalho (Ibid, p. 135).

Para apresentar esta formulação o autor faz questão de esmiuçar todo o processo de produção culminando com a produção de capital, a mais-valia. Esforço necessário para acabar com todas as explicações, muitas vezes fantasiosas, de como a partir da produção de valores de uso pode-se chegar à produção de capital, e especificamente na sociedade capitalista, transformar dinheiro ou mercadoria em capital. A exemplo, Marx utiliza a análise de Condilac, que dentre outras apresentavam somente a circulação de mercadorias como fonte de mais-valia, descartando o princípio básico da troca de equivalentes:

É falso que na troca de mercadorias se troque valor igual por valor igual. Pelo contrário. Cada um dos contraentes sempre dá um valor menor por um valor maior. [...] Caso se trocassem de fato sempre valores iguais, então não haveria ganho para qualquer um dos contraentes mas os dois ganham ou deveriam então ganhar. Por quê? O valor das coisas baseia-se apenas em sua relação com nossas necessidades. O que para um é mais, é menos para o outro, e vice-versa. [...] Não se pressupõe que ofereçamos à venda coisas indispensáveis ao nosso consumo. Queremos dar uma coisa inútil para nós, a fim de conseguir uma que nos é necessária; queremos dar menos por mais. [...] Era natural julgar que na troca se dê igual valor por valor igual, sempre que cada uma das coisas trocadas era igual em valor ao mesmo quantum de dinheiro. [...] mas outra consideração precisa ainda entrar no cálculo; é de se perguntar se ambos trocamos um supérfluo por algo necessário (CONDILAC apud MARX, 1988, p.129).

---

<sup>67</sup> “Em todos os países com o modo de produção capitalista, a força de trabalho só é paga depois de ter funcionado durante o prazo previsto de contrato de compra. Portanto o trabalhador adianta ao capitalista o valor de uso da sua força de trabalho; ele deixa consumi-la pelo comprador, antes de receber o pagamento de seu preço; por toda parte, o trabalhador fornece crédito ao capitalista” (MARX, 1988, p. 139).

Diante destas falsas análises, o autor afirma que somente do intercâmbio ou circulação de mercadorias não se produz valor, e apresenta um dos enigmas do capital. “Capital não pode, portanto, originar-se da circulação e, tampouco, pode não originar-se da circulação. Deve, ao mesmo tempo, originar-se e não originar-se dela” (Ibid, p.134).

No intuito de desvendar esse enigma demonstra que para produzir mais-valia não existe nenhuma mágica, injustiça, ou infração das leis de intercâmbio, muito pelo contrário, o capitalista precisa respeitar as leis de liberdade comercial, as mercadorias devem ser trocadas em média pelo seu equivalente de valor, inclusive a *força de trabalho*, assim afirma Marx,

Para que, no entanto, o possuidor de dinheiro encontre à disposição no mercado a força de trabalho como mercadoria, diversas condições precisam ser preenchidas. O intercâmbio de mercadorias não inclui em si e para si outras relações de dependência que não as originadas de sua própria natureza. Sob esse pressuposto, a força de trabalho como mercadoria só pode aparecer no mercado à medida que e porque ela é oferecida à venda ou é vendida como mercadoria por seu próprio possuidor, pela pessoa da qual ela é a força de trabalho. Para que seu possuidor venda-a como mercadoria, ele deve poder dispor dela, ser, portanto, livre proprietário da sua capacidade de trabalho, de sua pessoa. Ele e o possuidor de dinheiro se encontram no mercado e entram em relação um com o outro como possuidores de mercadorias iguais por origem, só se diferenciando por um ser comprador e o outro, vendedor, sendo portanto ambas pessoas juridicamente iguais (Ibid, p.135).

No mercado, essa força de trabalho é comprada pelo capitalista das mãos de possuidores livres da força de trabalho, e somente sob essas condições é que é possível produzir capital. Mas já que o capitalista compra a força do trabalho pelo seu equivalente de valor, o que a diferencia das demais mercadorias possibilitando a criação de mais valor?

É importante lembrar que o valor das mercadorias é mensurado em relação ao tempo de trabalho social médio necessário para sua produção. Com a força de trabalho não é diferente, o seu valor é fixado com base nos custos diários de subsistência<sup>68</sup> do trabalhador. Então, o sucesso do capitalista se dá quando é identificado que o valor da força de trabalho e a

---

<sup>68</sup>“Dada existência do indivíduo, a produção da força de trabalho consiste em sua própria reprodução ou manutenção. Para sua manutenção o indivíduo vivo precisa de certa soma de meios de subsistência. O tempo de trabalho necessário à produção da força de trabalho corresponde, portanto, ao tempo de trabalho necessário à produção desses meios de subsistência ou o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência necessários à manutenção do seu possuidor” (Ibid, p. 137).



sua valorização no processo de produção são grandezas diferentes, atingido a última um valor superior à primeira<sup>69</sup> – “o capitalista previu o caso que o fez sorrir”.

Daí, a solução do enigma “*Capital não pode, portanto, originar-se da circulação e, tampouco, pode não originar-se da circulação. Deve, ao mesmo tempo, originar-se e não originar-se dela* (Ibid, p.134)”. A transformação do dinheiro ou da mercadoria em capital se dá por meio do intercâmbio, da circulação, pois é nessa esfera que ocorrem as relações de compra e venda da força de trabalho, porém, se dá fora dela, pois é na esfera da produção que acontece o processo de valorização. Marx sintetiza o processo de produção capitalista da seguinte forma,

Todas as condições do problema foram resolvidas e, de modo algum, as leis do intercâmbio de mercadorias foram violadas. Trocou-se equivalente por equivalente. O capitalista pagou, como comprador, toda mercadoria por seu valor, algodão, massa de fuso, força de trabalho. Depois fez o que faz qualquer outro comprador de mercadorias. Consumiu seu valor de uso. Do processo de consumo da força de trabalho, ao mesmo tempo processo de produção de mercadoria, resultou um produto de 20 libras de fio com um valor de 30 xelins. O capitalista volta agora ao mercado e vende a mercadoria, depois de ter comprado mercadoria. Vende a libra de fio por 1 xelim e 6 pence, nenhum centavo acima ou abaixo de seu valor. E, não obstante, tira da circulação 3 xelins mais do que nela lançou (Ibid, p. 153)<sup>70</sup>.

Diante do apresentado fica evidente o porquê da força de trabalho ser a mercadoria central na “imensa coleção de mercadorias” da sociedade capitalista. Porém, essa mercadoria indispensável à produção e reprodução do capital, apresenta especificidades para que sua utilização satisfaça plenamente ao seu comprador. Devem ser garantidas as condições mínimas necessárias para a produção e a reprodução da força de trabalho, e sendo ela a única propriedade – e indissociável – do trabalhador, o mesmo precisa estar em boas condições para poder vendê-la ao capitalista, pois essa é a sua única forma de manter-se vivo.

Nesse sentido, a recomposição da força de trabalho é de extrema importância tanto para o capital como para os trabalhadores. Marx ressalta que, “[...] se não é vendida, de nada serve ao trabalhador, ele então a percebe muito mais como uma cruel necessidade natural que a sua capacidade de trabalho tenha exigido determinado quantum de meios de subsistência para sua produção e constantemente exige de novo para a sua reprodução” (Ibid,

<sup>69</sup>“A circunstância de que a manutenção diária da força de trabalho só custa meia jornada de trabalho, apesar de a força de trabalho poder operar, trabalhar um dia inteiro, e por isso, o valor que sua utilização cria durante um dia é o dobro de seu próprio valor de um dia, é grande sorte para o comprador, mas, de modo algum, uma injustiça contra o vendedor” (Ibid, p. 153).

<sup>70</sup> O capitalista nesse exemplo investiu 27 xelins (24 xelins de capital constante e 3 de capital variável), e no final da venda do fio pelo seu valor, obteve 30 xelins, resultando numa mais valia de 3 xelins.

p. 139). Diante dessa circunstância o possuidor da força de trabalho é forçado a vendê-la ao capitalista para garantir a sua existência, no sentido liberal da situação ele é livre para escolher se vive ou se morre.

Iremos nos concentrar, a partir de agora, especificamente no processo de recomposição da força de trabalho, compreendendo-o como fundamental para o desenvolvimento da classe trabalhadora. Torna-se necessário dizer que “por força de trabalho ou capacidade de trabalho entendemos o conjunto das faculdades físicas e espirituais que existem na corporalidade, na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento toda vez que produz valores de uso de qualquer espécie” (Ibid, p. 135). E dessa forma é preciso na luta contra o capital garantir um princípio ontológico básico do ser social, a necessidade de estar em condição de poder viver, e assim, fazer história.

A recomposição da força de trabalho sob o jugo do capital, apresenta contradições e artimanhas que têm como objetivo manter a situação atual das coisas, e se possível acentuá-las a favor do capital, por isso, a tarefa de destruí-lo é árdua. Os trabalhadores organizados nessa empreitada precisam manter-se vivos para promover ataques e organizar um processo revolucionário, mas ao mesmo tempo, precisam vender sua força de trabalho aos capitalistas, alimentando a insaciável fome do capital por mais valor, assim, sustentam e fortalecem o inimigo a ser derrotado.

O capitalista (comprador da força de trabalho) cria todas as condições necessárias para consumir ao máximo as mercadorias por ele compradas. Nesse sentido, irá consumir o quanto for possível da força de trabalho também, no primeiro momento ampliando sua jornada de trabalho (mais-valia absoluta) e, em seguida, incrementando com o desenvolvimento das forças produtivas, novas técnicas, máquinas e novas formas de organização e gestão da produção (mais-valia relativa) todos imbuídos numa só tarefa, a produção de mais-valia<sup>71</sup>.

Temeroso por reduções na taxa de mais-valia<sup>72</sup>, o capitalista desenvolve instrumentos que possibilitam ampliar sua produtividade. O aumento do desenvolvimento das forças produtivas acarreta, num sentido proporcionalmente inverso, uma redução do valor das mercadorias e, portanto, da força de trabalho. Isso permite ao capitalista transformar parte do tempo de trabalho necessário, agora reduzido, em mais-trabalho, ou seja, ampliar o grau de

---

<sup>71</sup> “A mais-valia produzida pelo prolongamento da jornada de trabalho chamo de mais-valia absoluta; a mais-valia que, ao contrário, decorre da redução do tempo de trabalho e da correspondente mudança da proporção entre os dois componentes (trabalho necessário e mais-trabalho) da jornada de trabalho chamo de mais-valia relativa” (Ibid, p.239).

<sup>72</sup> “A taxa de mais-valia é, por isso, a expressão exata do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista” (Ibid, p. 169).

exploração da força de trabalho, o que não altera em nada seu contrato com o possuidor da mesma.

Porém, esse empreendimento do capital não ocorre harmonicamente, a fórmula geral do capital é em si auto-destrutiva, para produzir sua vida ele precisa produzir sua morte. Isso ocorre justamente pela necessidade de diminuição dos valores das mercadorias, para a manutenção e aumento dos lucros, o que com o desenvolvimento das forças produtivas e com o aumento da produtividade, promove uma diminuição na utilização da força de trabalho, ou seja, um *dispensamento* tendencial desta mercadoria, provocando uma redução de sua taxa de acumulação (TUMOLO, 2005).

Desenvolve-se então, em escala cada vez maior o que Mézáros chama de *exército de sobrantes*, e como preço pago para o desenvolvimento do capital acarreta-se a destruição da força humana de trabalho, sua única fonte de criação, esse processo social contraditório é discutido por Tumolo nos seguintes termos:

[...] De um lado, a força de trabalho supérflua, que foi produzida pelos trabalhadores como valor de troca, mas que, não sendo valor de uso para o capital, é totalmente aniquilada, engrossando as estatísticas de desemprego, fenômeno que, pelas razões expostas, é insolúvel nos marcos do capitalismo. De outro lado, a força de trabalho ainda aproveitada e consumida pelo capital, que, tendo em vista a diminuição de seu valor individual, não consegue se reproduzir a não ser de forma atrofiada e débil, comprometendo sua própria condição de produtora de mais-valia e de capital (TUMOLO, 2005, p.18).

A recomposição orgânica do possuidor da força de trabalho é estritamente de caráter fisiológico, pois, apesar de apresentarem diferenças qualitativas, as atividades produtivas são antes de tudo “dispêndio produtivo de cérebro, músculos, nervos, mãos etc. humanos”, e precisam de um conjunto de condições para se efetivar. Marx, citando Thornton, ressalta que:

A soma dos meios de subsistência deve, pois, ser suficientes para manter o indivíduo trabalhador como indivíduo trabalhador em seu estado de vida normal. As próprias necessidades naturais, como alimentação, roupa, aquecimento, moradia etc., são diferentes de acordo com o clima e outras peculiaridades naturais de um país. Por outro lado, o âmbito das assim chamadas necessidades básicas, assim como, o modo de sua satisfação, **é ele mesmo um produto histórico e depende, por isso, grandemente do nível cultural de um país, entre outras coisas também essencialmente sob que condições, e, portanto, com que hábitos e aspirações de vida, se constitui a classe dos trabalhadores livres** (THORNTON apud MARX, 1988, p. 137, grifos nossos).

Tomamos como referência o destaque da citação acima, complementada pela compreensão de que:

A Natureza não produz de um lado possuidores de dinheiro e de mercadorias e, de outro, meros possuidores das próprias forças de trabalho. Essa relação não faz parte da história natural nem tampouco é social, comum a todos os períodos históricos. Ela mesma é *evidentemente o resultado de um desenvolvimento histórico anterior, o produto de muitas revoluções econômicas, da decadência de toda uma série de formações mais antigas da produção social* (Ibid, p.136, grifos nossos).

Partindo destas considerações adentraremos na análise de como a classe trabalhadora, imersa nas contradições próprias da sociedade do capital, pode desenvolver seu potencial revolucionário, utilizando-se de elementos próprios, que se referem diretamente à sua formação cultural e, mais especificamente, à sua cultura corporal, com o intuito de garantir a existência e ao mesmo tempo organizar a derrocada desse sistema que a faz sucumbir<sup>73</sup>, empreendendo as bases do projeto socialista.

### **2.2.3 A contribuição da educação e da cultura corporal para além da recomposição e disciplinação da força de trabalho na ordem social do capital**

Sob os ditames estritos da sociedade capitalista, os elementos da cultura corporal atendem prioritariamente aos anseios de recompor e disciplinar a força de trabalho, restringindo a capacidade de desenvolvimento do ser social e transformando-o apenas em produtor de mais-valia. Harvey chama atenção para a condução da disciplinação dos trabalhadores na sociedade capitalista:

---

<sup>73</sup> “[...] E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida)[...]”  
(João Cabral de Melo Neto).

A disciplinação da força de trabalho para os propósitos de acumulação do capital [...] é uma questão muito complicada. Ela envolve, em primeiro lugar, alguma mistura de repressão, familiarização, cooptação e cooperação, elementos que têm de ser organizados não somente no local de trabalho como na sociedade como um todo. A socialização do trabalhador nas condições de produção capitalista envolve o controle social bem amplo das capacidades *físicas e mentais*. (HARVEY, 2005, p.119, grifo nosso)

Na tarefa de relacionar a educação com as formas de gestão e organização do trabalho produtivo   necessário ter a compreensão ampliada do conceito de educação. Esse conceito deve extrapolar a esfera da escola, do sistema formal de ensino, pois no empreendimento de formar o trabalhador de acordo com seus interesses, o capital utilizar  todos os recursos possíveis, seja na esfera formal e/ou informal de ensino, de maneira direta e/ou indireta. E para que essa investida do capital sobre o trabalho tenha sucesso, fazem-se necessárias mudan as na organização da produção, é preciso formar um novo trabalhador, apto às demandas atuais do capital, necessita-se “educar” para controlar o trabalhador (SEGNINI,1996).

Para atingir seus objetivos, o capital precisa de um aparato institucional, papel cumprido pelo Estado que com sua estrutura organizativa favorece o desenvolvimento capitalista através da implementação de políticas governamentais que atendem aos seus anseios e, ao mesmo tempo, cont m a reação dos trabalhadores. Assim, cabe ao Estado capitalista a obrigação de educar, de formar o novo homem, adestrando-o aos ditames dos modelos de organização do trabalho, o que é enfatizado principalmente a partir do taylorismo.

Desta maneira, ganha destaque a reflexão de Kuenzer:

O novo tipo de produção racionalizada demandava um novo tipo de homem, capaz de ajustar-se aos novos métodos de produção, para cuja educação eram insuficientes os mecanismos de coerção social; seria necessário articular novas competências a novos modos de viver, pensar e sentir, e que fossem adequados aos novos métodos de trabalho caracterizados pela automação, ou seja, pela ausência de mobilização de energias intelectuais e criativas no desempenho de tarefas<sup>74</sup>. O novo tipo de trabalhador exigia uma nova concepção de mundo que fornecesse ao trabalhador uma justificativa para a sua crescente alienação e, ao mesmo tempo, suprisse as necessidades do capital com um homem cujos comportamentos e atitudes respondessem às suas demandas de valorização. “  nesse sentido que a hegemonia, além de

---

<sup>74</sup>   preciso deixar claro que não existe “ausência de mobilização de energias intelectuais” em nenhuma ação do gênero humano (exceto no caso de deficiência mental), no máximo   possível existir atividades que não requerem grandes esforços intelectuais.

expressar uma reforma econômica, assume as feições de uma reforma intelectual e moral” (KUENZER, 1985, p.52).

De acordo com as mudanças nas bases materiais de produção é preciso capacitar o novo trabalhador - isso pode ser observado do taylorismo à acumulação flexível - capacitação essa que acirra cada vez mais a contradição entre capital e trabalho, e aprofunda a fragmentação das atividades humanas em intelectual e material. Alterações aparentes na capacitação acontecem, ao longo dos anos, não com o objetivo de reconstituir a unidade rompida, mas para evitar todas as formas de perda e assim ampliar as possibilidades de valorização do capital. “No âmbito da pedagogia toyotista, as capacidades mudam e são chamadas de ‘competências’”, mas na sua essência cumprem a mesma função (KUENZER, 2005).

Esse processo de disciplinação é de tal importância para o capital que, mesmo com a ação do Estado ao seu favor, os capitalistas não querem perder o controle desse processo. Como garantia de sua intervenção eles atuam diretamente na elaboração e implementação de projetos, através de seus agentes de mediação, no caso brasileiro: Banco Mundial e o FMI; e de organizações civis como: o “Sistema S”<sup>75</sup> e as Ongs (FERRETI, 2005).

O desafio desse estudo é refletir sobre como dentro das contradições do capital, a classe trabalhadora, em franco processo de degradação, pode desenvolver atividades que possibilitem a sua emancipação e a derrocada do capital. Tarefa que se torna cada vez mais complicada diante da atual subsunção da vida humana à ordem social vigente, tal como descreve Tumolo,

[...] Da atividade fabril, que era, no século XIX, praticamente o único espaço econômico onde se estabelecia a relação especificamente capitalista e, por conseguinte, a produção da mais-valia, o capital penetrou e dominou quase todos os outros setores e atividades: agricultura, transporte, pesquisa e tecnologia, comunicações, saúde, educação, serviços, cultura, entretenimento e esporte etc., sem contar com um dos ramos mais cobiçados e lucrativos, a saber, a indústria bélica [...] (TUMOLO, 2003, p. 173).

O avanço do controle do capital sob todas as esferas da vida social promove uma unificação entre os interesses do setor de produção, dentro e fora do espaço de trabalho, ou seja, estabelece uma relação sincronizada para a produção de mais-valia. Mas, para

---

<sup>75</sup> O “Sistema S” é composto por instituições de formação profissional ligadas ao empresariado, mantidas por contribuição parafiscal. São elas SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), SENAT (Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte), e SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) (FERRETI, 2005).

garantir tal controle, o capital utiliza um sistema de interiorização, do qual destacamos a educação e o lazer, atividades que evidenciam relação direta e indireta com as demandas do sistema produtivo.

No caso da educação percebemos essa associação de forma precisa ao entendê-la, além de fortemente determinada pelas relações sócio-econômicas de seu contexto histórico, como responsável pela produção e reprodução da estrutura de valores da sociedade na qual está inserida. “Nenhuma sociedade pode perdurar sem seu sistema próprio de educação”, em conseqüência, a questão crucial para qualquer sociedade estabelecida, é a reprodução bem-sucedida de tais indivíduos, cujos “fins próprios” não negam as potencialidades do sistema de produção dominante”. E mais, as atividades produtivas e as relações sociais de produção não se perpetuam automaticamente, necessitam de um complexo educacional para poderem ser levadas a cabo (MÉSZÁROS, 2006).

Essa situação configura o que Tumolo chama de *locus* do capital, “[...] Tudo isso significa, portanto, o coroamento da articulação orgânica do ‘espaço de trabalho’ e do ‘espaço fora do trabalho’ num único e mesmo ‘espaço’, o *locus* do capital (TUMOLO, 2003, p. 174). Confirmando que o projeto hegemônico de formação dos indivíduos se limita pura e simplesmente a produzir e consolidar as condições para a produção de mais-valia, o que minimiza a capacidade dos trabalhadores de organizar a luta contra seu inimigo, o capital.

Posicionamo-nos de maneira contrária àqueles que apontam como alternativa, nesse desafio, a concentração dos esforços da classe trabalhadora apenas na educação como possibilidade de sua emancipação. Também estamos em discordância com aqueles que defendem a absolutização total das coisas, sob o argumento de que é degenerado tudo o que é produzido no seio de uma sociedade degenerada. Alinhamo-nos com os que conseguem compreender a importância da elevação do nível do padrão cultural da classe trabalhadora, sem dissociá-la da tarefa principal que se apresenta da luta de classes, o confronto direto com os capitalistas.

Nesse sentido, enveredamos pela possibilidade da classe trabalhadora usufruir de todo patrimônio histórico da humanidade, de todos os avanços, inclusive os empreendidos pela sociedade burguesa, para utilizá-los no processo revolucionário<sup>76</sup> e na construção do socialismo.

---

<sup>76</sup> Entendemos a revolução de acordo com a definição de Trotski: “A Revolução é a luta da classe operária para conquistar o poder, estabelecer seu domínio, reconstituir a sociedade. Ela passa pelos pontos mais elevados, os mais agudos paroxismos de uma luta sangrenta. Permanece, no entanto, una e indivisível em todo o seu curso, desde o tímido início até o término ideal, quando o Estado organizado pela Revolução se dissolverá na sociedade comunista” (TROTSKI, 2007, p.89-90).

Apontamos a importância da formação da classe trabalhadora sobre outros pilares, tendo a revolução como a ordem do dia. Os trabalhadores historicamente já demonstraram que é possível e necessário um outro projeto de formação, uma outra forma de utilização do “espaço fora do trabalho”. Nesse sentido, a cultura corporal contribuirá na formação dos trabalhadores para além da necessidade única da recomposição da força de trabalho, da sua utilização no processo de alienação<sup>77</sup>.

No contexto atual do capital, as práticas corporais perdem sua ênfase na formação básica dos trabalhadores e, ao mesmo tempo ganham destaque enquanto mercadoria de luxo (NOZAKI, 2004). E quando atreladas ao trabalho na sua forma capitalista, estão sempre ligadas ao processo de alienação e recomposição da força de trabalho. Segundo Mézáros,

Seria ilusório esperar modificações significativas, nesse aspecto. A única forma de contabilidade conhecida do capitalismo é uma estreita contabilidade monetária, e o exame sério dos problemas do “tempo livre” (não do “lazer” ocioso) exige uma abordagem radicalmente diferente: a instituição de uma *contabilidade social*, numa sociedade que tenha conseguido emancipar-se das pressões mutiladoras das mediações de segunda ordem da produção de mercadoria. Como vimos, a ideologia burguesa, já desde Adam Smith, só podia examinar o problema da educação e do lazer em termos limitadamente utilitários: como “diversão da mente”, destinada em parte a restabelecer as energias do trabalhador para a monótona rotina do dia seguinte, e em parte mantê-los longe dos desperdícios da “libertinagem” (MÉSZÁROS, 2006, p. 278).

Os trabalhadores não podem ficar reféns dessa situação, por isso, precisam urgentemente desenvolver projetos alternativos para sua formação ainda que sob o jugo do capital<sup>78</sup>. Somente nessas condições será possível construir um modelo de sociedade para além do capital, processo que se dará através da revolução social exemplificada historicamente por Trotski,

A Revolução cresce com o primeiro carrinho de mão no qual os escravos irritados expulsam da fábrica o inspetor, com a primeira greve na qual se

---

<sup>77</sup> O que pode significar o afastamento da vida voltada ao trabalho, do início ao fim, enquanto meio para produção e reprodução do capital. “A concepção do “tempo livre” como veículo que transcende a oposição entre o trabalho mental e o físico, entre a teoria e a prática, entre criatividade e rotina mecânica, e entre fins e meios, sempre ficou muito longe do horizonte burguês” (MÉSZÁROS, 2006, p. 278).

<sup>78</sup> Para isso a compreensão de história desenvolvida por Marx e Engels na *Ideologia Alemã* é fundamental, pois nos ajuda a pensar em uma ruptura qualitativa dentro de continuidades de condições anteriores. Conforme as palavras de Trotski: “[...] Uma nova classe não recomeça a criar toda a cultura desde o início, mas se apossa do passado, escolhe-o, retoca-o, o recompõe e continua a construir daí. Sem o uso do guarda-roupa de “segunda mão” do passado não haveria progresso no processo histórico” (TROTSKI, 2007, p.143).



recusam a trabalhar para o patrão, com o primeiro círculo clandestino no qual o fanatismo utópico e o idealismo revolucionário se alimentam da realidade das feridas sociais. Ela sobe e desce, oscilando ao ritmo da situação econômica, de seus altos e baixos. Com os corpos sangrando, abre a passagem na arena da legalidade estabelecida pelos exploradores, instala suas antenas e, se necessário, camufla-as com outras cores. Constrói sindicatos, caixas de seguros, cooperativas e círculos de educação. Penetra nos parlamentos hostis, funda jornais, agita e simultaneamente seleciona sem descanso os mais corajosos, os mais devotados, os melhores elementos da classe operária, e constrói seu próprio partido. As greves terminam com maior frequência em derrotas ou meias-vitórias. Outras vítimas e novamente o sangue derramado marcam as manifestações que deixam traços na memória da classe, reforçam e temperam a união dos melhores, o partido da Revolução (TROTSKI, 2007, p.90)

Diante dessa análise, iremos contextualizar a utilização pelo capital dos elementos da cultura corporal para formação do novo trabalhador, destacando o fenômeno Esporte e a Educação Física como sua forma predominante no modo capitalista de produzir a existência.

#### **2.2.4 Relações contemporâneas entre capital, trabalho e cultura corporal**

Ao contrário dos que defendem a neutralidade política das práticas corporais, iremos apresentar uma breve exposição das relações, semelhanças e objetivos, do Lazer, Esporte e da Educação Física escolar, com o trabalho na forma capitalista.

O esporte moderno se desenvolve em meados do século XVIII e se intensifica no final do século XIX e início do XX, na Europa, principalmente na Inglaterra, apresentando sete características básicas: secularização; igualdade de chances; especialização precoce; racionalização; burocratização; quantificação; busca de *record* (GUTTMANN, 1979 apud BRACHT, 2005). Aparecem já as primeiras semelhanças do esporte com o trabalho industrial, e não foi por acaso que se desenvolveu na Inglaterra, seio da industrialização mundial.

Olhar o Desporto isolado, fora do contexto de inter-relações é atribuir-lhe uma autonomia inexistente. As visões idealistas de que o desporto é algo bom em si mesmo e que paira acima dos conflitos e confrontos humanos e sociais, já foram severamente criticadas por estudiosos como Nibert Elias, Bourdieu, Bracht, Assis de Oliveira, entre outros (TAFFAREL, 2000, p.603).

Aprofundando as semelhanças do esporte com a organização do trabalho, principalmente a partir do séc. XX, Rigauer apresentou a tese das semelhanças do trabalho industrial e o esporte de rendimento, ambos tendo características básicas: disciplina, autoridade, concorrência, rendimento, racionalidade técnica, organização e burocratização (RIGAUER, 1969 apud BRACHT, 2005). O autor demonstra ainda a afinidade do esporte e do trabalho industrial a partir dos seguintes aspectos: paralelismo entre as medidas de racionalização nos sistemas de ação do esporte de rendimento e trabalho; métodos complexos de trabalho e treinamento esportivo; a cientifização do trabalho e do treinamento esportivo; o refinado taylorismo do mundo do trabalho encontra um correspondente no treinamento do esporte de alto rendimento; execução repetitiva e sobrecarga são características tanto do trabalho como do moderno treinamento; caráter de mercadoria de ambos; e métodos analíticos de aprendizagem dos movimentos (RIGAUER, 1969 apud BRACHT, 2005, p. 33).

Além das semelhanças com o taylorismo/fordismo, percebe-se na produção teórica do Toyotismo as particularidades dos termos e objetivos utilizados também no esporte.

[...] o Sistema Toyota faz apelo “à habilidade e ao talento dos jogadores individuais” que devem agir como uma “equipe envolvida em atingir um objetivo preestabelecido”. Para isto, “é necessário um sistema de gestão total que desenvolva a habilidade humana até sua mais plena capacidade, a fim de melhor realçar a criatividade e a operosidade” das individualidades envolvidas na produção (OHONO, 1997,p.30). E ainda: “o treinador”, eufemismo utilizado para designar o chefe de um determinado grupo de trabalhadores, deve “pegar as mãos dos operários e ensiná-los. Isso gera confiança no supervisor. Ao mesmo tempo, os operários devem ser ensinados a ajudar uns aos outros” (OHONO, 1997, p.27 apud SANTOS, 2006, p.225-226).

Essa relação direta do esporte com o trabalho industrial, e a propagação da neutralidade em relação aos problemas sociais, serviram para tornar o esporte de rendimento num fenômeno social de grande proporção e aceitação em todo mundo. A indústria esportiva vem apresentando grandes índices de desenvolvimento nos últimos anos, e seus princípios tornaram-se hegemônicos em relação às outras práticas corporais, seja no sistema formal ou informal de educação.

No que trata das práticas corporais fora do sistema formal de ensino, ela é também atrelada diretamente ao trabalho, pois os conteúdos e o tempo disponível para essas atividades são controlados através do sistema de interiorização do capital. Esse tempo liberado que no modo capitalista de produção nada tem de livre, serve diretamente para a recomposição da força de trabalho e sua dominação pelo capital.

Nesse contexto é que surge o Lazer, como momento de “liberdade” do trabalhador para atividades fora do tempo de trabalho. As atividades de lazer geralmente são organizadas no intuito de contribuir com o processo de alienação dos trabalhadores, assim como, impossibilitam a organização dos mesmos enquanto classe. Como exemplo clássico, podemos observar as comemorações do dia 1º de maio – Dia do trabalho – marcado pelas atividades esportivas, no caso brasileiro pelas competições de Futebol, em detrimento de atividades que discutam o próprio dia comemorativo, ou a situação atual das relações de trabalho. Nos dias de hoje, a indústria do Lazer - que também se destacou nos últimos anos - se encarrega de organizar o que o trabalhador deve fazer nesse tempo liberado.

Na esfera escolar as práticas corporais não se diferenciam muito das atividades fora dela, o esporte de rendimento com seus objetivos já citados aqui, predomina no sistema educacional, preparando a futura força de trabalho para o momento posterior, e para o consumo dos materiais da indústria esportiva. Percebe-se que a Educação Física, disciplina escolar responsável pelo trato com os conhecimentos da cultura corporal, desde sua participação na escola em meado do século XIX, ainda que impregnada pela concepção médico-higienista, já se apresentava com o intuito de combater as mazelas da vida urbana e de formar a força de trabalho cada vez mais produtiva, de acordo com as necessidades da política econômica e ideológica da burguesia brasileira.

As práticas corporais se destacam atualmente pela sua forma de expressão na realidade social dos trabalhadores na forma de uma qualidade de vida a ser comprada – em geral, com a indústria do *fitness*, e dentro da esfera do trabalho, por meio da Ginástica Laboral, alternativa paliativa para os problemas das árduas horas de trabalho e o alto grau de exploração dos trabalhadores.

Para demonstrar o equívoco e a intenção dos que defendem que as atividades corporais são desprovidas de qualquer intencionalidade política, apresentaremos mais um elemento para essa discussão, a ação dos capitalistas no controle e organização das práticas corporais dos trabalhadores, que no Brasil é representada pelo “Sistema S”, organização civil do empresariado brasileiro<sup>79</sup>. Essa organização se destaca entre outras atividades realizadas,

---

<sup>79</sup> Requixa (1977) confirma tal análise de forma insuspeita, já que ele propala as atividades deste sistema defendendo sua positividade, longe de qualquer pretensão revolucionária, conforme podemos asseverar em seu escrito:

Problemas decorrentes da falta de aparelhamento das cidades para atender os novos contingentes humanos, imediatamente se fizeram sentir em todos os setores: transporte, habitação, assistência, recreação e outros serviços. Ademais, os hábitos, costumes e formas de vida, que se exprimem através de maneiras de pensar, sentir, agir, diferindo no homem do campo e no homem da cidade, permitiam o surgimento de conflitos entre as novas exigências e os padrões tradicionais de comportamento.

pelo grande investimento no que se refere às práticas corporais e de lazer dos trabalhadores, intervindo na capacitação de profissionais, assessoria de projetos, realização de eventos<sup>80</sup>, congressos, construção de clubes, dentre outros. Configuram o esforço dos capitalistas em controlar a vida dos trabalhadores.

Outra opção oferecida pelo atual projeto societal é a utilização da educação, das artes e dos elementos da cultura corporal como a salvação das mazelas produzidas, e/ou para recuperação das vítimas desta forma social. Isso pode ser observado pelas iniciativas do terceiro setor<sup>81</sup>, capitaneados pelas ONG's que se proliferaram realizando atividades “sócio-educativas”, “artístico-educativas” e esportivas, com o objetivo de oferecer para as pessoas em “risco social” uma formação para a empregabilidade e para a sustentabilidade no capital.

Essas organizações da sociedade burguesa promovem por meio de atividades elaboradas com os elementos da cultura corporal uma formação que ilude principalmente as crianças e jovens pobres do nosso país, inculcando-lhes que é possível “vencer na vida”, “ser um bom cidadão”, através destas atividades. Enquanto os filhos da burguesia têm o acesso a uma formação que lhes oferecem o que há de mais avançado no campo intelectual, tecnológico e da cultura corporal. Proporcionando uma grande ilusão, uma anestesia social, uma formação que atende aos objetivos da burguesia para os trabalhadores, com o intuito de mantê-los sob seu controle e garantindo a perpetuação da sua dominação de classe.

Nessa breve discussão, percebe-se a relação permanente, mediada, e necessária entre os elementos da cultura corporal e o trabalho. O capital não abre mão de desenvolver um controle sobre o trabalhador, perpetuando sua capacidade de destruição da vida humana, tentando impedir a todo custo a organização e o desenvolvimento da consciência de classe dos trabalhadores, e nesse esforço utiliza-se também das práticas corporais.

Nesse sentido, foi que procuramos compreender como se dá a produção e reprodução da existência dos trabalhadores sob o jugo do capital, observada através da análise das questões referentes à mercadoria força de trabalho, única propriedade da maioria dos trabalhadores. Por mais que sejam eles os produtores de toda a riqueza, sob esta lógica, nada resta senão a morte, ou seja, levar sua pele ao curtume do capital. Perante esse contexto, é que

---

Sensíveis à situação que se delineava, as classes empresariais propõem ao Governo Federal o custeio de instituições que trouxessem ativa contribuição para o equacionamento e solução dos problemas emergentes. O Governo federal aceita a proposição e, em 1946, autoriza a Confederação Nacional da Indústria e a Confederação Nacional do Comércio a criarem, respectivamente, o SESI e o SESC, a serem mantidos, exclusivamente, através de contribuição compulsória do empresariado industrial e comercial brasileiro (REQUIXA, 1977, p.32).

<sup>80</sup> Como exemplo o ENAREL (Encontro Nacional de Recreação e Lazer) evento apoiado pelo “Sistema S”.

<sup>81</sup> Para entender sobre essa questão ver Montañó (2003).

consideramos a organização e a luta revolucionária a única alternativa para um rompimento com a lógica do capital e uma possível emancipação humana.

A cultura corporal, assim como as artes, transcendem as atividades vitais que lhes dão origem, realizando uma passagem do funcional ao lúdico. Na sociedade do capital podemos observar uma transformação do lúdico para atender os anseios da produção de mais-valia, incorporando uma funcionalidade também ao lúdico, prendendo-o ao utilitarismo comum nas relações sociais do capital.

No capital todas as atividades devem cumprir uma função e/ou contribuir na atividade produtiva, ou então deve ser eliminada para evitar desperdício de energia, apresentando uma tendência crescente de extinção do que ainda há de humano nas relações sociais contemporâneas. As atividades da cultura corporal como constituinte das técnicas lúdicas devem ter um fim em si mesmas, nessa forma social passam a ser um meio para solucionar algo fora da esfera da própria atividade, como exemplos recorrentes: a qualidade de vida, sustento financeiro, e também educacional, como no caso da educação formal.

A perspectiva hegemônica das práticas corporais alinha-se ao sistema de interiorização do capital, indo contra os interesses da classe trabalhadora, favorecendo o processo de alienação, no intuito de transformá-los em meros produtores descartáveis de mais-valia. Por isso, nos preocupamos em identificar como o trato com o conhecimento da cultura corporal pode contribuir com os trabalhadores nesse desafio de superação do capital.

### 2.3 A CULTURA CORPORAL PARA ALÉM DO CAPITAL

Procuramos entender como o trato com a cultura corporal pode possibilitar a superação do modo de produção capitalista, qual a sua participação na manutenção do *status quo* vigente, e como esta pode servir à classe trabalhadora na sua luta contra o capital. Reconhecemos que as práticas corporais precisam contribuir com o processo de emancipação humana, sendo de fundamental importância combater as teorias que irão dissociar a educação e a cultura corporal das relações de produção, pois essas, ao contrário do que dizem, possuem um posicionamento político definido que visa manter a classe trabalhadora sob os ditames do capital.

Diante das contradições próprias da forma como o capital se organiza é que encontramos os motivos para sua derrocada, concordando com a análise de Coggiola, segundo

a qual: “Se é correto apontar que a lógica capitalista cria as bases da barbárie, é unilateral fazê-lo sem dizer que cria ao mesmo tempo as bases do contrário da barbárie: a revolução socialista mundial” (2001, p.40). Por isso, compreender como os trabalhadores podem organizar o seu “espaço fora do trabalho” para além dos objetivos da recomposição da força de trabalho é imprescindível, por mais que consideremos importante o desenvolvimento da aptidão física dos trabalhadores para a luta, isso, porém, é insuficiente dentro das possibilidades que a cultura corporal oferece.

Esse processo de formação revolucionária precisará ocorrer sob a orientação dos organismos de classe dos trabalhadores, como: partidos, sindicatos, movimentos sociais, etc., com a formação de militantes culturais e de círculos populares de esporte e lazer, que poderão oferecer subsídios essenciais para formação cultural dos trabalhadores. No *locus* do capital, o limite dessas iniciativas se apresentam só como preparativos para revolução, já que somente sob outra base social será possível uma formação omnilateral<sup>82</sup>. Por isso caminhamos com aqueles que acreditam na possibilidade de uma outra ordem social, onde os homens possam executar sua auto-construção autêntica, ou seja, sem a mediação fundante do capital. Trotski nos apresenta com muita propriedade esse vir-a-ser emancipador da seguinte forma:

No desenvolvimento da nova sociedade de certo chegará um momento em que a economia, a edificação cultural e a arte terão maior liberdade de movimento para avançar. Quanto ao ritmo desse desenvolvimento, agora só podemos imaginar. A sociedade futura irá se descartar da áspera e embrutecedora preocupação do pão de cada dia. Os restaurantes coletivos prepararão à escolha de cada um, comida boa, sadia e apetitosa. As lavanderias públicas lavarão bem as roupas. Todas as crianças serão fortes, alegres, bem alimentadas e absorverão os elementos fundamentais da ciência e da arte, como a albumina, o ar e o calor do sol. A eletricidade e o rádio não usarão mais os métodos primitivos de hoje, mas sairão de fontes inesgotáveis de energia concentrada ao apertar de um botão. Não haverá *bocas inúteis*. O egoísmo libertado do homem – imensa força!- irá se voltar de todo para o conhecimento, a transformação e o melhoramento do Universo (TROTSKI, 2007, p.152).

A classe trabalhadora já demonstrou historicamente a sua capacidade de organização das práticas corporais de acordo com seus interesses em determinados períodos da luta de classes<sup>83</sup>, é preciso por dentro dos seus organismos repensar a importância de outra

<sup>82</sup> Utilizamos a referência de Manacorda, onde desenvolvimento da *formação humana omnilateral* deve ser entendida como “o chegar histórico do homem a uma totalidade de capacidades e, ao mesmo tempo, a uma totalidade de capacidades de consumo e gozo, em que se deve considerar sobretudo o usufruir dos bens espirituais (plano cultural e intelectual), além dos materiais.” (1991, p. 81).

<sup>83</sup> “A classe trabalhadora em países como a Bélgica, a Tchecoslováquia, a França e principalmente a Alemanha criou uma organização de clubes de ginástica e, posteriormente, também de esporte, própria que procurava

possibilidade no trato com o conhecimento da cultura corporal, que não pode ser qualquer prática, muito menos a predominante na sociedade capitalista. Trata-se de apresentar outros princípios (como a solidariedade de classe, o desenvolvimento criativo das práticas corporais, a ampliação da linguagem corporal, o autoconhecimento corporal e etc.), que auxiliem no processo de emancipação humana e na transformação radical da sociedade.

A educação física para além do capital deve se desenvolver em todos os espaços possíveis de formação dos trabalhadores, mesmo diante de todas as adversidades existentes, pois, “a Educação Física pode dar seus passos mediadores em direção ao futuro começando pelo imediato, iluminado pelo espaço que ela pode, legitimamente, ocupar dentro da estratégia global orientada pelo futuro que se vislumbra” (TAFFAREL; ESCOBAR, 200[8]-a, p.12).

Dessa forma, estimular, criar condições e desenvolver o aprendizado das técnicas lúdicas, é oferecer ao gênero humano a forma de vida mais elevada na qual ingressou essa espécie, ainda que de forma limitada sob a forma capitalista.

A cultura corporal nessa forma social precisa ser útil à produção e à reprodução de mais-valia para garantir a sua existência, uma existência utilitária. Ser livre não significa que não seja necessário a sua sistematização e organização, muito pelo contrário, os indivíduos envolvidos nessas atividades irão exigir cada vez mais novos avanços compatíveis com suas novas conquistas e necessidades. Ao mesmo tempo em que seus objetivos são atingidos, ela participa na transformação do ser social, tornando-o mais humano, estimulando suas potencialidades.

O atual contexto leva Mézáros a afirmar que:

[...] a tarefa de “emancipar todos os sentidos e atributos humanos” está longe de ser resolvida por uma compreensão correta das complexas inter-relações dos poderes humanos. O problema, como Marx o vê, consiste no fato de que o homem, devido à alienação, não se apropria de “sua essência omnilateral como um *homem total*”, mas limita sua atenção à esfera da mera *utilidade*. Isso acarreta um extremo empobrecimento dos sentidos humanos (MÉSZÁROS, 2006, p.183).

Apontamos como tarefa imprescindível, que os trabalhadores assumam os rumos do seu processo de formação, e a possibilidade disso só poderá se dar de forma plena

---

diferenciar-se das organizações ginásticas e esportivas “burguesas”. Este movimento produziu textos (de jornais e mesmo livros) onde os princípios que norteavam suas atividades bem como as críticas ao esporte “burguês” estavam expressas” (BRACHT, 2005, p. 24).

em outro modo de produzir e reproduzir a existência, onde os trabalhadores possam produzir de forma livre e associada. Desta forma, a classe trabalhadora precisa avançar na luta pela destruição da forma capital de produzir a vida, e nesse empreendimento recorrer também à educação e à cultura corporal.

Com o objetivo de oferecer uma formação emancipadora para os trabalhadores é que refletimos sobre a participação da cultura corporal nesse processo, não que a mesma seja a mais importante ou mais estratégica no atual momento histórico, mas sim pela sua importância na formação humana em sua totalidade. Nesse sentido, ressaltamos que:

Nessa perspectiva da reflexão da cultura corporal, a expressão corporal é uma linguagem, um conhecimento universal, patrimônio da humanidade que igualmente precisa ser transmitido e assimilado pelos alunos na escola. A sua ausência impede que o homem e a realidade sejam entendidos dentro de uma visão de totalidade. Como compreender a realidade natural e social, complexa e contraditória, sem uma reflexão sobre a cultura corporal humana? (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 42).

Diante desse desafio, no terceiro capítulo investigaremos a participação da cultura corporal na política cultural do MST, bem como a orientação que direciona a mesma. Desta forma, no quarto capítulo apresentaremos como os trabalhadores rurais do MST na Bahia organizam suas práticas corporais. Analisaremos suas experiências com o intuito de apresentar os dados da realidade e as possibilidades emancipatórias dessas atividades em áreas de reforma agrária, apresentando suas características e peculiaridades.



### 3 - A CULTURA CORPORAL NA POLÍTICA CULTURAL DO MST

Neste capítulo faremos uma incursão investigativa sobre a situação da cultura corporal na política cultural do MST. Para isso, consideramos imprescindível compreender como se encontra esse movimento de luta social na história brasileira após 25 anos de sua criação. Partimos do entendimento que o projeto de formação do MST, assim como sua política cultural, está relacionado intrinsecamente ao seu enfrentamento na luta de classes, sendo assim, condição precípua para consolidação dos seus objetivos.

Cabe-nos identificar os elementos da conjuntura que possam demonstrar a situação em que se encontra a intervenção do MST. Num período onde as organizações dos trabalhadores se encontram muito fragilizadas, o MST aparece como uma das maiores organizações anticapitalistas dos trabalhadores brasileiros, e a que se expõe com maior frequência ao confronto com as forças repressoras do Estado<sup>84</sup>, não desistindo da luta “física”<sup>85</sup>, ou seja, a única condição efetiva de tomada de poder possível, medida abandonada por muitas organizações de trabalhadores, principalmente de caráter reformistas.

Por não renunciar da luta é que o MST acaba conquistando o respeito e a confiança dos trabalhadores brasileiros, mas o preço desta opção política é alto, ainda que inevitável diante da força bélica do Estado e suas milícias<sup>86</sup>. Para consolidar sua dominação, a burguesia não recorre apenas à violência, ela se “vê obrigada a manter determinadas relações com a pequena burguesia e, através desta, com o proletariado”

---

<sup>84</sup> É importante frisar que na relação com o Estado, as conquistas dos trabalhadores não impedem a concretização dos interesses burgueses, podem no máximo incomodar. Esta ressalva é importante, pois, quando discutirmos a reforma agrária precisamos ter clareza de que ela também faz parte da pauta burguesa. Rosa Luxemburgo apresenta-nos de forma objetiva que “o Estado atual é, antes de tudo, uma organização da classe capitalista dominante. Se ele se impõe a si mesmo, no interesse do desenvolvimento social, funções de interesse geral, é unicamente porque e somente na medida em que esses interesses e o desenvolvimento social coincidem, de uma maneira geral, com os interesses da classe dominante” (LUXEMBURGO, 2005, p.51).

<sup>85</sup> Trotski, na sua discussão sobre o armamento do proletariado na experiência da Frente Popular na França, irá dizer: “Quem pensa em desistir da luta “física” deve desistir de toda a luta... Luta física é apenas “outro meio” de luta política. Não é cabível opor uma à outra uma vez que é impossível deter a luta política quando se transforma, por necessidade interna, em luta física” (TROTSKI, 1981, p.72).

<sup>86</sup> Segundo dados da CPT (Comissão Pastoral da Terra) nos anos de 2006 e 2007 aconteceram 67 assassinatos, sendo que os 39 de 2006 foram cometidos em oito Estados, enquanto os 28 de 2007 em 14, ou seja, uma ampliação da área de assassinatos. Acontecendo também uma ampliação significativa “de pessoas ameaçadas de morte, de 207 para 259, mais de 25%” entre um ano e o outro (CPT, 2007). Segundo Girardi, no *Atlas da Questão Agrária Brasileira* (2008), “nos vinte anos que compreendem o período analisado (1986-2006), os camponeses e trabalhadores rurais assassinados foram cerca de 1.100, as ameaças de morte foram cerca de 3.200 e as tentativas de assassinato pouco mais do que 1.000” (GIRARDI, 2008).

(TROTSKI, 1981, p.61), estabelecendo algumas concessões quando preciso para seu benefício.

É fundamental compreender as possibilidades do MST na luta de classes. De forma isolada, sem uma organização de grande envergadura dos trabalhadores em geral, as ações e vitórias dos trabalhadores Sem Terra ficam limitadas, impossibilitando saltos qualitativos e quantitativos maiores do que os conseguidos até então<sup>87</sup>. O MST hoje é um movimento constituído de antigos arrendatários, meeiros, pequenos agricultores e trabalhadores rurais desempregados, os quais hegemonicamente formam sua base social<sup>88</sup>, já que nos últimos anos o movimento começou a repatriar uma pequena parcela dos desempregados e miseráveis urbanos que são fruto do êxodo rural criado pelo capital.

No intuito de compreender o MST como uma força política importante na luta de classes, é que apontamos os confrontos e posicionamentos atuais do movimento para orientar e justificar nossa avaliação, seguindo a orientação que: “[...] assim como na vida privada se distingue entre aquilo que um homem pensa e diz de si próprio e aquilo que realmente é e faz, nas lutas históricas há que distinguir ainda mais entre as frases e o que os partidos imaginam e o seu organismo efetivo e os seus interesses efetivos, entre a representação que têm e a sua realidade” (MARX, 2008, p.243).

A principal bandeira de luta do MST é uma reforma<sup>89</sup>, a luta pela terra - a reforma agrária<sup>90</sup> -, ainda que o movimento constantemente amplie suas bandeiras e indique a transformação social radical como objetivo, sendo essa última uma tarefa

---

<sup>87</sup> “[...] Os camponeses e os índios, embora sendo minoria, cumprem o papel da classe operária de ontem, sem que ela perca o seu lugar e a importância no processo revolucionário, e, também, sem que a revolução abandone a natureza proletária de expropriação dos meios de produção, desmonte do Estado capitalista e as mudanças nas relações sociais. O embrião da luta de classes se instalará agora em um território mais amplo, o campo que terá papel imprescindível, embora a revolução seja proletária e tenha que ser decidida nos centros urbanos [...]” (BOGO, 2007-a, p.6).

<sup>88</sup> Composta por 105.466 famílias assentadas em 2004, e 124.240 famílias acampadas em 2005 (MST, 2006.1, 2006.2).

<sup>89</sup> “[...] A luta empreendida por conquistas imediatas ou reformas são fundamentais para o envolvimento das massas nas ações. Sem ação não pode haver revolução. A teoria que se estrutura a partir das lutas e de outras dimensões da política, tem o papel de apontar o destino das mesmas. A identidade revolucionária se forma com a prática da cultura revolucionária, composta por formas de luta e pensamento revolucionário principalmente, que eleva o nível de consciência [...]” (BOGO, 2007-a, p.1).

<sup>90</sup> A reforma agrária no contexto brasileiro já não pode mais ser considerada como uma mera reforma, pois a mesma se confronta diretamente com a política de produção agrícola no país. É importante destacar que a reforma agrária na análise do MST, é uma etapa dentro de um projeto de transição para a extinção da propriedade privada da terra, que não se fará no atual modo de produzir a existência, mas sim como resultado de uma revolução social.

histórica para a classe trabalhadora<sup>91</sup>, e não apenas para uma organização. Em muitos momentos o MST é sobrecarregado pelos anseios da classe trabalhadora, que deposita grandes expectativas e atribuições ao movimento, exigindo dele ações que devem ser de toda a classe, e nem sempre identificam seus limites. Bogo apresenta de forma sintética uma reflexão sobre a atualidade do movimento:

De certa forma já fizemos esta reforma dentro da reforma, no estágio de luta pela terra, por que as circunstâncias nos obrigavam a dar determinados passos. Se não vejamos: reformando nossos assentamentos, chegamos a institucionalização através das cooperativas e estamos desenvolvendo a cultura do legalismo através do cooperativismo. Reformando nosso comportamento através da reflexão sobre os valores, chegamos ao trabalho “voluntário” esporádico no relacionamento com a sociedade. Reformando nossa estética chegamos até o “embelezamento” deficiente de nossas casas e vilas. Reformando nosso conhecimento chegamos até aos cursos básicos das escolas e cursos nacionais. Reformando nossas relações humanas chegamos até a composição do setor de gênero. Reformando nossa política de organicidade chegamos até a constituição dos núcleos de família mas não melhorou a participação nas mobilizações; etc. etc. Chegamos assim a um tipo de organização natural, controlável e suportável pela ordem. Pelo lado humano, forjamos um tipo de camponês adaptável ao meio comum regional que se destrói junto com a destruição da natureza, e na sua passividade não é um elemento aglutinador novo, a partir do território que ocupa e controla. De certa forma, podemos destacar tomando como referência a história da águia e as galinhas, que os Sem Terra foram águias no momento do voo para a ocupação, os que ficaram para trás, foram as galinhas, mas aos poucos no meio em que estamos, voltamos a ser galinhas, pois paramos em um lugar fixo para “ciscar” em torno de nossos interesses e não dos interesses da revolução. Dessa forma, construímos nossa nova existência com elementos da velha cultura que nos faz perder o caráter extraordinário do primeiro momento (BOGO, 2003, p.53).

Esse fazer-se classe dos Sem Terra que é igual ao conjunto da classe trabalhadora, é permeado por diversas contradições, que na esfera política se apresenta como uma linha tênue, entre a reforma e a revolução. Diante das circunstâncias de acirramento, as classes dominadas adotam postura que nem sempre condiz com seu projeto maior, pois são colocadas em condições que as impelem a avançar com radicalidade sobre o seu maior inimigo, ou, adotar medidas moderadas, que em grande medida auxiliam na reestruturação e manutenção do *status quo*.

---

<sup>91</sup> “[...] classe particular que por meio de seus interesses específicos possa representar os interesses universais da sociedade [...]” (IASI, 2006).

O capital hoje sofre uma de suas mais fortes crises<sup>92</sup> e a classe trabalhadora como sempre paga um preço muito alto (aumento do desemprego, redução salarial, ampliação da miséria e etc.) e frente a isso faz sua opção política. É importante ressaltar que essa escolha não se faz baseada apenas em desejos, ímpetos, mas sim de acordo com as condições para tal. Infelizmente, nem sempre quando as condições objetivas estão dadas, as condições subjetivas e organizativas da classe trabalhadora estão preparadas para dar o salto qualitativo na transformação social. É o que percebemos hoje, a organização da classe trabalhadora não está preparada para uma ofensiva que liquide o capital, assumindo assim o seu papel histórico de revolucionar as estruturas desta sociedade, o que acaba garantindo uma sobrevivência ao capital.

Podemos demonstrar no caso brasileiro, a posição adotada pelo MST, para ilustrar esse contexto. Mesmo apresentando sua insatisfação e força política através de ocupações e manifestações, em entrevistas recentes com dirigentes nacionais do movimento percebe-se, de forma clara, que o posicionamento político do MST diante da atual conjuntura de crise ainda aponta para uma saída no interior do capital. Propõem alternativas para superar a crise, não o capital, ações que adiam uma possível derrocada da sociedade capitalista.

Em recente entrevista sobre a crise econômica, João Pedro Stedile (Direção Nacional do MST) faz uma avaliação do contexto de crise, das implicações dela nos movimentos sociais, destacando que as alternativas apresentadas pelo governos são mais políticas liberais, e quando questionado dos indicativos dos movimentos sociais para a crise, ele apresenta a seguinte resposta,

**[...] E o que o senhor acha e o que os movimentos sociais acham que precisa ser feito?**

Reduzir juros é insuficiente. O que nós precisamos é de uma terceira alternativa, que é uma alternativa popular. Precisamos discutir com as forças organizadas da sociedade um novo projeto de país, um novo modelo econômico para o Brasil.

**O que esse novo modelo incluiria?**

Algumas medidas prioritárias. A primeira seria a *estatização de todo o sistema financeiro*. Se não se controla a circulação do dinheiro, nunca

---

<sup>92</sup> O capital é uma forma social que possui as crises econômicas na sua essência, estando seus ciclos de crise se repetindo com menor duração adequando-se ao contexto histórico estabelecido pelas relações de produção. Nesses momentos o sistema fica muito vulnerável, pois sua face destrutiva fica muito exposta, e para sua manutenção é necessário minimizar os confrontos políticos para não implicar numa mudança drástica da estrutura societária, num processo revolucionário.

vai *reativar a produção*. Segundo ponto: é necessário *acabar com o superávit primário*. O governo recolhe os impostos de todos nós e aí separa R\$ 200 bilhões para pagar em juros. Isso tem que acabar. Tem que pegar esse dinheiro que está sobrando do orçamento e *investir na produção*. Mas não é em qualquer produção. Não é em automóveis. Tem que aplicar no que a população brasileira está precisando. Moradia popular, transporte de massa, trem, metrô, navio. Aplicar em escolas. Temos um déficit educacional enorme. Como é que se faz para pular dos 10% de jovens na universidade, que nós temos, para os 80% que tem a Bolívia? Construindo universidade, contratando professor, comprando livro, isso tudo é indústria. Só no investimento na educação, que é a grande tese do Cristovam Buarque, já se poderia *incentivar a economia*. E o dinheiro tem que vir do superávit primário, que tem que acabar. Pedi para que os economistas amigos do MST pesquem o seguinte: estou desconfiado de que o Brasil é o único país do mundo a manter o superávit primário. Na Europa, todos os países são deficitários.

### **O que mais é necessário?**

Aplicar recursos e garantir emprego para todo mundo. Todo brasileiro adulto tem que ter direito a emprego. Foi o que Roosevelt fez para tirar os Estados Unidos da crise e transformar em potência mundial. Isso não é novidade. *Isso tudo que estou dizendo não é radicalismo [...]* (AGÊNCIA BRASIL, 2009, grifos nossos).

Reativar a produção, acabar com o superávit primário, investir na produção e incentivar a economia, nesse caso, capitalista, ainda que sejam importantes no plano imediato, são insuficientes para uma ruptura com o que os destrói, remedia o que precisa ser destruído. Nessa mesma direção, Roberto Baggio (Dirigente Nacional do MST), em entrevista à Radioagência NP, apresenta a jornada de luta do MST em 2009, destacando a importância da reforma agrária para enfrentar a crise atual, respondendo questões o dirigente indica medidas para combater a crise:

### **[...] Para além da Reforma Agrária, esta jornada reivindica alguma outra medida para combater a crise?**

Sim, nossa luta é para que o governo implemente um conjunto de políticas públicas para enfrentar a crise brasileira, entre elas, por exemplo, ter o *controle sobre o câmbio*, sobre o capital financeiro, investir o que a sociedade paga de imposto na geração de empregos, no **investimento em capital produtivo, na educação e saúde**. O que a gente precisa é ir acumulando força, envolvendo o conjunto da sociedade brasileira e exigir que o governo federal tome um conjunto de políticas públicas que preserve os interesses, os direitos da grande maioria da população, e que ao mesmo tempo, impeça que o capital externo e os grandes grupos econômicos se apropriem da nossa riqueza, e dos nossos impostos em benefício dos seus interesses [...]

(BAGGIO, 2009, grifo nosso).

Essa posição não é algo consensual e livre de críticas internas, é também a expressão dos confrontos que se dão dentro do movimento. Em entrevista para esse estudo Ademar Bogo, Dirigente Nacional do MST, faz uma rica análise da conjuntura política e da participação do MST nesse contexto. Diante do seu conteúdo, optamos por expor a sua avaliação<sup>93</sup> na íntegra:

Vivemos tempos de dificuldades. As últimas décadas nos forçaram a um recolhimento das atividades revolucionárias. Muitas forças renegaram os princípios filosóficos do materialismo histórico e dialético e por isto passaram a contribuir com a contra revolução. Há uma desconstrução acelerada dos princípios das idéias revolucionárias e negação dos programas revolucionários. A identidade do ser revolucionário foi substituída pelo cabo eleitoral, ativista da defesa dos interesses de causas particulares. O profissional da revolução se converteu em profissional da eleição, onde, obrigatoriamente é preciso negar à ética, porque os meios oferecidos para as disputas são corruptíveis. Não é o indivíduo que muda a estrutura, mas a estrutura que enquadra e muda o indivíduo. Assim é que se perdeu em certos meios a idéia da coletividade da força e da classe. As alianças são junções de interesses que visam o poder mesquinho sem povo e com benesses particulares que favorecem aqueles que sonharam em vencer na vida, mas não pelo trabalho e pela competência, mas pelo engodo, alienação e justificativa ideológica.

O MST não está imune ao meio. Sofremos influências e nem sempre conseguimos resistir e defender-nos. É verdade que não somos um partido de quadros, temos uma massa empobrecida e não conscientizada que luta para ser primeiramente humana e depois ativista constante. Mas num momento em que as forças principais, como a classe operária, recuam, os camponeses se mantêm ativos pela necessidade da sobrevivência, cobrando uma dívida histórica não paga pelo Estado brasileiro. A reforma agrária porém saindo das prioridades do governo, nos coloca em uma encruzilhada: radicalizar as lutas contra o capital ou render-se aos interesses do Estado. Na segunda viraríamos uma instituição que se confunde com a prática das ONGs.: um grupo teria salários para iludir as bases para elaborar projetos assistenciais. A primeira alternativa, radicalizar com um movimento de massas, sem perspectivas de vitórias e avanços da revolução, nos levaria ao suicídio político. A curto prazo poderíamos enfrentar o desânimo das massas e a vanguarda ficaria só. Veja que um movimento social funciona diferentemente de um partido político. O partido pode lutar cem anos e nunca obter uma vitória, pois a sua sobrevivência depende da consciência dos quadros. Nos movimentos, a sobrevivência depende das vitórias. Então, o que nos salvaria seria uma terceira alternativa: o ascenso das lutas em geral, também pela defesa dos direitos, mas fundamentalmente pela revolução. O que virá nos próximos meses não sabemos. Enquanto isto continuamos formando lideranças e mobilizando nosso contingente contra o

---

<sup>93</sup> Entrevista concedida a David Teixeira, no dia 8 de maio de 2009.

capital a espera de um novo impulso na luta de classes em geral. Se vier o ascenso, estaremos salvos, não vindo o ascenso mergulharemos nos dilemas mais profundamente (Ademar Bogo – Entrevista).

Diante do exposto, podemos identificar a conjuntura política de uma das maiores organizações dos trabalhadores brasileiros, nesse conturbado contexto histórico. Assim, podemos com maior segurança apontar a direção política atual do MST. Porém, o MST tem clareza destas dificuldades, mostrando-se um passo a frente no processo de transformação em *classe para si*, pois tem consciência da sua posição de classe, lutando dia-a-dia para não ficar preso à causa reformista. No caderno de formação nº 34, podemos observar esse nível de conscientização,

Temos uma análise muito madura sobre estas circunstâncias, e a existência do MST. Somos uma força política importante e ao mesmo tempo limitada. Nosso objetivo é lutar pela reforma agrária, embora saibamos que ela somente se realizará na totalidade em um sistema socialista, mas nem por isso, como movimento social, temos a pretensão de impulsionar sozinhos a construção dessa grande obra, a revolução política, pois demanda de muito mais força e muito mais representatividade. Mas, o importante não é reconhecer a fraqueza mas descobrir como ampliar as forças (BOGO, 2000, p.59-60).

Nessa conturbada conjuntura e diante de suas contradições, o MST consegue ainda se diferenciar de muitos na multidão, oferecendo aos trabalhadores brasileiros alternativas superadoras frente à realidade posta. Na sua dissertação sobre a experiência das Escolas Intineirantes do MST-PR, Bahniuk (2008) realiza excelente reflexão sobre as possibilidades emancipatórias nas ações do MST, mesmo diante das adversidades criadas pelo capital.

Num contexto de crise em que é ecoada pelos quatro cantos do mundo a idéia de que não temos outra alternativa, a não ser vivermos nesta formação sócio-histórica, gerida pelo lucro e pela exploração de uma classe por outra, reforçado pela complacência do pensamento pós-moderno. Pensamento este que divulga diversos fins, tais como: das classes, da luta de classes, da história, da possibilidade da emancipação humana. O MST, em sua originalidade, vem mostrando a capacidade organizativa permanente da classe trabalhadora, conseguindo, não sem dificuldades, dar respostas no plano imediato, garantindo a sobrevivência de milhares de famílias, oferecendo a elas uma oportunidade de produzir à vida, de terem acesso à terra, à educação, à cultura e à saúde, entre outros. E o Movimento faz isso apostando numa saída coletiva, contrapondo-se ao individualismo exacerbado propagado por esta sociedade, questionando, por meio de

suas ações, a eternização do tempo presente e demonstrando a transitoriedade do sistema capitalista e a possibilidade de construir uma alternativa superadora desta forma social (BAHNIUK, 2008, p.21).

Nesse contexto, é que o MST vem enfrentando no Brasil uma ferrenha luta pela Reforma Agrária desde 1984, e passa por uma experiência política única, um presidente da República apoiado e eleito com os esforços do conjunto dos trabalhadores, inclusive do próprio MST. Essa experiência vem apresentando grandes contradições no que se refere ao que era esperado, mesmo com maior participação política e maior apoio governamental em algumas áreas – como exemplo na educação -, a reforma agrária se mantém quantitativamente no mesmo nível apresentado nos governos FHC. Destaca-se também, que parte dos novos assentamentos do governo Lula não são originários da redução do latifúndio, pois, os assentamentos que tem origem em projetos ambientais e em terras públicas tiveram um aumento significativo, o que demonstra a força dos latifundiários brasileiros e a opção conciliatória do atual governo, reforma agrária sem atacar o latifúndio. Essas informações foram sistematizadas de forma primorosa por Girardi,

Com a eleição do presidente Lula em 2003 houve o crescimento das ocupações e conseqüentemente dos assentamentos. Isso possivelmente ocorreu pela minimização da aplicação da criminalização prevista na Medida Provisória e pela esperança que os movimentos socioterritoriais depositavam no Presidente Lula para a realização de uma reforma agrária mais ampla, o que não ocorreu. Os dados de famílias assentadas mostram que quantitativamente não há diferença entre os governos de FHC e de Lula, pois durante os oito anos de governo de Fernando Henrique Cardoso foram assentadas 457.668 famílias e no primeiro mandato de Lula foram assentadas 252.019. O total de famílias assentadas no primeiro mandato de Lula contempla 63% das 400 mil famílias previstas no II PNRA para o período... No primeiro mandato de Lula os dados dos assentamentos *reformadores*<sup>94</sup> são muito próximos daqueles verificados no segundo mandato de FHC. A particularidade do primeiro mandato de Lula é a intensificação da criação de assentamentos não reformadores, em especial os de caráter ambiental. Esses assentamentos *não reformadores*<sup>95</sup> correspondem, no primeiro mandato de Lula, a 21% dos assentamentos criados, 43% das famílias assentadas e 80% da área total (GIRARDI, 2008, grifos nossos).

---

<sup>94</sup> Com os assentamentos reformadores o campesinato se territorializa a partir da desterritorialização do latifúndio (GIRARDI, 2008).

<sup>95</sup> No caso dos assentamentos não reformadores o campesinato se territorializa sem que haja a desterritorialização do latifúndio (GIRARDI, 2008).



Insatisfeitos com as ações do governo Lula<sup>96</sup>, o MST continua na luta com ocupações e manifestações, principalmente contra o modelo agro-exportador defendido pelo governo Federal e contra as empresas que estão a devastar e destruir o ecossistema brasileiro. No último período, um dos principais confrontos políticos do MST acontece no Rio Grande do Sul, no qual a organização vem sofrendo forte repressão do governo estadual que, para além da agressão física, iniciou um processo judicial de criminalização do MST. Em 03 de dezembro de 2007 foi aprovado relatório do Conselho Superior do Ministério Público, que tinha como uma das decisões a promoção de uma ação civil pública com vistas à dissolução do MST e declaração de sua ilegalidade; e em 11 de março de 2008, “o Ministério Público Federal denunciou oito supostos integrantes do MST por “integrarem agrupamentos que tinham por objetivo a mudança do Estado de Direito, a ordem vigente no Brasil, praticarem crimes por inconformismo político”, delitos capitulados na Lei de Segurança Nacional da finada ditadura brasileira” (MST, 2008).

Esse foi apenas o início da ofensiva dos reacionários radicais brasileiros capitaneados pela governadora do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius, que em uma de suas recentes intervenções, extinguiu as escolas itinerantes do conjunto de escolas financiadas pelo Estado, uma rica experiência de anos no Rio Grande do Sul, impossibilitando às crianças Sem Terra o acesso ao conhecimento sistematizado oferecido pelo serviço público. Esse processo de criminalização dos movimentos sociais – principalmente o MST - ganhou maior força nacional, com a contribuição do presidente do Supremo Tribunal de Justiça, ministro Gilmar Mendes, que fez acusações sobre a destinação de recursos públicos federais para atividades desenvolvidas pelo MST, considerando-as como ilegais.

Nesse contexto é que adentraremos na análise das ações e produções do MST, com intuito de identificar que orientação a política cultural do movimento tem adotado, destacando suas possibilidades emancipatórias e a participação da cultura corporal neste projeto.

---

<sup>96</sup> “O ano de 2008, por exemplo, foi o pior para Reforma Agrária no governo Lula. O número de famílias assentadas correspondeu a, apenas, cerca de 20 % do total das famílias assentadas em 2007, desempenho que, por sua vez, já estava abaixo da meta estabelecida” (CPT, 2009).

### 3.1 A POLÍTICA CULTURAL E A DISCUSSÃO SOBRE CULTURA NO MST

“A elevação do nível cultural geral das massas criará o terreno firme e sadio do qual brotarão forças poderosas e inesgotáveis para o desenvolvimento da arte, da ciência e da técnica. Em nosso país é extraordinariamente grande a ânsia de criar uma cultura e difundi-la. É preciso confessar que, nesse afã, fazemos muitas experiências e, ao lado sério, há muito de infantil, e pouco madura, que consome energias e recursos. Mas, pelo visto, a vida criadora exige esbanjamento tanto na sociedade como na natureza. Desde o momento da tomada do poder pelo proletariado já se tem o mais importante para a revolução cultural: o despertar das massas, sua sede de cultura. Formam-se homens novos, criados pelo novo regime social e criadores por sua vez deste regime [...]” (LÊNIN, 1968, p. 181).

No contexto revolucionário apresentado acima por Lênin, observamos que foram necessárias muitas experimentações na tentativa de elevar o padrão cultural do povo russo. Em outro contexto histórico, o MST está a construir sua política cultural, ao mesmo passo de sua autoconstrução, enfrentando as imposições e barreiras políticas e ideológicas impostas pelo capital. A seguir, trataremos da importância de uma política cultural anticapitalista e de como o MST está construindo o seu projeto de cultura.

Entendemos como política cultural o conjunto de diretrizes formativas e práticas sociais relacionadas às atividades que envolvem a organização dos elementos da cultura, que ganha materialidade e orientação de acordo com os objetivos e ação política adotada por uma dada instituição. Diante disso, as organizações dos trabalhadores imbuídas na luta contra o capital, precisam construir uma política cultural que atenda seus anseios, contrapondo-se às opções de política cultural hegemônicas, principalmente empreendidas pelo Estado capitalista que as utilizam para sua legitimação,

[...] um dos instrumentos mais poderosos e eficazes da legitimação do Estado contemporâneo é a *política cultural* e a *indústria cultural*, encarregadas de disseminar, conservar e difundir a ideologia da classe dominante. A política cultural diretamente efetuada pelo estado se realiza nas escolas (do pré-primário às universidades), nos laboratórios e centros de pesquisa científica e artística, nos planos nacionais de educação e de cultura, nos museus, na literatura oficial e em todas as empresas nacionais de cultura (CHAUI et. al., 1984, p.8).

No confronto ideológico a política cultural ganha muita importância e, assim, não pode ser assumida como uma questão secundária ou irrelevante pelas

organizações que defendem os interesses dos trabalhadores, tal qual o MST. Chauí e colaboradores, na tentativa de contribuir na consolidação de uma proposta de política cultural do Partido dos Trabalhadores que atendesse aos anseios da classe trabalhadora na derrocada do capital e na construção da alternativa socialista, destacam que:

[...] Nessa medida, cremos que cabe a um partido de trabalhadores discutir, elaborar e por em prática uma outra política cultural, capaz de questionar pela raiz as políticas culturais existentes. Essa necessidade não é pequena se nos lembrarmos da capacidade ideológica que possuem os partidos conservadores (sejam da situação ou da oposição) de arregimentar grandes contingentes da classe trabalhadora por meio da persuasão ideológica e do conformismo (CHAUÍ et. al. 1984, p. 9).

É necessário lembrar que na luta de classes não existe espaço de comunhão entre dominados e dominadores, o confronto de interesses está presente em todas as esferas da vida social, por isso, a luta ideológica não pode ser dissociada da luta direta propriamente dita. A política cultural dos trabalhadores Sem Terra deve ter as suas marcas e características próprias, o que não quer dizer que não se deva apropriar-se das elaborações produzidas pela classe dominante, porém, estas devem ser trabalhadas de acordo com seus interesses. E para isso os trabalhadores precisam ter um mínimo de formação cultural, para poder discernir, o quê e como tais produções culturais servem na sua tarefa de emancipação.

Preocupado com a formação da classe trabalhadora de sua época, e num período pós-revolução operário-camponesa, Trotski em 1924 já apresentava caminhos a serem tomados para resolver problemas ainda hoje comuns. Destaca o analfabetismo, cuja erradicação, na sua compreensão, constitui um acontecimento imprescindível no percurso da auto-emancipação dos trabalhadores, e que 90 anos depois, confirma que a política cultural do capital não resolveu nem resolverá. Com intuito de elevar o nível do padrão cultural dos trabalhadores o autor indica,

[...] Devemos em primeiro lugar nos apossar oficialmente dos elementos mais importantes da velha cultura, a fim de podermos ao menos abrir caminho à construção de uma cultura nova... A tarefa principal da intelligentsia proletária para o futuro imediato não está, entretanto, na abstração de uma nova cultura – cuja base ainda falta -, e sim no trabalho cultural mais concreto; ajudar de forma sistemática, planejada e crítica as massas atrasadas e assimilar os **elementos indispensáveis da cultura já existente** (TROTSKI, 2007, p. 154-155, grifo nosso).

Desde o início de sua constituição como uma organização, o MST tem uma grande preocupação com a questão cultural, principalmente no que trata da sua contribuição na formação dos Sem Terra, como no desenvolvimento do pertencimento ao movimento. Criar e valorizar as atividades culturais oriundas da luta pela terra é uma das marcas do MST, as místicas, as músicas, a bandeira, o hino, fazem parte do núcleo de produção cultural do MST.

Para caracterizar a materialidade da política cultural do MST, realizamos uma análise prévia de todas as notícias e entrevistas sobre as atividades culturais organizadas pelo MST presentes no site do movimento – num total de 42 notícias<sup>97</sup>. O procedimento utilizado para a seleção dessas notícias foi a busca a partir da palavra-chave “cultura”. Como consequência dessa análise, desenvolvemos um balanço da trajetória do MST no campo da cultura, e apontamos novas questões para essa discussão como: a) Como se dá a autonomia do MST frente às parcerias com o Estado brasileiro? b) O porquê de defender e o que vem a ser a cultura popular, camponesa e do povo? c) Quais os objetivos do MST com as atividades culturais? d) Qual a direção da formação cultural do MST, a revolução ou a cidadania?

O ano de 1998 é um marco escolhido por nós para demarcar a sistematização da produção teórica sobre cultura do MST, período onde acontece com maior ênfase uma reflexão de como a cultura se desenvolve no seio do movimento. Em junho desse ano aconteceu em Cajamar–SP o seminário – *O MST e a cultura* -, onde foi trazida a tona de forma sistematizada pela primeira vez essas discussões.

A partir de então, passou a ser organizada a *Semana Nacional da Cultura Brasileira e da Reforma Agrária*, que já contou com três edições: Rio de Janeiro–RJ (MAR/2002), Recife-PE (NOV/2004)<sup>98</sup>, e Belém-PA (OUT/2008). Nessa mesma direção destacam-se também, *I Festival Latino-Americano de Música Camponesa*, Curitiba-PR (2004); a *Mostra história e cultura do MST no Minc* (Ministério da Cultura), Brasília-DF (2004); a *Mostra cultural de integração dos povos Latino-Americanos*, Curitiba (2008); e o *Encontro Nacional de Violeiros* que já se encontra na

---

<sup>97</sup> - Cf. Fontes Primárias Digitais da pesquisa, ao final do trabalho. As notícias foram consultadas no site oficial do MST: <http://www.mst.org.br>

<sup>98</sup> Durante o evento foi lançado o projeto REDE CULTURAL DA TERRA, que tem como objetivo “Conhecer e Identificar a Produção Cultural do Campo, com parcerias com os Ministérios da Cultura, Ministério do Desenvolvimento Agrário e Ministério do Meio ambiente, MST, trata-se, da construção de uma rede de atividades do âmbito Cultural a serem realizadas simultaneamente em todo País” contando até 2008 com uma captação de recurso da ordem de R\$ 249.533,60 (MINC, 2008).

sua quinta edição. Em 1998 é criado oficialmente o Coletivo de Cultura do MST, que em outubro de 2008 foi condecorado pelo presidente da República e pelo ministro da cultura com a *Ordem do Mérito Cultural*.

Como atividades de maior repercussão organizadas pelo MST apresentamos: a) **o teatro**, que em 2006 já tinha quase 30 grupos organizados nacionalmente, ganhou maior força em 2001 em função da parceria com o Centro do Teatro do Oprimido (CTO) e com a criação da Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré, responsável por formar multiplicadores e novos grupos; b) **as rádios comunitárias**, que mesmo com grande perseguição política estão sendo criadas; c) **a música**, destacada pela grande quantidade de composições, de músicos, pela produção de CD's (como "Arte do Movimento") e pela realização do Encontros de Violeiros; c) **a mística**, presença obrigatória em todas as atividades do MST, expressando a história e o espírito da luta pela terra; d) **a poesia, a pintura e o desenho**, estimulados através de diversos concursos, e com a produção de livros; e) **o cinema**, se destaca com uma grande produção de filmes e documentários, oficinas de cinematografia e com o projeto Cinema na Terra, em parceria com a Petrobrás.

Destacam-se também algumas experiências regionais como: o bloco carnavalesco *Unidos da Lona Preta*, que há quatro anos, na regional do MST na Grande São Paulo, reúne militantes em diversas atividades tendo como eixo, além da formação política, a capacitação na área musical; assim como, o *Curso de Licenciatura em Artes para Assentados da Reforma Agrária*, que é uma parceria entre o MST, o INCRA e a Universidade Federal do Piauí.

É perceptível já num primeiro momento que o MST é uma organização dos trabalhadores que estimula a formação cultural dos seus militantes, apresentando nas suas ações uma proposta de formação diferenciada da perspectiva hegemônica. Mesmo diante de grandes adversidades, muito tem sido feito pelo MST em relação à formação dos Sem Terra nesses últimos anos, principalmente com o grande número de projetos no campo educacional. Nesse sentido, iremos apresentar e analisar qual a direção da política cultural do MST, seu processo de construção, seus objetivos, as contradições da sua implementação e identificar como é tratada a cultura corporal dentro dessa política.

*Este é o jeito do Movimento: a gente vai fazendo, vai tendo a experiência prática. Só que chega o momento em que se começa a*

*“bater no teto”, e se sente a necessidade de dar um salto de qualidade. Daí a gente se reúne, reflete, discute, chama profissionais da área para uma interlocução, olha para trás, no sentido de conhecer outras experiências; olha para frente, no sentido de ousar formular novas questões... Aos poucos vamos coletivamente transformando o “cada um do seu jeito”, no “jeito do MST”(MST, 2003, p.13).*

Estas considerações iniciais identificadas nas notícias<sup>99</sup> nos permitem traçar um primeiro quadro de como se apresenta a política cultural do movimento. Baseando-se na análise da produção teórica desta organização, aprofundaremos a investigação sobre a política cultural e a discussão sobre cultura do MST, de forma que possamos estabelecer os nexos constituintes da cultura corporal nas áreas de reforma agrária.

### 3.2 BALANÇO INICIAL SOBRE A CULTURA E A CULTURA CORPORAL NA PRODUÇÃO DO MST

Entre a vasta produção do MST, selecionamos algumas obras de referência para analisar a política cultural do movimento.

Foram selecionados os seguintes textos:

- a) **Pedagogia do Movimento Sem Terra**, de Roseli Salette Caldart;
- b) **O MST e a Cultura – caderno de formação nº 34**, elaborado por Ademar Bogo;
- c) **Dossiê – MST Escola: Documentos e Estudos 1990-2001**, organizado pelo Coletivo Nacional de Educação do MST;
- d) **O MST e a Cultura – 2003**, organizado por um coletivo de dirigentes do MST.

Nas análises observamos os princípios de formação humana, a compreensão e o trato com o conhecimento referente à cultura e, as discussões relacionadas com os elementos da cultura corporal. Para atualizar a avaliação da política cultural do MST, realizamos uma entrevista com Ademar Bogo, principal formulador das discussões sobre cultura do MST.

---

<sup>99</sup> Reconhecemos a importância e a necessidade de caracterizar, conhecer o sentido e os conteúdos das atividades citadas, afim de uma avaliação mais profunda da concretização da política cultural do MST. Por conta dos limites e objetivos desse estudo, indicamos essa tarefa para estudos posteriores.

### 3.2.1 Pedagogia do Movimento Sem Terra

Em seu livro *Pedagogia do Movimento Sem Terra* (2004), Roseli Caldart, desenvolverá uma apresentação sobre a constituição da pedagogia do MST, seus princípios teóricos e objetivos. A autora faz um grande esforço na tentativa de colaborar com uma síntese sobre a temática e, com isso, constrói um texto de referência para todos que estudam e pretendem discutir o projeto de formação do MST.

Destaca-se em seu estudo a centralidade da cultura no processo pedagógico do MST, “esse privilegiar da cultura como eixo de formação humana repõe questões com as quais se deparam os educadores (as) no seu dia-a-dia”, a autora coloca a cultura entre os três desafios do movimento num período de transição para um novo modelo social. Ressalta que nesse período há uma forte recuperação da interpretação cultural da vida social, como eixo da compreensão das interações humanas, porém, essa perspectiva apresenta complicações por partir de concepções teóricas diferentes e antagônicas (CALDART, 2004).

Mesmo não sendo o objetivo do seu estudo, Caldart realiza a discussão do conceito de cultura e uma explicação sobre tal conceito, desenvolve assim, uma *noção sociocultural de cultura* no intuito de explicitar os elementos e os nexos da noção de cultura que a autora propõe como um olhar sobre o MST,

[...] quando me refiro ao sentido sociocultural do MST, não estou pensando na cultura na sua acepção mais restrita, usualmente ligada às produções intelectuais e à linguagem simbólica de um grupo, ou de um determinado período histórico. Também não estou no âmbito da reflexão estritamente antropológica, que considera a cultura de modo mais amplo, incluindo quase todas as práticas, objetos, comportamentos, significados, valores que, ao mesmo tempo, expressam e condicionam um modo cotidiano de vida. Quero trabalhar, sim, com esse sentido mais amplo que nos vem através dos estudos antropológicos e que nos permite compreender a cultura também como um modo de vida (Williams, 1969, p. 333) e como uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso (Bosi, 1998, p. 309), mas mantendo-a como uma dimensão do processo histórico e acrescida de um sentido político específico, que é o de uma cultura social com uma dimensão de projeto, tal como aprendido nas pesquisas feitas no âmbito da história

dos movimentos sociais, notadamente aquelas orientadas por uma interpretação marxista da História<sup>100</sup> (CALDART, 2004, p. 38).

Caldart desenvolveu uma longa discussão sobre a cultura para justificar sua opção, ou como ela chama, foco do olhar do sentido educativo do MST, que denomina como sentido sociocultural do MST<sup>101</sup>, e nesse sentido apresenta suas referências e conceitos sobre cultura (CALDART, 2004).

A autora estabelece a relação entre a formação humana e a cultura, destacando três aspectos desse processo: a) a cultura como transmissora de práticas, técnicas, dos símbolos e dos valores; b) se referindo à presença dos elementos culturais nas relações pedagógicas como relações humanas; e c) na relação da cultura com a educação, como práticas que participam da produção ou da formação dos novos sujeitos sociais, como parte dos *processos socioculturais* (CALDART, 2004).

Na sua discussão Caldart faz questão de garantir a determinação da base material em relação às questões da cultura, principalmente pela necessidade de se diferenciar de perspectivas teóricas que insistem em criar uma falsa autonomia da cultura.

[...] não inscrevo este trabalho em uma certa tendência teórica atual que passou a considerar a cultura como categoria central, sob o argumento de que estaríamos no *momento da Cultura*, assim como já existiu um momento da Economia e outro da Política [...] a explicação sobre porque está havendo hoje uma maior sensibilidade para as questões culturais não é possível buscar senão na própria *morada material da cultura*, (Thompson, apud Samuel, 1984, p. 311) que nos remete necessariamente à vida produtiva e ao formato político que ela projeta à luta de classes (Ibid, p. 92).

Partindo das formulações de Alfredo Bosi, a autora desenvolve a terminologia *cultura com dimensão de projeto*, se referindo à perspectiva de cultura contrária à opção da ordem social vigente, entendida como conjunto de práticas que se produzem desde a luta social e que projetam um mundo diferente, distinguindo-o de

---

<sup>100</sup> A autora tem com referência da análise histórica, a tradição teórica dos estudos da história social marxista, tendo como principais teóricos Thompson, Hobsbawm e Christopher Hill. Ver (CALDART, 2004, p. 59).

<sup>101</sup> “Por sentido sociocultural estou entendendo a produção histórica de um conjunto articulado de significados que se relacionam com a *formação do sem-terra brasileiro* enquanto um novo sujeito social, que se constitui também como um *novo sujeito sociocultural*, estando nesta condição uma das dimensões importantes da sua força política atual, que extrapola sua influência para além dos limites da questão agrária, ou das questões ligadas ao campo” (CALDART, 2004, p. 30).



termos como contracultura, cultura de resistência ou cultura contra-hegemônica (CALDART, 2004).

Como aprendizado da pedagogia do MST, observa-se nas suas atividades o desenvolvimento de uma postura política e cultural de contestação social, assim como sua intencionalidade no processo de formação e educação, mesmo que utilizando de diferentes jeitos de fazer a reflexão da ação e de produzir a consciência da luta (CALDART, 2004).

Na análise final da obra, podemos observar que não é possível definir qual a compreensão de cultura da autora, pois, a utilização do conceito aparece de forma diferente ao longo do texto, alternando entre o que chama de perspectiva antropológica (sentido ampliado) e a perspectiva apresentada por Bosi (sentido restrito), o que confirma a dificuldade de utilizar o termo cultura, seja isolado, ou como palavra composta.

Apesar de reforçar a necessidade de compreender a cultura na sua relação direta com o desenvolvimento das bases materiais, a autora enfatiza as situações do cotidiano, sentidos, símbolos das vivências culturais em detrimento das atividades da produção da existência, o trabalho, realizando muitas vezes o que nega. Concordamos com Titton em sua análise sobre a produção de Caldart,

A crítica que estabelecemos em relação às produções da autora é que ao valorizar em demasiado a vida cotidiana, os aspectos socioculturais e a construção da identidade, tem provocado o afastamento da perspectiva que busca apreender a educação em sua materialidade, o que somente é possível pela análise das categorias trabalho e luta de classes [...] Quando damos centralidade aos episódios da vida cotidiana, nos descentramos do foco das relações que estruturam a vida em sociedade, pois o cotidiano enquanto espaço de produção e reprodução da vida é palco privilegiado das ações mecanizadas do homem. Entender o cotidiano e sua imediaticidade enquanto categoria que tenha centralidade na análise pode submeter o processo de ensino ao nível do senso comum, da reprodução imediata da vida enfraquecendo a vinculação da educação com a luta empreendida pela transformação social (TITTON, 2006, p. 37-38).

A utilização de muitos termos ligados à questão da cultura como: sujeitos da cultura, processos socioculturais, vivências socioculturais, movimento sociocultural, sujeitos socioculturais, na maioria das vezes provocam redundâncias e dificultam a compreensão do objeto de estudo.

### 3.2.2 O MST e a Cultura – caderno de formação nº 34

O caderno de formação nº 34, elaborado por Ademar Bogo, trata especificamente da relação do MST com a cultura. Esse texto apresenta o conceito, a utilização dos elementos da cultura pelo movimento e, o mais importante, sua contribuição para o processo revolucionário, para o desenvolvimento de uma revolução cultural.

Para definir cultura, principalmente no seio do MST, Bogo recorre como principal ferramenta teórica a utilização da história da luta de classes e baseado nesse referencial, realiza uma profunda análise de como no modo de produção capitalista, os trabalhadores Sem Terra desenvolvem e constroem uma outra possibilidade cultural. Ao passo que questionam a ordem do capital, formam militantes responsáveis para organização da luta revolucionária e, nesse processo, se inicia a formação de um novo ser social.

O autor ressalta que a questão da cultura tem que ser entendida em sua relação direta com a existência humana, com os meios e técnicas desenvolvidas historicamente para sua manutenção e perpetuação, identificada com o modo de produzir e reproduzir a vida. Nessa atividade histórica, o homem se desenvolve por meio do trabalho, ação mediadora na sua relação com a natureza.

Logo chegamos a uma conclusão muito simples, que cultura, trabalho e existência estão interligados. Por isso definimos que cultura é tudo o que fazemos para produzir nossa existência [...] O ser humano na sua essência é o resultado do trabalho. Além de o trabalho produzir o sustento humano, ele é responsável pelo relacionamento, afetividade, convivência, desenvolvimento da consciência social, etc.(BOGO, 2000, p. 8-9).

Para explicar o trabalho enquanto formador do ser social, o autor o divide em produtivo e improdutivo, indicando que o primeiro é o produtor dos objetos materiais, e o segundo responsável por possibilitar o “surgimento do conhecimento, da organização social, formação e educação ideológica, etc.”, e esse conjunto relacionado forma a cultura (BOGO, 2000). Nessa afirmação o autor desenvolve uma explicação de

trabalho produtivo diferente do apresentado por Marx em *O Capital*<sup>102</sup>, que considera como produtivo, o trabalho responsável pela produção de mais-valia. Portanto, não importa como o produto do trabalho se apresenta, seja na forma de objeto material ou espiritual, o que de fato interfere na formação do ser social são as relações de produção e não o que é produzido.

Nesse sentido, ainda no primeiro capítulo, no qual trata da conceituação da cultura e como ela se apresenta na sociedade, Bogo expõe duas questões teóricas cruciais que precisam ser analisadas: a) uma inversão na relação do homem com a natureza, e b) uma valorização da forma dos objetos em detrimento das relações de produção existente.

Na primeira questão o autor baseando-se na contribuição de Laraia<sup>103</sup>, afirma que o homem ao longo de sua existência, se diferenciara dos outros animais pela sua capacidade de adaptar-se aos ambientes,

Desta maneira o ser humano buscará formas de adaptar-se aos ambientes, produzindo instrumentos e meios para garantir a sobrevivência. Os animais, por sua vez, ao longo dos tempos são obrigados a modificarem características físicas e inclusive desenvolvem órgãos para buscar garantir a sobrevivência. **A cultura é o meio de adaptação** dos seres ao meio ecológico, possibilitando a aproximação ou afastamento de grupos sociais (BOGO, 2000, p. 20, grifo nosso).

O que historicamente se comprova é o contrário, o homem ao desenvolver instrumentos o faz com a intenção de adaptar a natureza de acordo com suas necessidades, assim, represa rios, constrói pontes, destrói montes, aterra mangues e etc. Essa afirmação anda na contramão da definição marxista da formação do ser social, pois se assim o fosse, o homem continuaria semelhante aos outros animais, sujeito as ações da natureza, preso as determinações biológicas. O autor acaba acatando a formulação que a cultura é um meio de adaptação, contraria suas exposições anteriores, tratando-a como meio de transformação.

A segunda questão se refere a uma definição decisiva, compreender a prioridade entre a aparência e a essência dos fenômenos e objetos. Partindo da

---

<sup>102</sup> Chamamos atenção disso pela importância de Bogo para a formação dos trabalhadores brasileiros, não é uma consideração meramente acadêmica, a influência da produção teórica do mesmo possui impactos diretos na luta de classes, ao contrário da maioria da produção acadêmica. Daí a relevância de atentar para algumas possíveis incoerências conceituais, pois sua materialização pode surtir efeitos inversos ao proposto pelo autor.

<sup>103</sup> LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito Antropológico*, 1986, p.49.

elaboração de Polítzer, Bogo demonstra a divisão de tudo que existe como material e ideal.

Cada uma sabe, com efeito, que há na realidade coisa que podemos ver, tocar, medir, são chamadas materiais. Por outro lado, há coisa que não podemos ver, nem tocar, nem medir, mas que nem por isso deixam de existir, como nossas idéias, nossos sentimentos, nosso desejos, nossas lembranças etc.; para exprimir que não são materiais diz-se que são ideais. Dividimos, assim, tudo o que existe, em dois domínios: o material e o ideal. Pode-se também dizer, de maneira dialética, que o real apresenta um aspecto material e um aspecto ideal(POLÍTZER apud BOGO, 2000, p.23).

Tomar essa definição como referência possibilita formulações como esta,

Resta entender qual é a parte visível, que podemos tocar, e qual é a parte invisível da terra que não podemos tocar, mas que podemos sentir e que por isso mesmo existe. Assim também devemos proceder com o ser humano (BOGO, 2000, p. 23).

Essa ênfase na aparência das coisas, acaba por deturpar a compreensão do real, dificultando a assimilação das causas, e atribuindo responsabilidades quase sempre a entes misteriosos. O que importa se podemos tocar em algo ou não? Como já dito anteriormente, o que importa são as relações que permeiam a materialização dos objetos, as idéias, por exemplo, possuem muitas vezes mais força material que coisas palpáveis, elas influenciam nos rumos em que se dá a exploração do homem e da natureza, interferindo inclusive na afirmação apresentada pelo autor, através da propriedade privada na relação do homem com a terra. Porém elas são determinadas pelas relações materiais da existência, não o contrário.

Bogo nos outros dois capítulos aprofunda a discussão da revolução, destacando uma análise da conjuntura atual, as possibilidades e contribuições de uma revolução cultural no MST. O autor deixa claro a impossibilidade do desenvolvimento pleno da consciência estética e da apropriação cultural no marco do capital, porém destaca a necessidade de uma formação diferenciada, marcada pela luta de classe, que possibilite uma ruptura política e ideológica com o sistema de interiorização hegemônico e permita iniciar o processo de emancipação humana ainda na *ordem do capital*.

É nesta velha sociedade que se desenvolve o embrião de novas relações de produção, de trabalho e de cooperação. O embrião de novas condutas, com mudanças de hábitos e valores, elevando-se assim o nível da consciência humana em relação ao universo. A partir de nossa intervenção, estamos edificando materialmente nossas intenções de construir uma nova sociedade, mas levaremos uma carga bastante pesada do lixo capitalista, que será transformado depois da tomada do poder (BOGO, 2000, p. 48).

Nas elaborações de Bogo podemos observar que dentro de suas contradições o MST demonstra a astúcia e disposição revolucionária, ao tratar da revolução em dias de recuo da teoria e da retirada dos intelectuais de esquerda. O autor chama a atenção para o fato de a conjuntura favorecer justamente a fragmentação da classe e o abandono da revolução como ordem do dia.

Falar em revolução em uma época em que parece haver uma hegemonia absoluta do imperialismo norte-americano é atrever-se demais. Por outro lado, há acentuação muito grande sobre determinadas questões que procuram descaracterizar a luta de classes e destacar como pontos fundamentais, as questões de gênero, ecológicas, das minorias e tantas outras (BOGO, 2000, p. 47).

Cobrando radicalidade, Bogo irá exigir uma compreensão da revolução que não deixe dúvidas para que não comprometa os resultados das lutas e ações revolucionárias. Tendo como referência as experiências históricas, retrata o longo e difícil percurso da revolução, destacando sempre a presença da ação contra-revolucionária, assim como os limites do reformismo, que deturpa e emperra os avanços da revolução. Considera a reforma apenas como uma causa a se discutir sobre a ordem do capital, desde que esteja submissa aos objetivos da revolução. Utilizando a reforma agrária como exemplo, o autor apresenta como uma reivindicação que aglomera os trabalhadores para a revolução, não como um fim em si.

Demonstrando lucidez teórica sobre a revolução, Bogo contribui sem falsas ilusões, com o MST no que se refere às tarefas da revolução. Amparado pelo referencial marxista, o autor indica a organização de classe como única possibilidade para derrocada do capital, reconhecendo a necessidade de uma preparação para a guerra civil, pois os dominadores não abrirão mão da propriedade privada pela via do consenso ou do diálogo. Nesse sentido, destaca a contribuição da revolução cultural que deve acontecer simultaneamente com a revolução, pois é uma parte do processo maior.

Muitos são os fatores que favorecem ao estopim da revolução, entre eles a questão econômica, mas precisa acontecer um sincronismo entre as condições objetivas e subjetivas da classe trabalhadora, só essa articulação possibilita as massas indignadas a avançarem contra o sistema que as oprime e as desumaniza. Por isso, o autor afirma que não basta ter boa vontade, é preciso que os trabalhadores estejam organizados e em condições de criarem as circunstâncias que conduzam ao ponto final, o processo revolucionário, e neste intuito coloca a revolução cultural como uma possibilidade de preparação dos trabalhadores para a grande vitória (BOGO, 2000).

Ainda que o poder político e o controle da produção não estejam nas mãos dos trabalhadores, Bogo indica o início da revolução cultural, nas áreas onde o MST está presente mesmo compreendendo suas limitações, através do desenvolvimento de uma base de produção alternativa, da construção de valores humanistas e de lutas que contribuem para transformação da consciência crítica (BOGO, 2000).

Tendo a autodeterminação, a continuidade histórica, a utopia, a luta de classes, o conhecimento como alguns dos pilares da revolução cultural, o MST emprega todo seu esforço na formação desse novo homem, impregnado pelo lixo cultural do capital, apontando como projeto histórico o fim da sociedade de classes e da propriedade privada dos meios de produção, dando início ao período de desenvolvimento ilimitado do ser social (BOGO, 2000). A grande contribuição deste texto está em tratar a cultura como ferramenta para a revolução.

### **3.2.3 Dossiê – MST Escola: Documentos e Estudos 1990-2001**

Adentraremos agora na análise do Dossiê MST Escola, um conjunto de textos e documentos sobre educação do movimento, especificamente relacionados à escola, no período entre 1990 e 2001. Estes retratam a trajetória das discussões e ações do MST no campo educacional, tendo como característica marcante sua produção por coletivos de educadores, e que apresentam como objetivo,

[...] voltar a discutir com toda nossa base “o que queremos com as escolas dos assentamentos e acampamentos do MST”, *quais as tarefas pedagógicas específicas da escola na formação dos Sem Terra e como organizar sua prática educativa para que contribua na construção do projeto de sociedade socialista que defendemos e na emancipação*

*social e humana dos sujeitos* (COLETIVO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MST, 2005, p.6, grifo nosso).

Pela dimensão da produção presente nesta obra e sua importância, faremos inicialmente uma análise geral sobre o processo de formação, em seguida um levantamento da discussão sobre cultura e, por fim, sobre os aspectos referentes aos elementos da cultura corporal.

Em seu conjunto, os textos se apresentam num processo de complementaridade, expressando o incremento das novas experiências e estudos do MST, no âmbito educacional. Um dos principais responsáveis pela orientação teórica é o caderno nº 08, que apresenta os princípios da educação do MST. Entre seus princípios destacamos o primeiro princípio filosófico, “Educação para transformação social”, onde fica demarcado seu projeto político, de homem e de sociedade, que orienta e deve orientar todas as atividades do MST,

Este é o horizonte que define o caráter da educação no MST: um processo pedagógico que assume como político, ou seja, que se vincula organicamente com os processos sociais que visam a transformação da sociedade atual, e a construção, desde já, de uma nova ordem social, cujos pilares principais sejam a justiça social, a radicalidade democrática, e os valores humanistas e socialistas (Ibid, p. 161).

Demarca como característica essencial a educação de classe, tratando-a como “uma educação que não esconde o seu compromisso em desenvolver a consciência de classe e consciência revolucionária, tanto nos educandos como nos educadores” (Ibid, p.161), apontando ainda nesse horizonte a perspectiva da formação omnilateral<sup>104</sup>.

Na sua trajetória pedagógica o MST utiliza de diversas perspectivas pedagógicas para o desenvolvimento das suas atividades de formação, o ecletismo teórico impera nas formulações, o que promove prejuízos na orientação da formação dos seus militantes. Percebe-se isso, quando no caderno nº 09 são apresentadas as pedagogias utilizadas pelo MST que, “em vez de assumir ou se “filiar” a uma delas, o MST acaba pondo todas elas *em movimento*, deixando que a própria situação educativa

---

<sup>104</sup> A palavra omnilateral vem de Marx, que usava a expressão “desenvolvimento omnilateral do ser humano”, para chamar a atenção de que uma práxis educativa revolucionária deveria dar conta de reintegrar as diversas esferas da vida humana que o modo de produção capitalista prima por separar (Ibid, p.163).

específica se encarregue de mostrar quais precisam ser mais enfatizadas, num momento ou outro” (Ibid, p.201). Defender essa opção teórica que mistura não apenas perspectivas diferentes, mas também antagônicas<sup>105</sup>, e que deixa à situação orientar a atividade, é um tanto perigoso para um movimento de forte ação política como o MST.

Nossa intenção nesse momento não é aprofundar a discussão sobre a opção teórica do MST<sup>106</sup>, por mais que seja importante, mas sim identificar a potencialidade emancipatória contida nas elaborações e ações do movimento, que servirão de princípios para as atividades culturais.

No que trata da cultura, o conjunto de textos do dossiê fazem referências constantes sobre a cultura e sua relação com a educação do movimento, tanto que dos catorze textos do dossiê, sete contém tópicos específicos vinculados a essa discussão. Todos têm como objetivo o desenvolvimento cultural específico do MST em contraposição ao modelo atual de cultura, privilegiando a identidade cultural camponesa e anticapitalista.

Não se trata de matar a cultura camponesa e introduzir a cultura da sociedade capitalista urbanizada. Muito ao contrário. Se trata, de promover o desenvolvimento cultural nos assentamentos através da construção da cultura camponesa. Isto quer dizer, rever as tradições, recuperar o saber sobre o próprio trabalho, mas também incorporar no jeito de viver as lições da luta e os elementos de um conhecimento cada vez mais amplo da sociedade e do mundo como um todo (Ibid, p.43).

Nesta obra não há precisão acerca da compreensão de cultura. Este se altera de acordo com o contexto e a necessidade e acaba por servir como explicação de várias coisas. Para percebermos a abrangência que o termo cultura adquire na produção do MST, apresentaremos dois trechos, um do Caderno de educação nº 01 e o outro do Caderno de educação nº 08.

Cultura quer dizer: *jeito de viver*. Num assentamento se juntam grupos com diferentes origens, diferentes costumes, religiões, gostos diversos

---

<sup>105</sup> Há uma constante presença do *aprender a ser* nos textos, um dos quatro pilares educacionais do relatório Jacques Delors (UNESCO), organização de mediação do imperialismo capitalista, nesse sentido inimigo de classe do MST, por isso a preocupação com rigorosidade teórica, pois dessa forma fica comprometida as ações do movimento. “... estamos no âmbito do **aprender a ser**, ou se preferimos, da formação do caráter de nossos/nossas estudantes que, dizíamos antes, tem que ser omnilateral”(Ibid, p.174). Tratar o aprender a ser do Delors como sinônimo do omnilateral de Marx é um grande equívoco.

<sup>106</sup> Urge cada vez mais a necessidade de uma elaboração crítica que trate desta questão, o que por conta de nossos limites não poderá ser feito nesse estudo.



sobre música, comida, divertimentos, e até com jeitos diferentes de trabalhar e de encarar o trabalho [...] As crianças precisam aprender a entender e valorizar sua cultura [...] Estas são algumas coisas que a escola pode fazer, ao mesmo tempo, para valorizar a cultura existente no assentamento e promover a nova cultura que alimenta e é exigida pela luta maior do MST [...] (Ibid, p.69-70).

E ainda,

Entendemos por cultura tudo aquilo que as pessoas, os grupos e as sociedades produzem para representar ou expressar o seu jeito de viver, de entender e de sonhar o mundo. É a cultura que permite a comunicação humana e, portanto, permite a própria educação. São expressões culturais: a linguagem, os costumes, as tradições, a arte, os rituais, a religiosidade, os comportamentos, as normas, os saberes, o jeito de se relacionar com as outras pessoas no cotidiano, os valores éticos [...] (Ibid, p. 172).

As elaborações sobre cultura nesses textos se concentram em discutir a relação da cultura com a educação e, particularmente, com as atividades da escola. Por isso são predominantes as propostas de atividades durante as aulas, da sua participação como componente curricular e sua responsabilidade no processo de consolidação da identidade dos militantes, ressaltando peculiaridades e diferenças de hábitos e costumes.

É o espaço para pesquisar sobre a origem geográfica, étnica e cultural dos assentados envolvidos com a escola, seja de um ou de mais assentamentos; discutir sobre o problema dos choques de culturas; conhecer manifestações culturais diversas; pesquisar sobre as diferentes religiões que existem nos assentamentos e em que diferem; hábitos alimentares, costumes, festas populares; discutir sobre as mudanças que a luta e a conquista da terra trouxe para as famílias [...] (Ibid, p. 145).

A defesa da importância da cultura na luta contra o aparato ideológico capitalista é reforçado frequentemente nos textos, destacando a árdua tarefa de formar militantes sobre outros pilares ideológicos que primem pela defesa da classe trabalhadora e pela sua emancipação, já que o capital emprega grande parte de sua força no seu sistema de interiorização. Essa preocupação pode ser observada quando

Aprendemos com a história, que as **lutas culturais** são parte importante dos processos de transformação social. Alguém já disse até que representam o cimento que liga as lutas econômicas e políticas. Então não podemos considerar menos importante esta dimensão

quando pensamos na educação das pessoas. Coisas do tipo: que canções são entoadas pelos nossos jovens, que heróis povoam os sonhos de nossas crianças, que tipo de relações se cultivam entre homens e mulheres, entre pais e filhos, que tipo de religiosidade se pratica em nossos acampamentos e assentamentos, que festas nos congregam [...] não são apenas questões do cotidiano sobre as quais não é necessário pensar ou influir. Por estes e outros detalhes podem passar a nossa resistência ou afirmação dos valores e da ideologia da sociedade capitalista; e também nestes detalhes pode aumentar ou diminuir a nossa pertença à organização, nosso próprio amor e gosto por participar e continuar participando desta luta coletiva (Ibid, p. 172-173).

Daí a insistência por parte do MST de preconizar a produção cultural em todas as atividades de formação auxiliando na construção de outro padrão cultural,

Nossas escolas, nossos cursos de formação, precisam ser espaços privilegiados para a vivência e a produção de cultura. Seja através da comunicação, da arte, do estudo da própria história do grupo, da festa, do convívio comunitário como antídoto ao individualismo que é o valor absoluto no capitalismo; seja também pelo acesso às manifestações culturais que compõem o patrimônio cultural da humanidade, seja pelo enfrentamento dos conflitos culturais que aparecem no dia-a-dia do nosso movimento. O que não podemos perder de vista é o objetivo maior de tudo isso, e que diz respeito não a um simples resgate da chamada cultura popular, mas principalmente, ao produzir uma nova cultura; uma **cultura da mudança**, que tem o passado como referência, o presente como a vivência que ao mesmo tempo em que pode ser plena em si mesma, é também antecipação do futuro, nosso projeto utópico, nosso horizonte (Ibid, p.173).

Entre as pedagogias utilizadas pelo MST em seu cotidiano, destacamos a pedagogia da cultura, que valoriza os gestos, valores, o jeito de lutar dos Sem-Terra e os símbolos produzidos que ele vai aprendendo a significar e ressignificar.

A pedagogia da cultura tem como uma de suas dimensões fortes a *pedagogia do gesto*, que é também *pedagogia do símbolo e pedagogia do exemplo*. O ser humano se educa mexendo, manuseando as ferramentas que a humanidade produziu ao longo dos anos. Elas são portadoras da memória objetivada (as coisas falam, têm história). É a cultura material que *simboliza* a vida. O ser humano também se educa com as relações, com o diálogo que é mais do que troca de palavras. Ele aprende com o *exemplo*, aprende a fazer e aprende a ser, olhando como os outros fazem e o jeito como os outros são. E os educandos olham especialmente para as educadoras; são sua referência como modo de vida (Ibid, p.203).

A existência de uma pedagogia específica da cultura confirma a fragmentação do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem, e essa fragmentação é algo que deve ser ressaltado diante dos problemas que pode acarretar a formação. Os textos destacam a necessidade da simbiose entre cultura e educação, e sua importância no processo de formação dos militantes do MST,

Podemos refletir então que educar é também partilhar significados e *ferramentas de cultura*; é ajudar as pessoas no aprendizado de *significar* ou *ressignificar* suas ações, de maneira a transformá-las em valores, comportamentos, convicções, costumes, gestos, símbolos, arte, ou seja, em um modo de vida escolhido e refletido pela coletividade de que fazem parte. Isto quer dizer, entre outras coisas, que educar as pessoas é ajudar a cultivar sua memória, é conhecer e reconhecer seus símbolos, gestos, palavras; é situá-las num universo cultural e histórico mais amplo, é trabalhar com diferentes linguagens, é organizar diferentes momentos e jeitos para que as pessoas reflitam sobre suas práticas, suas raízes, seu projeto, sua vida [...] (Ibid, p.243).

A imprecisão da compreensão da cultura, o ecletismo teórico e a ausência de um maior aprofundamento da relação capital-trabalho com a educação e a cultura, são questões que precisam de maior esforço crítico, de atenção especial, principalmente, pelos prejuízos que essa orientação pode promover na prática social.

### 3.2.4 O MST e a Cultura -2003

É uma coletânea de textos sobre a cultura e o MST, produzidos entre 1998 e 2003, em geral tratam das diretrizes formativas, das estratégias metodológicas e da formação dos Sem Terra, destacando a participação da cultura na formação da consciência. Esse material não foi publicado, ele é constituído de 13 textos<sup>107</sup>, elaborados por dirigentes do MST (sendo oito por Ademar Bogo), pelo coletivo de cultura do MST e por colaboradores. Apresenta também uma carta e um manifesto oriundo de eventos sobre a temática organizados pelo MST.

Os textos foram organizados por ordem cronológica oferecendo-nos a possibilidade de identificar o percurso histórico dessa discussão no MST, seus primeiros questionamentos, as primeiras alternativas, as avaliações destas, e então novas ações e

<sup>107</sup> O texto nº 7 – Fundamentos da revolução cultural (2000), de Ademar Bogo, em possui grande similaridade com o texto Revolução cultural, do caderno de formação nº34, do mesmo autor e ano. Diante disso, não realizaremos sua análise, pois já foi realizada em parágrafos anteriores.

novas formulações. Na leitura dos textos é perceptível o amadurecimento sobre essa questão, sempre ligadas diretamente com as demandas oriundas da luta do MST. Pela característica de sua composição, muitas questões tratadas nos textos analisados anteriormente aqui se repetem, diante disso resolvemos apresentar esse material destacando três tópicos que consideramos fundamentais nessa obra: a) O papel da cultura no MST; b) O método para impulsionar a revolução cultural; e c) a importância da cultura na formação da consciência.

Apesar de serem textos independentes, é perceptível uma coerência teórica entre eles. Nestes documentos a compreensão da cultura pelo MST é apresentada de forma clara, como “a produção da vida social que se manifesta através do trabalho, objetos, dos costumes, princípios, normas, valores, superstições, conhecimentos etc.” (BOGO, 2003-a, p.4). A presença de uma compreensão ampliada da cultura é predominante, podemos confirmar com a formulação provisória elaborada durante o seminário de 1998:

*um jeito de ser, de viver, de fazer as coisas, que vai desde as formas de organização dos nossos acampamentos, as formas de trabalho que adotamos nos assentamentos, até o tipo de festa que fazemos, as músicas que gostamos, a linguagem que usamos (que às vezes só nós entendemos...), o lazer que praticamos, a religião em que acreditamos... E lembrando que tudo isso tem a ver com **valores**, ou seja, com certas escolhas morais que fazemos e que fundamentam este jeito de ser...*

*nossos símbolos: a bandeira, o hino, as palavras de ordem, o próprio nome: MST, as ferramentas que usamos em nossas manifestações, nossas formas de luta e sobretudo a nossa forma principal de fazer a luta pela terra que também já se tornou um símbolo, uma marca cultural: a **ocupação**; aos poucos também nossas **marchas** estão se transformando em símbolo...;*

*nossas produções artísticas: as canções, os poemas, os cartazes, painéis...*

*nossos materiais de comunicação: jornal, revista, cadernos de formação, educação, informativos, livros, espaço na Internet...*

*nossa mística: o jeito que transformamos as nossas produções culturais em energia espiritual que alimenta nossa própria existência enquanto movimento...(MST, 2003, p.15).*

Nesse documento o MST demonstra a preocupação de organizar uma política cultural, a necessidade de sistematizar e orientar as atividades culturais realizadas no seio do movimento. Com o intuito de oferecer uma intencionalidade nessas ações, é que o MST define que “uma política cultural precisa potencializar a

criação, democratizar o acesso, e estimular a análise crítica e criativa das diferentes expressões da cultura” (MST, 2003, p.17).

Partindo de diagnósticos das áreas de reforma agrária e da história do movimento, os autores se debruçaram em dois textos, especificamente sobre os métodos necessários para “impulsionar uma revolução cultural”. A preocupação com os métodos é no sentido de propagar a política cultural do MST e potencializar as experiências positivas realizadas no seio do movimento. Destacando a centralidade da organização do MST e a determinação da produção da existência nos assentamentos e acampamentos em relação ao impulsionar da política cultural, os autores discutem as melhores possibilidades para um desenvolvimento cultural que corresponda com seus anseios políticos e de projeto histórico.

Previendo as dificuldades que esse esforço impõe, Bogo ressalta que é preciso estar ciente de que estão “entrando em um terreno cheio de contradições que é necessário muita vigilância para não cairmos na tentação de valorizar demais a subjetividade e esquecer os aspectos da objetividade que conformam o ambiente histórico a ser interpelado”. Levando-o a afirmar que a luta pelo poder e pelo socialismo é a melhor forma de se atingir os objetivos culturais (BOGO, 2003-b, p. 49).

Na avaliação do MST, todos os setores da sua organização têm que estar envolvidos na superação dos problemas imediatos, pois só assim, poderá ter êxito uma revolução cultural nas áreas de reforma agrária. “Sem uma intervenção planejada e prolongada não efetuaremos mudanças significativas, somente através da revolução cultural é possível alcançar os objetivos que pretendemos” (BOGO, 2003-c, p.24).

Nesse percurso o MST realiza uma auto-avaliação contínua de suas ações, no caso da revolução cultural não é diferente, ressaltando as dificuldades para as mudanças significativas no campo da cultura, afirmando que: “Não se muda a cultura de uma pessoa ou de um grupo sem mudar sua existência social, seu ser social; e a revolução cultural se faz e se expressa basicamente nas relações sociais; **não há revolução cultural fora do mundo do trabalho e da luta política**” (CALDART; KOLLING, 2003, p.44).

Inclusive, entre essas avaliações, o MST já considera iniciada a revolução cultural nas suas áreas, mesmo considerando que ainda há muito a fazer, colocando-a como um desafio necessário para sua organização.

[...]a grande revolução cultural que já fizemos foi a construção de nosso nome próprio, nossa identidade coletiva: *somos Sem Terra, somos do MST...* Esta identidade é fruto da luta política que fazemos e que está sendo capaz de projetar e de algum modo materializar a utopia da nova sociedade que tanto defendemos. Esta identidade se expressa no jeito de nossa luta e de nossa organização, na mística, nos valores, nos princípios, nas convicções e na postura do sujeito chamado Sem Terra. Se fizemos isto é porque de alguma forma enraizamos as pessoas em uma nova coletividade, e alteramos em boa parte o seu modo de vida [...] (CALDART; KOLLING, 2003, p. 46).

Partindo das reflexões de Marx e Engels sobre o desenvolvimento da consciência, o MST envereda esforços relacionando as condições de existência nas áreas de reforma agrária com as atividades culturais e com a formação da consciência dos militantes do movimento, no intuito de ampliar as possibilidades de intervenção para a luta revolucionária. Essa preocupação é percebida em quase todos os textos dessa coletânea.

Compreendendo a consciência como “uma conseqüência da convivência social onde se produz a cultura”, os autores destacam que o atraso cultural, o precário conhecimento e a ausência de domínio tecnológico da maioria dos Sem Terra formam um enorme obstáculo para o processo de formação da consciência revolucionária. Aliados as condições deploráveis de sobrevivência, constituem um dos principais problemas do MST, a elevação da formação básica dos seus militantes e libertação deles dos problemas imediatos da existência.

O MST, no material em análise, aponta a importância da luta pela terra para a elevação de nível da consciência dos Sem Terra, que estabelece outra relação com a realidade posta, e assim formando indivíduos que compreendam a tarefa histórica de transformar o extraordinário em cotidiano. Levando-o a afirmar a importância da cultura nessa tarefa, como mais um ponto de apoio para mudanças significativas, desde quando atreladas a um projeto histórico emancipador.

“[...] o amadurecimento das condições econômicas apenas, não produzem de forma automática uma situação revolucionária. Para que a revolução seja possível é requerida a presença de “mil fatores a mais”. São estes “mil fatores” que dão identidade às revoluções específicas e que depende de seus forjadores para que não deixem para trás aspectos importantes tanto da subjetividade quanto dos aspectos objetivos, que contribuem para que a revolução seja vitoriosa (BOGO, 2003-b, p.51-52).

A análise dessa coletânea de textos nos exigiu muita cautela, principalmente por não ser um material preparado para publicação e, sendo assim, temos que reconhecer que devemos ter um maior cuidado com afirmações ou críticas, já que o mesmo não passou por uma revisão rigorosa.

Alguns temas precisam ser analisadas de forma mais aprofundada posteriormente: a relação trabalho-cultura, a compreensão dos elementos materiais e espirituais, e a religiosidade; questões que em geral são a expressão das situações concretas enfrentadas pelo movimento e que ainda necessitam ser resolvidas. Reconhecemos nesses textos o que há de mais avançado nas proposições do MST, pois eles apresentam a dinâmica realizada pelo movimento ao longo dos últimos anos, na procura de resolver as contradições enfrentadas no seu dia-a-dia. Apresentando-nos análises e formulações primorosas dos envolvidos diretamente na construção dessa grande experiência da classe trabalhadora brasileira.

Inclusive apontamos que a publicação desse material é imprescindível, pois servirá como referência para outros organismos da classe trabalhadora brasileira, que poderão se apropriar de parte dessa experiência, incorporando e superando o que for necessário.

### **3.2.5 Cultura Corporal na produção do MST**

O MST não apresenta nenhuma produção específica sobre os elementos da cultura corporal, entre os textos analisados o que traz mais informações sobre a temática é o Dossiê MST- Escola<sup>108</sup>. Encontramos alguns trechos e tópicos no decorrer dos textos, que em linha geral relaciona os elementos da cultura corporal com as atividades de lazer, saúde, expressão corporal e como métodos de ensino.

No que se referem à saúde, os textos enfatizam a importância dos exercícios físicos de maneira geral para o conjunto dos aspectos de saúde dos militantes,

O que pretendemos é formar corpos e mentes saudáveis, com preparo físico, resistência e disposição para luta, o trabalho e o lazer. Nesse sentido, a recomendação é o que os momentos de Educação Física sejam dedicados predominantemente para: ginástica (montar uma

---

<sup>108</sup> Nos outros textos quando os elementos da cultura corporal aparecem são na forma de pequenos exemplos.

seqüência fixa de exercícios que trabalhem todas as partes do corpo), caminhadas longas e cadenciadas, corridas, saltos em altura e distância, corda, bastão, lançamentos, exercícios de relaxamento corporal e mental. Em relação aos jogos, pode-se aproveitar o espaço da disciplina para ensinar as regras técnicas dos principais jogos recreativos e esportivos. Quanto à prática dos jogos, o melhor é que fique no espaço de lazer coletivo a ser organizado pelos próprios alunos (COLETIVO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MST, 2005, p.149).

Percebe-se na discussão da Educação Física, que esta se encontra sob os mesmos pilares das propostas de educação fora do MST, apresentando inclusive a contestada dicotomia entre corpo e mente, e a prescrição de atividades sem a necessária compreensão das atividades diárias dos militantes, nesse caso, trabalhadores rurais com uma grande carga diária de esforço e alimentação deficiente o que implica também numa compreensão de saúde que requer aprofundamento.

No caderno de educação nº 09, encontramos a discussão sobre os tempos educativos, entre eles o tempo esporte/lazer que:

[...] é o tempo para a prática de esportes jogos coletivos que venham a desenvolver valores como a cooperação e a socialização. Também é o tempo destinado ao lazer, a brincadeiras, a prosas, passeios, piqueniques... Serve também para o aprendizado de novos jogos e brincadeiras, para o desenvolvimento da coordenação motora, da agilidade, da resistência física [...] Ele visa a integração entre todos os educandos da escola, propiciando um momento de ludicidade e alegria. Este tempo pode ser de um período por semana (em torno de noventa minutos), pelo menos [...] Neste tempo pode estar incluída a disciplina de Educação Física, desde que também contenha o seu conteúdo específico (Ibid, p.216).

Nessa citação permanece o entendimento equivocado, o mesmo que se vê usualmente nas escolas em geral, que propõe um tempo restrito para as práticas corporais em relação às outras atividades educativas impossibilitando o sucesso dos objetivos por eles elencados. Mostra ainda a presença da fragmentação do tempo educativo, o que na prática fragiliza a articulação com os outros tempos educativos. Em seu estudo Titton, chama atenção para esse aspecto da formação do MST, em específico no curso Pedagogia da Terra.

[...] Isso nos alerta para a necessidade de aprofundar a reflexão acerca da unidade que há entre as diferentes atividades e diferentes “tempos” presentes na proposta. O que identificamos na prática do curso é que



estes diferentes “tempos educativos”, via de regra, não tem articulação entre si, e raramente são articulados com os conhecimentos abordados em aula [...] mas no geral não há articulação, o que supõe a artificialidade dessa abordagem da categoria tempo (TITTON, 2006, p. 103).

No que se refere ao debate sobre a formação para o lúdico, constata-se uma grave semelhança com as atividades lúdicas sob o julgo do capital, pois as atividades têm como objetivo servir como mecanismo de alienação, de válvula de escape das durezas diárias, de anestésicos sociais. A incorporação do lúdico como paliativo social inviabiliza o seu real objetivo, a fruição do ser social, que em sua forma plena só será possível num outro modo de produzir a existência.

Lúdico tem a ver com jogos, brincadeiras, divertimentos, recreação, lazer. Um dos aprendizados de quem participa do MST é o de misturar a dureza da luta pela terra e das condições de vida miserável que exigiram a entrada das pessoas nesta luta, com a capacidade de brincar, de se divertir, de olhar a vida de um jeito menos carrancudo, mais “esportivo”. Aprender a celebrar, a conviver, a jogar, também diante das derrotas que a dinâmica da vida de Sem Terra nos impõe. Misturar mística, utopia e alegria de viver, para tornar mais “leve” a escolha de ser um lutador do povo, de vida inteira (COLETIVO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MST, p. 260).

Em linha geral, a compreensão do MST presente nos seus textos sobre a cultura corporal e educação física é semelhante à difundida no sistema escolar oficial. Dessa maneira, a cultura corporal e educação física não se inserem no esforço do movimento para consolidação de uma educação para emancipação e apesar dos avanços observados na proposta educacional do MST, nada tem de diferente. Na discussão sobre a formação omnilateral, ainda que não seja de forma excludente, a formação no campo da cultura corporal não é tratada entre as principais áreas (COLETIVO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MST, p.164).

Nos cadernos, a discussão está baseada no senso comum, com pouca ou nenhuma aproximação da produção da educação física relacionada com os movimentos sociais e no campo do marxismo<sup>109</sup>.

---

<sup>109</sup> Principalmente com o texto Metodologia do Ensino da Educação Física, de 1992; e da produção de Taffarel que há muitos anos já desenvolve atividades em parceria com o MST, e de outros autores marxistas brasileiros que desenvolvem atividades da cultura corporal em parceria com o movimento.

### 3.3 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES DA POLÍTICA CULTURAL DO MST

Na discussão geral dos textos, percebemos a dificuldade de trabalhar com o conceito de cultura, mesmo para o MST, um movimento que luta por um projeto histórico emancipador. O conjunto dos textos aponta uma perspectiva para além do projeto do capital, mesmo que em suas elaborações nem sempre isso fique claro, existe uma predominância por priorizar a determinação das condições objetivas materiais sobre os fenômenos sociais e colocar o trabalho como categoria central para a compreensão da cultura. A relação capital-trabalho-educação se apresenta de forma tímida e incipiente, o que na nossa avaliação traz prejuízos para ação política.

No caso dos textos sobre educação, o marxismo ainda que bastante citado, se encontra na maioria das vezes acompanhado por formulações diferentes e antagônicas do mesmo, comprometendo o rigor das produções. O predomínio do ecletismo teórico é a regra entre a maioria dessas produções, e o resultado desse ecletismo só poderemos analisar comparando com a repercussão do mesmo na luta diária do MST, na sua relação com os governos, e na radicalização das suas ações.

Os textos específicos sobre cultura apresentam maior coerência e rigor no que se referem ao marxismo, os textos têm uma maior identidade, uma forte relação de complementaridade e de auto-avaliação. A presença de outras tendências teóricas é insignificante.

A compreensão ampla da cultura é predominante nas formulações do movimento, acontecendo muitas vezes uma incompreensão da relação fundante e fundado, tratando todas as esferas da produção da existência num patamar de igualdade, desconsiderando as determinações históricas. Essa situação não exclusiva do MST é a expressão das contradições do pensamento dominante do qual o movimento luta para superar – essa discussão foi tratada no primeiro capítulo.

No confronto da produção teórica do MST, com as notícias das atividades realizadas pelo movimento no campo da cultura<sup>110</sup>, reconhecemos que não existe uma unidade na direção teórico-política geralmente adotada. As elaborações produzidas pelo movimento muitas vezes não aparecem na materialização das atividades culturais, o que na nossa avaliação é um prejuízo para a organização, pois algumas questões básicas refutadas nos textos predominam nas ações.

---

<sup>110</sup> Consultar Anexo A.

Com exceção do teatro, as atividades não são fruto de uma organização nacional, em grande medida são oriundas das iniciativas regionais e locais. Que de certa forma demonstra o potencial do movimento que se desenvolve com certa autonomia, e nesse sentido favorece a consolidação de uma política cultural de caráter nacional, que está em constante movimento de construção. Sistematizar essas experiências e promovê-las nacionalmente ainda é um dos limites a ser superado pelo MST.

Nas ações noticiadas há um forte apelo à defesa e resgate da cultura camponesa e/ou popular, sem necessariamente existir uma clareza do que isso signifique. Com tom de pureza, nostalgia, permeado por análises idealistas da realidade, com forte influência de tendências pós-modernas e desconsiderando o atual contexto histórico e da luta de classes, essa perspectiva tem uma presença grande nas atividades analisadas.

Esse dado da realidade se coloca contrário à avaliação de Ademar Bogo, que ressalta que a perspectiva pós-moderna que está presente nos cursos do MST não se materializa nas práticas do movimento, o que não confere com nossa análise.

Sabemos que o modo de produção é universal e as idéias dominantes provêm também das forças dominantes e de quem está a seu serviço. Em nosso caso, sofremos menos, porque as tendências teóricas há muito tempo se afastaram do campo, juntamente com o afastamento da intelectualidade da militância neste espaço. **Estas tendências influem em nossos cursos, porém não se tornam práticas.** Ainda temos unidade no sentido de compreender a cultura como parte integrante das demais relações e fundamentalmente submetida aos aspectos estruturais (Ademar Bogo - Questionário, grifo nosso).

Ainda que alguns elementos possam ser empregados na luta pela emancipação, defender uma cultura camponesa e popular é oferecer aos trabalhadores o uma apropriação limitada das conquistas humanas, devido ao acesso restrito permitido pela burguesia, daí a importância do recorte de classe para uma maior compreensão dos possíveis impactos desta perspectiva no MST. Muitas vezes esses discursos saudosistas estão impregnados por um irracionalismo, que ocultam a sua verdadeira intenção, manter as coisas como estão.

De forma simples, [Lênin] explicou que a burguesia procurava com discursos “bonitos” iludir os camponeses, afirmando que estes não necessitavam de dinheiro porque sabiam viver de forma simples, aproveitavam as próprias vacas no trabalho para não gastar dinheiro

com bois. “[...] em nosso meio, o povo é tão miserável que se começa a lavrar não só com as vacas, mas com homens! E como isso é vantajoso! E como isso é barato! Como é digno de elogios que o pequeno e médio camponês sejam tão obstinados no trabalho, vivam tão simplesmente, deixando de lado as fantasias [...]”. Assim diz a burguesia para não deixar que os camponeses vejam a verdade (LÊNIN apud GOMES, 2006, p.87).

Não devemos tratar cultura popular como sinônimo da cultura dos trabalhadores, pois esse recorte de classe é o que garante o princípio de indignação diante aos limites ditados pela classe dominante, a presença dos valores socialistas e comunistas estão presentes na classe que os constroem, não em todo o “povo”. A defesa de uma cultura camponesa e/ou popular autêntica, anda na contramão da proposição da política cultural do MST presentes nos seus textos. O que comprova a dificuldade de propagação dos princípios e fundamentos de um movimento da grandeza do MST, que diariamente luta para destruir essas perspectivas reacionárias.

É difícil resistir, mas da mesma forma que devemos rejeitar aspectos da cultura camponesa que atrapalham o desenvolvimento humano e a organização social, devemos rejeitar as tentativas das elites de insistir na mudança de comportamento dos camponeses ao mesmo tempo que quando lhe interessa apresentar para a sociedade um camponês que já não existe mais pois o próprio desenvolvimento cultural superou determinadas características, mas que apenas usam para fazer o confronto ideológico com a organização (BOGO, 2003-a, p.6).

O debate sobre cultura presente nesses textos confirma as disputas políticas na organização do MST, o que não difere das lutas externas, Tilton analisando a produção sobre a Educação do MST, aponta que essa produção

[...] demonstra que a disputa de projetos colocados na sociedade em geral se expressam no interior da escola do MST, em especial no trabalho pedagógico, e estes projetos dizem respeito à concepção de sociedade, formação humana e trabalho. São expressões da luta de classes que não cessa na porta da escola, seja ela da cidade ou do campo, seja ela de uma prefeitura ou de um Movimento de Luta (TITON, 2006, p.137).

O MST através de seus textos, dos relatos das atividades e das ações realizadas, apresenta e defende os princípios e diretrizes para a formação de seus militantes, no que trata da cultura, confirmando o grande acúmulo do movimento.

No caso específico da cultura corporal, o mesmo não pode ser dito, nem nas formulações, nem nos registros de suas ações é possível identificar a presença da cultura corporal de forma significativa. Independente da existência de formulações e orientações, as práticas corporais se desenvolvem no seio do MST, e é esse o nosso desafio para o próximo capítulo, compreender como se desenvolve a cultura corporal nas áreas de reforma agrária do MST.

#### 4 - A CULTURA CORPORAL NO ASSENTAMENTO MENINO JESUS

Para analisarmos os dados da realidade do assentamento, recorreremos à análise de documentos do Assentamento (*História do assentamento Menino Jesus* – organizados pelo coletivo da Escola Municipal Fábio Henrique Cerqueira e *Estudo do Desenvolvimento das Atividades Agrícolas nos Assentamentos da Reforma Agrária: Assentamento Menino Jesus* (SANTOS, 2008)), assim como notícias vinculadas ao MST-Bahia, disponibilizadas no site do MST. Utilizamos como recursos complementares de investigação: caderno de campo e registro fotográfico.

Na fase de trabalho de campo, utilizamos a entrevista semi-estruturada como principal técnica de coleta de dados. Privilegiamos esta porque “ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146). Foram entrevistados responsáveis pela organização das atividades da cultura corporal no assentamento: o presidente de esporte do Assentamento Menino Jesus, uma professora<sup>111</sup> – da Escola Municipal Fábio Henrique Cerqueira, e um diretor de educação da Regional Recôncavo, que é também professor concursado da Escola Municipal Fábio Henrique Cerqueira. Destacamos que nossos entrevistados estão no assentamento desde o período da ocupação em 1998.

A nossa observação teve como objetivo identificar como se desenvolvem as atividades culturais, especificamente da cultura corporal, relacionando-as com a organização e produção da existência no assentamento Menino Jesus. Apresentamos as especificidades locais e suas vinculações com a Política Cultural do MST, no intuito de expor os dados empíricos, para confrontá-los com a análise da produção teórica do movimento, que em conjunto servirão para a contextualização do desenvolvimento da cultura corporal em áreas de reforma agrária.

O processo de observação do assentamento foi realizado em dois momentos, sendo o primeiro em junho de 2006 e o segundo em março de 2009, ambos durando em torno de uma semana. No primeiro momento serviu para um conhecimento geral do assentamento, registrando suas características, e suas principais atividades no

---

<sup>111</sup> Está na situação de voluntária, pois a prefeitura de Água Fria não renovou o contrato dos professores que não são concursados, enquanto essa situação não se resolve alguns deles resolveram voltar às atividades, mesmo sem garantias da prefeitura, para que os alunos não sejam prejudicados.

campo da produção e da formação. No segundo momento, realizamos uma avaliação da condição atual do assentamento, destacando suas principais mudanças em relação à primeira visita, dando maior ênfase na questão das atividades culturais.

#### 4.1 A LUTA PELA TERRA E A HISTÓRIA DO MST NA BAHIA

No Lugar que havia mata; Hoje há perseguição:  
 Grileiro mata posseiro só pra lhe roubar seu chão.  
 Castanheiro, seringueiro, já viraram até peão,  
 Afora os que já morreram como ave de arribação  
 Zé da Nana tá de prova:  
 Naquele lugar tem cova, gente enterrada no chão.  
 Naquele lugar tem cova, gente enterrada no chão.  
 Pois mataram índio, que matou grileiro, que matou posseiro.  
 Disse um castanheiro para um seringueiro  
 Que um estrangeiro roubou seu lugar.  
 Disse um castanheiro para um seringueiro  
 Que um estrangeiro roubou seu lugar  
 (VITAL FARIA)<sup>112</sup>

A luta pela terra na Bahia é muito antiga, inicia com a chegada da primeira excursão portuguesa ao país ocasionando os confrontos com os indígenas, isso foi o prelúdio do que vemos hoje. Com o processo de colonização, o extermínio das tribos indígenas, o extrativismo, a produção da monocultura da cana-de-açúcar começou a serem estruturados os latifúndios no Brasil. Ainda no período colonial, surgem os primeiros quilombos, comunidades formadas por escravos fugitivos, que se contrapõem a ordem vigente. No século XIX acontece um dos maiores confrontos agrários da história do país, no arraial de Belo Monte, sertão baiano, onde mais de 30 mil brasileiros foram mortos, ficando conhecido como a Guerra de Canudos<sup>113</sup>.

<sup>112</sup> FARIA, Vital. **Saga da Amazônia**. De Cantoria 1, Kuarup Discos, 1984.

<sup>113</sup> A *Guerra de Canudos* desencadeada no sertão baiano na segunda metade do século XIX no Brasil (1896-1897) foi um dos mais importantes conflitos armados ocorridos no período republicano. Para muitos, como é o caso do pesquisador Edmundo Moniz (1997), Canudos só perde em importância para a revolução zapatista no México. As causas do conflito remontam à situação fundiária brasileira (exposta na Lei de Terras de 1851) e ao total abandono em que se encontravam as populações mais humildes do sertão nordestino. A estrutura agrária vigente, marcada pela concentração de terras nas mãos de poucos e pelo predomínio do latifúndio improdutivo, somadas ao descaso do governo com uma população tão vasta quanto carente, foi o estopim do conflito que massacraram mais de 30 mil brasileiros... Os 30 mil habitantes de Canudos viveram uma experiência comunitária única, cujos princípios morais remontavam ao

É “trazendo no peito o cheiro e a cor de sua terra, a marca de sangue de seus mortos e a certeza de luta de seus vivos”<sup>114</sup>, que o MST começou a se organizar na Bahia entre 1985-1986, e em 7 de setembro de 1987 aconteceu sua primeira intervenção, 700 famílias ocuparam a gleba 40-45 de uma empresa na cidade de Itamaraju, no extremo sul, ficando marcado, assim, o princípio da sua trajetória no Estado (MST, 2007). Apresentando em 2008, 21 anos depois da primeira ocupação, cerca de 228 acampamentos com mais de 25 mil famílias, e ainda 123 assentamentos com cerca de 9 mil famílias<sup>115</sup>. Esses números tendem a aumentar significativamente, pois de acordo com Evanildo Loures Costa<sup>116</sup>, o estado bateu recorde de ocupações em 2007, com um total de 93 ocupações, em 72 municípios, mobilizando mais de 18 mil famílias (MAGALHÃES, 2008). Esse panorama pode ser visualizado na figura 1 (mapa do fluxo da espacialização do MST na Bahia até 2003).

A trajetória do MST/BA não é diferente das experiências de outros Estados da federação no que se refere aos confrontos violentos. Mesmo com a reeleição do presidente Lula e a eleição de Jaques Wagner do Partido dos Trabalhadores como governador do estado<sup>117</sup>, “governos ditos populares”, os Sem Terra sofreram com uma das mais violentas desocupações ocorridas no estado, a da Fazenda Conjunto Aliança, em Itapitanga (MAGALHÃES, 2008). Mas essas intervenções violentas não inibiram a atuação dos Sem Terra, pois em 2009 o movimento continuou avançando em ocupações,

MST-BA promoveu mais de 50 ocupações em 2009, por todo o estado. No mês de abril, foram cerca de dez, das quais se destacam duas. Uma, com cerca de 1.500 famílias, no dia 08, foi a da fazenda Putumuju, distrito de Mundo Novo, a 25 km de Eunápolis, no extremo sul da Bahia. A fazenda é controlada pela transnacional Veracel Celulose, que possui cerca de 205 mil hectares de terras no Extremo Sul da Bahia, sendo cerca de 96 mil hectares de monocultura de eucalipto. Mais de 20 hectares de eucalipto foram derrubados em

---

‘comunismo cristão’ do tempo dos apóstolos. Em Canudos, a terra era de todos. Aos olhos dos latifundiários, a vila fundada por Conselheiro era um ‘péssimo exemplo’. A oligarquia local e o clero baiano exigiram, portanto, providências do governo republicano, utilizando o pretexto de que se tratava de uma insurreição *monarquista*. Foram enviadas três expedições militares. Todas fracassaram. Era, então, uma questão de ‘honra’ para a jovem república destruir o arraial de Belo Monte no sertão baiano, o que se concretizou com a derradeira expedição militar concluída em 5 de outubro de 1897 (TEIXEIRA; DANTAS, 2007, p. 4-6).

<sup>114</sup> François Silvestre, cantor.

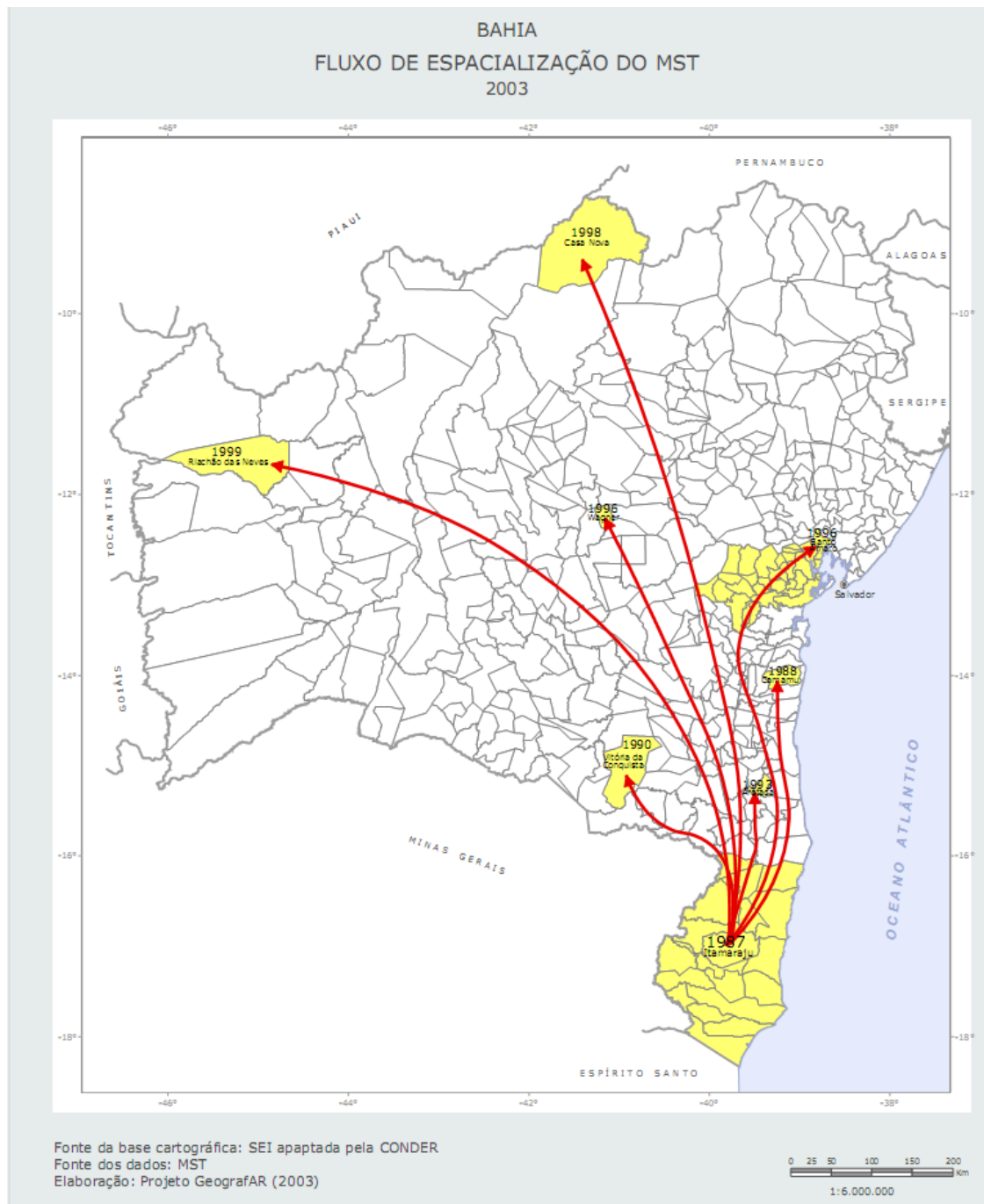
<sup>115</sup> A Bahia tem 40 mil famílias em 440 assentamentos e mais 27 mil famílias acampadas à espera de lotes de terra (SEINFRA/BA, 2007).

<sup>116</sup> Membro da direção estadual, MST-BA.

<sup>117</sup> Contando também neste governo, com a presença do Dep. Estadual Valmir Assunção ex-dirigente estadual e nacional do MST, como Secretário de Desenvolvimento Social e Combate à Fome da Bahia.



protesto. “A Veracel tem mais de 20 mil hectares de área devoluta em Eunápolis, e esta terra deve ser destinada para a Reforma Agrária”, declarou Márcio Matos, membro da Direção Nacional do MST. A outra ocupação emblemática foi no dia 14/4, com 300 famílias, na Fazenda Culturosa, em Camamu (Baixo Sul da Bahia). Com cerca de



Mapa 1: Fluxo de espacialização do MST na Bahia (2003).

Disponível em: <http://www.geografar.ufba.br/biblioteca.html#acervo>

2.500 hectares, a fazenda é uma das maiores produtoras de seringa da Bahia, com cerca de 100 toneladas de borracha por mês. “Queremos mostrar que a maior parte das terras agricultáveis do estado está nas mãos das grandes empresas do agronegócio, que praticam monocultura para exportação. A agricultura familiar gera dez vezes mais empregos e é quem tem condição de produzir alimentos para o nosso povo”, explica Lúcia Barbosa<sup>118</sup>, da Direção Nacional do movimento (MST, 2009).

#### 4.2 CARACTERIZAÇÃO E HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO MENINO JESUS

O MST na Bahia organiza-se política e geograficamente em oito regionais (Figura 2), o assentamento Menino Jesus localiza-se na Regional Recôncavo, a qual abrange o Recôncavo e parte do Semi-árido Baiano, região de grandes latifúndios e de constante confronto agrário.

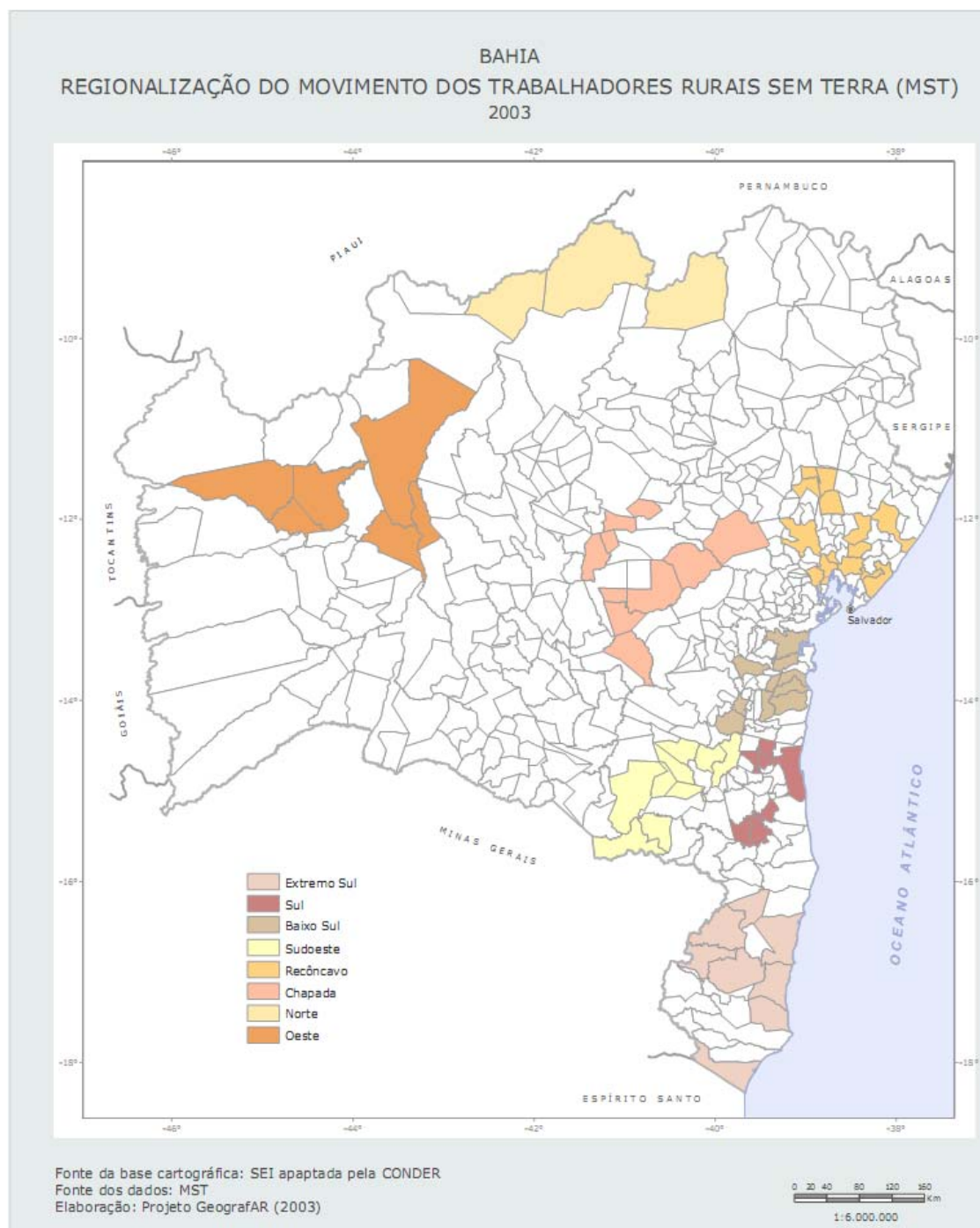
A região do Recôncavo Baiano é caracterizada historicamente pela concentração da monocultura da cana de açúcar e da presença de grandes engenhos. No Brasil império concentrou a organização político-administrativa do país, a partir da cidade de Salvador, sendo centro administrativo da então colônia até 1793. Em decorrência dessa situação histórica, o Recôncavo Baiano é marcado pela grande presença dos negros que aqui chegaram como escravos, sendo uma região remanescente de quilombos, focos de resistência ao império. A região hoje se destaca pela produção de petróleo, com a presença de refinaria da Petrobrás, e pela tradição da cultura africana, com folguedos, músicas, danças e lutas oriundas dos povos africanos escravizados neste país.

A região do Recôncavo Baiano é caracterizada historicamente pela concentração da monocultura da cana de açúcar e da presença de grandes engenhos. No Brasil império concentrou a organização político-administrativa do país, a partir da cidade de Salvador, sendo centro administrativo da então colônia até 1793. Em decorrência dessa situação histórica, o Recôncavo Baiano é marcado pela grande presença dos negros que aqui chegaram como escravos, sendo uma região remanescente

---

<sup>118</sup> De acordo com Lúcia (popularmente conhecida como Lucinha), a jornada de lutas “teve um saldo extremamente positivo. Conseguimos avançar nas negociações com o governo para viabilizar a construção das casas e agilizar os pareceres ambientais necessários para a desapropriação das terras. Todo o estado vem se mobilizando em torno do abril vermelho, o mês da reforma agrária. Estamos sinalizando para a sociedade que precisamos construir um outro modelo de desenvolvimento, e que o caminho é pela esquerda” (MST, 2009).

de quilombos, focos de resistência ao império. A região hoje se destaca pela produção de petróleo, com a presença de refinaria da Petrobrás, e pela tradição da cultura africana, com folgedos, músicas, danças e lutas oriundas dos povos africanos escravizados neste país.



Mapa 2: Regionalização do MST na Bahia – 2003.  
Disponível em: <http://www.geografar.ufba.br/biblioteca.html#acervo>

Formado por 258 municípios, o Semi-árido da Bahia compreende 388.274 Km<sup>2</sup> - 70% da área do estado -, contando com uma população de 6.316.846 habitantes - 48% da população do estado (LOBÃO et.al., 2004). O Semi-árido Baiano concentra a maioria dos pobres do estado, apresentando índices desfavoráveis em termos de desenvolvimento humano: desnutrição, analfabetismo, elevada taxa de mortalidade infantil, péssimas condições de saúde, moradias precárias, baixa expectativa de vida (LOPES, 2008).

O assentamento Menino Jesus, foi escolhido para pesquisa por indicação do setor de educação do MST-BA, por ser um assentamento grande e que apresenta um grande número de atividades culturais, assim como, uma presença significativa de jovens e crianças, confirmada pelo quadro abaixo,

ESTADO: BAHIA		MUNICÍPIO: ÁGUA FRIA		
RELAÇÃO DE ASSENTAMENTOS EXISTENTES NO MUNICÍPIO				
Cód. SIPRA	NOME DO ASSENTAMENTO	ANO	ÁREA (HÁ)	FAMÍLIAS
BA 0364000	PA. MENINO JESUS	2003	13.010	185
TOTAIS			13.010	185
ESTIMATIVA DE PESSOAS ASSENTADAS NO MUNICÍPIO				
FAIXA ETÁRIA		NÚMERO DE PESSOAS		
COM ATÉ 3 ANOS		94		
DE 4 A 6 ANOS		87		
DE 7 A 10 ANOS		144		
DE 11 A 14 ANOS		170		
DE 15 A 17 ANOS		118		
DE 18 ANOS OU MAIS		767		
TOTAL DE PESSOAS		1380		

Quadro 1: Dados do Assentamento Menino Jesus  
Fonte: MEC/INEP e MDA/INCRA/PNERA (2005).

No dia 20 de dezembro de 1998, 120 famílias ocuparam a fazenda Paracatu, antiga fábrica de artefatos de sisal falida há 12 anos, que deu origem ao assentamento Menino Jesus. O assentamento localiza-se no município de Água Fria, aproximadamente a 160 km de Salvador. Possuindo uma área de 13000 há, sendo 900 de eucalipto, chegou a ter 500 famílias no período de ocupação, depois da avaliação do

INCRA em 2003, 185 famílias foram assentadas nestas terras, existindo hoje 212 famílias, ficando cada assentado registrado com uma média de 40 há para o lote e um hectare para a agrovila.

Segundo Santos, 80% dos assentados são de origem rural, com faixa etária média de 27 anos, de sexo masculino e alfabetizado. Trata-se de uma região de transição fito ecológica, entre mata atlântica, catinga e serrado. O clima característico da região é típico de Semi-árido, com médias de temperatura anuais superior a 25°C e 35°C e distribuição irregular de chuvas, possuindo um solo de baixa fertilidade (SANTOS, 2008).

O Assentamento está estruturado com uma agrovila com aproximadamente 212 casas construídas a margem da Avenida Brasil, via que corta o assentamento sendo o acesso principal do assentamento. A velha estrutura da fazenda serve de espaço para a sede da Associação dos assentados<sup>119</sup>, para a Igreja e para a escola. O assentamento possui setores específicos (Produção, Educação, Saúde, Juventude, etc.) responsáveis pela organização do assentamento, contando com o apoio da Associação dos assentados.

Como síntese das transformações acontecidas entre o ano de 2006 e 2009, no que trata da estrutura e organização do assentamento, apresentamos que: a) o processo de construção das casas já está na reta final, porém o projeto da construção com tijolos ecológicos construídos no próprio assentamento não deu certo, por conta da demora da entrega das casas, e por dificuldades estruturais na produção dos tijolos; b) está sendo construído um posto de saúde e a instalação do PSF (Programa Saúde da Família) no assentamento ausente até então; c) a dinâmica de vida do assentamento modificou com a descentralização das moradias, os assentados passaram a se ver menos; d) o assentamento hoje possui um telefone público e sinal de celular com melhor qualidade; e) a estrada que dá acesso ao assentamento está em boas condições, foi recentemente recuperada; f) o sistema de água foi ampliado com o acréscimo de mais um poço, o encanamento para as residências já está em fase de conclusão, levando água a todas elas.

Destacamos dois problemas gravíssimos que afligem atualmente o assentamento, um é a questão da produção agrícola e o outro o funcionamento da

---

<sup>119</sup> A Associação dos assentados do Menino Jesus é responsável pela administração financeira da produção e dos projetos desenvolvidos no assentamento. Devido os problemas com a produção e a ausência de novos projetos a Associação passa por dificuldades, repercutindo na infra-estrutura local.

escola, ambos acarretando duras perdas aos assentados e ao desenvolvimento do assentamento no último período.

Com a queima e a destruição da plantação de eucalipto<sup>120</sup>, principal fonte de renda do assentamento, ocasionou um grave transtorno na vida de todos os assentados, gerando grandes prejuízos financeiros tanto coletivos como individuais. Por conta da característica do solo, do clima da região e da ausência de recursos, os assentados não conseguem garantir a subsistência somente pela produção agrícola<sup>121</sup>, tornando-se dessa forma a maior preocupação dos assentados. Muitas são as alternativas em implantação, como a plantação de Mamona, Girassol (em convênio com a Petrobrás), a criação de caprinos e o desenvolvimento da apicultura. Os assentados aguardam com urgência o financiamento pelo PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), para assim poderem plantar em condições favoráveis, já que os custos da produção no assentamento são altos.

A situação da escola também está complicada<sup>122</sup>, ela vem passando por problemas de infra-estrutura e de pessoal. A escola possui apenas três funcionários efetivos da prefeitura (duas serventes e um professor), e os outros oito professores eram contratados e tiveram seus contratos encerrados no final do ano de 2008, sem perspectiva de renovação, pois a prefeitura realizou concurso e nenhum desses professores conseguiu boa classificação. Agora a prefeitura não pode mais contratar os professores já que existe concursados para ocupar as vagas, o que para o MST é muito ruim, devido que os professores concursados não possuem vínculo com o movimento e nem formação para atuar nas escolas do MST. Mesmo estando desempregados os atuais professores iniciaram as atividades do ano letivo da escola, enquanto os representantes do MST estão se esforçando o máximo para resolver esta questão, já que a prefeitura também não tinha enviado os novos professores. A reforma da escola e a construção do Colégio do assentamento ainda não saíram do papel, a prefeitura alega que está aguardando o processo licitatório, enquanto isso a comunidade sofre com as condições precárias da escola.

---

<sup>120</sup> O responsável e a causa ainda são desconhecidos.

<sup>121</sup> Muitos assentados sobrevivem de auxílios do governo (entre eles o Bolsa Família), aposentadorias e de trabalhos realizados fora do assentamento.

<sup>122</sup> É válido ressaltar que a escola tem uma dupla importância nesse contexto, uma formativa, e outra de garantia da existência, já que muitas crianças contam com a alimentação oferecida na escola para sua refeição diária, e o vínculo com a mesma ser um pré-requisito para obtenção da Bolsa Família.



Foto 1: Aula na Escola Municipal Fábio Henrique Cerqueira – Assentamento Menino Jesus  
Foto: David Romão Teixeira (2009)





Foto 2: Aula na Escola Municipal Fábio Henrique Cerqueira – Assentamento Menino Jesus  
Foto: David Romão Teixeira (2009)



### 4.3 O DESENVOLVIMENTO DA CULTURA CORPORAL NO ASSENTAMENTO

No decorrer da investigação realizada no assentamento, com as informações obtidas por meio das entrevistas e das observações, destacamos as seguintes problemáticas para a análise a ser realizada: os jogos abertos, a escola, a formação na área da cultura corporal, a participação da juventude e a auto-organização. O reconhecimento e a análise de tais problemáticas nos permitiram chegar a algumas conclusões possíveis neste momento sobre a situação da cultura corporal nas áreas de reforma agrária no Estado da Bahia.

Constatamos que as atividades culturais também foram afetadas pelas dificuldades econômicas enfrentadas pelo assentamento, principalmente devido à necessidade de alguns assentados terem que procurar alternativas de sustento fora do assentamento, o que promoveu um afastamento dos responsáveis por algumas atividades.

O assentamento Menino Jesus, se destaca por apresentar uma predominância das atividades da cultura corporal em relação a outros elementos da cultura. Das atividades que acontecem com maior regularidade, apenas a música se faz presente, misturada com os elementos da cultura corporal, como no caso da Quadrilha, do Samba de Roda, da Capoeira e do Maculêlê. Essas atividades acontecem desde o surgimento do assentamento,

Aqui desde quando se organizou a estrutura do assentamento, sempre teve atividades, o futebol, a quadrilha há muito tempo são praticados aqui, teve uma época que o vôlei também acontecia, depois a bola estragou e acabou parando. Acontecia também muita movimentação no parque infantil que hoje não existe mais. Ultimamente o que vem acontecendo com maior frequência é o samba de roda. Os assentados gostam muito das atividades culturais, tanto para praticar, como para assistir (Presidente Esportivo).

No que se refere às condições de infra-estrutura para as práticas corporais, o assentamento possui uma enorme carência. Como espaços exclusivos para essas atividades existem apenas um campo de futebol e uma quadra de areia, o parque infantil foi totalmente destruído por ausência de manutenção. É importante ressaltar que não existe nenhum espaço com cobertura, o que inviabiliza a realização das atividades, já que a média de temperatura local é superior a 25° e 35° graus, ficando apenas o início da

manhã e o final da tarde em condições climáticas favoráveis, ou então os espaços com sombra.



Foto 3 : Crianças jogando na sombra.  
Foto: David Romão Teixeira (2009).

No período da última visita, as únicas atividades organizadas que estavam em funcionamento, eram o futebol, o samba de roda e a quadrilha. O futebol mobiliza muitos assentados, principalmente crianças e jovens, contando com uma grande participação feminina. Todos os dias ao final da tarde os praticantes se concentram no campo de futebol, para o famoso “Baba” (Pelada, jogo com regras estabelecidas entre os participantes, com o intuito de distração), aos finais de semana geralmente acontecem jogos entre equipes organizadas no próprio assentamento, algumas vezes motivado por apostas. O Menino Jesus possui três times de futebol (dois masculinos e um feminino), formado por jovens e adultos, onde participam de competições fora do assentamento, organizando excursões, ou convidando equipes de outras localidades para amistosos no assentamento, contando com festejos receptivos (almoços e festas). O time feminino conta com os participantes mais mobilizados e organizados, sendo que estão com dificuldades, por não terem um responsável como técnico. O maior destaque são as

atividades espontâneas, que acontecem durante quase todo o dia no centro do assentamento. Os jovens e as crianças se misturam em torno de jogos oriundos de variações do futebol, onde não se separam por gênero, e utilizam também materiais e espaços improvisados.

Composta pela juventude, a quadrilha é a principal atividade cultural do assentamento, mobiliza o maior número de participantes e envolve grande parte dos assentados, sejam como espectadores, como costureiros, como colaboradores. Os ensaios iniciaram logo depois da quaresma e foram até junho, onde acontecem as apresentações durante os festejos juninos. Antes dos ensaios aconteceram reuniões para avaliação das ações do ano passado e para a organização da apresentação desse ano. A coreografia, as músicas e as formas de financiamento são discutidas por todo grupo.

O Samba de Roda é a atividade que está com maior regularidade (toda semana), iniciou pela organização de uma família, e agora envolve todo assentamento, todas as faixas etárias, sua realização geralmente é nos finais de semana. A participação das crianças a princípio ficou impedida, após discussões foi liberada, reconhecendo a importância delas para a continuidade dessa atividade nas próximas gerações.

O Maculêê (com maioria feminina) e a Capoeira estão entre as atividades paralisadas devido à atual indisponibilidade dos responsáveis e também pela dificuldade de espaços para os ensaios. Assim como a quadrilha, essas atividades utilizam o espaço das salas de aulas durante a noite, para os ensaios e treinos, nesse ano a escola está com aula todas as noites, e assim eles ficaram sem espaço. No caso da capoeira, o professor precisou se afastar para trabalhar fora do assentamento.

Em entrevista, o Presidente Esportivo apresenta-nos de forma sintética as principais dificuldades para realização das atividades culturais.

Os problemas são de toda ordem, principalmente financeiro. Não possuímos materiais adequados para as atividades, não temos nada, e para adquirirmos na maioria das vezes é comprado por um dos participantes, que o faz com muita dificuldade. A ausência de espaços nos oferece muitas dificuldades também, pois usamos o espaço da escola para os ensaios e treinos, e como a escola também funciona a noite, mesmo horário dos ensaios criando-nos muito transtorno. A possibilidade da criação de um Ponto de Cultura<sup>123</sup> aqui no

---

<sup>123</sup> O **Ponto de Cultura** é a ação prioritária do **Programa Cultura Viva** e articula todas as demais ações do Programa Cultura Viva. Iniciativas desenvolvidas pela sociedade civil, que firmaram convênio com o Ministério da Cultura (MinC), por meio de seleção por editais públicos, tornam-se Pontos de Cultura e ficam responsáveis por **articular** e **impulsionar as ações que já existem nas comunidades...** (MINISTÉRIO DA CCULTURA, 2009).

assentamento, que já está em tramitação, contribuirá muito para resolver essa questão, pois reformaremos uma das casas da antiga fazenda para ser nossa casa da cultura. Um outro problema é que as atividades acontecem graças a iniciativas individuais, pois todos atuam de forma voluntária, e dessa forma quando o responsável por algum motivo não pode continuar as atividades geralmente ficam paralisadas (Presidente Esportivo).

#### 4.4 PRINCIPAIS PROBLEMÁTICAS DA CULTURA CORPORAL

Neste tópico trataremos dos aspectos que se destacaram nas observações e entrevistas, analisamos questões que consideramos importantes no sentido de compreender mais profundamente os dados da realidade em seu movimento, assim como analisar as alternativas empregadas na superação dos problemas.

##### 4.4.1 Os jogos abertos

Entre as ações de desenvolvimento da cultura corporal organizada pelo MST/Bahia, despontam os *Jogos Abertos da Reforma Agrária* (constituído por um torneio de futebol e uma corrida de 8 km), que segundo a direção de educação “... *é o principal destaque, acontece em Itamarajú, e agrega várias modalidades, anteriormente a ele acontecem os jogos regionais para selecionar os participantes do Estadual, é uma excelente oportunidade de interação entre os diversos assentamentos*” (Diretor de Educação da Regional Recôncavo).

A edição de 1997 serviu inclusive de tema para a reportagem da revista esportiva Placar, *Invasão de campo* de Alfredo Ogawa, é uma matéria que ao contrário das outras produzida pela editora Abril<sup>124</sup>, principalmente na revista VEJA, faz uma excelente apresentação da atividade do MST de forma responsável sem forjar informações fraudulentas. Em síntese, destaca que o futebol praticado pelos Sem Terra apresenta mudanças significativas em relação à sua forma hegemônica, com baixo nível de violência (não existindo durante a competição nenhuma expulsão, nem o uso do

---

<sup>124</sup> Grupo editorial responsável por disseminar as idéias da burguesia brasileira, que constantemente se debruça a atacar o MST difamando-o e caluniando-o.

cartão amarelo), a organização, a formação política e disciplina dos praticantes, representados pela presença dos símbolos da luta pela terra em seus uniformes e no campo, destacando inclusive a diferença dos gritos da torcida,

[...]“Somos do movimento, somos de Mucuri. Dispostos a ocupar, resistir e produzir”. “Vem, lutemos punho erguido. Nossa força nos leva edificar. Nossa pátria livre e forte, construída pelo poder popular”. Torcida politizada é isso aí. Nada do “ah, eu sou gaúcho”, “dá-lhe porco” ou “uh-tererê” das arquibancadas nos grandes estádios (OGAWA, 1997).

O autor ainda destaca que essas diferenças são expressão da organização política do MST, comentando que durante os jogos os participantes estavam organizando uma ocupação à sede do INCRA, logo em seguida aos jogos, fazendo-o concluir que “... no MST é assim. A bola pára de rolar, mas a luta continua” (OGAWA, 1997).

#### **4.4.2 A escola**

As atividades do dia-a-dia, em geral, acontecem no entorno da escola, até porque se localiza no centro da agrovila. Podemos observar durante todo o dia dezenas de brincadeiras e jogos que acontecem em sua redondeza. As crianças no turno oposto as suas aulas geralmente se aglomeram perto da escola para brincar. Futebol, pega-pega, jogos de tabuleiro fornecidos pela escola (Dama, jogo da memória), diversas variações de brincadeiras (Macaquinho e Sete pedrinhas), são as atividades mais comuns.

A escola não possui um momento e nem espaço específico para a Educação Física, acontecem algumas atividades de acordo com a programação dos professores, “*no ano passado, combinamos entre os professores de destinar meio turno da sexta – feira para essas atividades. Elas estão presentes nas datas festivas durante o ano*” (Professora da Escola). Em compensação, no horário do intervalo, os alunos realizam muitas atividades, os materiais escassos e precários da escola são muito bem utilizados (jogos de tabuleiro, aros e bolas).



Foto 4: Jogo 7 Pedrinhas (Direita) e Jogo de futebol (Esquerda)  
Foto: David Romão Teixeira (2009).



Foto 5: Brincadeira com arcos no intervalo das aulas.  
Foto: David Romão Teixeira (2009).





Foto 6: Jovens jogando dama na porta da escola  
Foto: David Romão Teixeira (2009).

Ainda que sem uma sistematização e organização de seus conteúdos, os elementos da cultura corporal estão presentes na programação da escola, uma das professoras destaca que esse conhecimento é imprescindível.

[...] as crianças nos impõem essa necessidade, principalmente as menores, elas são movimento constante, elas adoram as brincadeiras, as músicas, os jogos. Ao mesmo tempo, as crianças precisam dessas atividades para o seu desenvolvimento, elas estão na fase de ampliar seu repertório de conhecimento, inclusive motor, e essas atividades são fundamentais (Professora da Escola).

No Menino Jesus a escola é o centro do assentamento, as reuniões, assembléias, cultos ecumênicos, festas e as atividades culturais acontecem nela, ou com a participação dos responsáveis por ela. Segundo avaliação da direção de educação, a escola *“concentra muitas atividades (culturais), sempre em parceira com o setor responsável. As atividades escolares facilitam a integração entre as pessoas das*

*diversas idades, e sempre tem atividades na datas festivas*” (Diretor de Educação da Regional Recôncavo).

A ausência do trato desse conhecimento de forma regular e sistematizada é mais um obstáculo que a educação do MST precisa superar. Na busca da omnilateralidade, a cultura corporal (educação física) é um conhecimento fundamental, que inclusive leva Marx a indicá-la como um dos pilares do conteúdo pedagógico do ensino socialista que já devia iniciar-se no seio do capital, ao lado da formação intelectual e tecnológica (MANACORDA, 2007).

Em 2005, a Escola Municipal Fábio Henrique Cerqueira do assentamento Menino Jesus, foi contemplada com um Núcleo de Esporte Educacional, vinculado ao Programa Segundo Tempo<sup>125</sup> do Ministério do Esporte, na Bahia foram selecionadas quatro escolas de assentamento. Foi encaminhado pelo programa materiais esportivos, financiamento de bolsa para um coordenador responsável pelos quatro projetos, e a capacitação dos monitores voluntários em Brasília. Com a estrutura do programa, o MST/Bahia elaborou em conjunto com o Grupo LEPEL/UFBA, o projeto “Esporte e Lazer nas áreas de Reforma Agrária”, que realizou uma capacitação de agentes sociais de educação física, esporte e lazer<sup>126</sup>, com o intuito de ampliar o Programa Segundo Tempo para as outras escolas de assentamentos do estado. O monitor da Escola Municipal Fábio Henrique Cerqueira foi o professor e Diretor de Educação da Regional Recôncavo, que na entrevista fez uma síntese do como se desenvolveu o projeto.

A participação da comunidade foi muito boa, fizemos uma bela abertura, que era obrigatória para dá visibilidade ao projeto, realizamos durante seis meses atividades durante os sábados, na área externa da escola, que envolviam os professores da escola (três), as crianças e os pais. Não foi possível ter continuidade por diversos motivos: a) Não houve um acompanhamento por parte do coordenador, o mesmo nunca apareceu no assentamento; b) O material esportivo enviado era de péssima qualidade, quantidade restrita e também não possuíam relação entre si (bola de uma modalidade, rede

---

<sup>125</sup> O programa tem como objetivo geral “democratizar o acesso ao esporte educacional de qualidade, como forma de inclusão social, ocupando o tempo ocioso de crianças e adolescentes em situação de risco social” e como objetivos específicos: oferecer práticas esportivas educacionais, estimulando crianças e adolescentes a manter uma interação efetiva que contribua para o seu desenvolvimento integral; e oferecer condições adequadas para a prática esportiva educacional de qualidade (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2009).

<sup>126</sup> Essa capacitação aconteceu durante o XI Encontro Estadual de Educadores e Educadoras do MST-Bahia, em setembro de 2005, no formato de Oficinas, contando com a presença aproximadamente de 20 monitores de todo estado.



ou cesta de outra)<sup>127</sup>; c) Tínhamos que prestar contas sempre com relatórios, como todos os responsáveis eram voluntários dificultava bastante, pois os mesmo possuíam outras atribuições tanto na escola como no assentamento; e d) Outras etapas do projeto não aconteceram, por exemplo: a construção de quadras poliesportivas. Esses elementos em conjunto forçaram a interrupção das atividades (Diretor de Educação da Regional Recôncavo).

Durante seis meses os sábados na escola foram bem movimentados, mesmo com todas as dificuldades a avaliação dessa experiência foi positiva por parte dos envolvidos e, ao mesmo tempo, uma tristeza pela ausência de continuidade. “*O projeto teve uma boa repercussão no assentamento, as crianças adoraram as atividades, infelizmente não pode durar muito tempo*” (Professora da Escola).

O Programa Segundo Tempo no Menino Jesus, é mais um caso da forma de como são desenvolvidas as políticas públicas no campo brasileiro. Em formato de programa as atividades não possuem nenhuma garantia de continuidade, ficando os responsáveis pelas atividades todo ano lutando pela sua permanência, o que nem sempre é possível. Além disso, o programa quando chegou ao assentamento, já se apresentou deformado em comparação aos projetos desenvolvidos na área urbana, principalmente no que se refere à infra-estrutura, já que nem metade dos materiais oferecidos para cada núcleo foi ofertado ao assentamento, assim como a construção das quadras que estavam no projeto e a presença de professores de educação física. Observando o modelo de execução do programa, pode-se confirmar essas irregularidades no núcleo da escola do Menino Jesus. Sem ter as condições mínimas de funcionamento, o término foi inevitável.

---

<sup>127</sup> Podemos perceber que não há correspondência entre o que planejado e o que é executado. Segundo Ministério do Esporte cada Núcleo de Esporte Educacional deve receber “materiais esportivos confeccionados pelo Programa Pintando a Liberdade e Pintando a Cidadania, que possuem centros de produção em unidades prisionais e em outros espaços comunitários de diversas regiões do Brasil. O material é distribuído de acordo com os quantitativos abaixo (a seguir). Bolas: 10 bolas de cada uma das modalidades oferecidas (voleibol, basquetebol, handebol, futsal e futebol de campo) para cada 200 alunos. Redes: 01 par de redes de cada modalidade (1 para futebol de campo, futsal e handebol; 1 para basquete e 1 para a modalidade voleibol) para cada 200 alunos envolvidos. Uniforme: 01 camisa para cada aluno cadastrado” (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2009).

#### 4.4.3 A formação na área da cultura corporal

A questão da formação na área da cultura corporal foi destacada por todos os entrevistados, sempre ressaltando a necessidade de cursos e capacitações específicas sobre a temática. A carência de textos, cartilhas sobre o tema foi comentado, restando aos mesmos aplicarem apenas as poucas experiências que conheciam.

Embora a direção de educação regional reconheça que os conhecimentos da cultura corporal sejam importantes para a formação dos Sem Terra, ao mesmo tempo aponta que pouco foi feito para formação nessa área e identifica a carência de materiais do movimento sobre o tema (Diretor de Educação da Regional Recôncavo).

A contribuição na formação fica restrita a algumas oficinas que acontecem nos Encontros do MST, e da opção de escolha dos participantes, já que existem outras também de seu interesse. Isso fica exemplificado no relato da professora Eliana, há 10 anos no MST, quando questionada se já aconteceu alguma formação específica nessa área para os professores: *“Não. Nos encontros de educadores as vezes tem oficinas que tratam dessa questão, mas a participação fica a critério do professor. Já participei de oficinas sobre educação infantil que discutiram um pouco sobre essa questão”* (Professora da Escola).

Tratando das demandas do assentamento para as atividades da cultura corporal, o responsável pelo esporte do assentamento irá indicar a necessidade de formação de monitores para essa área de conhecimento.

Relacionado a material precisamos de tudo, por exemplo, temos três times de futebol e não temos uma bola, a quadilha está sem som, inclusive de materiais de primeiros socorros (o posto de saúde está perto de funcionar). Precisamos de material didático sobre esporte e educação física e também de formar monitores para ficarem responsáveis pelas atividades, principalmente para os jovens. Organize um curso aí para você ver quantos jovens irão querer participar, a turma aqui gosta muito de esporte (Presidente Esportivo).

Para além de uma indicação de diretriz formativa obrigatória, a opção educacional do MST coloca desafios aos professores para superar a educação dominante, com a cultura corporal não é diferente. Diante desta situação concreta do dia-a-dia da escola, que a professora justifica a necessidade de uma formação e de materiais para esse tema preparados pelo movimento.

Inclusive vejo a necessidade constante de ressignificar várias atividades culturais que não condizem com os objetivos da educação do MST. Precisamos avaliar com mais cuidado atividades que expõem os alunos ao ridículo, que acirram a rivalidade entre eles, e que favorecem o individualismo. Nesse sentido uma capacitação nos ajudaria nessa tarefa de organizar atividades que contribuam com a formação desejada pelo movimento (Professora da Escola).

Nesse sentido, também segue a reflexão do setor de educação da regional, “*precisamos de materiais didáticos específicos e capacitação em educação física, para além dos jogos e esportes, é necessário um conhecimento maior das atividades corporais, alongamentos, preparação física*” (Diretor de Educação da Regional Recôncavo).

É perceptível que mesmo identificando os problemas e suas principais necessidades, os responsáveis pelas atividades sentem falta de uma preparação teórica e técnica para intervir nestas situações. Desconhecendo a produção da área, utilizam do conhecimento do senso comum, impossibilitando muitas vezes saltos qualitativos no processo ensino-aprendizagem, comprometendo o desenvolvimento dos participantes pela ausência desse conhecimento específico.

Em grande medida repete-se aqui a crítica realizada no capítulo anterior referente à discussão sobre a Educação Física no Dossiê MST- Escola, onde mesmo apontando como objetivo a formação omnilateral e apresentando proposições avançadas no seu projeto educacional, a formação do MST não consegue fazer o mesmo no campo da cultura corporal. A experiência do Menino Jesus confirma que, de forma geral, as atividades da cultura corporal realizadas no seio do MST, tem os mesmo objetivos da perspectiva hegemônica, não apresentando diferenças significativas no seu conteúdo, reproduzindo muitas vezes o que precisa ser criticado e superado. Expressando a fragilidade da formação do MST, principalmente no caso da escola, no que trata da cultura corporal.

#### **4.4.4 A juventude**

[...] é justamente a juventude a quem incumbe a verdadeira tarefa de criar a sociedade comunista, porque é evidente que *a geração de militantes educada na sociedade capitalista pode no melhor dos casos, cumprir a tarefa de destruir as bases da velha vida capitalista baseada na exploração*. O mais que poderá fazer é organizar um

regime social que ajude o proletariado e as classes trabalhadoras a conservar o podre em suas mãos e criar uma sólida base, sobre a qual poderá edificar unicamente a geração que começa a trabalhar já em condições novas, numa situação na qual não existem relações de exploração entre homens (LÊNIN, 1968, p. 95, grifo nosso).

Refletindo sobre as tarefas da juventude três anos após a revolução de 1917, Lênin apresenta os novos desafios postos aos jovens e aponta os limites das gerações precedentes, sempre destacando a importância dessa camada da população para o processo de transformação social. Nesse sentido, enquadramos a geração de jovens Sem Terra entre aqueles responsáveis pela derrocada do capital, “criticar a burguesia, fomentar nas massas o sentimento de ódio contra ela, desenvolver a consciência de classe e a habilidade para agrupar suas forças eram [e são] então as tarefas essenciais” da juventude (LÊNIN, 1968, p.102).

Conscientes da importância dos jovens, o MST reconhece que no plano imediato eles formam o grupo mais vigoroso para o trabalho, ampliação e propagação da luta dos Sem Terra, perder uma geração de jovens compromete anos de organização do movimento, uma lacuna na composição dos seus militantes. Entre o conjunto da população assentada, os jovens são os que exigem grande esforço de orientação e formação por parte do MST. A participação dos jovens e a importância das atividades culturais na formação da juventude do assentamento são questões frequentes nos relatos.

Em geral, esses jovens nasceram e foram criados nas áreas do MST, compõem, por assim dizer, a primeira geração que vivenciou e recebeu o aprendizado oriundo da luta pela reforma agrária desde seu nascimento<sup>128</sup>. Mas a manutenção dos jovens nessa luta não vem sendo fácil, principalmente pela dificuldade de mantê-los nas áreas de reforma agrária onde há carência de alternativas de trabalho e garantia da subsistência, em muitos casos força-os a procurarem saídas longe dos assentamentos e ocupações. Migrando muitas vezes para os centros urbanos, se juntando à massa de trabalhadores do exército de sobrantes, vivendo marginalizados na periferia pobre das cidades.

É importante destacar que esse não é um problema exclusivo das áreas de reforma agrária, mas sim do modelo de organização do campo brasileiro. Questão que levou o geógrafo Milton Santos (2000) a afirmar que é um castigo estimular a permanência dos jovens no campo sob as condições atuais. Em contrapartida, as áreas

---

<sup>128</sup> Hoje em algumas regiões existem militantes Sem Terra, que realizam toda sua formação em escolas e cursos organizados pelo MST, que vão da ciranda infantil aos cursos superiores.

de reforma agrária estão na luta contra o latifúndio apresentando e desenvolvendo os germes de um projeto sustentável de vida no campo, com uma produção agrícola de poucos impactos ambientais, cooperativas de produção, espaços de formação em todos os níveis, e um estímulo à produção de alimentos.

A principal tarefa do MST em relação à juventude é oferecer condições de subsistência em áreas de reforma agrária, no intuito de garantir a vitalidade do movimento. Não é uma tarefa nada fácil diante das dificuldades existentes no desenvolvimento do campo brasileiro. Nessa empreitada, as atividades da cultura corporal irão compor a ofensiva do MST para a manutenção de seus jovens na luta pela terra.

Todas as vezes que tratamos das atividades da cultura corporal no assentamento Menino Jesus, os jovens sempre foram os primeiros a serem citados pelos entrevistados. Por exemplo, quando perguntamos sobre a importância dessas atividades para os assentados, o Presidente Esportivo nos respondeu:

Cada vez mais é de muita importância, minha preocupação maior é com a juventude, pois essa está ficando sem opção, a produção está estagnada no assentamento, estão ficando muito tempo desocupados, principalmente os que não frequentam a escola, o álcool tem sido uma opção muito utilizada. Precisamos encontrar alternativas enquanto a questão da produção ainda não se resolve, e acredito que participando dessas atividades contribui para que eles se afastem destes problemas (Presidente Esportivo).

O mesmo entrevistado, logo em seguida, relata que existe uma boa receptividade dos jovens assentados pelas atividades da cultura corporal, *“todas as atividades desenvolvidas sempre têm a participação de muitos assentados, principalmente da juventude. Existe inclusive sempre uma pressão quando as atividades estão paradas, agora mesmo com a quadrilha, toda hora alguém pergunta quando irá começar os ensaios”* (Presidente Esportivo).

Destacando o interesse da juventude pela participação e organização dessas atividades, a direção de educação ressalta sua importância no projeto de formação dos jovens, *“como os jovens sempre estão ligados a essas atividades, ela contribui com a disciplina e como uma forma de atrair as pessoas para participar das atividades do movimento”* (Diretor de Educação da Regional Recôncavo).

É preciso deixar claro que as atividades da cultura corporal ainda que contribuam na formação e organização dos jovens, são insuficientes para garantirem a permanência dos mesmos no campo, e muito menos para evitar o uso de drogas. As drogas compõem em grande medida o conjunto de elementos que são criados para o processo de alienação, elas servem de alguma forma para anestesiarem ou afastar os indivíduos da realidade. O discurso hegemônico bombardeia frequentemente a utilização das atividades culturais e esportivas como uma forma de afastar crianças e jovens das drogas, como se isso fosse possível<sup>129</sup>, com o intuito de encobrir os reais motivos que as levam para esse caminho, nesse caso as atuais relações de produção da existência. Reconhecer seus limites é imprescindível para não depositar grandes expectativas nessas atividades, já que a questão da produção econômica em última instância é imprescindível para as conquistas no campo da cultura, o mesmo não acontecendo inversamente.

O setor da juventude do assentamento tem grande contribuição no desenvolvimento das atividades da cultura corporal. No próximo tópico analisaremos a experiência de organização dos jovens do Menino Jesus.

#### **4.4.5 A auto-organização**

Um importante destaque das atividades da cultura corporal desenvolvida no Menino Jesus foi a auto-organização dos praticantes das práticas corporais, “a participação independente, coletiva e criativa”, capitaneado pelo setor da juventude do assentamento. Todo o processo de construção das propostas, as questões de infraestrutura, aplicação, financiamento e planejamento das atividades são discutidos e executados pelos próprios praticantes, ainda que existam responsáveis para centralizarem a organização das ações (PISTRAK, 2003).

No terceiro dia da nossa última visita, participamos da reunião do setor da juventude, na pauta se encontrava o funcionamento das atividades culturais do assentamento. Contando com a presença de aproximadamente 20 jovens<sup>130</sup>, mais os

---

<sup>129</sup> Muitas vezes as atividades culturais e esportivas sob as relações de produção capitalista são responsáveis por estimular o uso de drogas, com o objetivo de evitar ou superar insucessos.

<sup>130</sup> A reunião aconteceu no início da noite, e alguns jovens não puderam participar porque tinha aula no mesmo horário.

responsáveis pelo setor da juventude e o presidente de esporte. Nesta reunião tratou-se de questões essenciais para o desenvolvimento das atividades: a) discutiram propostas de financiamento, como alternativas foram apontadas, em caráter emergencial: um mutirão para plantação na área coletiva do setor; e a produção de temperos prontos para vender na vizinhança; b) construiu-se um cronograma para o funcionamento das atividades; c) avaliaram as questões em torno da quadilha e do futebol como: organização; questões técnicas, novos responsáveis; últimos resultados; e próximas ações; d) tarefas no assentamento: mutirão de limpeza e conscientização contra a dengue.

Pôde ser percebido uma participação ativa dos praticantes em todas as ações que garantem o desenvolvimento das atividades, todos participam das etapas de elaboração e de execução, cada um de acordo com sua disposição e condição<sup>131</sup>. Segundo os relatos da reunião, as atividades anteriormente realizadas em forma de mutirão obtiveram excelentes resultados, essa geralmente é a opção mais utilizada. Uma questão que chamou nossa atenção foi a proibição do consumo de álcool durante as atividades, eles realizaram uma reflexão sobre os problemas que o consumo de bebidas alcoólicas estava acarretando nos ensaios e treinos, e essa medida iria começar já nos primeiros ensaios da quadilha. Durante a reunião foi possível notar o potencial de mobilização e preocupação dos mesmos com a realização destas atividades.

Essa auto-organização, auto-gestão e autodeterminação dos jovens assentados, já são frutos da formação do MST. Em todas as esferas do assentamento é perceptível a interiorização desses princípios, não como imposição, mas como a melhor alternativa para solucionar os problemas e para a superação das dificuldades de forma coletiva. Sendo impossível de ser negada, mesmo seus inimigos de classe<sup>132</sup> são forçados a confessar, “... a organização e a disciplina são impressionantes”, quando analisaram a organização dos Jogos Abertos da reforma agrária.

E são impressionantes principalmente quando comparadas com as formas democráticas realizadas em outros espaços da sociedade, onde a auto-organização é estranha aos indivíduos envolvidos. O MST começa a colher os frutos de

---

<sup>131</sup> A importância formativa e o êxito dessas ações são garantidos a princípio quando orientados por objetivos do próprio grupo. Comentando a experiência com criança na escola, Pistrak destacou que: “[...] A auto-organização dos estudantes pode aparecer e deve criar-se ao redor de determinada tarefa, próximo dos interesses das crianças, que parte da sua vida comum na escola e exija aplicação de trabalho. Tal tarefa define o círculo das obrigações e o âmbito da responsabilidade” (PISTRAK, 2002, p. 15).

<sup>132</sup> Nesse caso estamos falando da Editora Abril, representante da burguesia brasileira, que em reportagem da revista Placar acima citada, reconheceu as virtudes do MST.

suas opções político-formativas, que reconhecem que é necessário com todas as dificuldades, gestar o novo no seio desta sociedade em degeneração.

#### 4.5 O QUE HÁ DE NOVO NO VELHO E DE VELHO NO NOVO: SÍNTESE PROVISÓRIA



Foto 7: Sem Terrinhas... correndo para o amanhã!  
Foto: David Romão Teixeira (2009)

uns olhos são para ver  
as contundências do mundo.  
um sonho final e profundo  
em tudo que se mexeu,  
em tudo que se moveu,  
as aparências enganam  
as mesmas que desenganam.  
a cada uma quer ver  
os olhos do moribundo  
do caçador vagabundo,  
que viu e não soube ver.

se em terra de cego  
quem tem um olho é rei,  
imagine quem tem os dois

é muito quadro para uma só parede,  
muita cabeça para um só chapéu.  
é muita tinta para um só pincel,  
é pouca água para muita sede.

é muita rede para pouco peixe,  
muito veneno para se matar.  
muitos pedidos para que se deixe,  
muitos humanos a proliferar.

muita cachaça para pouco leite,  
muito deleite para pouca dor.  
é muito feio para ser enfeito,  
muito defeito para ser amor.  
(ZÉ RAMALHO)<sup>133</sup>

Seguindo a orientação de que por meio da anatomia do mais avançado pode-se conhecer a anatomia do menos avançado, o Menino Jesus serve para

<sup>133</sup> ZÉ RAMALHO. Do muito e do pouco. DVD **Parceria dos viajantes**. Gravadora: Sony/BMG Brasil, 2009. Também disponível no texto *Cantador atômico*. Disponível em: [http://www.zeramalho.com.br/sec\\_news.php?language=pt\\_BR&id=6&page=2&id\\_type=2](http://www.zeramalho.com.br/sec_news.php?language=pt_BR&id=6&page=2&id_type=2)



caracterizar bem a situação da cultura corporal nos assentamentos do MST- Bahia. O que faz esse assentamento se destacar positivamente é a presença de atividades corporais organizadas. A existência de uma grande população infanto-juvenil é fundamental para a caracterização do assentamento Menino Jesus, pois a mesma impõe suas necessidades, assim estimulando o desenvolvimento de alternativas para as práticas corporais.

As atividades da cultura corporal, em geral, acontecem no assentamento sem serem orientadas por nenhuma proposição específica do MST. Podemos perceber também, que a produção da política cultural do MST analisada no capítulo anterior não foi acessada pelos responsáveis e praticantes das atividades culturais. A expressão da carência de materiais e de formação no campo da cultura corporal é perceptível na experiência do Menino Jesus, as ações se concentram em apenas cinco modalidades limitadas pelo precário conhecimento das técnicas e conteúdos da área, restando apenas o contato com as atividades próprias da região, sem o acesso aos elementos da cultura corporal de outra origem. Com exceção do samba de roda, nenhuma nova atividade se desenvolveu no assentamento no intervalo entre as duas visitas.

Diante desses dados encontrados no Menino Jesus, é possível estimar o quadro dramático da situação da cultura corporal nos assentamentos da região, uma vez que este Assentamento é o mais desenvolvido nessa área. Ainda assim, diante das calamidades vividas pelos trabalhadores do campo brasileiro, as áreas de reforma agrária destacam-se em comparação às outras áreas rurais, por possibilitar aos assentados acesso aos elementos da cultura corporal, ainda que de forma precária e limitada. Mesmo apresentando semelhanças com as atividades culturais desenvolvidas hegemonicamente, é perceptível que as indicações gerais da formação do MST promovem alterações significativas no desenvolvimento dessas atividades, questionando seus valores e objetivos, experimentando outras possibilidades de organização (auto-organização), estimulando as novas gerações a lutarem pelo seu acesso e a construírem novas práticas para atender seus anseios.

Diante desse quadro, a principal contribuição do MST no campo da cultura corporal se dá justamente na busca incessante de um desenvolvimento sustentável nas áreas de reforma agrária, pois mesmo que estas apresentem avanços significativos no campo da cultura, os mesmos só terão continuidade, permitindo novos saltos qualitativos, se existir uma estrutura econômica que lhes ofereça as condições mínimas. Quando falamos em condições mínimas para o desenvolvimento cultural

pensamos na possibilidade da satisfação das necessidades vitais, de primeira ordem, de forma que as necessidades culturais, artísticas, estéticas, de segunda ordem, possam ser colocadas como necessidades a serem satisfeitas. Esse processo de invenção de alternativas para satisfazer tais necessidades, e criação de novas necessidades uma vez supridas as atuais, pressupõe o aumento da produtividade dos assentamentos que permita aos trabalhadores Sem Terra se liberarem para organizar, desenvolver e apropriar desse universo de riquezas culturais, do qual faz parte a cultura corporal.

Nesse sentido, o Menino Jesus é um bom exemplo desse pressuposto, suas atividades culturais estão com os dias contados caso os problemas de subsistência dos assentados não sejam solucionados, estas tendem a desaparecer gradualmente. Deixando de ser uma experiência viva, para ser um exemplo extinto. Os germes estão em gestação, é preciso lutar arduamente para oferecer condições para seu desenvolvimento pleno.

Em tempo, poderíamos parafrasear “Do muito e do pouco” dizendo que, se o ‘único olho’ da cultura corporal existente hoje em experiências como a do Menino Jesus se perderem, essa ‘terra de cegos’ da falta de acesso à produção cultural da humanidade persistirá. Não será possível alcançarmos os ‘dois olhos’ para a plena fruição da cultura no ‘início da verdadeira história da humanidade’. Continuaremos com “muita cachaça” servindo como válvula de escape ao trabalhador para agüentar suas desgraças diárias, com “muito leite” somente para aqueles que sofrem de “pouca dor”. Daí apostarmos no que há de positivo nas ações da classe trabalhadora, como as que encontramos na nossa investigação em relação à cultura corporal nas áreas de reforma agrária, visando consolidar o projeto revolucionário da classe trabalhadora.

## CONCLUSÃO

“O PEQUENO MONGE” fala à Galileu após a decisão da Igreja de calar este, ignorando a confirmação do seu astrônomo, Clávius:

“[...] Que diria a minha gente se ouvissem de mim que moram num pedaço pequeno de rocha que gira ininterruptamente no espaço vazio, à volta de outra estrela, um pedaço entre muitos, sem maior expressão? Para que tanta paciência e resignação diante da miséria? Elas não ficariam sem cabimento? Qual é o cabimento da sagrada escritura que explicou tudo e que disse que tudo é necessário, o suor, a paciência, a fome, a submissão, se ela agora está toda errada? Não, eu vejo os olhos deles ficando ariscos, vejo como descansam a colher, vejo como eles se sentem traídos e esbulhados. Então o olho não está posto em nós, é o que pensam. Nós é que precisamos cuidar de nós mesmos, sem instrução, velhos e acabados como estamos? Nenhum papel nos foi destinado, afora este papel terreno e lamentável, numa estrela minúscula, inteiramente dependente, que não tem nada girando em sua volta? Não há sentido na nossa miséria; fome não é prova de fortaleza, é apenas não ter comido; esforço é vergar as costas e arrastar, não é mérito. O senhor compreende agora a verdadeira misericórdia maternal, a grande bondade da alma que eu vejo no Decreto da Santa Congregação”. (p.119-20).

GALILEU – Bondade da alma! Provavelmente, o que o senhor quer dizer é só que não sobrou nada, que o vinho foi bebido, que a boca deles está seca, de modo que o melhor é beijar a batina! Mas por que não há nada? Por que é que só é ordem, neste país, a ordem da gaveta vazia? E necessidade só existe a de se matar no trabalho? Em meio das vinhas carregadas, ao pé dos trigais! Seus camponeses pagam a guerra que o vigário do suave Filho de Deus provoca na Espanha e na Alemanha. Por que ele põe a Terra no centro do universo? Para que o trono de Pedro possa ficar no centro da Terra! É isso o que importa. O senhor tem razão, não são os planetas que importam, são os camponeses. E o senhor, não me venha com a beleza dos fenômenos que o tempo redourou! O senhor sabe como a ostra margaritifera produz a sua pérola? É uma doença de vida ou morte. Ela envolve um corpo estranho, intolerável para ela, um grão de areia, por exemplo, numa bola de gosma. Ela quase morre no processo. A pérola que vá para o diabo. Eu prefiro a ostra com saúde. A miséria não é condição das virtudes, meu amigo. Se a sua gente fosse abastada e feliz, aprenderia as virtudes da abastança e da felicidade. Hoje a virtude dos exaustos nasce da terra exausta, e eu abomino isso” (BRECHT, 1991, p.120<sup>134</sup>)

Concordando com a abominação do Galileu de Brecht, principalmente no que se refere à exploração dos camponeses para a manutenção desta sociabilidade, e indignado

---

<sup>134</sup> BRECHT, Bertold. **Vida de Galileu**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

com o atual modo de produção, é que apresentamos os resultados deste estudo com maior profundidade.

Esse estudo nos possibilitou identificar que o mais importante na nossa discussão é conhecer como se dá a produção e a reprodução da cultura, do que propriamente a origem do conceito. As discussões no campo marxista sobre a cultura destacam a participação desta no processo maior de produção e reprodução de existência, principalmente no campo da reprodução social. Ressalta a determinação da esfera econômica em relação aos outros complexos sociais, não de forma unidirecional, destacando que existe uma interdependência entre todos os complexos. Essa compreensão vai ser crucial em todo nosso debate, pois pudemos assim, aprofundar a investigação de um complexo específico - a “cultura”, sem desconsiderar suas inter-relações com o movimento geral do desenvolvimento do ser social.

Destacamos também que os complexos do ser social são interdependentes, mas não idênticos. Cada qual assume responsabilidades específicas no processo de formação do gênero humano, desde atender as necessidades vitais e imediatas até as novas necessidades criadas historicamente. Por isso a importância de não utilizar as leis próprias de um dado complexo como leis universais - mesmo que seja o complexo econômico, determinação em última instância dos demais -, para a investigação de todos os complexos, pois, suas especificidades ficam prejudicadas de serem assim apreendidas (TROTSKI, 2007-a; LUKÁCS, 1968).

Para o entendimento amplo da cultura, apontamos que é imprescindível a compreensão marxista e marxiana de que a cultura é fundada a partir da mediação do trabalho, tratando-a a como produto da relação do homem com a natureza, com seus semelhantes e consigo mesmo, portanto, construção sócio-histórica que vem se desenvolvendo ao longo da existência da humanidade, tomando o trabalho enquanto *protoforma* da atividade humana e como mediador da sua construção.

Nesse sentido, indicamos que a cultura é o principal mecanismo transmissor do legado histórico conquistado pelas gerações anteriores, forma própria do ser social, superior à transmissão genética dotada por todos os seres vivos. Daí a cultura se enquadrar fora da esfera das necessidades vitais, o que não quer dizer que é uma necessidade que não precisa ser suprida, aliás, de acordo com o desenvolvimento da humanidade passa a ganhar, cada vez mais, maior importância. Por exemplo: se abrigar não é uma questão cultural, se abrigar em casas sim; caçar não é uma questão cultural, mas utilizar armas para

caçar sim; correr não é uma questão cultural, mas correr calçado sim; se divertir não é uma questão cultural, mas divertir-se com uma bola sim. A relação com determinado estágio de produção da vida criará novas necessidades, diferenciando cada vez mais o homem dos outros animais, pois é o único ser capaz de transformar sua existência cotidianamente, libertando-se da sua “grosseria primitiva e perdendo seu caráter imediato”, produzindo neste processo não apenas objetos, mas sujeitos para os objetos (MARX, 1983).

Sobre essa questão Marx irá ressaltar que:

A fome é a fome, mas fome que satisfaz com carne cozinhada, comida com faca e garfo, não é a mesma fome que come a carne crua servindo-se das mãos, das unhas, dos dentes. Por conseguinte, a produção determina não só o objeto de consumo, mas também o modo do consumo, e não só de forma objetiva, mas também subjetiva (MARX, 1983, p. 210).

Diante dessa discussão sobre a cultura, é que avançamos na compreensão da cultura corporal, entendendo-a como um dos elementos que constitui o que Vieira Pinto (2005) chama de *técnicas lúdicas*. A cultura corporal é composta por atividades e/ou práticas corporais que em sua origem atendem os interesses livres da necessidade imediata da subsistência do ser social. É mister lembrar que, ainda que nossa concepção se desenvolva a partir do conceito de lúdico, de algo que tem fim em si mesmo, há uma dimensão que, entre outras, compõe a cultura corporal, que atende a uma fim externo a si própria e que potencializa o homem para suas diversas atividades práticas, a aptidão física. Nesse particular, temos a construção histórica da ginástica como instrumento de satisfação/desenvolvimento dessa dimensão.

Da mesma maneira, as atividades físicas, não obstante o seu caráter ineliminavelmente biológico, são cada vez mais determinadas pelas relações sociais. Isso só reafirma o princípio pelo o qual, em qualquer forma de sociedade, os homens terão que manter o seu bom funcionamento orgânico, caso contrário, definham ou padecem definitivamente. Mesmo aquelas atividades físicas predominantemente ligadas à saúde possuem esse caráter social (MELLO, 2009, p.82).

Nesse sentido, a cultura corporal se torna o objeto de estudo da educação física, se diferenciando de outras concepções presentes na área como: cultura corporal de movimento, cultura do movimento; que não partem de uma fundamentação materialista

histórica e dialética da realidade – ou seja, evidenciam um outro projeto histórico, com posição política diversa da que expressa o conceito “cultura corporal”.

No modo de produção capitalista todas as atividades humanas devem estar envolvidas na produção de mais-valia, precisam ser úteis à produção e reprodução do capital. Sendo assim, a cultura corporal sofre uma limitação na sua condição lúdica, “degradando-a à condição de meio subordinado aos fins da economia capitalista de mercado” (MÉSZÁROS, 2006, p. 192), passando a ser um meio para: a recomposição da força de trabalho atingir uma dada qualidade de vida, amenizar as árduas jornadas de trabalho, a ilusão da inclusão social, a valorização do valor (ela própria uma mercadoria).

[...] a tarefa de “emancipar todos os sentidos e atributos humanos” está longe de ser resolvida por uma compreensão correta das complexas inter-relações dos poderes humanos. O problema, como Marx o vê, consiste no fato de que o homem, devido à alienação, *não* se apropria de “sua essência omnilateral como um *homem total*”, mas limita sua atenção à esfera da mera *utilidade*. Isso acarreta um extremo empobrecimento dos sentidos humanos (MÉSZÁROS, 2006, p. 183).

Reconhecemos os nexos e determinações entre a cultura, a cultura corporal e a luta de classes, o que nos possibilita compreender o processo de construção do conhecimento em sua perspectiva histórica, determinado pelas relações que os homens constroem no processo de produção da sua existência, pois é a partir destas relações que se torna possível compreender o desenvolvimento cultural e da consciência em sua materialidade. Essas relações, sob os ditames da divisão social do trabalho (manual X intelectual), da propriedade privada, da segmentação em classes e da produção de capital, não possibilita à maioria da população mundial acessar as riquezas materiais e espirituais produzidas até então, impondo-lhes a brutalidade de estágios anteriores da história da humanidade.

Diante das impossibilidades intrínsecas do modo atual de produção da existência, está dada, aos indignados e inconformados com o estado atual das coisas, a possibilidade de ruptura com o que está posto. Nessa luta contra o instituído, os homens organizados de forma coletiva, enquanto classe explorada, poderão construir as possibilidades de sua liberdade, rompendo com o ‘reino da necessidade’ que os aflige, e ao mesmo tempo se autoconstruindo enquanto seres emancipados. Por isso, procuramos no

seio das lutas sociais os germes de uma cultura e cultura corporal contestatória da ordem social vigente.

[...] neste campo que a genericidade encontra a particularidade, na verdade é onde as particularidades empreendem seu contínuo processo de constituição da universalidade. É por isso que é o campo aberto da práxis, pois é o espaço em que a ação dos seres humanos pode reproduzir as condições de sua dominação ou enfrentá-las. No interior deste processo, a classe trabalhadora pode se constituir enquanto classe [para si] se, e somente se, os seres humanos em contradição com o processo imediato do capital se encontrarem em certas condições coletivas para romper o invólucro individual e se verem como seres coletivos, desde a mediação particular do grupo até a genericidade da classe (IASI, 2006, p. 69).

Podemos afirmar de imediato que a política cultural do MST apresenta esse caráter contestador, imprescindível num primeiro momento, assim como uma perspectiva emancipatória, próprios de sua luta diária. Partindo da reivindicação da terra, o MST irá se caracterizar por: a) sua organização e expansão nacional, consolidada a partir de 1985; b) sua combatividade permanente contra as forças opressoras capitaneadas pelo Estado capitalista e pelos latifundiários, não sendo interrompida pelas vitórias parciais e nem pelas derrotas; c) seu protagonismo autotransformador que forma através das lutas diárias pelos direitos sociais básicos os seus participantes em sujeitos ativos responsáveis pelo seu próprio destino; d) práticas politizadoras que não dissociam a formação técnica das questões políticas, implementando cursos para o conjunto dos trabalhadores do campo; e) sua radicalidade, que identifica a origem dos problemas, possibilitando que o movimento avance para além das questões da reforma agrária, aproximando-o da causa revolucionária. Reforçando a importância do MST para a classe trabalhadora brasileira, uma organização que convivendo com grandes contradições e dificuldades, consegue estar à frente de suas reais condições, apresentando alternativas para problemas imediatos e futuros, características que lhe confere originalidade (VENDRAMINI, 2000).

Muito ainda necessita ser conquistado, muitos problemas precisam ser solucionados e foi no intuito de colaborar com a superação destas condições precárias que esse estudo se debruçou sobre a análise da formação do MST, especificamente relacionado com a política cultural do movimento. Uma gama de atividades vem sendo organizadas pelo MST, assim como algumas reflexões e sistematizações estão em desenvolvimento em torno da temática.

De forma geral, a política cultural do MST expressa os conflitos e desafios da política geral do movimento. Na sua produção teórica, são perceptíveis as disputas de direcionamento formativo, um conflito histórico que persegue as organizações dos trabalhadores, já criticada por Rosa de Luxemburgo, a questão da reforma ou revolução. Na produção sobre educação, a presença de diferentes perspectivas teóricas é mais exacerbada em comparação com os textos sobre cultura. A existência de uma maior unidade teórica da produção sobre cultura pode ser atribuída à referência nas produções de um mesmo autor, que ao mesmo tempo serve de matriz para os demais - Ademar Bogo. Produção essa que possui estreita relação com os princípios do materialismo histórico.

Algumas questões referentes à política cultural do MST ficaram para ser tratadas neste momento do trabalho, após o confronto entre o que é projetado e o que é executado, questões que foram suscitadas principalmente durante as investigações do terceiro e quarto capítulo: a) Como se dá a autonomia do MST frente às parcerias com o Estado brasileiro? b) O porquê de defender e o que vem a ser a cultura popular, camponesa e do povo? c) Quais os objetivos do MST com as atividades culturais? d) Qual a direção da formação cultural do MST, a emancipação ou a cidadania?

São perceptíveis as dificuldades de executar em caráter nacional as proposições elaboradas pelo movimento. Muito do que já existe produzido ainda não foi acessado pelos responsáveis pela organização das atividades culturais, isso pode ser observado pela análise das notícias sobre a temática disponíveis no site do MST e pelas entrevistas. As ações nesse campo, em geral, não apresentam unidade, com exceção das experiências com o teatro. As atividades culturais são fruto de iniciativas regionais, sem necessariamente estarem articuladas com as proposições específicas do movimento, ao mesmo tempo, essa diversidade de atividades demonstra a riqueza de elementos oriundos das áreas de reforma agrária que podem ser potencializadas a partir de uma avaliação e uma projeção nacional, articulada com uma diretriz formativa que não impeça sua constante renovação.

Um grande empecilho para a execução da política cultural do MST está na indisponibilidade de condições materiais para o desenvolvimento das atividades nas áreas de reforma agrária. A ausência de investimento em espaços adequados, equipamentos técnicos e remuneração para os profissionais da área, fazem parte do estado caótico da política de assentamento do Estado brasileiro, quando os Sem Terra conquistam a terra ficam impossibilitados, em grande medida, de sobreviver nela, por conta do



descompromisso/desinteresse da esfera pública na sustentabilidade dessas áreas. No último período, a política do governo Luis Inácio Lula da Silva tem dado prova disto, com uma inexpressiva criação de novas áreas de reforma agrária e os precários investimentos para produção dos pequenos proprietários de terra, principalmente os oriundos dessas áreas, comparado aos investimentos no agronegócio.

Em contrapartida, houve um incremento de verba para projetos no campo educacional, possibilitando a criação de cursos, medida que como já comentamos anteriormente é insuficiente na ausência de uma condição mínima de existência. Por conta desses projetos ligados ao governo federal, o MST vem lutando diante de muitas contradições, e em algumas situações ficando preso pelas amarras do Estado. Quando possível ressignifica programas e projetos públicos que não atendem aos seus anseios. Diante desses investimentos a sua autonomia fica comprometida, já que o Estado burguês exige a sua contrapartida, em síntese ‘mudar para deixar as coisas como estão’, mudar *‘pero no mucho’*.

Principalmente por meio das notícias analisadas percebemos um forte apelo para o resgate de uma tradição camponesa, de uma genuína cultura camponesa popular, que desconsidera a expressão da luta de classe no campo ideológico, tratando-as como puras, boas, modelo a ser restabelecido. Essas iniciativas visam disseminar a cultura da conformação, da submissão, o que há de mais reacionário, pobre e precário de conquistas humanas. Essa parte da população sempre viveu com os resíduos dos centros urbanos, carentes das principais conquistas da humanidade, esses trabalhadores ainda lutam para ter acesso a direitos sociais básicos, no campo da educação, saúde, moradia, saneamento básico. Estimular o regaste de uma cultura da carência, é iludi-los com palavreados bonitos, é submetê-los as piores possibilidades de existência, é contribuir com o projeto dominante. O MST precisa continuar atento a essas perspectivas que, disfarçadas de inocentes e amigas, podem minar todo árduo trabalho realizado pelo movimento durante todos esses anos.

Essa questão já se encontra superada na produção teórica do MST, por nós analisada<sup>135</sup>, por isso a importância da divulgação e publicização destas produções para todos os militantes do movimento, para evitar que essas perspectivas contrarrevolucionárias se instaurem na sua base. O que precisa ser resgatado é o que há de mais avançado nas experiências históricas anteriores, e aliá-las às conquistas da formação

---

<sup>135</sup> Conforme capítulo 3.

oriunda do atual confronto com o capital, podendo consolidar, assim, as bases de uma cultura sem classe, uma cultura comunista.

Tendo nas atividades culturais uma excelente oportunidade para ampliar seu projeto de formação, principalmente com os jovens e as crianças, o MST dedica muitos esforços nessa área, possibilitando na medida do possível o acesso às técnicas, ao conhecimento científico e à tecnologia mais apropriada para atender aos anseios dos trabalhadores, enfrentando parcerias muitas vezes com as universidades (espaço por excelência reacionário), local onde geralmente são desenvolvidos esses conhecimentos.

Preocupado com a formação da consciência de classe dos seus militantes, o MST cotidianamente luta por melhores condições de vida, ainda sob o jugo do capital, ciente de que a determinação da consciência é dada pela existência, por isso a luta pela reforma agrária ser o seu principal instrumento na formação da consciência. Alguns resultados positivos já demonstram a importância das atividades culturais como auxílio do movimento nessa tarefa.

Neste sentido os aspectos culturais que visam a organização social de forma própria, a educação das crianças e, em parte dos jovens, tem-nos favorecido, pois é visível a elevação do nível de consciência. A mística é outro elemento constituinte de nossa base, que acredita em seu movimento, nos símbolos e na perspectiva de transformação da sociedade (Ademar Bogo - Entrevista).

Nesse sentido é que avaliamos que o MST é uma organização à frente de suas reais condições materiais, confirmando muitas vezes a reflexão de Iasi: “A consciência não pode ir além do estágio material que lhe determina, ainda que, por vezes, arrisque saltos a partir de condições materiais ainda em germinação. No entanto, no momento seguinte, a materialidade apresenta a conta dessas ousadias” (IASI, 2007, p. 85).

Numa breve observação da história do MST, seus primeiros embates, avanços e retrocessos, conseguimos observar, ainda que de forma incipiente, que a formação dos Sem Terra se articula num movimento ininterrupto de idas e vindas, fruto do patamar de luta no qual se encontra, expressando um outro nível de consciência desses trabalhadores que estão na luta permanente. Mauro Iasi nos ajuda a compreender esse movimento e as inter-relações da formação da consciência:

[...] a consciência enquanto movimento acompanha cada um desses momentos [de organização dos indivíduos], isto é, é a expressão da serialidade inicial dos indivíduos moldados a uma determinada ordem, é a consciência da superação desta serialidade no contexto de ação do grupo, é a ampliação deste pertencimento coletivo desde as relações imediatas face a face, até um pertencimento que rompe a barreira da co-presença e produz identidades mais amplas, passando pelo grupo, pela categoria, pela unidade de setores sociais mais abrangentes até a classe e depois além dela na universalidade da humanidade (IASI, 2006, p.341).

Ainda que muitas de suas conquistas estejam presas às necessidades imediatas, a direitos sociais básicos - o que nos faz indicar que a formação cultural do MST ainda está atrelada a uma formação para a cidadania<sup>136</sup>-, seu projeto de formação extrapola essa esfera, apontando para uma transformação social radical. Essa tarefa é grandiosa, e é de toda a classe trabalhadora, não podendo ser atingida por apenas parte dela. É nesse aspecto que o MST oferece uma grande contribuição para esse processo se articulando com os trabalhadores urbanos e com o movimento internacional dos trabalhadores (por exemplo, com a Via Campesina).

A formação atual do MST tem a ousadia de ir “além do estágio material que lhe determina”, apontando para um processo emancipatório que será fruto da vitória da classe trabalhadora perante a burguesia. Ou seja, no caminho da emancipação, por enquanto, há muito ainda a ser conquistado e o MST tem clareza destes limites.

Ademar Bogo nos chama atenção nessa questão:

Mas sejamos realistas: quem são os Sem Terra? Indivíduos expurgados do convívio social, que, ao perderem a condição de cidadãos perderam também o acesso aos direitos básicos. A luta dos mesmos é para terem o que os explorados têm e não se poderia, de um salto só, sair da extrema exclusão para a emancipação [...] É visível, porém, perceber alguns avanços no melhoramento das relações, na organização da cooperação, na participação igualitária e democrática de homens e mulheres, mas isto ainda está no início de um longo processo a ser desencadeado (Ademar Bogo - Entrevista).

---

<sup>136</sup> Destacamos que cidadania e emancipação humana são coisas distintas, cada uma expressa à formação social que lhe corresponde, respectivamente o capitalismo e o comunismo. A cidadania está ligada a emancipação política, ou seja, uma liberdade e igualdade apenas sob ao aspecto formal, já que a sociabilidade do capital impossibilita a efetivação plena da liberdade, sendo dessa forma essencialmente limitada. “Sem desmerecer os aspectos positivos que a cidadania representa para a autoconstrução humana, fica claro que ela é, por sua natureza mais essencial, ao mesmo tempo, *expressão e condição* da reprodução da desigualdade e, por isso, de desumanização. Por isso mesmo, deve ser superada, porém não em direção a uma forma autoritária de sociabilidade, mas em direção à efetiva liberdade” (TONET, s/d, p. 3).

Articulando essa experiência do MST com a questão da revolução, buscamos auxílio em Trotski para qualificar nossa afirmação sobre a contribuição desse movimento para a causa revolucionária. Discutindo a importância e a pertinência da ‘revolução permanente’, ele ressalta que para Marx a revolução permanente “significa uma revolução que não transige com nenhuma forma de dominação de classe, que não se detém no estágio democrático e, sim, passa para as medidas socialistas e a guerra contra a reação exterior, uma revolução na qual cada etapa está contida em germe na etapa precedente, e só termina com a liquidação total da sociedade de classes” (TROTSKI, 2007- b, p.62).

Avançando nessa sua avaliação o autor apontará três aspectos da revolução permanente que precisam ser compreendidos pelos que se colocam no campo revolucionário: a) para os países atrasados, a ditadura do proletariado é a passagem no caminho para a democracia; b) a mesma caracteriza a própria revolução socialista, todas as relações sociais se transformam no período de luta contínua; c) ela inicia nacionalmente, mas não pode permanecer assim, dado o caráter internacional da revolução socialista (TROTSKI, 2007- b, p. 64-65).

Realizamos toda essa discussão de fundo para poder oferecer uma resposta à pergunta central desse estudo: como se dá o desenvolvimento da cultura corporal em áreas de reforma agrária, e quais seus nexos com o projeto de formação emancipador e revolucionário da classe trabalhadora, no caso da Regional Recôncavo, estado da Bahia? Assim como, algumas questões decorrentes: qual é a direção da política cultural do MST? Qual a participação da cultura corporal na formação dos Sem Terra? Qual o potencial emancipatório da cultura corporal organizada pelo MST?

Ainda que tenha uma participação tímida na proposição da política cultural do MST, no assentamento por nós analisado, a cultura corporal é o elemento cultural predominante. Apresentando características semelhantes às práticas corporais hegemônicas, essas atividades, por serem realizadas numa área onde o modo de vida está em constante transformação, num sentido anticapitalista, explicitam muitos questionamentos que já estão sendo suscitados. Criticam-se seus objetivos, métodos e importância para a luta dos trabalhadores do campo.

As atividades em geral acontecem sem uma orientação específica do movimento e são os jovens e as crianças os principais participantes. As condições de infraestrutura são precárias e não possuem professores específicos da área, sendo as atividades organizadas por militantes voluntários que geralmente possuem afinidade com uma dada

modalidade. Os assentamentos com uma maior população infanto-juvenil tendem a possuir um maior número de atividades da cultura corporal, por conta, em grande medida, da iniciativa dessa parte da população que recorre ao uso de espaços e materiais improvisados.

No que se refere aos conteúdos, os mesmos são limitados pelos conhecimentos da região, da mídia e do responsável pelas atividades, não existindo nenhuma capacitação para os responsáveis. A escola geralmente concentra as atividades organizadas da cultura corporal, sem necessariamente existir um tempo específico para essas atividades na grade de horários, a disciplina Educação Física inexistente. No decorrer da pesquisa observamos um relativo descompasso entre aquilo que é projetado nos documentos do MST sobre a cultura corporal (material escasso) e o que acontece na prática social na área de reforma agrária analisada (uma rica experiência), pois mesmo sem uma sistematização prévia a cultura corporal se desenvolve nessas áreas por conta de suprir necessidades humanas do lúdico.

Entre os direitos básicos sociais reivindicados pelos Sem Terra, estão incluídos o direito de acessar os elementos da cultura corporal, direito que vem sendo negado por longos anos, de forma particularmente perversa ao povo do campo<sup>137</sup>. Tendo como principais reivindicações nessa área: espaço físico específico, materiais adequados, professores e capacitação técnica para os organizadores. As iniciativas do Estado sempre são de caráter paliativo ou a reboque dos projetos urbanos, os pobres do campo continuam a sofrer por conta da ausência dos serviços públicos básicos. Mesmo com todas as carências já citadas, as áreas de reforma agrária organizadas pelo MST ainda conseguem se diferenciar positivamente de outros territórios do campo brasileiro. Sua organização, seus princípios formativos, o espírito de coletividade e a luta impenitente por melhorias potencializam todas as suas atividades, entre elas as da cultura corporal, apresentando ainda que de forma prematura os germes de um novo modo de produzir a existência. Sob o auxílio da lógica dialética, podemos afirmar que essas experiências, ainda que carregadas do ‘lixo cultural’ produzido pelo capital, trazem, a partir das condições de confronto contra o mesmo, o germe da emancipação humana que precisa de um solo fértil para sua germinação completa.

---

<sup>137</sup> Conforme dados do relatório de 2004 da FAO/ONU: *O Estado da insegurança alimentar no mundo*, 80 %, de um total de 852 milhões de pessoas, que sofrem de fome no mundo tiram sua subsistência diretamente do campo (“50% pequenos agricultores”, “20 % camponeses sem terra” e 10 % pastores, pescadores e outros) (TUBINO, 2005).

Em muitos aspectos vemos melhorias que são inovadoras, mas elas por si só não terão força para derrotar o capital. É fundamental que a luta de classes avance para sustentar estas iniciativas e dar a elas fôlego para que se ampliem.

Se não fizemos muito, o pouco servirá como sementes para alimentar as esperanças daqueles que virão depois de nós (Ademar Bogo - Entrevista).

Eis a grande contribuição do MST.

Desesperar jamais  
Aprendemos muito nesses anos  
Afinal de contas não tem cabimento  
Entregar o jogo no primeiro tempo  
Nada de correr da raia  
Nada de morrer na praia  
Nada! Nada! Nada de esquecer  
No balanço de perdas e danos  
Já tivemos muitos desenganos  
Já tivemos muito que chorar  
Mas agora, acho que chegou a hora  
De fazer Valer o dito popular  
Desesperar jamais  
Cutucou por baixo, o de cima cai  
Desesperar jamais  
Cutucou com jeito, não levanta mais  
(*Ivan Lins / Vitor Martins*)

## FONTES PRIMÁRIAS

### IMPRESSAS

BOGO, Ademar. O papel da cultura no Movimento Sem Terra. In: **O MST e a Cultura**. 2003-a. Mimeografado.

BOGO, Ademar. Fundamentos da revolução cultural. In: MST. **O MST e a Cultura**. 2003-b. Mimeografado

BOGO, Ademar. Impulsionar uma revolução cultural. In: MST. **O MST e a Cultura**. 2003-c. Mimeografado.

BOGO, Ademar. **O MST e a Cultura** – caderno de formação nº 34. 2ª ed.. Veranópolis: ITERRA, 2001.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3ªed.. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CALDART, Roseli; KOLLING, Edgar. Construir o método para impulsionar a revolução cultural no MST. In: **O MST e a Cultura**. 2003. Mimeografado.

COLETIVO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MST. **Dossiê – MST Escola: Documentos e Estudos 1990-2001**. Caderno de Educação. n. 13 – edição especial, Veranópolis, RS: Iterra, 2005.

MST. O MST e a cultura: síntese das reflexões produzidas no seminário realizado em Cajamar/SP de 1º a 3 de junho de 1998. In: **O MST e a Cultura**. 2003. Mimeografado.

MST. **O MST e a Cultura**. 2003. Mimeografado.

### DIGITAIS <sup>138</sup>

SADER, E. **Os nossos bens culturais**. Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=1762>, 2002. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Nesta edição: Encontro de violeiros, Tribunal dos Transgênicos e Campanha nacional pelo trabalho**. Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=1811>, 2004. Acessado em: 12 em abril de 2009.

---

<sup>138</sup> Organizadas por ordem cronológica ascendente.

MST. **MST “ocupa” Ministério da Cultura com Mostra de Cultura camponesa.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=78>, 2004. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Começa Semana Nacional de Cultura em Recife.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=386>, 2004. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Dois mil Sem Terra participam da abertura do I Festival Latino Americano de Música Camponesa.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=739> , 2004. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Democratizar o cinema no campo.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=2049>, 2005. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **II Semana Nacional de Cultura e Reforma Agrária.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=327>, 2005. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Vozes da Terra fala sobre o teatro no MST.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=2252>, 2006. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Teatro popular, Território e Movimento.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=2207>, 2006. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **MST do Paraná promove oficina de teatro.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=1442>, 2006. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Sem Terra identificam suas lutas em experiências teatrais do MST.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=1500>, 2006. Acessado em: 12-04-2009.

MST. **Cultura e a arte no MST.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=2221>, 2006. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Violar é preciso.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=2379>, 2006. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Sem Terra discutem arte e cultura no Ceará.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=2582>, 2006. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Saga de Canudos será contada em cidades e assentamentos pelo país.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=2836>, 2007. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Teatro leva Guerra de Canudos para o campo.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=2911>, 2007. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **III Encontro Nacional de Violeiros.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=3047>, 2007. Acessado em: 12 em abril de 2009.



MST. **Semana Nacional da Cultura e da Reforma Agrária.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=3053>, 2007. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **IV Encontro Nacional dos Violeiros.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=3057>, 2007. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Vídeo-Manifesto contra a impunidade Eldorado dos Carajás.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=3326>, 2007. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Importância da cultura dentro do MST.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=3512>, 2007. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **No Pará, Sem Terra põem no ar mais uma rádio comunitária.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=3894>, 2007. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Grupo de teatro do MST se apresenta em novo espaço da Companhia do Latão.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=3961>, 2007. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Juventude do MST na Bahia se reúne para debater comunicação e cultura.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=4307>, 2007. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Cultura.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=4539>, 2007. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Encontro com o Saci valoriza cultura popular em Ribeirão Preto.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=4532>, 2007. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MIRANDA, R. **“Encontro com Saci” valoriza a cultura popular em Ribeirão Preto.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=4602>, 2007. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Artistas lutam por políticas públicas para cultura.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=5144>, 2008. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Estudantes do MST recebem visita do Secretário do MinC.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=5161>, 2008. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **MST e Via Campesina realizam mostra cultural.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=5367>, 2008. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Desenhos culturais e resistências.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=5425>, 2008. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Trincheiras e barricadas culturais.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=5395>, 2008. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Sem Terra recebe prêmio por sua música cidadã.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=5741>, 2008. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **MST será homenageado com Ordem do Mérito Cultural.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=5845>, 2008. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **MST realiza Semana de Cultura e Reforma Agrária no Pará.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=5989>, 2008. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Semana de Cultura do MST une debate e muita animação.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=5997>, 2008. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **A luta pelo controle da produção cultural é também política.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=6002>, 2008. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Chico César realiza show aberto ao público na Semana de Cultura do MST.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=6003>, 2008. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Ocupando o latifúndio do ar.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=6104>, 2008. Acessado em: 12 em abril de 2009.

BECHARA, C.. **Política e arte, arte e política.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=6137>, 2008. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Sobre arte, política e resistência.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=6298>, 2009. Acessado em: 12 em abril de 2009.

MST. **Unidos da Lona preta: quatro anos de resistência cultural.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=6314>, 2009. Acessado em: 12 em abril de 2009.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Roseane Soares. **A ginástica na escola e na formação de professores**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – PPGE/ FAGED/ Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

ANDERSON, P. **Considerações sobre o marxismo ocidental / Nas trilhas do materialismo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2004.

ANDERY, Maria Amália. et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 2001.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?:** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho, 7ª ed., Campinas, SP: Cortez, 2000.

ARGÉLES, J.M. A organização e princípios do desporto na R.D.A. In: ADAM, Y, et.al. **Desporto e desenvolvimento Humano**. Lisboa: Seara Nova, 1977.

BAHNIUK, Caroline. **Educação, trabalho e emancipação humana: um estudo sobre as escolas itinerantes nos acampamentos do MST**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação/ CED/ Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BBC/BRASIL. **OIT: Crise pode gerar 50 milhões de desempregados**. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/01/090128\\_oitdesemprego\\_tc2.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/01/090128_oitdesemprego_tc2.shtml). Acessado em: 28 de janeiro de 2009- a.

BBC/BRASIL. **40 ataques aéreos abrem 3ª semana de ofensiva em Gaza**. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2009/01/090110\\_gazasabadoebc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2009/01/090110_gazasabadoebc.shtml). Acessado em: 10 de janeiro de 2009- b.

BOGO, Ademar. **Combater o revisionismo para avançar com o projeto de poder**. 2007-a. Mimeografado.

BOGO, Ademar. A formação de quadros: desafios e necessidades. In: ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES. **A política da formação de quadros**. Cadernos de estudos ENFF, nº 1, Guararema, SP: ENFF, 2007-b.

BOGO, Ademar. **O MST e a Cultura – caderno de formação nº 34**. 2ª ed.. Veranópolis: ITERRA, 2001.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. 3ªed..Ijuí: Unijuí, 2005.

\_\_\_\_\_. **Educação Física e Ciência: Cenas de um Casamento (In)feliz.** Ijuí: Unijuí, 2003.

\_\_\_\_\_. Educação física no 1o. grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física.** São Paulo, supl.2, p.23-28, 1996.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra.** 3ªed.. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CÂNDIDO, Fernando P.; TEIXEIRA, David R.. **Rascunho à cultura corporal.** Florianópolis, 2009. Mimeografado.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **O conceito de cultura: um pomo de discórdia.** 2007. Mimeografado.

CASAGRANDE, Nair. **O Processo de Trabalho Pedagógico no MST: contradições e superações no campo da cultura corporal.** 2001. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

CHAUÍ, Marilena (Org.). **Política Cultural.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

CHOSSUDOVSKEY, Michel. **Fome Global.** Disponível em: [http://www.resistir.info/chossudovsky/global\\_famine\\_mai08\\_p.html](http://www.resistir.info/chossudovsky/global_famine_mai08_p.html). Acessado em: 8 de maio de 2008.

COGGIOLA, Osvaldo. “Globalização”, economia e cultura. In: **Universidade e ciência na crise global.** São Paulo: Xamã, 2001.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

COLETIVO DE EDUCAÇÃO DO MENINO JESUS. **História do assentamento Menino Jesus.** 2009. Mimeografado.

COLETIVO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MST. **Dossiê – MST Escola: Documentos e Estudos 1990-2001.** Caderno de Educação. n. 13 – edição especial, Veranópolis, RS: Iterra, 2005.

CPT. **Conflitos no Campo Brasil 2007.** Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/nacional/conflitos-no-campo-brasil-2007>. Acessado em: 27 de abril de 2008.

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?:** quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação, Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

ENGELS, F. Carta a B. Borgius. In: FERNANDES, Florestan. **Marx e Engels: História.** São Paulo: Ática, 1981.

ENGELS, F. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. São Paulo: Global Editora, 1990.

ESCOBAR, Michele Ortega. Cultura Corporal na Escola: tarefas da educação física. In: **Motrivivência**, ano 07, nº 08, dez., 1995.

ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES. **A política da formação de quadros**. Cadernos de estudos ENFF, nº 1, Guararema, SP: ENFF, 2007.

FARIA, Vital. **Saga da Amazônia**. De Cantoria 1, Kuarup Discos, 1984.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questão Agrária, Pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERRETTI, Celso João. Empresários, trabalhadores e educadores: Diferentes olhares sobre as relações trabalho e educação no Brasil nos anos recentes. In: LOMBARDI, J.C. et al (Orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas: Autores Associados, p. 97-118, 2002.

FREITAS, Marcos Cezar de. O Conceito de tecnologia: o quarto quadrante do círculo de Álvaro Vieira Pinto. In: VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

GOMES, Oziel. **Lênin e a revolução russa**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

GIRARDI, E. P. **Atlas da questão agrária brasileira**. Presidente Prudente, agosto de 2008. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/nera/atlas/index.htm>. Acessado em: 05 de abril de 2009.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. v.1.introdução ao estudo da filosofia; a filosofia de Benedetto Croce. 3ª ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho; co-edição: Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1993.

IANNI, Octávio. Imperialismo e cultura. In: CHASIN, J.. **Revista Ensaio 14**. São Paulo: Ensaio, p. 119-128, 1985.

IASI, Mauro Luis. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

\_\_\_\_\_. **As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

KUENZER, Acácia Z.. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma da dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. IN: LOMBARDI, J.C. et al (Orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas: Autores Associados, p. 77-95, 2005.

\_\_\_\_\_. **A pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador.** São Paulo: Cortez, 1985.

KUNZ, Elenor. **A transformação didático-pedagógico do esporte.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

LENIN, V.U. I. **Cultura e revolução cultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LÉONTIEV, Aléxis. O homem e a cultura. IN: ADAM, Y, et. al. **Desporto e desenvolvimento Humano.** Lisboa: Seara Nova, 1977.

LEPEL/FACED/UFBA. **Minuta de Projeto: Formação Continuada de Militantes Culturais de Esporte e Lazer no Campo.** 2005. Mimeografado.

LESSA, Sérgio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo.** São Paulo: Cortez, 2007.

LOBÃO, J. S. B. et.al.. Semi-árido da Bahia, limites físicos ou sócio-político? Uma abordagem geotecnológica para a delimitação oficial. In: Simpósio Regional de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto. 2. 2004, Aracaju/ SE. **Anais eletrônicos...** Sergipe, 2004. Disponível em: <http://www.cpatc.embrapa.br/labgeo/srgsr2/pdfs/poster15.pdf>. Acessado em: 15 de abril de 2009.

LOPES, R. P. M.. **Instituições e Desenvolvimento no Semi-Árido Baiano: a qualidade das instituições como variável determinante dos desequilíbrios regionais.** Disponível em: <http://semiaridobahia.wordpress.com/>. Acessado em 12 de dezembro de 2008.

LUKÁCS, George. **Introdução a uma Estética Marxista: Sobre a Categoria da Particularidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LUKÁCS, György. **Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx.** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

LUKÁCS, György. **Velha e Nova Cultura.** Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/misc/velhaenovacultura.htm>. Acessado em: 08 de outubro de 2007.

LUNATCHARSKI, Anatóli. Lênin e a arte. IN: LÊNIN, V. I. **Cultura e Revolução Cultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.183-197, 1968.

LYRA FILHO, João. **Introdução à sociologia dos desportos.** Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

MAGALHÃES, Paulo A.. **Bahia bate recorde de ocupações no estado em 2007.** Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=5018>. Acessado em: 06 de março de 2008.

MANACORDA, M. A.. **Marx e a pedagogia moderna**. Editora Alínea: Campinas/SP, 2007.

MARX, Karl.; ENGELS, F.. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

MARX, K.; ENGELS, F.. Carta de Marx a Pavel V. Annenkov. In: **Obras Escolhidas**. Tomo I, Lisboa: Edições “Avante!” /Moscovo: Edições Progresso, 1982.

MARX, K.; ENGELS, F.. **A ideologia Alemã**. Vol. I. 4ª.ed. Portugal: Editorial Presença; Brasil: Martins Fontes, 1980.

MARX, Karl. As lutas de classe na França – de 1848-1850, O 18 Brumário de Luis Bonaparte, e A guerra civil na França. In: IASI, Mauro (org.) **A revolução antes da revolução**, v. II, São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana. In: FERNANDES, Florestan. **Marx e Engels: História**. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Vol. I, Tomo.I, Cap. I, 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

\_\_\_\_\_. **Trabalho assalariado e capital**. 3º ed.. São Paulo: Global editora, 1985.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª ed.. São Paulo: Martins Fontes, Prefácio 1983.

MATTEDI, José Carlos. **Tropas brasileiras podem ficar no Haiti depois de 2008, segundo embaixador**. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/02/05/materia.2007-02-05.9801191261/view>. Acessado em: 30 de maio de 2009.

MEC/INEP e MDA/INCRA/PNERA. Relação de assentamentos e estimativas de pessoas assentadas (Dezembro de 2004) – Nordeste – Bahia. In: **Pesquisa Nacional da Educação na Reforma Agrária**, 2005.

MELLO, Rosângela Aparecida. **A necessidade histórica da educação física na escola: a emancipação humana como finalidade**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – PPGE/ Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.



MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996.

MINISTÉRIO DA CULTURA (Brasil). **047122 - Rede Cultural da Terra**. Disponível em: [http://www.cultura.gov.br/site/pesquisa-de-projetos/?action=search&projeto\\_ano=04&projeto\\_area=TD&projeto\\_cidade=&projeto\\_mecanismo=2&projeto\\_nome=&projeto\\_pronac=&projeto\\_regiao=TD&projeto\\_segmento=&projeto\\_uf=SP&proponente\\_cnpjcpf=&proponente\\_nome=](http://www.cultura.gov.br/site/pesquisa-de-projetos/?action=search&projeto_ano=04&projeto_area=TD&projeto_cidade=&projeto_mecanismo=2&projeto_nome=&projeto_pronac=&projeto_regiao=TD&projeto_segmento=&projeto_uf=SP&proponente_cnpjcpf=&proponente_nome=). Acessado em: 04 de abril de 2009.

MINISTÉRIO DA CULTURA (Brasil). **Pontos de Cultura**. Disponível em: [http://www.cultura.gov.br/cultura\\_viva/?page\\_id=31](http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/?page_id=31). Acessado em: 04 de abril de 2009.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Modelo de execução** – Programa Segundo Tempo. Disponível em: [http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo/modelo\\_execucao.jsp](http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo/modelo_execucao.jsp), Acessado em: 04 de abril de 2009.

MINISTÉRIO DO ESPORTE (Brasil). **Objetivos** – Programa Segundo Tempo. Disponível em: <http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo/objetivos.jsp>. Acessado em: 04 de abril de 2009.

MONTAÑO, C. **Terceiro setor e questão social** – crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

MORAES, Maria Célia M. de. Recuo da teoria. In: MORAES, Maria Célia M. de (Org.). **Iluminismo às avessas**: produção de conhecimento e políticas de formação docente. Rio de Janeiro: DP&A, p.151-167, 2003.

MST. **MST da Bahia comemora 20 anos de luta**. Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=4149>. Acessado em: 04 de setembro de 2007.

MST. **MST da Bahia encerra Jornada com Sessão na Assembléia Legislativa**. Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=6678>. Acessado em 22 de abril de 2009.

MST/BA; LEPEL/UFBA. **Capacitação de agentes sociais de educação física, esporte e lazer**. 2005. Mimeografado.

NOZAKI, H, T. **O mundo do trabalho e transformações na educação física brasileira**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

OGAWA, A.. Invasão de campo. In: **Revista Placar**. Editora Abril, dez, 1997.

OLIVEIRA, V. M. **Consenso e Conflito**: Educação Física Brasileira. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

PETRAS, J. **Las paradojas del desarrollo en América Latina**. Disponível em: <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=70704>. Acessado em 25 de julho de 2008- a.



\_\_\_\_\_. **El Presidente Chávez y las FARC:** Estado y Revolución. Disponível em: <http://www.rebelion.org/noticia.php?id=69987>. Acessado em 08 de julho de 2008-b.

\_\_\_\_\_. **Fidel Castro y las FARC:** Ocho tesis erróneas de Fidel Castro. Disponível em: <http://www.rebelion.org/noticia.php?id=70162>. Acessado em 12 de julho de 2008-c.

\_\_\_\_\_. *The New York Times:* Cómo hacer respetable el exterminio nuclear. Disponível em: <http://www.rebelion.org/noticia.php?id=71041>. Acessado em 03 de setembro de 2008-d.

PISTRAK, M.M.. **Fundamentos da Escola do Trabalho.** 3ª Ed.. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

PISTRAK, M. M.. **A comuna escolar.** Tradução de Luiz Carlos de Freitas, 2002. Mimeografado.

PIZETTA, Adelar João. A formação de quadros políticos: elaboração teórica, experiências e atualidade. In: ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES. **A política da formação de quadros.** Cadernos de estudos ENFF, nº 1, Guararema, SP: ENFF, 2007.

RAMALHO, Zé. **Carne de Pescoço.** Disponível em: [http://www.zeramalho.com.br/sec\\_news.php?page=2&id\\_type=2&id=6](http://www.zeramalho.com.br/sec_news.php?page=2&id_type=2&id=6). Acessado em 14/05/2009.

REQUIXA, Renato. **O lazer no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1977.

SANTOS, Ariosvaldo. Antigo e novos campos da ideologia do capital na educação do trabalhador. In: ALVES, Giovanni (org). **Trabalho e Educação:** contradições do capitalismo global. Maringá: Editora Práxis, 2006.

SANTOS JÚNIOR, Cláudio de Lira. **A formação de professores de Educação Física: a mediação dos parâmetros teórico-metodológico.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) PPGE/, Faculdade de Educação/ Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SANTOS, J. F.. **Estudo do Desenvolvimento das Atividades Agrícolas nos Assentamentos da Reforma Agrária:** Assentamento Menino Jesus. Monografia (Curso Técnico em Agricultura com ênfase em Gestão da Produção Agrícola) - UESB, Vitória da Conquista, 2008. Mimeografado.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** 14ª ed.. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SEABRA, Odette; et.al..**Território e sociedade:** entrevista com Milton Santos. Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2000.

SEINFRA/BA. **Incra firma seis convênios com órgãos estaduais e federais em benefício de assentamentos rurais.** Disponível em: [http://www.seinfra.ba.gov.br/imprimir\\_noticia\\_atual.asp?id\\_noticia=2812](http://www.seinfra.ba.gov.br/imprimir_noticia_atual.asp?id_noticia=2812). Acessado em 23 outubro de 2007.

SEGNINI, Liliana. Taylorismo: uma análise crítica. In: BRUNO, L., SACCARDO, C.(Orgs.) **Organização, trabalho e tecnologia**. São Paulo: Atlas, p.81-88, 1996.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 14ª ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.

SILVA, J.; SILVA, K. **Círculos populares de esporte e lazer: Fundamentos da educação para o tempo livre**. Recife: Bagaço, 2004.

SILVA, Roberta M. L. da.. **A dialética do trabalho no MST: a construção da Escola Florestan Fernandes**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

SIQUEIRA, Juliano. Fundamentos para uma Política Cultural. In: **Princípios**, nº 25, mai/jun/jul 1992.

SOARES, C. L.. Imagens do Corpo educado: um olhar sobre a ginástica no século XIX. In: Amarílio Ferreira Neto. (Org.). **Pesquisa Histórica na educação Física**. 1ª ed. Vitória: UFES, v. 2, p. 05-32, 1997.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1983.

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; ESCOBAR, M. O. ; CASAGRANDE, N. ; DAGOSTINI, A. ; RODRIGUES, Raquel Cruz Freire ; LACKS, S. ; ALBUQUERQUE, J. O. . Oficina de Construção de conhecimentos sobre a cultura corporal em movimentos de luta sociais da classe trabalhadora do campo no Brasil. **ÁGORA PARA LA EDUCACIÓN FÍSICA Y EL DEPORTE**, v. 6, p. 19-42, 2008.

TAFFAREL, Celi Zulke; ESCOBAR, Micheli Ortega. **Mas, afinal, o que é educação física?** Reafirmando o marxismo contra o simplismo intelectual. [2008?]-a. Disponível em: [http://www.faced.ufba.br/rascunho\\_digital/](http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/). Acessado em: 10 de outubro de 2008.

TAFFAREL, Celi Zulke.; ESCOBAR, Micheli Ortega. **Educação Física e movimentos de luta sociais**. [2008?]-b. Disponível em: [http://www.faced.ufba.br/rascunho\\_digital/](http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/). Acessado em: 10 de outubro de 2008.

TAFFAREL, Celi Zulke; ESCOBAR, Micheli Ortega. **A cultura corporal e os dualismos necessários para a ordem do capital**. [2006?]. Disponível em: [http://www.faced.ufba.br/rascunho\\_digital/](http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/). Acessado em: 10 de março de 2006.

TAFFAREL, Celi N. Z.. Desporto Educacional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO. **Desafios para o século XXI: coletânea de textos da I Conferência Nacional de Educação, Cultura E Desporto**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

TAFFAREL, C. N. Z. **A formação do educador**: o processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no curso de Educação Física. 1993. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação/ UNICAMP, Campinas, 1993.

TEIXEIRA, David R.; TAFFAREL, C. N. Z. . **Cultura Corporal e Território: proposta curricular para a educação do campo**. Relatório final FAPESB: Apoio Técnico II, 2006-2007. Mimeografado.

TEIXEIRA, David R.. **Cultura Corporal e Território**: Complexo temático para formação de professores de Educação Física. 2006. Monografia (Especialização) - FAGED/ UFBA, Salvador, 2006.

TEIXEIRA, David Romão; TAFFAREL, C. N. Z.; TITTON, Mauro; TRANZILO, P. J. R.; DAGOSTINI, A.. Formação de Militantes Culturais e alternativas de desenvolvimento da Cultura Corporal, Esporte E Lazer em áreas de reforma agrária. **Licere** (Belo Horizonte), v. 9, p. 9-23, 2006.

TEIXEIRA, David Romão; TAFFAREL, C. N. Z.; DAGOSTINI, A.. Cultura Corporal e Território: uma contribuição ao debate sobre reconceptualização curricular. **Motrivivência**, v. 25, p. 17-35, 2005.

TEIXEIRA, David .R.; DANTAS, J. **O surgimento dos movimentos sociais no Brasil**: a contribuição de Canudos (1893-1897), 2007. Mimeografado.

TEIXEIRA, Paulo Tomaz F.. A individualidade humana na obra Marxiana de 1843 a 1848. In: **Ensaio Ad Hominem**. N. 1, Tomo I – Marxismo, São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999, p. 175 – 246.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Vol. III. São Paulo: Paz e Terra, 1987, p.287,

TITTON, Mauro. **Organização do trabalho pedagógico na formação de professores do MST**: realidade e possibilidades. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - FAGED/UFBA, Salvador, 2006.

TONET, Ivo. **Cidadania ou emancipação humana?** s/d.. Disponível em: [http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/CIDADANIA\\_OU\\_EMANCIPACAO\\_HUMAN A.pdf](http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/CIDADANIA_OU_EMANCIPACAO_HUMAN A.pdf). Acessado em 07 de maio de 2009.

TRIVIÑOS. A. N. S. **Introdução à pesquisa e ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. SP: Atlas, 1987.

TROTSKY, Leon. **Literatura e Revolução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007- a.

TROTSKI, Leon. **A revolução permanente**. São Paulo: Expressão Popular, 2007- b.

TROTSKI, Leon. Cultura e socialismo. In: MIRANDA, Orlando. **Leon Trotski: política**. São Paulo: Ática, 1981.

TROTSKY, Leon. **Questões do modo vida**. Publicações LBI, s/d.

TUBINO, José. **Situação atual da fome no mundo e o papel da FAO**. Brasília: Comitê Permanente de Nutrição/ONU, 2005. Disponível em: [nutricao.saude.gov.br/evento/scn/documentos/oficinas/6-Apresentacao\\_Jose\\_Tubino.pdf](http://nutricao.saude.gov.br/evento/scn/documentos/oficinas/6-Apresentacao_Jose_Tubino.pdf) - Acessado em: 25 de maio de 2009.

TUMOLO, Paulo. Trabalho, vida social e capital na virada do milênio: apontamentos de interpretação. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 24, n. 82, p. 159-178, abril de 2003.

TUMOLO, Paulo. O Trabalho na Forma Social do Capital e o Trabalho Como Princípio Educativo: Uma Articulação Possível? In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26 n. 90 jan./abr., 2005.

VÁZQUEZ, Adolfo S.. **Filosofia da Práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VENDRAMINI, Célia R.. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. In: **Terra, Trabalho e Educação**: experiências sócio-educativas em assentamentos do MST. Ijuí: Unijuí, 2000.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Teoria da Cultura. In: **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. 2ªed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Cap. VI. P. 119-138.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

VYGOTSKY, Lev. **A transformação socialista do homem**. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/atransformacaosocialistadohem.htm>. Acessado em: 08 de outubro de 2007.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A:** Questionário aplicado à Ademar Bogo (Direção Nacional do MST) - 08/05/09

### **1. Qual a sua avaliação da conjuntura política atual, e como você vê o MST dentro dessa sua análise?**

Ademar Bogo:

Vivemos tempos de dificuldades. As últimas décadas nos forçaram a um recolhimento das atividades revolucionárias. Muitas forças renegaram os princípios filosóficos do materialismo histórico e dialético e por isto passaram a contribuir com a contra revolução. Há uma desconstrução acelerada dos princípios das idéias revolucionárias e negação dos programas revolucionários. A identidade do ser revolucionário foi substituída pelo cabo eleitoral, ativista da defesa dos interesses de causas particulares. O profissional da revolução se converteu em profissional da eleição, onde, obrigatoriamente é preciso negar à ética, porque os meios oferecidos para as disputas são corruptíveis. Não é o indivíduo que muda a estrutura, mas a estrutura que enquadra e muda o indivíduo. Assim é que se perdeu em certos meios a idéia da coletividade da força e da classe. As alianças são junções de interesses que visam o poder mesquinho sem povo e com benesses particulares que favorecem aqueles que sonharam em vencer na vida, mas não pelo trabalho e pela competência, mas pelo engodo, alienação e justificativa ideológica.

O MST não está imune ao meio. Sofremos influências e nem sempre conseguimos resistir e defender-nos. É verdade que não somos um partido de quadros, temos uma massa empobrecida e não conscientizada que luta para ser primeiramente humana e depois ativista constante. Mas num momento em que as forças principais, como a classe operária, recuam, os camponeses se mantêm ativos pela necessidade da sobrevivência, cobrando uma dívida histórica não paga pelo Estado brasileiro. A reforma agrária porém saindo das prioridades do governo, nos coloca em uma encruzilhada: radicalizar as lutas contra o capital ou render-se aos interesses do Estado. Na segunda viraríamos uma instituição que se confunde com a prática das ONGs.: um

grupo teria salários para iludir as bases para elaborar projetos assistenciais. A primeira alternativa, radicalizar com um movimento de massas, sem perspectivas de vitórias e avanços da revolução, nos levaria ao suicídio político. A curto prazo poderíamos enfrentar o desânimo das massas e a vanguarda ficaria só. Veja que um movimento social funciona diferentemente de um partido político. O partido pode lutar cem anos e nunca obter uma vitória, pois a sua sobrevivência depende da consciência dos quadros. Nos movimentos, a sobrevivência depende das vitórias. Então, o que nos salvaria seria uma terceira alternativa: o ascenso das lutas em geral, também pela defesa dos direitos, mas fundamentalmente pela revolução. O que virá nos próximos meses não sabemos. Enquanto isto continuamos formando lideranças e mobilizando nosso contingente contra o capital a espera de um novo impulso na luta de classes em geral. Se vier o ascenso, estaremos salvos, não vindo o ascenso mergulharemos nos dilemas mais profundamente.

## **2. Diante das tarefas imediatas de luta do MST, como você avalia o desenvolvimento cultural em áreas de reforma agrária na atualidade, e qual a importância da cultura para o projeto maior do movimento?**

Ademar Bogo:

Temos uma visão de cultura bastante ampla. Acreditamos que a cultura é a constituição de um referencial de comportamento que nos permite vislumbrar um rumo de futuro, que nos ajuda a sermos melhores do que somos. Logo, o esforço sempre foi para que as áreas de reforma agrária tivessem a sua própria lógica de funcionamento; que se diferenciavam das demais áreas e dos projetos do capital. Fizemos muitos esforços, tivemos algumas vitórias, mas muitas derrotas também nos acompanharam. Nem tudo o que pensamos conseguimos implementar. Há lugares onde as melhorias são evidentes e, há outros que não. O Estado jamais foi colaborador. Por um lado é benéfico, mas por outro, somente a força de trabalho não é suficiente para impulsionar o desenvolvimento econômico.

Neste sentido os aspectos culturais que visam a organização social de forma própria, a educação das crianças e, em parte dos jovens, tem-nos favorecido, pois é visível a elevação do nível de consciência. A mística é outro elemento constituinte de

nossa base, que acredita em seu movimento, nos símbolos e na perspectiva de transformação da sociedade.

**3. No campo teórico há uma forte tendência ao desatrelamento da produção cultural em relação à produção da existência (principalmente de origem pós-moderna), desenvolvendo uma compreensão da cultura de autonomia absoluta. Como você analisa os possíveis impactos dessas teorias no seio das lutas sociais anticapitalistas, especificamente no MST?**

Ademar Bogo:

Sabemos que o modo de produção é universal e as idéias dominantes provêm também das forças dominantes e de quem está a seu serviço. Em nosso caso, sofremos menos, porque as tendências teóricas há muito tempo se afastaram do campo, juntamente com o afastamento da intelectualidade da militância neste espaço. Estas tendências influem em nossos cursos, porém não se tornam práticas. Ainda temos unidade no sentido de compreender a cultura como parte integrante das demais relações e fundamentalmente submetida aos aspectos estruturais.

**4. Como a atual forma de produção da existência em áreas de reforma agrária do MST interfere (positiva e/ou negativamente) para a construção de Política Cultural que visa à emancipação humana?**

Ademar Bogo:

Estamos longe da emancipação. Não compete aos camponeses isolados lutarem por ela. A emancipação virá com a mudança do modo de produção de forma universal, até lá as disputas de projetos, tenderão ainda a ter como sustentáculos os direitos básicos.

No caso dos assentamentos há o fortalecimento da idéia da propriedade da terra e da instituição familiar. A luta dos Sem Terra é mais para integrarem-se ao

modo de produção vigente, como cidadãos, com os direitos básicos garantidos do que pela emancipação.

Mas sejamos realistas: quem são os Sem Terra? Indivíduos expurgados do convívio social, que, ao perderem a condição de cidadãos perderam também o acesso aos direitos básicos. A luta dos mesmos é para terem o que os explorados têm e não se poderia, de um salto só, sair da extrema exclusão para a emancipação.

A luta pela emancipação exige um movimento revolucionário de emancipação. Não se pode lutar pela emancipação quando a causa da reação seja a busca do direito imediato apenas.

Haveria então socialismo sem propriedade, sem família, sem Estado, sem classes? Não. Logo, convencer os camponeses a não terem a propriedade da terra, num momento em que ela é a motivação para a luta, é uma situação incomoda.

É claro que entendemos que a emancipação é eliminar com todas as intermediações, sejam, econômicas, políticas, religiosas etc. Mas a luta pela terra no estágio em que vivemos não tem esta obrigação nem tampouco o poder de reverter o processo pela ação dos Sem Terra.

É visível, porém, perceber alguns avanços no melhoramento das relações, na organização da cooperação, na participação igualitária e democrática de homens e mulheres, mas isto ainda está no início de um longo processo a ser desencadeado.

**5. O objeto de estudo da educação física é o conjunto de práticas corporais (jogos, brincadeiras, ginástica, lutas, esporte, danças e outros) construídas historicamente pelo homem, em tempos e espaços determinados historicamente, sistematizadas ou não, que são passadas de geração a geração. Provisoriamente, denominamos essa área de conhecimento que se constrói a partir das atividades corporais de Cultura Corporal? (TAFFAREL e ESCOBAR, 2006). Como você identifica a participação deste elemento constituinte da cultura na Política Cultural do MST? Em sua opinião qual deve ser a participação da Cultural Corporal no projeto de revolução cultural do MST?**

Ademar Bogo:



São aspectos determinantes. O campo carece de colaboração das ciências. Não temos motivos para nos orgulharmos dela. O que vemos é a ciência sendo usada para nos entorpecer, destruir, contaminar e modificar as referências genéticas a serviço do capital.

A valorização corporal, culturalmente foi ignorada para os camponeses. O corpo não tem valor, senão deveres para com o trabalho. A estética não faz parte das preocupações culturais dos camponeses, seja no vestir ou na organização das estruturas de moradia. As mobílias e objetos que trariam conforto geralmente são entulhos que sobram dos despejos.

É o resultado de longos anos de desprezo por uma classe que soube viver no silêncio a espera que o ano que vem melhore?

As diversões giram em torno de futebol e jogos em bares. Nossa preocupação sempre foi em instituir centros culturais onde se possa assistir filmes como se fosse o cinema urbano, ter quadras de esportes diversos, cursos de danças, de produção artística etc. Quando as idéias chegam a ser compreendidas, faltam as estruturas e pessoal treinado etc.

Mas é uma área importantíssima a ser desenvolvida para que as pessoas possam através da arte tornarem-se seres humanos mais completos.

**6. Em nosso estudo analisamos textos e documentos do MST sobre cultura, destacando os elaborados por você entre 1998 e 2003, e investigamos o desenvolvimento do projeto cultural no assentamento Menino Jesus (Regional Recôncavo), e percebemos as dificuldades enfrentadas, principalmente no que trata a produção da existência. Nesse sentido, qual sua avaliação sobre a materialização da política cultural do MST hoje? Quais os indícios de uma cultura para além do capital que você identifica nas atividades realizadas pelo MST? Qual iniciativa você destaca nesse sentido?**

Ademar Bogo:

Há infinitos limites que vão desde o entendimento dos dirigentes que nem sempre alcançam a idéia da importância da cultura como aliada da luta política e por outro lado, como dissemos, as condições específicas que dificultam os encaminhamentos.

A prática das místicas nos encontros tem servido como um referencial de construir juntos, com conteúdo e forma, encenações que despertam a consciência em torno de desafios a serem superados. Há práticas agorecológicas que apontam para uma contestação ao agronegócio. Diminuição do uso do fogo e de agrotóxicos, permitem destacar como sinais de uma disputa de projetos que se apresentam como batalhas vantajosas.

Nas escolas, ao aplicar a proposta pedagógica produzida pelos próprios professores pais dos alunos, o gerenciamento das escolas pelas crianças de forma coletiva, com comissões e conselhos, as jornadas dos Sem Terrinhas, verdadeiros congressos infantis, demonstram avanços e sinais de independência.

De outra forma, o uso dos símbolos próprios juntos com os símbolos nacionais, a prática de cantar o próprio hino, a maneira de vestir-se para as reuniões, a prática democrática de coordená-las e a mudança nas relações familiares, também se configuram como práticas contestadoras.

Há por sua vez, sinais de cuidados com a natureza, com o recolhimento do lixo; mudanças nos hábitos alimentares, mutirões para construir casas com as plantas feitas pelos próprios assentados; a limpeza do ambiente, embelezamento das praças, comemoração dos aniversários e festejos, e participação nas mobilizações gerais, mostram que há interesse pelas mudanças maiores.

Em muitos lugares, há hortas com ervas medicinais, viveiros de mudas de árvores para reflorestar áreas degradadas, compras e vendas coletivas e produção cooperadas.

Em muitos aspectos vemos melhorias que são inovadoras, mas elas por si só não terão força para derrotar o capital. É fundamental que a luta de classes avance para sustentar estas iniciativas e dar a elas fôlego para que se ampliem.

Se não fizemos muito, o pouco servirá como sementes para alimentar as esperanças daqueles que virão depois de nós.

**APÊNDICE B:** Entrevista com o Diretor de Educação da Regional Recôncavo – Professor concursado da Escola Municipal Fábio Henrique Cerqueira, no assentamento Menino Jesus, município de Água Fria. Está no assentamento desde a ocupação em 1999. - 06/03/09.

David - **Qual a importância da Cultura para o MST?**

Diretor de Educação - É muito importante, principalmente no que se refere a garantir a relação de pertença dos assentados, também pela função de transmitir às futuras gerações a história de nossas lutas.

David - **Existe um setor específico para tratar desta questão?**

Diretor de Educação - Sim. Estadual um setor de comunicação e cultura, e nacionalmente um coletivo de cultura.

David - **O MST possui uma Proposta de formação específica sobre cultura ou uma Política Cultural, Diretrizes ou algo parecido?**

Diretor de Educação - Sim, essas orientações estão presentes nos documentos sobre educação e nos textos elaborados e organizados por Ademar Bogo.

David - **Existe uma formação específica ou módulos específicos que tratem de auxiliar na formação dos responsáveis pelas atividades culturais?**

Diretor de Educação - Específica não, mas existem momentos nas reuniões regionais e oficinas sobre o tema nos Encontros.

David - **Quais são as principais demandas e reivindicações do MST nessa área?**

Diretor de Educação - Maior apoio do poder público existe uma carência grande de materiais para realização das atividades, assim como, projetos que possam financiar os gastos.

David - **Quais os principais projetos ligados especificamente a cultura desenvolvido pelo MST? Quais são as dificuldades e os seus resultados?**

Diretor de Educação - No momento são os Pontos de Cultura, estão em via de concretização, os projetos já existentes atendem a peculiaridades de cada assentamento e os resultados são locais, como a integração entre a comunidade.

**David - Qual a importância da cultura para os enfrentamentos atuais do MST?**

Diretor de Educação - Hoje consideramos a possibilidade de articulação dos jovens, geralmente são os mais envolvidos nas atividades, servindo como espaço de formação dos mesmos, criando responsabilidades e estimulando a participação dos mesmos nas atividades do movimento.

**David - Quem são os principais responsáveis pela organização e realização das atividades?**

Diretor de Educação - Geralmente são pessoas que se interessam pelas atividades culturais, que tomam iniciativa de organizar, e também pessoas indicadas pela organização do Movimento e do assentamento.

**David - No que se refere a cultura corporal (o esporte, jogos, dança, ginástica, lutas) qual a sua participação no Projeto de Formação do MST?**

Diretor de Educação - Como os jovens sempre estão ligados a essas atividades, ela contribui com a disciplina e como uma forma de atrair as pessoas para participar das atividades do movimento.

**David - Vem sendo possível a realização de tais atividades de forma organizada nos assentamentos? Quais são as dificuldades e os seus resultados?**

Diretor de Educação - Na medida do possível sim, nem sempre com regularidade e nem uniformidade entre os assentamentos, por conta principalmente pelas questões financeiras, pois os participantes em geral não podem arcar com essas despesas. Aqui no estado os Jogos Abertos é o principal destaque, acontece em Itamarajú, e agrega várias modalidades, anteriormente a ele acontecem os jogos regionais para selecionar os participantes do Estadual, é uma excelente oportunidade de interação entre os diversos assentamentos.

**David - Existem momentos de formação específicos para capacitação de monitores dessas atividades?**

Diretor de Educação - Não. Às vezes nos encontros acontecem algumas oficinas. Na nossa regional nunca houve.

**David – Existe material didático específico sobre esse conhecimento elaborado pelo MST?**

Diretor de Educação - Não. Existem algumas coisas no material do movimento sobre educação e cultura.

**David - Os assentamentos possuem espaços e responsáveis para a realização dessas atividades?**

Diretor de Educação - Quase todos os assentamentos possuem campos de futebol e/ou quadras de areia, espaços cobertos e salão específico não. Cada assentamento tem um responsável pelo o esporte.

**David - A escola é a grande responsável por essas atividades?**

Diretor de Educação - Sim. Ela concentra muitas atividades, sempre em parceria com o setor responsável. As atividades escolares facilitam a integração entre as pessoas das diversas idades, e sempre tem atividades na datas festivas.

**David - Na sua compreensão como essas atividades podem contribuir no desenvolvimento da consciência dos militantes e para o processo de emancipação humana?**

Diretor de Educação - É muito importante, pois a questão esportiva e cultural serve para valorizar, desenvolver nossos objetivos, assim como resgatar e passar de geração a geração, articulando todos assentados em torno dos jogos, danças e brincadeiras, é possível que nossos valores e costumes se reproduzam.

**O Diretor de Educação da Regional Recôncavo também foi monitor voluntário do projeto Segundo Tempo, do Ministério do Esporte, sendo responsável de desenvolver o projeto no assentamento Menino Jesus.**

**David - Comente um pouco como foi o projeto:**

Da Bahia foram quatro escolas de assentamento escolhidas para participar do projeto, sendo uma de cada região, fizemos um curso de capacitação em Brasília (quatro monitores e um coordenador).

A participação da comunidade foi muito boa, fizemos uma bela abertura, que era obrigatória para dá visibilidade ao projeto, realizamos durante seis meses atividades durante os sábados, na área externa da escola, que envolviam os professores da escola (três), as crianças e os pais. Não foi possível ter continuidade por diversos motivos: a) Não houve um acompanhamento por parte do coordenador, o mesmo nunca apareceu no assentamento; b) O material esportivo enviado era de péssima qualidade, quantidade restrita e também não possuíam relação entre si (bola de uma modalidade, rede ou cesta de outra); c) Tínhamos que prestar contas sempre com relatórios, como todos os responsáveis eram voluntários dificultavam bastante, pois os mesmo possuíam outras atribuições tanto na escola como no assentamento; e d) Outras etapas do projeto não aconteceram, por exemplo: a construção de quadras poliesportivas.

Esses elementos em conjunto forçaram a interrupção das atividades.

Precisamos de *materiais didáticos específicos e capacitação em educação física, para além dos jogos e esportes*, é necessário um conhecimento maior das atividades corporais, alongamentos, preparação física.

**APÊNDICE C:** Entrevista com Professora voluntária<sup>139</sup> da Escola Municipal Fábio Henrique Cerqueira – Estudante de Pedagogia da Terra / UNEB, está no assentamento desde a ocupação em 1999.- 06/03/09.

David – **Há quanto tempo você trabalha nessa escola?**

Professora – Há 10 anos, desde o início.

David – **Durante esse período houve alguma capacitação para os professores para trabalharem com os conteúdos da cultura corporal (esportes, jogos, danças, lutas)?**

Professora – Não. Nos encontros de educadores às vezes tem oficinas que tratam dessa questão, mas a participação fica a critério do professor. Já participei de oficinas sobre educação infantil que discutiram um pouco sobre essa questão.

David – **Como você avalia a presença desse conteúdo na escola?**

Professora – Imprescindível, as crianças nos impõem essa necessidade, principalmente as menores, elas são movimento constante, elas adoram as brincadeiras, as músicas, os jogos. Ao mesmo tempo, as crianças precisam dessas atividades para o seu desenvolvimento, elas estão na fase de ampliar seu repertório de conhecimento, inclusive motor, e essas atividades são fundamentais.

David – **Existe algum momento específico para o trato com esse conteúdo durante as aulas?**

Professora – No ano passado, combinamos entre os professores de destinar meio turno da sexta – feira para essas atividades. Elas estão presentes nas datas festivas durante o ano.

---

<sup>139</sup> Está na situação de voluntária, pois a prefeitura de Água Fria não renovou o contrato dos professores que não são concursados, enquanto essa situação não se resolve alguns deles resolveram voltar às atividades, mesmo sem garantias da prefeitura, para que os alunos não sejam prejudicados.

David – **Quais materiais vocês tem disponíveis?**

Professora – Algumas bolas estragadas, bambolês e cordas, essas duas últimas são as que mais tenho usado.

David – **Para a elaboração das atividades, existe algum material didático que sirva de subsídio para os professores, elaborados pelo movimento?**

Professora – Não. Quando vou preparar as aulas utilizo materiais de oficinas que já participei, textos da Revista Nova Escola, e atividades que já vivenciei. Precisamos de material sobre essa temática.

David – **Você considera necessária uma capacitação específica sobre esse assunto para os professores?**

Professora – Sim. Inclusive vejo a necessidade constante de ressignificar várias atividades culturais que não condiz com os objetivos da educação do MST, precisamos avaliar com mais cuidado atividades que expõem os alunos ao ridículo, que acirram a rivalidade entre eles, e que favorecem o individualismo. Nesse sentido uma capacitação nos ajudaria nessa tarefa de organizar atividades que contribuam com a formação desejada pelo movimento.

David – **Você participou do projeto Segundo Tempo aqui no assentamento? Qual a sua avaliação?**

Professora – Diretamente não, fiquei por trás na organização. O projeto teve uma boa repercussão no assentamento, as crianças adoraram as atividades, infelizmente não pode durar muito tempo.



**APÊNDICE D:** Entrevista com o Presidente Esportivo do Assentamento Menino Jesus, o mesmo está no assentamento desde a ocupação em 1999, já foi responsável vários anos do setor da juventude. 06/03/09.

**David – Conte-nos um pouco a história das atividades culturais e esportivas aqui no assentamento.**

Presidente Esportivo – Aqui desde quando se organizou a estrutura do assentamento, sempre teve atividades, o futebol, a quadrilha há muito tempo são praticados aqui, teve uma época que o vôlei também acontecia, depois a bola estragou e acabou parando. Acontecia também muita movimentação no parque infantil que hoje não existe mais. Ultimamente o vem acontecendo com maior frequência é o samba de roda. Os assentados gostam muito das atividades culturais, tanto para praticar, como para assistir.

**David – Quais são as atividades culturais e esportivas desenvolvidas no assentamento? Como estão funcionando?**

Presidente Esportivo – As atividades desenvolvidas são: o Maculêlê, que está parado, esse ano ainda não teve nenhum encontro; a Capoeira, que também ainda não funcionou; a Quadrilha, que funciona sempre no 1º semestre de todo ano, as atividades começaram logo após a quaresma e vai até o São João; o Samba de roda está funcionando, geralmente no final de semana; e os Times de Futebol (feminino e masculino), o feminino está funcionando com dificuldade por problemas com o treinador, mas ambos estão em atividade, inclusive terão jogos fora do assentamento nesse mês de março. Hoje, as 19:30h, teremos uma reunião do setor da juventude para tratarmos destas questões.

**David – Quais as principais dificuldades enfrentadas para a realização dessas atividades?**

Presidente Esportivo – Os problemas são de toda ordem, principalmente financeiro. Não possuímos materiais adequados para as atividades, não temos nada, e para adquirirmos

na maioria das vezes é comprado por um dos participantes, que o faz com muita dificuldade. A ausência de espaços nos oferece muitas dificuldades também, pois usamos o espaço da escola para os ensaios e treinos, e como a escola também funciona a noite, mesmo horário dos ensaios criando-nos muito transtorno. A possibilidade da criação de um Ponto de Cultura aqui no assentamento, que já está em tramitação, contribuirá muito para resolver com essa questão, pois reformaremos uma das casas da antiga fazenda para ser nossa casa da cultura. Um outro problema é que as atividades acontecem graças a iniciativas individuais, pois todos atuam de forma voluntária, e dessa forma quando o responsável por algum motivo não pode continuar as atividades geralmente ficam paradas.

**David – Como é a receptividade dos assentados em relação a essas atividades?**

Presidente Esportivo – É ótima. Todas as atividades desenvolvidas sempre têm a participação de muitos assentados, principalmente da juventude. Existe inclusive sempre uma pressão quando as atividades estão paradas, agora mesmo com a quadrilha, toda hora um pergunta quando irá começar os ensaios.

**David – Qual a importância dessas atividades para os assentados?**

Presidente Esportivo – Cada vez mais é de muita importância, minha preocupação maior é com a juventude, pois essa está ficando sem opção, a produção está estagnada no assentamento, estão ficando muito tempo desocupados, principalmente os que não freqüentam a escola, o álcool tem sido uma opção muito utilizada. Precisamos encontrar alternativas enquanto a questão da produção ainda não se resolve, e acredito que participando dessas atividades contribui para que eles se afastem destes problemas.

**David – Quais as principais demandas neste setor aqui no assentamento?**

Presidente Esportivo – Relacionado a material precisamos de tudo, por exemplo, temos três times de futebol e não temos uma bola, a quadrilha está sem som, inclusive de materiais de primeiros socorros (o posto de saúde está perto funcionar). Precisamos de material didático sobre esporte e educação física e também de formar monitores para ficarem responsáveis pelas atividades, principalmente para os jovens. Organize um

curso aí para você ver quantos jovens irão querer participar a turma aqui gosta muito de esporte.

David - **Existe material didático específico sobre esse conhecimento, elaborado pelo MST?**

Presidente Esportivo – Não, que eu saiba não.

David - **Existem momentos de formação específicos para capacitação de monitores dessas atividades?**

Presidente Esportivo – Não.

## ANEXOS

### ANEXO A – NOTÍCIAS SOBRE CULTURA NO SITE DO MST



#### [Início](#)

### ***Os nossos bens culturais***

11 de março de 2002

Emir Sader\*

A crise brasileira é econômica, porque os recursos existem, inclusive a força de trabalho, assim como as necessidades, mas falta o essencial para grande parte da população. O que significa que é a forma de organização da economia - em função do lucro e não das necessidades das pessoas - que está errada e provoca as sucessivas crises da economia brasileira.

A crise brasileira é também social, porque uma pequena minoria se apropria da maior parte da riqueza existente, relegando a maioria a um nível de vida precário, à fome e à miséria.

A crise brasileira é política, porque a elite que exerce o poder o faz para perpetuar a dominação da maioria pela minoria.

Mas a crise brasileira é também cultural, não apenas porque os grandes meios de produção de cultura são apropriados pela mesma minoria que detém grande parte da riqueza e se vale do poder para se perpetuar como classe dominante, mas também porque o conjunto dessas crises expropria os brasileiros da capacidade de se pensar a si mesmos, de raciocinar como povo e como país.

A cultura serve, entre outras coisas, para que as pessoas possam pensar o significado das coisas. Quem produz cultura impõe o significado que deseja aos fenômenos, às coisas, às próprias pessoas.

O capitalismo deseja que os bens culturais sejam mercadorias como as outras, que possam ser comprados e vendidos e que os que têm mais riqueza assim possam ser os senhores do significado das coisas. Por exemplo, podem fazer crer que as pessoas valem

o que o "mercado" diz que elas valem e que os salários ou os lucros que cada um recebe representaria "o valor" de cada pessoa. Assim, quando uma pessoa está desempregada, a sociedade lhe estaria dizendo que ela "não vale nada", já que ninguém se disporia a pagar nada por ela.

Mas os bens culturais não são mercadorias como as outras. São eles que permitem que uma pessoa se pense como ser humano, que um país possa refletir sobre o significado de sua história, que o mundo possa refletir sobre o sentido do mundo e da vida das pessoas.

A crise brasileira é cultural, porque as identidades, os significados que querem nos impor - os do "mercado" - não explicam o valor da vida humana, o valor dos afetos, o valor da solidariedade, o valor do país, o valor da sociedade, o valor da música, da literatura, da arte. Só nos dão os preços, dizendo que eles definem o valor de cada coisa.

No entanto, a cultura de um povo é o bem que pode permitir que as pessoas pensem o significado do que fazem, das relações entre os seres humanos, a trajetória histórica que constrói um país e uma nação. São portanto bens inalienáveis, que dinheiro nenhum pode comprar. Por isso faz parte da nossa luta democrática e popular, por uma sociedade justa e humanista, apropriar-nos do direito de escrever e publicar o resultado da reflexão sobre a nossa vida, sobre a nossa história. Para isso precisamos proteger nossa cultura como um dos bens fundamentais que dão sentido à nossa vida, a nós como seres humanos, a nós como povo, como país e como participantes da humanidade.

\* Emir Sader é sociólogo

Breves

Rio de Janeiro ganha Semana Nacional da Cultura Brasileira e da Reforma Agrária

Acontece de 18 a 24 de março, no Rio de Janeiro, a Semana Nacional da Cultura Brasileira e da Reforma Agrária. Toda a sociedade terá a oportunidade de participar de debates, oficinas, assistir a exposições de fotos, exibição de vídeos e documentários e participar de shows musicais. Sem falar na Feira de Produtos da Reforma Agrária que estará montada na Cinelândia durante o evento.

Os temas do encontro giram em torno da reforma agrária, a preservação da identidade e da memória social do Brasil e da promoção de valores humanistas da sociedade. A maioria da programação será realizada na UERJ, mas as atividades acontecerão também no Museu da Imagem e do Som (MIS), no Centro de Tecnologia da UFRJ (Fundão), no campus da UFRJ da Praia Vermelha, no Crea-RJ, na UFF, nas comunidades da Rocinha, Jacarezinho, Maré e Vigário Geral, na Cinelândia e no Cinema Odeon. O evento está sendo realizado pelo MST em parceria com a UERJ, a Faperj e a Funarj.

Trabalhadoras rurais acampam nas capitais do país

De 6 a 8 de março mais de 35 mil mulheres participaram do 3º Acampamento Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais Margarida Alves, homenagem à líder sindical assassinada na década de 80 na Paraíba.

Durante este momento de luta e resistência ao projeto neoliberal, que só gera miséria e exclusão social, aconteceram diversas atividades, como audiências, atividades culturais, estudos, debates, caminhadas, atos públicos e ocupações de prédios públicos. Em Brasília, as mulheres também conseguiram impedir a votação o relatório dos transgênicos, elaborado por Confúcio Moura (PMDB-RO). A atividade foi organizada pela ANMTR (Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais), que reúne organizações e movimentos sociais, entre eles o MST.

Vídeo mostra que é possível produzir organicamente

Lançado recentemente, o documentário "Terra é mais que terra" mostra a construção de uma nova sociedade pelas famílias de trabalhadores que vivem nos assentamentos de Reforma Agrária coordenados pelo MST. Através dos depoimentos de trabalhador@s rurais, este audiovisual busca preencher a lacuna intencionalmente estabelecida pelo "latifúndio" da comunicação, que caracteriza superficialmente a questão agrária e o MST.

Adquira uma cópia e partilhe as experiências e conquistas na luta por um Brasil sem latifúndio e por uma sociedade justa e digna.

"Terra é mais que terra"

duração: 10 minutos

valor: 10 reais

pedidos: [anca@cidadanet.org.br](mailto:anca@cidadanet.org.br)

[Início](#)

## ***Nesta edição: Encontro de Violeiros, Tribunal dos Transgênicos e Campanha Nacional pelo Trabalho***

19 de março de 2004

Nessa primeira quinzena de março o MST esteve envolvido em três importantes atividades: uma grande festa da cultura popular no II Encontro Nacional de Violeiros, o julgamento do Tribunal Internacional dos transgênicos, e a Campanha Nacional pelo Direito ao Trabalho da Coordenação dos Movimentos Sociais.

A riqueza da música caipira

O MST se orgulha de estar promovendo e defendendo a cultura brasileira. No dia 14 de março, em um dos centros de formação do MST, em Ribeirão Preto (SP), aconteceu o II Encontro Nacional de Violeiros e Festa do Milho Verde. Estiveram presentes cerca de 80 violeiros, entre eles, Inezita Barroso. O evento - repleto de milho cozido, pamonha, bolo de milho, curau, ao som das dez cordas da viola – reuniu, sob uma imensa figueira de 400 anos, cerca de 10 mil visitantes, apesar da forte chuva. Durante o encontro, os violeiros de todo o país fundaram a Associação Nacional dos Violeiros do Brasil.

## Monsanto e Farsul são condenadas em julgamento popular

O Tribunal Popular sobre Transgênicos, realizado em 11 de março, em Porto Alegre (RS) condenou por unanimidade a multinacional Monsanto e a Farsul (Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul) pela disseminação ilegal de plantas geneticamente modificadas no Brasil vindas da Argentina. Mais de mil pessoas acompanharam o julgamento, que incriminou também as ações e omissões do governo gaúcho e federal, caracterizando-os como co-responsáveis pela situação.

Apesar do julgamento não ter validade jurídica, seu valor simbólico é importante porque é um mecanismo de pressão da sociedade para barrar a disseminação de alimentos transgênicos no país. O Tribunal enfatizou a proposta incluía o alerta sobre a não existência de pesquisa científica qualificada que comprove que os alimentos geneticamente modificados não oferecem risco à saúde humana e ao equilíbrio do meio ambiente. O julgamento foi organizado por diversos movimentos sociais e entidades ligadas ao Poder Judiciário. O Tribunal foi presidido por José Felipe Ledur, juiz do Tribunal Regional do Trabalho da 4a. Região, no Rio Grande do Sul.

Da sentença de condenação unânime, foram encaminhadas três principais ações. Na qualidade de parte integrante da sociedade civil, o Tribunal solicitará ao Ministério Público a abertura de inquérito sobre as responsabilidades da Monsanto e da Farsul em relação ao contrabando e difusão ilegal de sementes de soja transgênica argentina em território nacional. Além disso, pedirá explicações à Monsanto a respeito dos tipos de modificações genéticas que as sementes foram submetidas. Finalmente, pressionará as administrações públicas a adotar políticas de fiscalização no plantio e comércio de transgênicos no Brasil. A sentença foi encaminhada à Presidência da República, aos presidentes da Câmara e do Senado, à ONU e à OEA.

## Campanha nacional pelo direito ao trabalho

O MST e os principais movimentos sociais do Brasil, articulam na CMS a unificação e a potencialização das diversas bandeiras de luta. A partir do eixo central, que é a luta histórica do direito ao trabalho, a Coordenação mobiliza a sociedade por um novo projeto de desenvolvimento com soberania nacional, valorização do trabalho, distribuição de renda e inclusão social.

Até o dia 1º de Maio serão organizadas plenárias estaduais e mutirões de base para ampliar ao máximo as discussões, formar multiplicadores e, principalmente, envolver a juventude como protagonista principal da Campanha. As mobilizações, contudo terão calendário de lutas o ano todo. O principal material didático é uma cartilha que pode ser encontrada no sítio do MST ([www.mst.org.br](http://www.mst.org.br)).

## Breves

### Mobilizações e luta das Sem Terra por todo o país

Resgatando o sentido de luta que instituiu o dia Internacional da Mulher, trabalhadoras rurais do MST realizaram manifestações por quase todo o país. As Sem Terra reivindicam a construção de um país soberano e lutam contra todas as formas de exclusão que impedem as mulheres e as famílias do campo de viverem com dignidade.

Em São Paulo, Rio Grande do Sul e Bahia o MST montou acampamentos de mulheres nos centros das cidades. No Espírito Santo, Sergipe e Rio de Janeiro as mulheres realizaram marchas e campanhas de rotulagens de transgênicos. Sábado, 20 de março: Dia Mundial de Luta Contra a Ocupação no Iraque e a Alca

Em todo o mundo vão acontecer grandes manifestações no dia em a ocupação do Iraque completa um ano. As mobilizações são contra a guerra, a alca, a militarização, as bases militares dos Eua e pela exigência da retirada das tropas estadunidences e pelo ressarcimento dos danos causados ao Iraque .

Faça parte das manifestações que vão acontecer em todas as capitais do Brasil!

Conheça a Revista Sem Terra e o Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Para receber um exemplar cortesia e a proposta de assinatura entre em contato com [assinaturas@mst.org.br](mailto:assinaturas@mst.org.br)

As publicações do MST podem ser adquiridas nas Secretarias Estaduais do Movimento ou por assinaturas.

Cartas

Parabenizo todas as mulheres do MST pela força e coragem de lutar por um ideal que não é só do MST, é de toda a sociedade! Marcelo Marques [selma@provinet.com.br](mailto:selma@provinet.com.br)

Quero parabenizar a luta dos companheiros pela Reforma Agrária. Estamos atrasados há séculos nesta área. O MST conscientiza a sociedade e merece apoio integral. Getúlio Fontana [f.rigon@terra.com.br](mailto:f.rigon@terra.com.br)

Já chega dessa imprensa comprada que só veícula o que é de seu interesse. A população acredita no MST! Camila Victor [camilavictor@uol.com.br](mailto:camilavictor@uol.com.br)

[Início](#)

## ***Começa Semana Nacional de Cultura em Recife***

2 de novembro de 2004

Informativos - Últimas do MST  
Começa Semana Nacional de Cultura em Recife

03/11/2004

Durante a abertura oficial da Semana Nacional de Cultura do MST, o Ministro da Cultura, Gilberto Gil, falou a 2 mil Sem Terra, imprensa e outros convidados no teatro



do Centro de Convenções da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife,(PE). Após o Ministro, ainda na abertura, o Secretário da Identidade e Diversidade Cultural (MinC) Sérgio Mamberti, falou do projeto Rede Cultural da Terra, uma parceria entre o Ministério da Cultura e o MST, lançado hoje, que vai potencializar a valorização, produção e divulgação da cultura camponesa em todo o país.

A tarde seguirá com os debates "Linguagem Artística e seu papel social – Música", com os debatedores Chico César (cantor), Fred 04 (músico e jornalista), Mineirinho (MST) e "Linguagem Artística e seu papel social – Literatura e Poesia", com os debatedores Luiz Ricardo Leitão (professor da UERJ-RJ), Antônio Lisboa e Ana Claudia Pessoa (MST).

Simultaneamente acontecerão ainda oficinas, trocas de experiências e intercâmbio com comunidades rurais e urbanas, mostra de cinema e vídeo, exposições de fotografia e a Feira da Reforma Agrária, onde os diversos setores que compõem o MST, como o de Educação e o de Produção, mostrarão seu trabalho.

A II Semana Nacional da Cultura e da Reforma Agrária é realizada pelo MST em parceria com a UFPE, o Ministério da Cultura e o Incra, com o apoio da Petrobrás e da Prefeitura do Recife. Serão painéis, debates, oficinas, visitas e intercâmbios com comunidades, apresentações culturais variadas, exposição e feira de produtos da reforma agrária, mostra de cinema e vídeo, exposições de fotografia, shows noturnos, entre outras atividades.

## Início

### ***Dois mil Sem Terra participam da abertura do I Festival Latino Americano de Música Camponesa***

17 de novembro de 2004

Informativos - Últimas do MST

Dois mil Sem Terra participam da abertura do I Festival Latino Americano de Música Camponesa

18/11/2004

Mais de 2 mil Sem Terra, vindos de todos os estados, assistiram as apresentações musicais que marcaram o início do I Festival Latino Americano de Música. Após a tradicional mística do MST, o coral Filhos da Terra cantou o hino do MST. O grupo é formado por 30 crianças filhas de assentados do município de Rio Bonito do Iguaçú (PR). Em seguida, o músico Pereira da Viola tocou o hino brasileiro e emocionou a plenária.

O evento está sendo promovido pelo MST, em parceria com o governo do estado do Paraná e está sendo transmitido ao vivo pela TV e Rádio Educativa do Paraná para todo o país e América Latina.

Na mesa de abertura estiveram presentes o governador do estado, Roberto Requião, o coordenador estadual do MST, Roberto Baggio e Dom Ladislau Biernarsk, da CPT (Comissão Pastoral da Terra).

Em sua fala o bispo abençoou a realização do festival e lembrou que a terra é uma dádiva de Deus e não dos humanos. Já Baggio, ressaltou que o evento faz parte das comemorações dos 20 anos do MST e que no I Congresso Nacional do Movimento, em 1985, o mesmo parque que hoje é palco do festival alojou os delegados militantes do MST na época.

Além disso, ele destacou que entre os objetivos do evento está a discussão da identidade cultural como elemento estruturante de um povo, a valorização da cultura camponesa e a necessidade de debater um projeto político latino-americano. "O conhecimento, a sabedoria têm que se transformar em uma riqueza do povo dentro de um processo permanente", defendeu Baggio.

"Dedico este evento aos Mesquita do Estadão". Assim disse o governador do estado, Roberto Requião, se referindo à criminalização que o MST sofre da mídia, em especial do jornal "O Estado de São Paulo", cuja família Mesquita é dona. Requião, que ressaltou a importância de se transmitir o festival pela TV e rádio, foi ovacionado pela plenária.

A abertura oficial do festival seguiu com apresentações musicais como Pereira da Viola e os grupos paranaenses Viola Quebrada e Os Pereira. O I Festival Latino Americano de Música Camponesa acontece de 17 a 21 de novembro e é aberto ao público.

[Início](#) » [Especiais e Campanhas](#) » [Marcha Nacional pela Reforma Agrária](#)

## ***Democratizar o cinema no campo***

Levar o cinema para o campo. Essa é a idéia do projeto Cinema na Terra, realizado pelo MST com patrocínio da Petrobrás, através da Lei de Incentivo à Cultura.

As primeiras projeções estão sendo realizadas na Marcha Nacional pela Reforma Agrária. No início, foram exibidos curtas sobre a história do MST e da luta pela terra. Entre eles, Raiz Forte e Caminhando para o Céu. Agora, o projeto parte para a exibição de longas.

"Nós podemos perceber e comprovar que nosso povo gosta de cinema, mas não tem acesso. Todos os dias as pessoas me perguntam que filme será exibido", afirma Jovana Cestille, do setor de Comunicação do MST.

Obra em discussão

Quando o filme acaba, começa o debate. Depois de assistirem aos vídeos, os marchantes discutem suas impressões gerais.

Hoje será exibido *Entre Atos*, de João Moreira Salles. Amanhã, os marchantes irão assistir ao filme *Peões*, de Eduardo Coutinho, seguido de debate com os dois diretores. No domingo, está previsto *Diários de Motocicleta*, de Walter Salles.

A partir de junho, o projeto se expande para nove estados, que devem receber equipamento e treinamento de agentes culturais. A idéia é que os filmes sejam exibidos nas atividades regionais e estaduais do Movimento.

O projeto sugere ainda que além da exibição também sejam realizadas apresentações teatrais e musicais, integrando a cultura local.

Algumas parceiras já foram firmadas e outros filmes estão sendo buscados com a produtora Vídeo Filmes e cineastas colaboradores do Movimento.

## Início

### ***II Semana Nacional de Cultura e Reforma Agrária***

25 de outubro de 2005

#### II Semana Nacional de Cultura e Reforma Agrária

Entre os dias 03 e 07 de novembro, a Universidade Federal de Pernambuco esteve ocupada por mais de 2.000 trabalhadores rurais ligados do MST. A II Semana Nacional de Cultura e Reforma Agrária foi encerrada em Olinda, onde os camponeses subiram as ladeiras ao som de muito frevo. O vice-prefeito de Olinda, Paulo Valença afirmou, durante um ato comemorativo aos 20 anos do MST na praça central, que o Movimento Sem Terra tem uma história de resistência assim como a cidade de Olinda na preservação da cultura popular.

No evento, várias atividades, sempre com o foco na cultura popular: shows, feira de produtos e artesanatos dos assentamentos, oficinas, além de painéis e debates. Até o Ministro da Cultura Gilberto Gil fez uma visita a Feira da Reforma Agrária, onde cantou no palco com artistas do MST.

A Semana Nacional de Cultura e Reforma Agrária rendeu diversas parcerias. Segundo o coordenador do MST no Pernambuco, Jaime Amorim, além do lançamento do projeto Rede Cultural da Terra, realizado com o Ministério da Cultura, o MST também firmou parceria com a Universidade Federal do Pernambuco e o Incra para a manutenção de uma feira permanente com produtos dos assentamentos do MST, que ficará no campus da Universidade.

Informações sobre a Semana de Cultura  
(81) 3223-6131 (sede do MST no Recife)  
[semanadeculturamst@yahoo.com.br](mailto:semanadeculturamst@yahoo.com.br)

## Início

### ***Vozes da Terra fala sobre o teatro no MST***

6 de janeiro de 2006

Muita gente não sabe, mas as manifestações artísticas fazem parte de todas as atividades coletivas do MST. Uma de suas formas de manifestação é o teatro. Organizados no coletivo de cultura, o MST possui cerca de 38 grupos teatrais que atuam em todo o Brasil.

Este trabalho começou em 2001 na parceria com o Centro de Teatro do Oprimido. Com esta experiência nasceu a Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré.

O diretor Augusto Boal, coordenador do Teatro do Oprimido, é um dos entrevistado deste programa. Segundo Boal, os Sem Terra "entenderam rapidamente o que a gente queria dizer. Começaram a falar em linguagem teatral aquilo que eles diziam no dia a dia. Foi uma grande alegria trabalhar com pessoas que estão na luta pela emancipação". O programa tem 3,59 MB e 3 minutos e 55 segundos .

Em dezembro de 2005, o grupo Filhos da Mãe... Terra, nascido em 2002 e formado por jovens do assentamento Carlos Lamarca, no interior paulista, se apresentou no Teatro de Arena Eugênio Kusnet, em São Paulo.

O grupo encenou trechos das peças "Por estes santos latifúndios", do colombiano Guillermo Maldonado e "Posseiros e Fazendeiros", baseada no texto "Horácios e Curiácios", do dramaturgo alemão Bertold Brecht.

A presença do MST no Teatro de Arena possui uma intensa simbologia já que o espaço é referência na união entre arte e política com o objetivo de transformação social.

Fundado em 1953, o grupo foi pioneiro na discussão de questões e problemas, como desemprego, injustiça social e reforma agrária no Brasil.

Em 1958, a peça Eles não usam Black-tie, de Gianfrancesco Guarnieri, foi o primeiro espetáculo a retratar uma greve de operários na capital paulista. O golpe militar de 64 e o recrudescimento da repressão com o Ato Institucional n.º 5, em 68, interromperam a trajetória do Arena. Felizmente, a interrupção não significou uma derrota e hoje o Arena continua com suas portas abertas, incentivando outros grupos de teatro.

De acordo com Alexandre Mate, diretor de teatro, o MST ocupar o palco do Teatro de Arena tem uma grande simbologia. "O discurso não tem sentido quando são só palavras. Mas este discurso na boca de quem milita todos os dias por uma transformação social tem outro sentido".

Programa

Tamanho: 3,59 MB

Tempo: 3'55"

Coordenação  
Igor Felipe Santos

[Início](#) » [Jornal Sem Terra](#) » [Política econômica impede investimentos sociais](#)

## ***Teatro Popular, Território e Movimento***

Texto Coletivo da Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz

O teatro popular, ou seja, aquele que emana do povo e a ele se dirige, quando acontece é momento de comunhão, onde se repartem a indignação com a injustiça e a esperança no novo mundo igualitário e solidário que queremos construir. Este teatro é uma entre as inúmeras armas que nós, enquanto classe trabalhadora, temos nas mãos para lutar pela emancipação dos homens e mulheres. Instrumento de reflexão social, meio para recontar a nossa história, o teatro age no campo do sonho e, através de músicas, cores, bonecos, máscaras e pernas-de-pau, afirma a necessidade de reinventar a utopia de viver em um mundo sem classes.

No nosso país, diversos grupos de teatro, com toda a dificuldade e, na maioria das vezes, sem nenhum apoio, constituem espaços culturais autogeridos de forma coletiva. Além de local para apresentação de espetáculos, eles funcionam como escolas, formando novos atores e grupos, espaços para a investigação e pesquisa cênica e acervos de parte da história do teatro brasileiro. Se cultura é cultivo, a necessidade primeira é a terra, o espaço para a livre criação que possibilita o aprofundamento das relações humanas, o enraizamento, a busca da origem. É por isso que grupos teatrais de diferentes regiões brasileiras travam, cotidianamente, uma batalha pela conquista, preservação, cultivo e florescimento de seus espaços criativos. Estes são territórios de resistência e, em oposição à lógica capitalista, onde a propriedade é privada, se abrem à população das cidades para o encontro e a comunhão. Estes territórios são generosos e têm o compromisso ético com a função social da arte, mantendo diálogo e fazendo parte da vida das comunidades que os rodeiam.

Em 2003, quando completou 25 anos de atividade, a Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz realizou uma viagem até o Ceará, passando pelo município de Canudos, na Bahia, onde apresentou a peça de teatro de rua A Saga de Canudos através do Projeto Palco Giratório do SESC (Serviço Social do Comércio no Estado de São Paulo). O vídeo Tupambaé – Terra Sagrada foi registrado nesta viagem, lembrando Canudos e aproximando-se do MST, da resistência indígena e dos quilombos. Discutindo a questão dos espaços para a cultura, trazemos à tona o lema Terra pra quem trabalha nela, e fomentamos a revolução no campo da política cultural, garantindo a continuidade de grupos fortemente vinculados a seus “terreiros”.

Articulação nacional e a luta por espaço

A questão fundiária é, sem dúvida, causa primeira da enorme desigualdade social no nosso país. Como diz a companheira Iná Camargo Costa, o caminho é a luta. A exemplo do Movimento Arte contra a Barbárie de São Paulo e dialogando com a Brigada Patativa do Assaré do MST, se articulam no nosso país os Movimentos de Trabalhadores do Teatro. Entre eles estão o Movimento dos Grupos de Investigação

Cênica de Porto Alegre e a REDEMOINHO, proposta pelo Galpão Cine Horto (Centro Cultural do Grupo Galpão), em Belo Horizonte (MG).

Esses movimentos lutam por uma política cultural que garanta a real democratização do acesso à cultura e afirmam a urgente criação de mecanismos regulares que assegurem a pesquisa, a reflexão, a formação e a circulação de espetáculos, bem como a estruturação de espaços culturais que incluam as necessidades reais da população. Entende-se aqui como necessidade a construção de uma cultura participativa, orgânica, transgressora dos valores e estéticas decorrentes de uma colonização histórica que determina relações de dominação até hoje. Não se pode mais ignorar o descompasso entre as necessidades criadas pelos investidores culturais, ditadas pelo interesse do capital privado, e as necessidades básicas da maior parte da população.

O teatro popular é, portanto, realizado por trabalhadores e trabalhadoras que precisam de terra e a única forma de conquistá-la é se organizando em um movimento. O trabalho conjunto de grupos de teatro com o Coletivo de Cultura do MST tem sido uma troca preciosa e é extremamente importante, pois estes militantes artistas e artistas militantes caminham em direção à concretização da utopia de viver em um país onde a arte e a cultura façam parte da vida da grande maioria da população. Assim, reafirmamos nosso compromisso ético com a continuidade de uma arte não distanciada da realidade e da pluralidade expressiva do Brasil, representante de uma cultura verdadeira e libertadora. Em outras palavras, companheirada, a união faz a força.

#### 27 Anos de Utopia, Paixão e Resistência

A Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz surgiu em 1978 com uma proposta de renovação radical da linguagem cênica. Com ímpeto de levar o teatro para a rua e subverter a estrutura das salas de espetáculos, realiza um trabalho a serviço da arte e da política e que não se enquadra nos padrões da ética e da estética de mercado. Desde 1984, mantém sua sede, a Terreira da Tribo, em Porto Alegre (RS), que funciona como Escola de Teatro Popular, com diversas oficinas abertas e gratuitas à população.

Com base nos preceitos do dramaturgo e poeta francês Antonin Artaud e do teatro revolucionário, investiga com rigor as possibilidades da encenação. Na busca de uma identidade, desenvolveu uma estética própria fundada na pesquisa dramatúrgica, musical e plástica, no estudo da história e da cultura e na experimentação dos recursos teatrais a partir do trabalho autoral do ator.

A organização da Tribo é baseada no trabalho coletivo, tanto na produção das atividades teatrais, como na manutenção do espaço. Atualmente, a Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz, dentro do Projeto Caminho para um Teatro Popular, apresenta o espetáculo A Saga de Canudos (Prêmio Luta pela Terra edição 2001) em diversos assentamentos e acampamentos do MST no Rio Grande do Sul, em parceria com o Setor de Cultura do Movimento.

## Início

### **MST do Paraná promove oficina de teatro**

26 de julho de 2006

Com o objetivo de ampliar os grupos de teatro do Paraná, buscar a profissionalização e trabalhar a formação da consciência e identidade cultural da juventude Sem Terra, o setor de comunicação e cultura do MST do estado organizou mais uma oficina de teatro.

A atividade, que foi encerrada hoje, começou em 17 de julho na Escola Latino Americana de Agroecologia, na Lapa (a cerca de 60 km da capital, Curitiba). Cerca de 40 jovens de acampamentos e assentamentos de várias regiões do Paraná participaram da oficina.

Sirlene Alves Moraes, coordenadora do setor de comunicação e cultura, explica que o teatro é fundamental para contribuir na conscientização da classe trabalhadora e provocar o debate dos problemas sociais, além de elevar a auto-estima dos militantes do MST. “O teatro possibilita o debate, a discussão e ação e contribui no resgate da cultura popular”, analisa Sirlene.

Durante a atividade foram realizados estudos e debates sobre a questão cultural, aulas técnica e teórica de teatro fórum, imagem e invisível, baseado no teatro do oprimido, de Augusto Boal. Os Sem Terra também participaram de oficinas de construção de bonecos e produção de cenário e figurino. Eles foram assessorados por Renato Peré, dramaturgo, bonequeiro, presidente da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos e fundador da Companhia Filhos da Lua; Cristini Macedo Conde, cenógrafa e figurinista; e Mauro Zanatta, ator, professor, diretor teatral e fundador da escola Ator Cômico de Curitiba.

Zanatta afirma que, trabalhar com os Sem Terra é um muito rico “porque eles têm uma identidade que possibilita maior criação e muitas histórias para contar. Espero que continuem exercendo este hábito, que possibilita a discussão dos problemas sociais”. Ele destaca ainda que o teatro é uma maneira de encontrar o diálogo e trazer a poesia, “tornando menos árduas as dificuldades da vida”.

“Com o teatro posso fazer denúncia e gerar debate através da expressão corporal e dos personagens, abrindo novos horizontes para mudar a sociedade”, comemora o Sem Terra Jardel Shkeinbi Silva, 24 anos, da região noroeste do estado.

O grupo deve sair da atividade com quatro peças de teatro montadas sobre histórias de vida dos camponeses. A oficina foi realizada com apoio do Projeto Paranaização do Teatro Guaíra.

Em novembro do ano passado, durante outra oficina de teatro e música, foi criada a Brigada Estadual de Teatro do Paraná Gralha Azul. Os jovens que participam da oficina na Lapa já estão se integrando a ela para ajudar a potencializar novos grupos de teatro no estado. A Brigada Gralha Azul está integrada a SaciSul e a Brigada Nacional do MST Patativa do Assaré.

## Início

# ***Sem Terra identificam suas lutas em experiências teatrais do MST***

27 de julho de 2006

O teatro sempre esteve presente no MST. Hoje os Sem Terra estão organizados em cerca de 30 grupos de acampamento e assentamentos da Reforma Agrária. Em entrevista, Rafael Litvin Villas Bôas, integrante do Coletivo de Cultura do MST, explica a trajetória da formação teatral no Movimento e as concepções teóricas envolvidas na criação de uma cena. “Em geral fazemos um debate após a apresentação e há intensa participação daqueles que assistem aos trabalhos. Um dos comentários frequentes é o de que nunca antes as pessoas tinham visto suas histórias, suas demandas e seus pontos de vista representados de forma tão intensa, clara ou política”, afirma. Leia abaixo a entrevista:

### **Quantos grupos de teatro o MST tem hoje? Quais são as principais regiões organizadas?**

Atualmente nós temos cerca de 30 grupos organizados em acampamentos e assentamentos da Reforma Agrária. A maioria dos grupos atua em dimensão local, participando de atividades culturais, formativas e políticas em suas áreas e cidades vizinhas. Há também alguns grupos que, por terem mais tempo de vida e experiência atuam em dimensão regional e nacional, se apresentando e ministrando oficinas em cursos de formação, em debates, seminários e eventos culturais nos meios urbanos e rurais.

Nas regiões sul e centro-oeste nós temos ao menos um grupo em cada estado. Na amazônica temos um grupo no Pará e outro no Maranhão. Na sudeste temos grupos somente em São Paulo, e na Nordeste temos grupos em três estados (*Veja no final a relação dos grupos*).

### **Quando o trabalho começou no Movimento?**

O teatro existe no Movimento como manifestação estética espontânea desde a origem do MST, juntamente com a música, a poesia e as artes plásticas. E todas essas linguagens aparecem fundidas nas místicas, manifestações estéticas e políticas em que se fortalece a memória das lutas passadas, se reafirmam os valores e apontam no horizonte nossos objetivos estratégicos. Além disso, alguns grupos profissionais se apresentam há mais de uma década em atividades do Movimento, e isso contribui para despertar o interesse pelo teatro e o entendimento de que a linguagem teatral desempenha um papel de formação de consciência e reflexão crítica: muitos dos atuais integrantes dos grupos do MST foram público interessado dos grupos profissionais que se apresentam para o Movimento.

De forma organizada, o teatro ganha força a partir da parceria entre o MST e o Centro do Teatro do Oprimido (CTO), dirigido por Augusto Boal, iniciada em fevereiro de 2001. Desde então aconteceram cinco encontros de formação em que o CTO socializou os meios de produção da linguagem teatral para um grupo de militantes de vários estados do país, que tem a tarefa de formar novos multiplicadores e formar grupos nos acampamentos e assentamentos. Esse grupo é a Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré. O nome foi decidido coletivamente pelos militantes durante o segundo encontro, em junho de 2001.

### **Quais são as bases teóricas gerais para esse trabalho? Por quê?**



A poética do Teatro do Oprimido, apresentada ao MST pelo CTO, reúne uma série de técnicas e exercícios teatrais, como o Teatro Fórum, o Teatro Jornal, o Teatro Invisível, que por sua vez derivam das formas de teatro de agitação e propaganda, muito trabalhadas pelos soviéticos e alemães, entre outros.

As experiências de ensaios, apresentações e debates fizeram com que passássemos a refletir criticamente sobre nossas produções, e isso nos levou a providência de convidar a professora Iná Camargo Costa para nos ensinar a teoria dos gêneros literários (lírico, épico e dramático). Desde então, passamos a optar conscientemente por quais procedimentos formais adotar, de acordo com as exigências do tema. Como a maioria dos temas que abordamos exigem tratamento histórico e uma forma capaz de abarcar a complexidade de diversos agentes e pontos de vista envolvidos nas disputas políticas, as elaborações teóricas e práticas de Bertolt Brecht passaram a ser de muito interesse, daí a ampliação do esquadro de grupos parceiros dispostos a socializar os conhecimentos sobre procedimentos narrativos e técnicas de distanciamento.

### **Qual é a reação dos Sem Terra ao assistirem uma apresentação que reflete a sua luta?**

Grande parte das pessoas que passaram pela escola ou tiveram algum envolvimento com igrejas conhecem a linguagem teatral, pois ela é bastante utilizada nessas instituições, ainda que de forma diferenciada daquelas com as quais trabalhamos. Além disso, como a prática teatral tem se disseminado no MST, depois de mais de meia década e ação sistemática de teatro, essa linguagem tem e tornado comum, pois muitas pessoas, além dos integrantes dos grupos fixos, passam por experiências teatrais em oficinas ministradas em cursos, encontros e seminários.

Em geral fazemos um debate após a apresentação e há intensa participação daqueles que assistem aos trabalhos. Um dos comentários freqüentes é o de que nunca antes as pessoas tinham visto suas histórias, suas demandas e seus pontos de vista representados de forma tão intensa, clara ou política.

### **E para o público externo?**

Quando fazemos intervenções de agitação e propaganda em espaços públicos, a recepção é bastante calorosa, porque além das formais cômicas que utilizamos para lidar com questões políticas de ordem coletiva, um dos maiores atrativos é que se trata de um trabalho socializado gratuitamente.

Nos espaços fechados em meio urbano, tais como auditórios de escolas, universidades, câmaras legislativas, sindicatos e teatros – em que sempre nos apresentamos gratuitamente – há, em geral, muito interesse por conhecer mais o Movimento, a forma pela qual essa produção é organizada, além de uma curiosidade sobre nossa versão dos fatos divulgados sempre de forma pejorativa pelas grandes empresas de comunicação. Por meio das peças e debates se organiza uma espécie de contra-hegemonia, tímida em termos de raio de abrangência se comparada a TV, mas profunda como poder de comunicação, justamente em função da proximidade e da viabilidade do diálogo, opção impossível na TV.

### **Qual foi a maior apresentação que vocês já organizaram?**

Durante a Marcha Nacional pela Reforma Agrária, ocorrida em maio de 2005, a Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré apresentou um Teatro Procissão, com 270 militantes em cena, de todas as regiões do país, contando em quatro estações a história da luta pela terra sob o ponto de vista do trabalhador rural. Para realizarmos tal empreitada logística, a Brigada reuniu-se no Rio de Janeiro em fevereiro de 2005, elaborou a estrutura geral das etapas com o apoio do CTO, e nos meses seguintes organizou oficinas regionais para construir as estações, e contou com o apoio dos grupos Oi nós aqui traveiz (RS) na oficina do sul e Companhia do Latão (SP) na oficina da Ssudeste. Durante a marcha, ensaiamos as estações em separado e em conjunto. Além disso, nossos grupos estaduais

integrantes do grande elenco apresentaram as peças de seus repertórios durante, de modo que tivemos nos dezoito dias de caminhada, dezoito peças apresentadas, algumas delas por mais de um elenco, simultaneamente.

A experiência da ação organizada, não apenas da cultura, mas de todas as frentes culturais do MST, chamou a atenção da grande imprensa durante a marcha, pelo caráter inusitado da experiência: não há precedente na história do movimento camponês brasileiro de ação cultural de tal capilaridade e intensidade, embora haja antecedentes, como as promissoras experiências de grupos como o Arena, dirigido por Boal, e dos Centros Populares de Cultura (CPC's), com as Ligas Camponesas, interrompidas brutalmente pelo golpe militar de 1964, antes que pudessem amadurecer.

### Grupos de Teatro do MST

Estado	Número	Nomes
Rio Grande do Sul	3	Peça pro povo, Alto Astral, Vida e Arte
Santa Catarina	1	Tampa de Panela
Paraná	1	Gralha Azul
São Paulo	1	Filhos da Mãe...Terra
Distrito Federal	1	Semeadores da Terra
Mato Grosso do Sul	7	Águias da Fronteira, Filh@s da Cultura, Raízes Camponesas, Lamarca da Cultura, Mensageiros da Cultura, Frutos da Terra e Utopia
Goiás	1	Revolucena
Rondônia	1	Arte Camponesa
Pará	1	Ferramenta
Maranhão	1	Rompendo Cercas
Sergipe	8	---
Ceará	1	---
Pernambuco	3	---

[Início](#) » [Jornal Sem Terra](#) » [Mobilização nacional dos Sem Terrinha envolve crianças de todo o país](#)

Violar é preciso

A valorização da cultura caipira na construção de um projeto popular para o país

A centenária figueira, símbolo do Sítio Pau D'Alho, em Ribeirão Preto, interior paulista, serviu de inspiração há quatro anos, quando abrigava mais uma roda de viola, para a idealização de um encontro de violeiros. Mas deveria ser um encontro diferente. Um espaço onde violeiros e violeiras pudessem tocar e trocar experiências e

conhecimento, sem competição ou cachê. Não seria um festival, mas um encontro entre amigos e amigas, que se reconhecem na arte de tocar viola e de levar adiante a cultura caipira brasileira. Estava definido o formato do Encontro Nacional de Violeiros.

No ano seguinte, em 2003, aconteceu a primeira versão do encontro, com cerca de trinta apresentações em apenas um dia de festa. Em 2004, na segunda edição, mais artistas. Um dia foi pouco para tantas apresentações, o que fez com que a organização optasse por dois dias de festa na terceira edição, em 2005.

Este ano, confirmando as expectativas, mais de 100 violeiros, violeiras, duplas, orquestras e grupos de folias de reis passaram pelo palco montado em frente à grande figueira. Apesar da chuva no primeiro dia, o IV Encontro Nacional de Violeiros foi prestigiado por cerca de 15 mil pessoas, entre militantes do MST e apreciadores de boa música de todos os cantos do Brasil.

### Construção

Uma forma diferente de construção do Encontro dos Violeiros foi colocada em prática este ano. Militantes vindos de todas as regionais do MST no estado de São Paulo participaram de oficinas com o objetivo de contribuir em alguma área. A oficina de expressão corporal preparou os participantes da mística de abertura, que contou com uma apresentação de dança e percussão, comandada pelos participantes da oficina de tambor. A ornamentação ficou por conta da oficina de bonecos, que construiu um modelo de São Francisco de Assis, homenageado na festa. Os instrumentos construídos pelos participantes da oficina de fabricação de viola ficaram expostos na galeria de arte, junto com os quadros de Blanco Castro, autor do desenho do cartaz do encontro. A oficina de comunicação ficou responsável pela produção de fotos e vídeos, documentando as oficinas e as apresentações.

Apresentar as milhares de maneiras possíveis de lidar com a viola sempre foi uma preocupação da organização do encontro. Cada violeiro tem a sua mão e, claro, seu estilo. Tudo cabe na proposta do Encontro, desde as tradicionais duplas, passando por violeiros e violeiras solo, orquestras e grupos modernos. Toda esta diversidade prova que existe cada vez mais gente tocando viola no Brasil. E como nem só de viola vive a cultura caipira, o Encontro abriu espaço para manifestações populares de música e dança, como a Folia de Reis e a Capina.

Apresentada por um grupo de senhores vindos de Jequitibá, em Minas Gerais, a Capina chamou a atenção do público por usar enxadas em sua dança e também pelo discurso do líder do grupo. Nelson Jacó afirmou que seu grupo é o último que ensaia e apresenta a dança em sua região. Para ele, a dispersão das manifestações culturais dos camponeses se dá pelo avanço implacável do latifúndio, realidade em todos os cantos do Brasil. “Se nós não dançarmos, ninguém mais dança”.

### Trincheira

Para Edvar Lavratti, da direção estadual do Movimento em São Paulo, realizar o Encontro Nacional de Violeiros em Ribeirão Preto é também um posicionamento político. Capital do agronegócio, a cidade e arredores estão tomados pelas grandes propriedades monocultoras de cana-de-açúcar. A cidade é também rota de passagem do

gênero conhecido como country, com suas roupas de cowboy e músicas pasteurizadas no estilo dos grandes rodeios, como a festa do peão de Barretos. “Nada disso é nosso”, defendeu Lavratti.

O violeiro e professor Ivan Vilella se diz preocupado quando afirma que antigamente, todas as manifestações culturais estrangeiras que chegavam ao Brasil não eram puramente assimiladas, mas se fundiam com nosso repertório. A diferença é que hoje está cada vez mais difícil que a mistura aconteça, pois essas referências nacionais estão se perdendo. A missão de quem procura preservar as raízes culturais brasileiras hoje vai além de uma atitude puramente xenófoba, de negar o que vem de fora, mas sim garantir que não haja apenas assimilação, mas uma fusão com nossos elementos.

Para Vilella, por mais que a cultura country esteja presente na região, muita gente faz questão de ir ao encontro e assistir às apresentações, o que explica o grande público. O violeiro afirma que apesar de ter sido trazida para o Brasil durante a colonização portuguesa, a viola é um instrumento essencialmente brasileiro, já que foi em terras brasileiras que suas potencialidades foram ampliadas e diversificadas.

João Ba, artista de 74 anos e 53 de estrada, concorda e defende que sua música é inspirada pelos pequenos elementos da natureza, como o trabalho do bicho da seda, por exemplo. João, que não é propriamente violeiro (seu instrumento é o violão) mas sim um cantador, participou do Encontro pela primeira vez, trazido por parceiros que já conheciam a festa.

Para o ano seguinte, fica a certeza de que o V Encontro Nacional dos Violeiros será ainda maior em 2007, com a presença de mais violeiros, ansiosos por apresentar sua arte em um espaço bonito e festivo. Fica também a certeza, de que apesar de não estar presente nos grandes meios de comunicação, a arte da viola sobrevive na beleza do trabalho de velhos e novos violeiros. O que prova que a valorização da cultura popular está estritamente ligada à construção de um projeto popular para o Brasil.

## ***Sem Terra discutem arte e cultura no Ceará***

12 de dezembro de 2006

O MST do Ceará participa até amanhã do II Seminário de Arte e Cultura na Reforma Agrária em Fortaleza, capital do estado. Mais de 200 pessoas participam do encontro, que tem como tema “Cidadania e Desenvolvimento”. Entre os organizadores estão o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), BNB (Banco do Nordeste), CPT (Comissão Pastoral da Terra), Prefeitura de Fortaleza, MDA (Ministério de Desenvolvimento Agrário), Fetraece (Federação dos Trabalhadores em Agricultura do Ceará) e MST. Participam ainda os povos indígenas da região de Caucaia.

A abertura, que aconteceu na manhã de hoje, foi feita por uma banda de lata do assentamento Recreio, de Quixeramobim. Outras atividades culturais, como peças de grupos de teatro dos assentamentos e apresentações de músicos da Reforma Agrária, acontecem ao longo do encontro, junto com debates sobre a cultura camponesa.

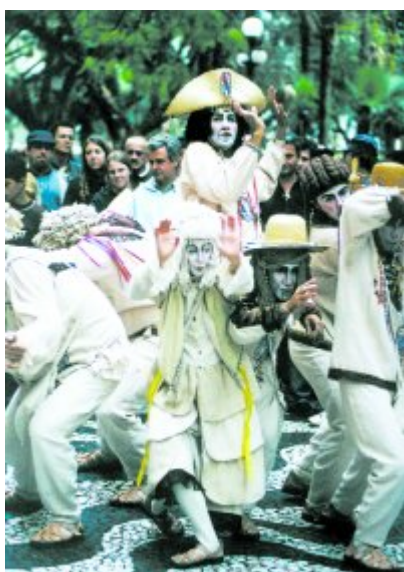
Na mesa de abertura, representantes do MST, CPT, Fetraece, Incra e governo do estado falaram sobre a importância de investir no resgate da cultura camponesa e da criação de políticas públicas para financiar grupos existentes e incentivar a formação de novos. Os movimentos sociais apontaram como problemas centrais a concentração de renda, a dominação cultural e a falta de investimento em cultura nas áreas da Reforma Agrária.

A banda do assentamento Tigre, também de Quixeramobim, se apresenta no próximo domingo, às 11h00, no Canal 21. O programa se chama Nordeste Caboclo.

### Início

## ***Saga de Canudos será contada em cidades e assentamentos pelo país***

14 de fevereiro de 2007



Teatro como instrumento de reflexão social. Esse é um dos conceitos que norteiam as apresentações da Tribo de Atadores Ói Nós Aqui Traveiz, de Porto Alegre (RS). Com o espetáculo “A Saga de Canudos” eles percorreram em março cidades e assentamentos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul para apresentar um pouco dessa histórica.

Para a atuadora Carla Moura é preciso nos apropriarmos cada vez mais de ferramentas como o teatro para discutir o que realmente nos interessa. “Precisamos, de uma maneira coletiva, parceira, fazer crescer o teatro como um instrumento de luta, no sentido de conseguirmos construir a sociedade que queremos”, afirmou.

O projeto conta com o apoio da Caravana Funarte/Petrobras e conta com a parceria do MST. A parceria com o MST é antiga no Rio Grande do Sul, tendo gerado a criação de um coletivo de teatro entre as duas organizações, o "Teatro do Povo".

"O teatro, assim como a arte em geral, é um meio de transformar o indivíduo, que depois transformará o restante da sociedade. E para que as mudanças ocorram é necessária a união dos trabalhadores do campo e da cidade, que sofrem com os mesmos efeitos da dominação de poucos", diz Leila Almeida, integrante do setor de cultura do MST.

Serão ao todo doze apresentações, alcançando cerca de dez mil pessoas nas cidades de Passo Fundo e Erechim (RS), Chapecó e São Miguel d'Oeste (SC), Campo Mourão e Londrina (PR), Ponta Porã e Dourados (MS). A peça também será apresentada em assentamentos da Reforma Agrária, nos municípios de Pontão (RS), Dionísio Cerqueira (SC), Rio Bonito do Iguçu (PR) e Ponta Porã (MS). O grupo de teatro também realizará palestras sobre a trajetória do Ói Nóis, além de oficinas sobre teatro de rua.

#### Luta pela terra

A "Saga de Canudos" é uma adaptação da peça "O Evangelho Segundo Zebedeu", do escritor paulista César Vieira, utilizando também textos de Glauber Rocha e da literatura de cordel. A peça conta a história de Antônio Conselheiro, que organizou o povo miserável da cidade de Canudos (BA), em uma sociedade sem desigualdades sociais, de gênero e de raça chamada Belo Monte. O exército, a mando do governo da República, matou praticamente todas as pessoas que faziam parte da comunidade, já que resistiram à ordem de desfazerem Belo Monte. A peça já recebeu duas vezes o prêmio "A Luta Pela Terra", concedido pelo MST devido à sua contribuição cultural.

Para Carla Moura, o espetáculo ganha um significado especial quando é apresentado para acampados e assentados do MST. "A 'Saga de Canudos' é justamente uma etapa dessa luta, que desde a chegada dos europeus aqui no Brasil ela se trava, que é a luta pela terra. Apesar da experiência de Canudos ter sido massacrada porque desagradava todos os coronéis, o governo da época e a Igreja, o exemplo de luta e de resistência que compõe uma sociedade livre de opressão segue vivo. Então, a Saga de Canudos é dedicada aos trabalhadores rurais que tomaram na luta pela terra", afirma.

A Tribo de Atuadores Óia Nóis Aqui Traveiz, foi criada em 1978 e concentra seus trabalhos de teatro de rua nas periferias de Porto Alegre.

#### Cronograma das apresentações

Dia 2/03 – Centro de Passo Fundo (RS)

Dia 3/03 - Assentamento Área 9/Comunidade de Nossa Senhora Aparecida (antiga Fazenda Annoni), na cidade de Pontão (RS)

Dia 4/03 – Centro de Erechim (RS)

Dia 7/03 – Centro de Chapecó (SC)

Dia 9/03 – Centro de São Miguel d'Oeste (SC)

Dia 10/03 - Assentamento da COPERUNIÃO, na cidade de Dionísio Cerqueira (SC)

Dia 11/03 – Assentamento Ireneo Alves, em Rio Bonito do Iguauçu (PR)  
Dia 13/03 – Centro de Campo Mourão (PR)  
Dia 15/03 – Centro de Londrina (PR)  
Dia 16/03 – Centro de Ponta Porã (MS)  
Dia 17/03 – Assentamento Conquista da Fronteira, em Ponta Porã (MS)  
Dia 18/03 - Centro de Dourados (MS)

[Início](#)

## ***Teatro leva Guerra de Canudos para o campo***

28 de fevereiro de 2007



Raquel Casiraghi  
Agência Chasque

O teatro une, mais uma vez, a população urbana e rural em torno do debate da luta pela terra e da reforma agrária. A Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz, de Porto Alegre (RS), percorrerá a partir do dia dois de março cidades e assentamentos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul apresentando a peça de teatro de rua "A Saga de Canudos".

O espetáculo conta a história de Antônio Conselheiro, que no final do século 19 organizou o povo miserável da cidade baiana de Canudos em uma sociedade sem desigualdades sociais, de gênero e de raça chamada Belo Monte. O exército, a mando do governo da República, matou praticamente todas as pessoas que faziam parte da comunidade, pois resistiram à ordem de desfazerem Belo Monte.

Para Carla Moura, atuadora do grupo Ói Nós, o espetáculo ganha um significado especial quando é apresentado para acampados e assentados do campo. "A 'Saga de Canudos' é justamente uma etapa dessa luta, que desde a chegada dos europeus aqui no Brasil ela se trava, que é a luta pela terra. Apesar da experiência de Canudos ter sido massacrada porque desagradava todos os coronéis, o governo da época e a Igreja, o exemplo de luta e de resistência que compõe uma sociedade livre de opressão segue vivo. Então, a Saga de Canudos é dedicada aos trabalhadores rurais que tombaram na luta pela terra", afirma.

A versão "A Saga de Canudos", do Ói Nós, é uma adaptação da peça "O Evangelho Segundo Zebedeu", do escritor paulista César Vieira. Para contar a história, o grupo de

atuadores utiliza textos de Glauber Rocha, literatura de cordel, muita música e bonecos que chegam a medir quase quatro metros de altura.

Ao todo, serão realizadas doze apresentações da peça que devem ser assistidas por cerca de dez mil pessoas nas cidades de Passo Fundo e Erechim (RS), Chapecó e São Miguel d'Oeste (SC), Campo Mourão e Londrina (PR) e Ponta Porã e Dourados (MS). A peça também será apresentada em assentamentos nos municípios de Pontão (RS), Dionísio Cerqueira (SC), Rio Bonito do Iguazu (PR) e Ponta Porã (MS).

A Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz, foi criada em 1978 e concentra seus trabalhos de teatro de rua nas periferias e no centro da capital gaúcha.

Cronograma das apresentações

Dia 2/03 – Centro de Passo Fundo (RS)

Dia 3/03 - Assentamento Área 9/Comunidade de Nossa Senhora Aparecida (antiga Fazenda Annoni), na cidade de Pontão (RS)

Dia 4/03 – Centro de Erechim (RS)

Dia 7/03 – Centro de Chapecó (SC)

Dia 9/03 – Centro de São Miguel d'Oeste (SC)

Dia 10/03 - Assentamento da COOPERUNIÃO, na cidade de Dionísio Cerqueira (SC)

Dia 11/03 – Assentamento Ireno Alves, em Rio Bonito do Iguazu (PR)

Dia 13/03 – Centro de Campo Mourão (PR)

Dia 15/03 – Centro de Londrina (PR)

Dia 16/03 – Centro de Ponta Porã (MS)

Dia 17/03 – Assentamento Conquista da Fronteira, em Ponta Porã (MS)

Dia 18/03 - Centro de Dourados (MS)

[Início](#)

## ***Vídeo-Manifesto contra a impunidade Eldorado dos Carajás***

17 de abril de 2007

Vídeo manifesto contra a impunidade dos mandantes do Massacre de Eldorado dos Carajás, que aconteceu no Pará, em 1996. O vídeo foi gravado durante uma intervenção feita por militantes da cultura do MST no TEIA - Mostra de Cultura do Brasil e Economia Solidária, realizada em abril de 2006. No vídeo, que tem a participação do ator Sérgio Mambert, os militantes fazem uma homenagem aos 19 trabalhadores Sem Terra brutalmente assassinados no Massacre. [Assista ao vídeo](#)

“Os sem-terra afinal  
estão assentados na pleniposse da terra:  
De sem-terra passaram a com-terra:  
ei-los enterrados  
desterrados de seu sopro de vida,  
aterrados, terrorizados,  
terra que à terra torna  
torna plenipossesiros



terra-tenentes de uma vala (bala) comum.  
Pelo avesso, afinal  
entranhados no lato ventre do latifúndio  
que de improdutivo revelou-se assim ubérrimo”.

Fragmentos de “O anjo esquerdo da historia” de Haroldo de Campos

[Início](#)

## ***Importância da cultura dentro do MST***

18 de abril de 2007

Programa Cultura e Movimento

O programa fala sobre a importância da cultura e da arte para o MST e sua militância. Mas o que é cultura para o Movimento Sem Terra? A palavra cultura vem do latim e significa cultivo, cuidado com o solo. Quer dizer é um termo que tem tudo a ver com a identidade Sem Terra.

Então cultura para o MST é o jeito de viver, produzir e de reproduzir a vida, baseada na construção cotidiana de novos conhecimentos que são fortalecidos e renovados todos os dias. Mas onde que a arte entra nesta história?

A arte no Movimento é o jeito como os Sem Terra contam sua cultura. Através da música, da poesia, do teatro e das pinturas trabalhadores e trabalhadoras rurais contam sua história, transformando sentimentos em atitudes concretas. Então, como todo mundo tem sentimento, todo mundo pode produzir arte.

Dentro de toda a organização do MST, o coletivo de cultura é o mais recente. De forma sistemática, ele começou em 1996 com uma oficina de música realizada em Brasília.

Depois disso, aconteceram outras atividades que deram início às discussões sobre o papel da cultura dentro do Movimento. Foi a partir disso que o coletivo começou a envolver a militância que desenvolvia trabalhos artísticos em todo o Brasil. A integrante da coordenação do coletivo de cultura Evelaine Martines fala mais sobre o assunto.

Coordenação  
Danilo Augusto

Apresentação  
Cristiane Gomes  
Igor Felipe

Programa  
Tamanho - 4,1 Mbytes  
Tempo - 8'44"

- **Duração:** 8:45 minutos (4.01 MB)
- **Formato:** MP3 Stereo 22kHz 64Kbps (CBR)

[Início](#)

## ***No Pará, Sem Terra põem no ar mais uma rádio comunitária***

16 de julho de 2007

No dia 8 de julho foi ao ar mais uma rádio comunitária. É a rádio Comunitária Camponesa Palmares FM que fica no assentamento Palmares II no município de Parauapebas/Pará. O raio de transmissão da rádio atinge o assentamento e parte da cidade de Parauapebas levando a boa música e muita informação a seus ouvintes.

Antes de ir ao ar, foi realizada uma oficina de comunicação popular para um coletivo de militantes onde foi discutido o caráter e os objetivos da rádio. Com um quadro de comunicadores formados principalmente pela juventude do assentamento, a Palmares FM não fará apenas programas de estúdio, mas também atuará na mobilização e articulação dos diversos movimentos sociais da região.

Entre os temas que pretendem ser debatido no próximo período está reestatização da Companhia Vale do Rio Doce. A rádio também pretende estimular a organização dos trabalhadores do campo e da cidade, estimulando a articulação e o fortalecimento da Consulta Popular e da Via Campesina e a campanha pela redução da tarifa de energia.

O evento de lançamento foi marcado por um grande ato político-cultural em frente à rádio com apresentação de capoeira, quadrilhas juninas, grupos de pagode, gincanas e finalizando a atividade com a apresentação do filme “Uma onda no ar, Rádio Favela” e sendo tudo retransmitido pela programação da rádio.

“Sabemos que, com este instrumento de comunicação fortaleceremos mais a luta da classe trabalhadora pela democratização da comunicação e na construção do projeto popular para o Brasil”, declara Carlinho, do setor de Comunicação MST Pará.

[Início](#)

## ***Grupo de teatro do MST se apresenta em novo espaço da Companhia do Latão***

26 de julho de 2007

O grupo de teatro do MST Filhos da Mãe... Terra faz no próximo domingo, dia 29, uma apresentação especial no Estúdio do Latão, novo espaço teatral da Companhia do Latão,

que está sendo inaugurado nesse final de semana. A inauguração do novo espaço é parte das comemorações de dez anos da Companhia.

O grupo Filhos da Mãe... Terra é formado por artistas do MST do assentamento Carlos Lamarca, que fica em Sarapuí, interior de São Paulo. O trabalhão que será apresentado é “Fazendeiros e Possesiros”, baseado na peça de Horácios e Curiácios, de Bertold Brecht. Essa é a primeira realização de uma série de intercâmbios que o Estúdio do Latão pretende realizar com integrantes de movimentos sociais.

A Companhia do Latão é um dos mais importantes grupos do teatro brasileiro. Há um ano e meio que o grupo prepara essa comemoração, através da reunião de toda a memória literária, fotográfica e videográfica relativa ao trabalho. Esse conjunto de materiais deu origem a oito vídeo-documentários e três livros, dois dos quais serão publicados no segundo semestre pela Editora Cosac Naify.

A primeira mostra do material será lançada nesta semana junto com a abertura da nova sede da companhia, o Estúdio do Latão, um espaço destinado a atividades teatrais, cursos e projeções de vídeos. Na semana seguinte, as comemorações seguem com a temporada de “O Círculo de Giz Caucásico” (Brecht) no TUSP, integrada a diversos cursos de teatro, música e produção cultural.

O Estúdio do Latão fica na Rua Harmonia, 931, próximo do metrô Vila Madalena, em São Paulo. A apresentação do grupo Filhos da Mãe... Terra será domingo, 29, às 18 horas.

## Início

### ***Juventude do MST na Bahia se reúne para debater comunicação e cultura***

5 de outubro de 2007

A cidade de Itaberaba, sede da Regional Chapada Diamantina (BA), sediará nos dias 6 e 7 de outubro o I Encontro Regional de Juventude, Comunicação e Cultura do MST. O Encontro tem como objetivo organizar os setores, proporcionar formação política e integrar a juventude.

“Muitos jovens ainda estão desconectados do projeto da Reforma Agrária. Precisamos trazê-los para o debate, fazer um mapeamento da militância no estado e elaborar um diagnóstico para aperfeiçoar nossa atuação”, afirma Rosalvo dos Santos, coordenador do Setor de Comunicação e Cultura do MST na Bahia.

O mapeamento, em fase de elaboração, incluirá todos os grupos culturais do estado, abrangendo teatro, música, artes plásticas, dança e capoeira, além de iniciativas na área de comunicação como zines, jornais e rádios comunitárias.

O Encontro está sendo realizado pelo setor de Comunicação e Cultura em parceria com o setor de Juventude. Serão realizados encontros como esse em todas as nove regionais do estado onde o MST se organiza. O encontro desse final de semana será realizado no Colégio Estadual de Itaberaba.

### Programação

Dia 06/10

- 8 horas - Abertura
- 8h30 - Mesa temática - Análise de conjuntura, movimentos sociais e perspectivas juvenis.
- 13h30 - Grupos de Trabalho
- 20h00 - Noite cultural

Dia 07/10

- 8h00 - Mística
- 8h30 - Painel - Normas Gerais do MST e a História da Luta pela Terra
- 13h00 - Grupos de Trabalho
- 16h00 - Plenária final e socialização dos GT's
- 18h00 - Volta pra casa

### Início

## ***Encontro com o Saci valoriza cultura popular em Ribeirão Preto***

21 de novembro de 2007

Vai até domingo, dia 25, o Encontro com o Saci, atividade organizada pelos trabalhadores Sem Terra da região de Ribeirão Preto, nordeste de São Paulo. A idéia é promover o resgate das raízes de nossa cultura, por meio de debates, oficinas e apresentações culturais. O Encontro começou na segunda, dia 19, e está sendo realizado no Sítio Pau D´alho, famoso por receber anualmente o Encontro Nacional dos Violeiros.

O objetivo do Encontro com o Saci é envolver a comunidade no resgate de elementos genuínos da cultura brasileira, como a roda de viola, os "causos", a música caipira, as brincadeiras e festejos. As atividades começam com painéis que discutem temas como a formação da cultura brasileira e a figura do Saci em suas múltiplas expressões.

As oficinas devem reunir 170 Sem Terra entre os dias 21 e 23 de novembro. Elas serão realizadas nos assentamentos da região, Sepé Tiaraju e Mário Lago, entre outros locais. Haverá espaços dedicados à construção de brinquedos com material reciclado, construção de pífanos, cultivo de plantas medicinais, técnicas de agroecologia, teatro, capoeira, audiovisual e fabricação de bonecas de pano e sacis.

A partir de sábado, 24 de novembro, a festa é aberta ao público. São esperadas mais de 3.000 pessoas para celebrar a cultura popular aos pés da centenária figueira do Sítio Pau D´alho. Na programação estão diversas brincadeiras, exposição das obras do artista plástico Blanco Castro e da produção das oficinas, rodas de viola e sarau. O Encontro com o saci conta ainda com a Feira da Semente e o Cantinho das Ervas Medicinais. O encerramento no domingo, 25, está a cargo do músico Pereira da Viola. A entrada é franca.

O Encontro com o Saci é organizado pelo Centro de Formação Dom Hélder Câmara e pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com apoio da Arquidiocese de Ribeirão Preto e da Cese - Coordenadoria Ecumênica de Serviço.

O Sítio Pau D´alho fica na rodovia Alexandre Balbo, km 328, Anel Viário Contorno Norte, em Ribeirão Preto.

### [Cartaz do Encontro com o Saci](#)

#### Programação

24 de novembro

> 10h - Mística de Abertura

Camponesa Rádio Poste

Cantinho das ervas medicinais e dos chás

Feira de Sementes

Expressões de artes plásticas - exposição - Blanco Castro/ Lucília/

Valdomiro Santana

Livre expressão - pintura com tintas à base de terra - Macalé

Brincadeiras: boi, cordas, pião, construção de brinquedos, cama de gato. Com a presença de vários brincantes e dos puladores de corda de São Paulo e tambores.

Encontro de Carrinhos

>14h - Oficina de construção de barquinhos

>15h - Encontro dos sacis e bonecas ao pé da figueira

Socialização das oficinas: teatro, capoeira, pífanos.

> 17h - Cortejo para a lagoa

Encontro de barquinhos de brinquedo na lagoa

> 18h - Saberes e sabores ao pé da figueira

Sarau: contação de 'causos', de histórias, cordel do saci e poesia

Contadores de histórias das áreas de Reforma Agrária

> 20h - Roda de violas e tambores: o Saci, a Viola e a Figueira

Pereira da Viola, Dito, Joaci Ornelas, João Ba, Dércio Marques, Fernando

Guimarães, Daniela Lasálvia, Levi Ramiro e outros.

25 de novembro

> 10h - Camponesa Rádio Poste  
Cantinho das ervas medicinais e dos chás  
Feira de Sementes  
Expressões de artes plásticas - exposição - Blanco Castro/ Lucília/  
Valdomiro Santana  
Livre expressão - pintura com tintas à base de terra - Macalé

Brincadeiras: boi, cordas, pião, construção de brinquedos, cama de gato.  
Com a presença de vários brincantes e dos puladores de corda de São Paulo e tambores.  
Encontro de Carrinhos

> 10h - Encontro de gerações com vivências e trocas de saberes entre idosos, adultos,  
jovens e crianças - brincadeiras de roda

> 14h - Grupo de Teatro Etanóis  
Grupo Cangoma  
Intervenção dos Palhaços  
Peça "O Circo" ou "O Buraco"

> 15h - Vivências da cultura popular: Grupos de cultura popular: samba de roda,  
batusques, capoeira, ciranda e outras brincadeiras de roda.

> 16h - Encerramento: Pereira da Viola, Dito Rodrigues e cantoria coletiva

## Início

### ***“Encontro com Saci” valoriza a cultura popular em Ribeirão Preto***

4 de dezembro de 2007

Reila Miranda,  
de São Paulo

O MST realizou no Centro de Formação “Dom Hélder Câmara”, em Ribeirão Preto, SP, o primeiro “Encontro com o Saci: o guardião das matas e do saber popular”, entre os dias 19 e 25 de novembro. A idéia era reforçar a identidade camponesa por meio da valorização da cultura popular.

“O seminário trouxe o elemento Saci para fazer um diálogo da cultura com outras áreas. Não há como falar de Saci sem falar de meio ambiente, biodiversidade, saber popular. Não apenas no inconsciente, mas vivo no consciente do camponês. O Saci vive!” explica Guê de Oliveira, do setor de cultura.

Sidnei Niederle, do Centro de Formação, afirma que o encontro foi de formação e conscientização com temas como água, biodiversidade, preservação da fauna e flora, cultura popular. “Para mim, não houve um 'resgate'. Quando penso no termo me vem a

noção de trazer de volta algo que já não faz parte da nossa realidade, algo que não está mais presente; e isso não ocorre no meio do nosso povo, pelo contrário, a cultura popular e a valorização do saber popular estão muito presentes”, diz.

O encontro foi estruturado em três fases. A primeira delas foi um seminário de formação que teve como finalidade refletir a formação da cultura brasileira. Os 150 participantes – entre acampados, assentados, estudantes, agricultores e convidados – puderam, além de debater, refletir sobre temas estruturantes da sociedade: os amplos significados da cultura popular para os povos, a importância do brincar; da saúde preventiva; da preservação da biodiversidade, e outros. Em seguida, as oficinas. Hora do fazer, do criar, do colorir. E por fim, a hora de festejar e celebrar debaixo de uma figueira de aproximadamente 400 anos a “Festa do Saci”.

O avanço do agronegócio na região de Ribeirão Preto têm destruído a fauna e flora locais, e o encontro teve também a importância de que as famílias da região se assumam também como guardiões e defensores destes espaços.

### O saci-pererê

O Saci é um personagem bastante conhecido da mitologia brasileira, que teve sua origem presumida entre os indígenas da região de Missões, no Sul do país. Inicialmente retratado como um endiabrado, é uma criança indígena, com uma perna e com a diferença de possuir um rabo.

Na região Norte do Brasil, a mitologia africana o transformou em um negrinho que perdeu a perna lutando capoeira, imagem que prevalece nos dias de hoje. Herdou também a cultura africana do pito, uma espécie de cachimbo, e da mitologia européia, herdou o píleo, o seu gorrinho vermelho.

Considerado uma figura brincalhona, que diverte-se com os animais e pessoas, criando dificuldades domésticas, ou assustando viajantes noturnos com seus assobios, o mito existe pelo menos desde o fim do século XVIII.

Como suas qualidades eram as da farmacopéia, também era atribuído a ele o domínio das matas, onde guardava estas ervas sagradas, e costumava confundir as pessoas que não pediam a ele a autorização para a coleta destas ervas.

### Resistência ao Halloween

Em 2005 foi instituído no Brasil o Dia do Saci (Lei nº. 11.669). A idéia é fortalecer e valorizar a cultura popular brasileira. O Dia do Saci é comemorado em 31 de outubro, em contraposição ao “Halloween”, ou Dia das Bruxas, que teve sua origem na Irlanda, mas foi massificado pela indústria cultural norte-americana.

## ***Artistas lutam por políticas públicas para a cultura***

27 de março de 2008

Para celebrar o Dia Internacional do Teatro, diversos coletivos teatrais realizarão hoje uma série de manifestações no centro de São Paulo. Eles integram o movimento Redemoinho, uma rede brasileira de espaços de criação, compartilhamento e pesquisa teatral, que ainda tem como tarefa a atuação na cena pública para a criação de políticas públicas consistentes.

O dia de hoje será recheado de atividades. Caminhada, palestra e apresentações de grupos teatrais darão forma as manifestações. Para reafirmar a necessidade de uma política pública e de continuidade para a cultura e a arte como campo de pensamento e de atuação fundamental para o exercício da cidadania, o Redemoinho marcará este dia de mobilização nacional com o lançamento oficial da "Carta de Porto Alegre". Assinada por diversos grupos de teatro de todo país, a Carta reivindica a criação da Lei Federal: Prêmio Teatro Brasileiro, um programa público, a ser estabelecido em lei, para a destinação de recursos para a realização das atividades teatrais de artistas independentes, produtores e grupos de teatro.

O movimento entende que as políticas para a área da cultura não atendem as demandas dos cidadãos e nem dos grupos de teatro e demais criadores teatrais realmente comprometidos com um teatro público, democrático, incluyente e descentralizado, mas antes respondem a uma visão da arte como produto, mercadoria – algo privado, anti-democrático, excluyente e centralizado. O Prêmio Teatro Brasileiro é, portanto, apresentado como uma alternativa à lei Rouanet, opondo-se claramente a ela e a seu mecanismo de privatização dos recursos públicos para a cultura.

Entenda as propostas do movimento:

\* LEI Prêmio Teatro Brasileiro é um programa público a ser estabelecido em lei, que destina recursos para: pesquisa e criação de espetáculos teatrais, circulação de espetáculos e/ou atividades teatrais de relevância artística e manutenção de núcleos artísticos com trabalho contínuo. Os recursos são descentralizados por região bem como o julgamento se dá também por região e prevê comissões mistas com representantes do estado e dos núcleos artísticos proponentes. A LEI Prêmio Teatro Brasileiro é um projeto de lei que atende artistas independentes, produtores teatrais e grupos de teatro.

\* Fundo Estadual de Arte e Cultura se destina a nove áreas: Artes Visuais, Audio-visual, Circo, Cultura Popular, Dança, Hip-Hop, Literatura, Música e Teatro. Destina recursos distribuídos de forma descentralizada e proporcional, para todas as Regiões Administrativas do estado através de editais públicos.

Programação

10h: Overdose Teatral – início das apresentações de vários grupos do Movimento de Teatro de Rua na Praça do Patriarca, centro de São Paulo.



16h: Concentração na Praça do Patriarca para saída da Caminhada até o Teatro Municipal.

17h: Leitura do Manifesto nas escadarias do Teatro Municipal.

20h30: Início da programação no Teatro Fábrica (participação de Paulo Arantes e Chico de Oliveira).

## Início

### ***Estudantes do MST recebem visita do Secretário do MinC***

2 de abril de 2008

No Piauí, cerca de 60 estudantes do primeiro Curso de Licenciatura em Artes para Assentados da Reforma Agrária receberão, no sábado (5/4), a visita do Secretário Especial do Ministério da Cultura, Célio Turino.

O Secretário participará da aula de encerramento da primeira etapa do curso, onde ele falará ao público sobre a importância da Cultura nas áreas de Reforma Agrária e sobre as Políticas Culturais do Governo Federal. Essa é a primeira visita do Secretário, responsável pelos programas e projetos culturais do MinC, ao Estado do Piauí.

A atividade contará ainda com a presença da Secretária de Cultura do Estado Sônia Terra e com o corpo docente da UFPI (Universidade Federal do Piauí).

O Curso de Licenciatura em Artes para Assentados da Reforma Agrária é uma parceria entre MST, o Inbra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e a UFPI. O curso é realizado no campus da Universidade em Teresina.

A aula é aberta ao público e será ministrada no Auditório do Mestre Dezinho às 8h30, localizado na Praça Pedro II, s/nº, no Centro, em Teresina.

## Início

### ***MST e Via Campesina realizam mostra cultural***

13 de maio de 2008



Na tentativa de fortalecer a integração cultural entre os povos latino-americanos, de 14 a 18 de maio, o MST e a Via Campesina, com apoio do Teatro Guaíra e da Secretaria de Cultura do Paraná, realizam a Mostra Cultural de Integração dos Povos Latino-Americanos, em Curitiba, no Paraná.

A Mostra será um espaço de formação e reflexões sobre questões relacionadas à preservação da diversidade étnico-cultural. E busca fortalecer os laços de integração e solidariedade, valorizando a cultura latino-americana como instrumento fundamental, na construção de um projeto popular e soberano dos povos da América.

Estarão participando das atividades, cerca de 2.500 pessoas, entre militantes e representantes de movimentos sociais, organizações camponesas e urbanas, estudantes e professores do Brasil e da América Latina.

Entre os dias 15 e 18, acontecem grandes shows no Teatro Guaíra, com artistas populares do Brasil e da América Latina, entre eles, Pereira da Viola, Viola Quebrada, Família Pereira, Reinaldo Godinho, Patricio Anabalón Moreno do Nova Trova e o cantor Chico César. Os shows serão transmitidos ao vivo, pela TV Paraná Educativa.

Além de espetáculos musicais, serão realizados debates, apresentações culturais e uma Feira de Produtos da Reforma Agrária. Estão previstos debates sobre a dimensão cultural e resistência dos povos, o papel da educação, a juventude e as alternativas de integração dos povos latino-americanos. As atividades acontecem no Centro de Convenções de Curitiba, Colégio Estadual do Paraná e na Praça do Relógio das Flores, no Largo da Ordem.

Estarão presentes intelectuais do Brasil e da América Latina, entre eles, o Ministro de Ensino Superior da Venezuela, Abrahan Toro; Secretario Nacional de Identidade e Diversidade Cultural, Sérgio Mambert; jornalista da Revista Caros Amigos, José Arbex Junior; Presidente da Vive/TV da Venezuela, Blanca Eekhout; coordenador do MST, João Pedro Stédile; o ex-guerrilheiro que lutou com Che Guevara, na Bolívia, Eusébio Tapia Aruni, que participará de homenagem aos 80 anos de nascimento de Guevara, entre outros intelectuais e autoridades nacionais.

## PROGRAMAÇÃO

14/05/08 – Quarta-feira

Manhã

8 às 12h

Local: Centro de Convenções de Curitiba

Abertura

Conferência: “Imperialismo e a Crise”

Breno Altman - Jornalista

Conferência: “América Latina: Neoliberalismo e Resistência”

Altamiro Borges – Jornalista/Editor da Revista Debate Sindical

\*Abertura da Feira de Produtos da Reforma Agrária

Praça: Relógio das Flores – Largo da Ordem

14 à 17/04 – 9 às 20h

Tarde

Local: Centro de Convenções de Curitiba

14 às 16h

Filme: “Belarmino e Gabriela” - debate com diretor Geraldo Pioli

16h30 às 19h

Conferência: “Papel da Educação e da Cultura na integração Latino Americana”

Abrahan Toro – Ministério do Ensino Superior da Venezuela

Sérgio Mambert – Secretário Nacional da Identidade e Diversidade Cultural

15/05/08 – Quinta-feira

Manhã

8 às 12h

Local: Colégio Estadual do Paraná

Conferência: “A Dimensão da cultura na resistência dos povos Latino-Americanos”

Daniel Puglia – Professor da USP

Luiz Ricardo Leitão – Professor da UERJ

Ana Chã – Setor de Cultura do MST

Tarde

Local: Colégio Estadual do Paraná

14 às 16h

Filme: “Estado de Resistência” de Berenice Mendes

16 às 18h30

“Ato Comemorativo de 5 anos do Jornal Brasil de Fato”

Conferência: “O Imperialismo Midiático e as Alternativas de Comunicação Popular”  
José Arbex – Jornalista da revista Caros Amigos  
Cesar Sanson – Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS)

Noite

20 às 22h

Local: Teatro Guaíra

“Fandango e Viola”

Viola Quebrada - Paraná

Família Pereira – Paranaguá/PR

Pereira da Viola – Minas Gerais

16/05/08 – Sexta-feira

Manhã

Local: Colégio Estadual do Paraná

Conferência: “O Imperialismo Midiático e as Alternativas de Comunicação Popular”

Berenice Mendes – Cineasta e professora da Faculdade de Artes do Paraná

Blanca Eekhout (Presidente da Vive TV/Venezuela)

Conferência: “Alternativa de Integração Soberana dos Povos da América”

João Pedro Stédile – MST

Tarde

Local: Praça do Relógio das Flores - Largo da Ordem

14 às 16h

“Apresentações culturais e integração”

16 às 18h

Local: Colégio Estadual do Paraná

Conferência: “Projeto Popular Para o Brasil”

Noite

20 às 22h

Local: Teatro Guaíra

Show com Chico César

17/05/08 – Sábado

Manhã

8 às 12h

Local: Centro de Convenções de Curitiba

Conferência: “A militância e a Consciência Socialista”

Ademar Bogo – MST

“Homenagem aos 80 anos do nascimento de Ernerto Che Guevara”

Eusébio Tapia Aruni – Guerrilheiro que lutou ao lado de Che Guevara, na Bolívia

Tarde

Local: Praça do Relógio das Flores - Largo da Ordem

14 às 16h

“Apresentações culturais e integração”

16 às 19h

Local: Centro de Convenções de Curitiba  
Conferência: “Cultura e as tarefas da juventude”  
João Paulo e Diego Moreira – MST

Noite  
20 às 22h  
Local: Teatro Guaira  
XV de Novembro, 971 – Centro  
“Noite de Música Latino-Americana”  
Reinaldo Godinho e banda – Paraná  
Patricio Anabalón Moreno - Nova Trova/Chile  
Daniel Viglieti – Uruguai (\*A confirmar)

18/05/08 – Domingo

Manhã  
10 às 12h  
Local: Teatro Guaíra  
Apresentação didática da Orquestra Sinfônica do Paraná

## Início

### ***Desenhos culturais e resistências***

16 de maio de 2008

A cultura e a mídia como ferramentas concretas para a luta dos povos. Como espaços de mobilização, contra a desumanização própria do modo capitalista de produção. A cultura como o caminhar dos povos. E neste caminhar os movimentos populares se deparam e enfrentam a indústria cultural e os símbolos do capitalismo.

A cultura e a comunicação foram o centro dos debates de ontem (15/05), segundo dia da Mostra de Integração Latino-Americana. Na parte da manhã, para analisar a relação entre movimentos sociais, arte e indústria cultural, Daniel Puglia, professor de Literatura Inglesa e Estudos Culturais pela Universidade de São Paulo (USP), partiu do exemplo da peça de teatro *Posseiros e Fazendeiros*, encenada por um grupo do MST, que chegou a ser apresentada no histórico teatro da Arena, em São Paulo,

Puglia criticou o olhar de desprezo lançado por estudiosos sobre as formas de manifestação dos movimentos sociais. “É uma armadilha se a gente aceita este tipo de juízo, trata-se de preconceito e do medo frente ao novo”, comenta. Recordou uma mística do MST que remetia a uma questão atual: a conexão existente entre a concentração de terras e o chamado “latifúndio” midiático, latifúndio que também persiste em outras áreas do conhecimento. “São raras as obras hoje que fazem este tipo de conexão”, explica.

A fala de Puglia defende uma não separação entre a militância e a atividade cultural – um dos debates presentes ao longo da mostra. Os atores dos movimentos, segundo eles, normalmente não se colocam como atores, isto porque a própria cultura torna-se uma atividade cotidiana para a militância. O objetivo, segundo Puglia, é chegar a um mundo onde “em que o artista não seja considerado um tipo especial de pessoa, mas que cada pessoa seja considerada um tipo especial de artista”, concluiu.

Ana Chã, do setor de cultura do MST, comenta que a área da cultura afirmou-se no movimento quando ele já possuía mais de 10 anos. A primeira oficina de música data de 1996. A cultura, na sua opinião, é entendida como parte da luta de classes, inserida no processo de luta. “Não há uma distinção entre cultura e política. A cultura é uma ferramenta de mobilização”, comenta.

O MST possui atualmente, segundo Chã, 40 grupos teatrais pelo Brasil. Chã falou sobre a necessidade de capacitação por parte dos movimentos da linguagem e da técnica do audiovisual. Porém, segundo ela, é necessário um outro fim para a técnica apropriada. “Não basta apenas se apropriar dos meios burgueses, mas dar nova forma a eles”, afirma, para quem é preciso sair da cultura do espetáculo da mídia empresarial.

#### Agronegócio e deserto cultural

Araídes Duarte da Cruz, integrante do setor de comunicação e cultura do MST no Paraná, comenta que a expansão do agronegócio no campo tem como uma das primeiras consequências a destruição da cultura do povo. “O agronegócio destrói a cultura, e um povo sem cultura é como a árvore voando sem vento”, compara.

O patrimônio cultural, a seu ver, deve ser apropriado pelos camponeses, inclusive as técnicas e conhecimentos que hoje estão apropriadas pela burguesia. “Buscamos a elevação cultural do nosso povo. A Mostra Cultural leva o debate de que a cultura é tudo o que produz a nossa existência (...) Deveríamos ter acesso não a uma parte, mas ao conhecimento da espécie humana como um todo”, afirma.

#### [Início](#)

### ***Trincheiras e barricadas culturais***

21 de maio de 2008



Música, política e arte deram o tom do encontro entre os povos.

### Do Brasil de Fato

A cultura como uma ferramenta para a luta dos povos. Como um espaço de mobilização e questionamento do modo capitalista de produção. A cultura como o caminhar dos povos. Como parte viva da militância, ligada à comunicação, arte e à educação. E neste caminhar os movimentos populares se deparam e enfrentam a indústria cultural e os símbolos de domínio do capitalismo.

Este é apenas um esboço do que foi apresentado e discutido na "Mostra de Integração do Povos Latino-Americanos", organizada entre os dias 14 e 18 de maio, em Curitiba, no Paraná. A mostra contou com espaços culturais e de formação política. A criação artística também teve lugar, com apresentação de grupos vindos dos movimentos sociais, e, ainda, com a apresentação de artistas convidados do porte do uruguaio Daniel Viglietti e do brasileiro Chico César. Uma das formas de resumir o conteúdo do evento estava na fala de Vitorino da Silva Filho, de 19 anos, integrante do grupo de teatro Itororó, de Rio Bonito do Iguaçu: "A sociedade afirma que o movimento destrói, quando na verdade ele cria", diz.

O que estava em jogo foi exposto na fala de Ademar Bogo, integrante da direção nacional do MST. Bogo falou da necessidade da arte e dos valores socialistas em meio a uma situação política adversa para os trabalhadores. Enfatizou que manter a luta é um legado para as gerações futuras. "Quando não temos organização na sociedade, a classe dominante domina sem preocupação, dilui movimentos e reações", expõe. As principais tarefas no campo da cultura e da criação seriam, de acordo com Bogo, a centralidade do ser humano no rumo da História, como a sua principal força de criação. Outros pontos necessários são a necessidade de organização popular, a produção de uma cultura própria, a coletivização de um projeto social e a prática da solidariedade.

### Indústria cultural e produção dos movimentos de resistência

A relação entre movimentos sociais, arte e indústria cultural foi analisada por Daniel Puglia, professor de Estudos Culturais pela Universidade de São Paulo (USP), no debate "Dimensão da Cultura na resistência dos povos Latino-Americanos". Ele deu o exemplo da peça de teatro "Posseiros e Fazendeiros", encenada por um grupo do MST, que

chegou a ser apresentada no histórico teatro da Arena, em São Paulo. Puglia criticou o olhar de desprezo lançado por estudiosos sobre as formas de manifestação dos movimentos sociais. “É uma armadilha se a gente aceita este tipo de juízo, trata-se de preconceito e do medo frente ao novo”, critica. Recordou uma mística do MST que remetia à relação entre a concentração de terras e o chamado “latifúndio midiático”, latifúndio que também persiste noutras áreas do conhecimento. “São raras as obras hoje que fazem este tipo de conexão”, opina.

A fala de Puglia defende uma não separação entre a militância e a atividade cultural. Este, inclusive, foi um dos debates mais intensos ao longo da Mostra. Os artistas dos movimentos, segundo o pesquisador, não se colocam como tal, isto porque a própria cultura torna-se uma atividade cotidiana para a militância. Na voz de Ademar Bogo, na conferência "A Militância e a Consciência Socialista", "a própria militância, organização e símbolos coletivos do movimento são o objeto artístico". “Viemos a mostrar o que somos neste dia através da nossa organização coletiva”, comentou.

Araídes Duarte, integrante do setor de comunicação e cultura do MST no Paraná, reforça que o patrimônio cultural, deve ser apropriado pelos camponeses, inclusive as técnicas e conhecimentos que hoje estão no rol da burguesia. “Buscamos a elevação cultural do nosso povo. A Mostra Cultural leva o debate de que a cultura é tudo o que produz a nossa existência (...) Deveríamos ter acesso não a uma parte, mas ao conhecimento da espécie humana como um todo”, pensa.

Ana Chã, do setor de cultura do MST, ressaltou que a área da cultura afirmou-se no movimento apenas quando ele possuía mais de 10 anos. A primeira oficina de música data de 1996. O MST possui, atualmente, 40 grupos teatrais pelo Brasil. Chã defendeu a capacitação da militância na linguagem e técnica do audiovisual, ainda que seja necessário um outro fim para a técnica apropriada. “Não basta apenas se apropriar dos meios burgueses, mas dar nova forma a eles”, defende.

### Construção desde baixo

O debate sobre "Papel da Educação e da Cultura na Integração Latino-americana" foi protagonizado pelo ministro da educação da Venezuela, Abrahan Toro, que trouxe a experiência do país, o segundo depois de Cuba, na América Latina, a tornar-se território livre do analfabetismo. O debate ressaltou a importância da disciplina e o papel do movimento social na construção de uma educação e sociedade realmente libertadora, além de levantar questões como o papel da juventude inserida nessa questão.

### Mostra Cultural discute papel dos meios de comunicação

A expansão dos meios de comunicação faz com que as pessoas estejam cada dia mais conectadas e, ao mesmo tempo, menos informadas sobre o que acontece no mundo. Tal afirmação foi feita pela Presidente da Vive TV, televisão pública da Venezuela, Blanca Eekhot, durante debate sobre “Imperialismo midiático e as alternativas de comunicação popular”, realizado no dia 16 de maio.

O capitalismo necessita que a massa esteja conectada para transformá-la com mais facilidade em uma massa consumidora. “Os povos estão reféns de um modelo de comunicação dominante existente no mundo que permite a perpetuação de uma



hegemonia cultural, política e econômica”, enfatiza Blanca. Para os movimentos sociais, uma das formas de enfrentar o imperialismo midiático seria passar da resistência e ofensiva comunicacional, que vem sendo praticada na América latina, a uma revolução na área da comunicação. “Temos que exigir a abertura de espaços nos meios de comunicação para a participação popular e buscar a democratização, onde o povo tenha o controle do processo de produção dos meios e da informação”, afirmou.

A cineasta e integrante do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, Berenice Mendes, afirmou, durante o debate, que o Brasil precisa de forma urgente criar formas de regulamentação e controle dos conteúdos veiculados nos meios de comunicação, principalmente na TV. Ressalta que por se tratar de uma concessão pública o país deveria ter um único sistema público de comunicação, possibilitando o direito de liberdade de expressão, como manda a Constituição brasileira. Segundo ela, o Brasil não será um país democrático enquanto não democratizar os meios de comunicação.

#### Jornal Brasil de Fato celebra 5 anos de mídia combativa

Como parte da "Mostra Cultural de Integração dos Povos Latino-Americanos", os cinco anos do semanário Brasil de Fato foram comemorados no auditório do colégio Estadual do Paraná, em Curitiba, no dia 15 de maio.

Estiveram presentes organizações que também constroem a mídia alternativa, como o Centro de Mídia Independente (Indymedia), a organização de capacitação em comunicação popular Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo (Cefuria) e a revista Debate Socialista, publicada pelo Coletivo Socialismo e Liberdade. Os cinco anos de existência do jornal, surgido no Fórum Social de 2003, com a proposta de articular a informação a partir de diferentes grupos da esquerda, foram saudados pela Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS) e pelo Sindicato dos Engenheiros (Senge-PR).

No principal momento do ato, José Arbex Jr, do conselho editorial do periódico, narrou o nascimento do jornal Brasil de Fato, seu doloroso começo, quando o jornal possuía uma tiragem de 130 mil exemplares, porém foi boicotado pelos distribuidores, nos principais pontos de venda. Apesar da atual tiragem reduzida, Arbex acredita que o jornal chega a pautar a grande mídia devido aos temas abordados – como a venda dos recém-descobertos poços de petróleo para as transnacionais.

Arbex levantou a seguinte polêmica: apesar de o mês de abril ter sido marcado pela vitória de Fernando Lugo no Paraguai, além de a Bolsa de Valores ter sofrido a sua maior perda de capitais desde a quebra da Bolsa de Nova Iorque (1929), ainda assim, para quem acessou os veículos de comunicação empresariais, é como se nada tivesse acontecido.

Paulo Bearzoti Filho, da revista Debate Socialista, saudou os cinco anos do jornal Brasil de Fato, afirmando que a mídia corporativa hoje se aprofunda em apresentar “não fatos” para os leitores. Deu um exemplo impactante: desde o ano de 1998, na República Democrática do Congo (África), uma guerra dizimou cerca de 4 milhões pessoas e não foi sequer noticiada. O Brasil de Fato foi um dos poucos a mostrar o vínculo entre a

guerra e a exploração de minerais, entre eles o coltan, necessário no fabrico de aparelhos celulares.

[Início](#)

## ***Sem Terra recebe prêmio por sua música cidadã***

26 de agosto de 2008

O músico popular e parceiro do MST Zé Pinto foi um dos cinco selecionados dentre 71 artistas para receber um prêmio do II Concurso Cultura Popular e Cidadania nas Ondas do Rádio. Sua música Caminhos Alternativos foi inscrita pela Rádio Comunitária de Ji-Paraná, em Rondônia.

O concurso visa estimular e divulgar a criação musical com temas ligados à cidadania utilizando a força da rede criada para o projeto Cultura Popular nas Ondas do Rádio, realizado em 2007, e que já conta com emissoras de rádio de todo o país.

Zé Pinto receberá o prêmio no dia 28 de outubro, em uma cerimônia no Rio de Janeiro.

[Início](#)

## ***MST será homenageado com Ordem do Mérito Cultural***

1 de outubro de 2008

A Ordem do Mérito Cultural de 2008, que terá como tema o centenário de morte de Machado de Assis, homenageará o Coletivo Nacional de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na próxima semana.

Na solenidade de condecoração, que será realizada em 7 de outubro, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e o ministro da Cultura, Juca Ferreira, prestarão a homenagem às 38 personalidades.

Nove dos premiados são in memoriam, e a 11 grupos artísticos, iniciativas e instituições, que se destacaram por suas contribuições à cultura brasileira.

Confira os homenageados desta 14ª edição da OMC, que também comemora o cinquentenário da Bossa Nova e os 40 anos do movimento da Resistência Cultural, além de destacar grandes vultos do Teatro brasileiro e outros fatos importantes da história do país:

Altemar Dutra, in memoriam

Athos Bulcão, in memoriam

Dulcina de Moraes, in memoriam  
Guimarães Rosa, in memoriam  
Hans-Joachim Koellreutter, in memoriam  
Marcantonio Vilaça, in memoriam  
Otávio Afonso, in memoriam  
Paulo Emilio, in memoriam  
Pixinguinha, in memoriam  
Ailton Krenak  
Anselmo Duarte  
Benedito Ruy Barbosa  
Bule Bule  
Carlos Lyra  
Claudia Andujar  
Edu Lobo  
Efigênia Ramos Rolim  
Elza Soares  
Emanoel Araujo  
Eva Todor  
Goiandira do Couto  
João Candido Portinari  
Johnny Alf  
Leonardo Villar  
Maria Bonomi  
Marlene  
Mercedes Sosa  
Milton Hatoum  
Nelson Triunfo  
Orlando Miranda  
Paulo Moura  
Roberto Corrêa  
Ruy Guerra  
Sérgio Ricardo  
Tatiana Belinky  
Teresa Aguiar  
Vicente Juarimbu Salles  
Zabé da Loca  
Associação Ashaninka do Rio Amônia (Apiwtxa)  
Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT)  
Associação Brasileira de Imprensa (ABI)  
Associação Comunidade Yuba  
Centro Cultural Piollin  
Coletivo Nacional de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra  
(MST)  
Giramundo Teatro de Bonecos  
Instituto Baccarelli  
Mestres da Guitarrada  
Música no Museu  
Quasar Cia de Dança

## Início

### **MST realiza Semana de Cultura e Reforma Agrária no Pará**

10 de novembro de 2008

Começa nesta segunda-feira e vai até 16/11, no Centur (Centro Cultural Tancredo Neves), em Belém, a Semana de Cultura Brasileira e Reforma Agrária realizada pelo MST.

Com o tema Povos da Amazônia e a Cultura de Resistência, trabalhadores rurais, artistas, intelectuais e grupos culturais de diversos estados do país debaterão, durante toda a semana, o papel da cultura e da comunicação no processo de transformação social.

Além dos debates, serão realizadas diversas atividades culturais: apresentações teatrais e musicais, manifestações da cultura popular, exibição de filmes nacionais no Cinema na Terra, além de oficinas que exercitarão na prática a potencialização da cultura como processo pedagógico.

Durante todo o dia, na Praça do Povo, o público poderá visitar a Feira da Reforma Agrária, com produtos de assentamentos e acampamentos da região e duas exposições – uma em homenagem aos 25 anos de luta do MST e outra aos 80 anos de Che Guevara.

Em todas as noites serão realizadas apresentações com artistas regionais e nacionais. Na noite do dia 15/11 o cantor e compositor Chico Cesar homenageará os anos de vida do movimento.

A abertura da Semana acontece às 19h, com a presença de diversas personalidades e lideranças de diversos Movimentos Sociais. Estão confirmadas as presenças da Governadora do Pará, Ana Julia, do representante do Ministério da Cultura, Sergio Mamberti e do Secretário Estadual de Cultura, Edilson Moura.

Todas as atividades são abertas ao público e com entrada franca. [Confira a programação](#)

## Início

### **Semana de Cultura do MST une debate e muita animação**

12 de novembro de 2008

“Contra o Imperialismo, soberania popular na Amazônia”. Foi esta a palavra de ordem que deu início ao primeiro debate da Semana de Cultura Brasileira e Reforma Agrária, realizado nesta terça-feira (11/11). O evento, organizado pelo MST, acontece em Belém

do Pará até dia 16/11 e conta também com diversas apresentações de música, teatro e oficinas.

Charles Trocate, da Coordenação Nacional do MST e o prof. Angelo Carvalho, da Escola Agro-técnica de Castanhal, debateram com cerca de 800 trabalhadores rurais Sem Terra de vários estados do país a situação da Amazônia como um território em disputa. Para o professor Ângelo, a região Amazônica simboliza uma das principais disputas da atual fase do capitalismo, denominada por Charles Trocate de Imperialismo Ecológico e ambiental: a disputa entre os países centrais, com tecnologia e os países periféricos, com recursos naturais. “A lógica do capitalismo é a do desenvolvimento econômico a qualquer custo. Isso implica necessariamente na concentração de terra e no controle dos recursos naturais necessários para esse ‘desenvolvimento’”, disse ele.

Charles Trocate completa: “Não há saída para a crise ambiental que vivemos dentro dos moldes capitalistas, uma vez que o sistema capitalista só se desenvolve levando à exaustão a força de trabalho e a natureza”. Por isso, para o dirigente do MST a palavra de ordem “Contra o Imperialismo, soberania popular na Amazônia” simboliza bem a resistência na Amazônia, já que toda a luta na região é uma luta anti-imperialista

#### Política, Comunicação e Cultura

O tema do debate da manhã de hoje foi ‘O papel da comunicação e da cultura na construção de um projeto popular. Para Keila Negrão, da Secretaria de Comunicação do Governo do Pará, o modelo de comunicação concentrador, centrista e excludente vigente no Brasil deve ser combatido, e ela reconhece o papel do Estado para mudar esse modelo.

"A comunicação no Brasil sempre foi pensada como brinquedo de família. As Secretarias de Comunicação não podem se preocupar apenas em cuidar da imagem do gestor, mas sim pensar a comunicação pública e a inclusão social a partir da comunicação”.

Uma das formas de combater o monopólio dos meios de comunicação e de produção cultural é democratizando esses meios, dando acesso aos trabalhadores para produzirem sua própria comunicação e cultura. Para Miguel Stedile, da Coordenação Nacional do MST, “não existe fronteira entre a luta política, a comunicação e a cultura, já que toda a comunicação e cultura é uma opção política e está a serviço de um projeto político”. Por isso, a construção de um projeto popular implica necessariamente na construção de uma nova comunicação e de uma nova cultura.

#### Tributo a João do Vale

Além dos debates, da reflexão e das oficinas práticas, os participantes da Semana de Cultura do MST têm também muita animação. Todas as noites artistas populares e da Reforma Agrária mostram na prática algumas experiências do processo de construção dessa nova cultura, que se recusa a ser instrumento de dominação e alienação, mas que quer, ao contrário, ser instrumento de transformação.

São apresentações musicais, teatrais, folclóricas, recitais de poesia e saraus. Ontem a noite foi também de homenagem. Riba do Vale, filho do cantor e compositor

maranhense João do Vale, foi homenageado pelos trabalhadores rurais Sem Terra em um tributo a seu pai.

O compositor, que nasceu no interior do Maranhão e cantou as dificuldades da vida de sertanejo pobre, teve suas músicas cantadas por artistas que também conhecem bem a realidade da qual João fez poesia.

A Semana de Cultura Brasileira e Reforma Agrária está acontecendo no Centro Cultural Tancredo Neves – CENTUR, e todas as atividades são abertas ao público e com entrada franca.

## Início

### ***A luta pelo controle da produção cultural é também política***

14 de novembro de 2008

“A luta contra o latifúndio não está separada da luta pelo controle da produção cultural”, afirmou o professor de História da Arte da Universidade de São Paulo, Francisco Alambert, durante a mesa de debate: “A arte como instrumento nos processos revolucionários”, da Semana Brasileira de Cultura e Reforma Agrária, que acontece em Belém do Pará. O evento, organizado pelo MST, vai até 16/11.

Para o professor, “tirar os séculos de ideologia que nos foram inculcados pela indústria cultural é uma luta política. Para isso, é fundamental que os meios de produção cultural sejam socializados e que os trabalhadores construam uma arte que responda aos interesses coletivos e não a caprichos individuais.”

Alambert resgatou algumas experiências da luta travada pelas revoluções socialistas no campo da cultura. “Os grandes processos revolucionários do século XX entenderam que a luta revolucionária deve estar em todos os lugares ao mesmo tempo, inclusive no terreno das artes, da cultura e da produção simbólica.”

O debate sobre o que é e como produzir uma cultura revolucionária e uma comunicação contra-hegemônica é um dos centros das discussões da Semana de Cultura do MST no Pará, e é um debate que vem sendo travado há alguns anos pelos Coletivos de Cultura e de Comunicação do MST.

Para Rafael Villas-Bôas, do Coletivo Nacional de Cultura do MST, o Movimento Sem Terra já entendeu que não basta ter acesso a produção cultural e à comunicação. “Nós aprendemos a criticar a indústria cultural, mas também estamos aprendendo a tomar providências contra ela, no sentido de criar um poder contra-hegemônico”. Rafael lembrou as experiências das noites culturais do V Congresso do MST, realizado em Brasília, em junho do ano passado, quando não havia apenas um grande palco, reproduzindo a lógica do espetáculo da indústria cultural, mas sim vários pequenos

palcos onde artistas populares, acampados e assentados da Reforma Agrária dividiam o espaço com artistas profissionais.

Segundo Rafael, o MST tem avançado na estética das suas produções culturais a partir do momento que essas produções assumiram seu papel na luta de classes. “A produção cultural deve estar ligada à estratégia política do MST. Nesse sentido, todo artista do Movimento deve ser um militante e todo militante pode ser um artista.”

E a cultura popular, pode ser considerada cultura revolucionária ou contra-hegemônica? Para o professor Alambert, não necessariamente. “O nosso mundo, a nossa pátria, é a nossa classe. Portanto o que nos interessa é uma cultura de classe, independente de onde ela é produzida. Claro que a cultura popular é importante, mas ela não é necessariamente uma cultura de classe, e nem toda cultura popular deve ser preservada e cultuada.”

A Semana de Cultura Brasileira e Reforma Agrária está acontecendo no Centro Cultural Tancredo Neves – CENTUR, em Belém do Pará, e vai até dia 16 de novembro. Além dos debates que acontecem todas as manhãs e das oficinas práticas realizadas na parte da tarde, as noites da Semana de Cultura do MST são animadas por artistas populares e da Reforma Agrária, com apresentações musicais, teatrais, recitais de poesia e saraus.

## Início

### ***Chico Cesar realiza show aberto ao público na Semana de Cultura do MST***

14 de novembro de 2008

O cantor e compositor Chico César chega amanhã (15) a Belém para participar da Semana de Cultura Brasileira e Reforma Agrária, organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

No início da tarde, às 15 horas, Chico César e os dirigentes nacionais do MST, Gilmar Mauro (SP) e Maria Raimunda (PA) darão uma entrevista coletiva sobre a Semana de Cultura e temas referentes a cultura e Reforma Agrária.

A partir das 19 horas Chico César fará um show aberto ao público, em homenagem aos 25 anos do MST. Grande apoiador da Reforma Agrária e da luta do MST, Chico César tem participado de diversas atividades do MST em todo o Brasil. Ele chegou a gravar uma música no primeiro CD de músicas do MST, o Arte em Movimento.

O show faz parte das atividades da Semana de Cultura Brasileira e Reforma Agrária e tem entrada franca.

## Início

### ***Ocupando o latifúndio do ar***

9 de dezembro de 2008

Há um ano, o MST rompia mais uma cerca: a do latifúndio da comunicação. No dia 23 de novembro de 2007, em Madalena, cidade localizada a 180 km de Fortaleza, a voz dos Sem Terra passou a ter mais um instrumento para difundir nossas lutas, nossa história. Estava no ar a rádio 25 de Maio FM - 95,3, primeira rádio comunitária do Movimento no Ceará.

Antes de possuir um veículo próprio, o setor de comunicação do MST- CE desenvolvia uma parceria com oito rádios no interior do Estado, nas quais realizava programas do Movimento. No entanto, era preciso mais. Sabendo da experiência de outros estados, onde já existiam rádios do próprio Movimento, veio a vontade de também realizar aqui nossa própria comunicação. Como afirma a coordenadora do setor de Comunicação, Juventude e Cultura do MST-CE, Joyce Ramos, "a comunicação tem o papel de educar, formar, mobilizar. Mas esse papel de formar e mobilizar estão voltados para um determinado objetivo: fortalecer a luta e prol de uma causa, que é a transformação social".

A concretização desse desejo pôde ocorrer com o auxílio de Raúl Fernandez, engenheiro de Telecomunicações, que manifestou à direção nacional do MST o interesse de colaborar com o movimento na montagem de uma rádio comunitária. Tendo em vista o desenvolvimento da comunicação no Ceará, decidiu-se que este seria o estado a receber o projeto. A escolha do assentamento não poderia ser mais simbólica: a primeira rádio foi instalada onde, há quase 20 anos, foi firmado o primeiro assentamento do estado. Raúl conta que, no início, foi preciso enfrentar muitas dificuldades, mas com a participação da comunidade e "com muito trabalho e vontade", a rádio foi ao ar.

Durante toda a semana, programas musicais, esportivos e informativos, como o "Reforma Agrária em Debate", compõem a diversificada programação da rádio 25 de Maio FM. Os Sem Terrinha também participam dessa experiência. Aos domingos, vai ao ar o "Sem Terrinha em Ação", feito pelas próprias crianças, bem como o "Cantoria", destinado à divulgação da música dos nossos artistas. Bem como as demais atividades do assentamento, a rádio é pensada e realizada de forma coletiva.

Ao longo desse ano, fizemos uma comunicação diferente, educativa, comprometida com a transformação social, pois, como afirma Joyce, "Enquanto a comunicação burguesa concentra, a comunicação popular busca justamente o contrário, a socialização, a divulgação da informação, mas não qualquer informação, e sim aquela que sirva para construir, transformar".

Continuamos a ocupar, resistir e produzir.

Celebrando um ano da nossa primeira rádio, o MST-CE deu mais um passo na luta pela democratização da comunicação: foi inaugurada na semana passada a rádio Lagoa do Mineiro FM, na cidade de Itarema.



## ***Política e arte, arte e política***

Por Cássia Bechara

O Pará é um estado que marcou a história do Movimento e da luta da classe trabalhadora contra a opressão da elite dominante. Terra da Cabanagem, que segundo o historiador Caio Prado Júnior "foi o mais notável movimento popular do Brasil... A primeira insurreição popular que passou da simples agitação para uma tomada efetiva de poder".

O estado foi palco de um dos maiores massacres da história recente da luta pela terra no Brasil: o Massacre de Eldorado dos Carajás. Hoje, os camponeses, índios, mestiços e mineradores da região travam uma das principais lutas contra o domínio e a exploração das empresas transnacionais no país: a Vale.

Foi nesse clima de luta política e riqueza cultural que trabalhadores Sem Terra, intelectuais e artistas se reuniram em Belém (PA), na Semana de Cultura Brasileira e Reforma Agrária, para discutir o papel da arte, da cultura e da comunicação como instrumento de transformação social.

A Semana, realizada entre os dias 10 e 16 de novembro, uniu debate e reflexão com apresentações culturais, exibição de filmes no Cinema na Terra e oficinas que exercitaram na prática a potencialização da cultura como processo pedagógico.

### Política, comunicação e cultura

“Não existe fronteira entre a luta política, a comunicação e a cultura, já que toda a comunicação e cultura é uma opção política e está a serviço de um projeto político. Por isso, a construção de um projeto popular implica necessariamente na construção de uma nova comunicação e de uma nova cultura”, afirmou Miguel Stedile, da coordenação nacional do MST, no segundo dia de debates.

A socialização dos meios de produção cultural e o debate sobre o que é e como produzir uma cultura revolucionária e uma comunicação contra-hegemônica foram um dos centros das discussões da Semana de Cultura. Nas palavras do professor Francisco Alambert, da Universidade de São Paulo (USP), produzir esta nova cultura e comunicação é o desafio de “tirar séculos de ideologia que nos foram inculcados pela indústria cultural”.

Esse não é um debate novo para o MST. Ele vem sendo travado há alguns anos pelos coletivos de cultura e de comunicação do Movimento. Para Rafael Villas-Bôas, do coletivo nacional de cultura, nessa caminhada o MST já entendeu que não basta ter acesso à produção cultural e à comunicação. “Nós aprendemos a criticar a indústria cultural, mas também estamos aprendendo a tomar providências contra ela, no sentido de criar um poder contra-hegemônico”.

O mesmo espaço

Criar uma outra cultura significa também romper cercas. As cercas que nos colocam apenas como espectadores de uma cultura produzida por outros e criadas pelo personalismo e pela lógica do espetáculo da indústria cultural.

Na Semana de Cultura do MST essas cercas também foram rompidas. Artistas profissionais e nomes conhecidos dividiram o palco, o canto, o microfone e a poesia com artistas anônimos, trabalhadores do campo e da cidade que fazem da arte e da cultura mais um instrumento na sua luta cotidiana contra as injustiças e a opressão.

Os palcos da Semana de Cultura eram livres para a poesia, a música, o teatro e a dança. Neles, as cercas entre “profissional” e “amador”, “artista” e “militante” foram rompidas. A arte era política e a política era arte. Nesses oito dias, demos mais alguns passos em direção à construção de uma cultura verdadeiramente revolucionária e que esteja a serviço da classe trabalhadora.

## Início

### ***Sobre arte, política e resistência***

13 de fevereiro de 2009

Nesta última semana, o dramaturgo, poeta e encenador alemão Bertold Brecht completaria 120 anos se estivesse vivo. Seus trabalhos artísticos e teóricos influenciaram profundamente o teatro contemporâneo na década de 50 e inauguraram uma outra forma de conceber e realizar essa manifestação artística.

Marxista, uma de suas grandes influências foi o teatro experimental feito na Rússia soviética, durante os anos de Revolução, entre 1917 e 1926. Brecht explorava o teatro como um fórum de discussões das complexas relações humanas dentro do sistema capitalista, criando uma versão para o drama épico, a partir de uma estética marxista.

Muita gente não sabe, mas as manifestações artísticas fazem parte de todas as atividades coletivas do MST. E uma de suas formas mais presente é o teatro.

Organizados na Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré, do coletivo de cultura do Movimento, o MST possui hoje cerca de 38 grupos teatrais que atuam em todo o Brasil. Muitos deles já atuantes antes mesmo da formação da Brigada. O teatro existe no Movimento como manifestação estética espontânea desde a origem do MST, juntamente com a música, a poesia e as artes plásticas.

A organização dos grupos incentivou a reflexão sobre o teatro e sedimentou como tarefa do Movimento o pensar sobre a forma de se fazer teatro, sua estética e sua função. O desafio levou a Brigada ao encontro com as idéias e práticas de Bertold Brecht.

O contato com Brecht ajudou a alcançar os objetivos de fazer da manifestação artística também uma ferramenta de conscientização política. “Temos o dever, enquanto

militantes de esquerda, de denunciar e combater esse sistema que nos suga com intensidade, seja na forma do combate corpo a corpo, seja na forma intelectual. Como o realizou Brecht, em seus tempos, questionando o sistema desnaturalizando-o, também nós devemos fazê-lo, sem tréguas”, explica a educanda de Licenciatura em Educação do Campo da UnB (Universidade de Brasília), Ingrid Elisabete Pranke.

Segundo ela, repousar apenas no âmbito da denúncia, não solucionará os problemas. Há que se pensar em meios fortes, nos quais possamos depositar energias almejando a transformação. “Um exemplo disso pode estar em nos apropriarmos das obras, tanto literárias, quanto visuais porque estes também são, entre outros, materiais em disputa. E, dependendo de quem os utiliza, poderá e o fará de modo acrítico, alienando as pessoas, para a continuidade da dominação ou, desenvolver esses materiais de modo a construir sujeitos capazes de agir contra a opressão que se apresenta”, pontua.

As teorias e práticas de Brecht também trouxeram mais precisão ao trabalho teatral dos Sem Terra. Um bom exemplo é o caso do grupo Utopia, que atua desde 1999 no ainda então acampamento 17 de Abril, do município de Nova Andradina, no Mato Grosso do Sul.

Alessandra Silva, membro do coletivo de cultura do MST e integrante do grupo, conta que o Utopia foi formado a partir de experiências teatrais apropriadas da Igreja. O trabalho se voltava principalmente para realização de místicas e aberturas de festas e celebrações do acampamento. Algo que ainda acontece hoje, mas que tomou outras dimensões desde a constituição da brigada Patativa do Assaré e do contato com Brecht.

Alessandra relata que antes desse contato as peças eram trabalhadas mais como entretenimento do que como ferramenta de formação. “Às vezes nos víamos até reforçando os preconceitos e idéias que queríamos com as peças abolir. O trabalho com Brecht ajudou a contornar esse problema. Ajudou a fazer um teatro que cause indignação, que faça com que as pessoas levem algum pensamento consigo”, explica.

No ano em que o Utopia completa dez anos de realização, o coletivo de cultura do MST – MS se prepara agora para iniciar uma oficina de teatro, voltada para os assentados e acampados, com previsão para acontecer durante todo o ano de 2009. “A idéia é começar a formar o pessoal nos próprios assentamentos e acampamentos, para dar conta das demandas das diferentes regiões”, completa Alessandra.

[Início](#)

## ***Unidos da Lona Preta: quatro anos de resistência cultural***

19 de fevereiro de 2009



Enquanto a indústria cultural se apropria das diversas manifestações existentes e se sobrepõe na perspectiva de desagregação, a cultura popular reúne os mais diversos elementos simbólicos, que compõem a vida e o imaginário do povo, e marcam a disputa contra a lógica do capital.

O MST é uma das expressões políticas atuais que vem construindo em sua trajetória histórica uma cultura própria. É a cultura da luta em movimento. Não só pela conquista da terra, mas, em geral, pela transformação da sociedade.

Com o processo de globalização do capital, no qual tudo é transformado em mercadoria, a indústria cultural comercializa a arte e a criatividade - individual e coletiva - esvaziando as manifestações populares e apropriando-se de expressões que são criadas pela cultura de resistência para dar à elas um conteúdo alienante.

E é exatamente contra esta lógica que o MST se posiciona na sociedade. Defender uma cultura que é própria da classe trabalhadora para que a criação artística não se transforme em espetáculo.

O Carnaval, por exemplo, é uma manifestação cultural originalmente popular, mas que ao longo dos anos foi apropriado pelo capital e transformado em grandes desfiles das escolas, principalmente de São Paulo e Rio de Janeiro. Mas fora da telinha da Globo, ainda existem milhares de blocos carnavalescos espalhados pelos quatro cantos do país, que fazem do carnaval de rua um processo de difusão da cultura popular.

Há quatro anos, na regional do MST na Grande São Paulo, surgiu o bloco carnavalesco Unidos da Lona Preta que reúne militantes em diversas atividades tendo como eixo, além da formação política, a capacitação na área musical. A experiência faz parte de um processo de afirmação política por meio da cultura e na organização da luta pela terra

vinculada ao processo de construção de uma identidade coletiva com elementos culturais urbano e camponês.

Segundo João Campos, um dos coordenadores do bloco, o trabalho da Unidos da Lona Preta tem dois objetivos principais. O primeiro é entender o bloco como um instrumento de formação e mobilização da juventude e da militância em geral e o segundo desenvolver o diálogo com a sociedade por meio do carnaval de rua.

A construção desta experiência, com ações culturais nos assentamentos, acampamentos e comunidades urbanas, possibilitou a inserção de muitos militantes nas tarefas do movimento na regional. A maioria cumpre função política dentro dos setores, seja na cultura, comunicação, formação, entre outros.

Após a inauguração oficial do bloco em 2005, o trabalho ganhou uma dimensão estadual com o caráter de “Agitação e Propaganda”, e vem cumprindo importante função na luta contra o capital por meio da linguagem artística.

Desde 2006 o grupo vem realizando atividades durante o período de carnaval, vinculado às ocupações urbanas como é o caso da comuna urbana Dom Hélder Câmara, no município de Jandira, região metropolitana de São Paulo.

Esta e outras experiências que vem sendo construídas no MST a partir da cultura, provocam reflexões críticas sobre a forma mercadoria de conceber a arte.. O grande objetivo deste coletivo é fazer da música instrumento de contribuição na formação da consciência dos trabalhadores; o que é imprescindível neste momento histórico em que a cultura vem sendo destruída pela lógica do capital na forma do espetáculo.

Neste ano a Unidos sairá pelas ruas de Jandira fazendo sua batucada nesta sexta-feira (20). A concentração será na Comuna Urbana Dom Hélder Câmara. Local: Rua Nicolau Maévski, nº 491 – Bairro Sol Nascente. Jandira.

Como chegar de trem: Da estação Barra Funda do metrô – Trem sentido Itapevi (até estação Jandira) Ao chegar no terminal rodoviário de Jandira, pegue o ônibus Vale do Sol.